Sidney Sheldon

O REVERSO DA MEDALHA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

O REVERSO DA MEDALHA

SIDNEY SHELDON

Título original:

MASTER OF THE GAME

Formatação/conversão ePub: Reliquia

Tradução: Eduardo Saló

A meu irmão Richard, Coração de Leão

A minha gratidão vai para Miss Geraldine Hunter, pela sua paciência infinita e auxílio na preparação deste manuscrito.

“E eis que uma paixão dominante no peito,
Como a serpente de Aarão, devora o resto.”

PAPA ALEXANDRE
Ensaio sobre o Homem, Epístola II

“Os diamantes resistem às pancadas numa tal extensão que um martelo de ferro se pode partir em dois e até a bigorna se pode deslocar. Esta força invencível, que desafia as duas forças mais violentas da Natureza, o ferro e o fogo, pode dominar-se com sangue de cordeiro. Mas deve embeber-se em sangue novo e quente e, mesmo assim, são necessárias muitas pancadas.”

PLÍNIO, O ANTIGO

PRÓLOGO

Kate

1982

O vasto salão de baile estava cheio de fantasmas familiares que tinham acudido para ajudar a celebrar o aniversário dela. Kate Blackwell via-os misturarem-se com as pessoas de carne e osso e, no seu espírito, a cena constituía uma fantasia de sonho, enquanto os visitantes de outra época e lugar deslizavam em torno da área de dança com os convidados, despreocupados, de gravata preta e vaporosos vestidos de noite. Havia uma centena de pessoas na festa em Cedar Hill, Dark Harbor, Maine. “Sem contar com os fantasmas”, refletia Kate Blackwell, com uma ponta de malícia.

Era uma mulher esguia, de estatura mediana e porte majestoso, que a fazia parecer mais alta. Possuía um rosto que perdurava na memória das pessoas com as quais convivia: traços faciais irrepreensíveis, olhos cinzento-alvorada e queixo voluntarioso, fusão de antepassados holandeses e escoceses. Tinha cabelos brancos, acetinados, que outrora deviam ter sido uma cascata negra exuberante, e, em contraste com as pregas graciosas do vestido de veludo-marfim, a pele apresentava a translucidez suave que a velhice por vezes proporciona.

“Não me sinto com noventa”, pensava ela. “Para onde foram todos os anos? Eles sabem”, prosseguiu, contemplando os fantasmas que dançavam. “Estavam presentes. Fizeram parte daqueles anos, da minha vida.” Avistou Banda, o rosto negro altivo e sorridente. E lá estava também o seu David, o David querido, alto, jovem e bem-parecido, com o aspecto que tinha quando se enamorara dele. Ao vê-lo sorrir-lhe, ela pensou: “Já falta pouco, meu amor!” E deplorava que não tivesse vivido o suficiente para conhecer o bisneto.

Os olhos de Kate esquadrinharam o salão até que o localizaram.

Encontrava-se perto da orquestra, entretido a observar os músicos. Era um garoto, que se podia considerar bonito, quase com oito anos, cabelos louros, envergando casaco de veludo preto e calça de tartã.

Robert era uma réplica do trisavô, Jamie McGregor, que se achava representado na tela por cima da lareira de mármore. Como se pressentisse os olhos da bisavó pousados nele, Robert voltou-se e Kate chamou-o com um movimento ondulatório dos dedos, em que cintilava o diamante de vinte quilates que o pai retirara de uma praia arenosa, havia quase cem anos, agora realçado

pelo clarão do candelabro de cristal. Enquanto o petiz abria caminho por entre os pares de dançarinos, ela observava-o com prazer. “Sou o passado”, admitia para consigo. “Ele é o futuro. O meu bisneto assumirá, um dia, a direção da Kruger-Brent International.” Por fim, Robert encontrou-se a seu lado e Kate desviou-se um pouco para que ele pudesse sentar-se.

— Estás a gostar da tua festa de aniversário, bisavó?

— Muito. Obrigada, Robert. — É uma orquestra formidável. Acho o chefe mesmo “mau”...

Ela olhou-o em confusão momentânea e acabou por sorrir. — Isso deve querer dizer que é bom.

— Exato — e o garoto sorriu igualmente. — Ninguém te dá noventa anos.

— Aqui para nós — replicou Kate, com uma risada —, não os sinto. Ele pegou-lhe na mão e conservaram-se imersos em silêncio de felicidade, em que a diferença de oitenta e dois anos nas idades lhes proporcionava uma afinidade reconfortante. Kate moveu a cabeça para ver a neta dançar. Ela e o marido eram, sem dúvida, o par mais atraente que se movia ao ritmo da orquestra. A mãe de Robert viu este e sua avó sentados juntos e pensou: “É uma mulher incrível. Parece intemporal. Ninguém diria as vicissitudes que conheceu.”

A orquestra interrompeu a atuação e o chefe anunciou:

— Minhas senhoras e meus senhores, tenho o prazer de lhes apresentar o menino Robert. Este apertou a mão da bisavó, levantou-se e aproximou-se do piano. Após breve hesitação, sentou-se de expressão grave e concentrada, e os dedos principiaram a mover-se rapidamente no teclado. Tocava Scriabin e dir-se-ia o ondular do luar na água.

A mãe escutava e refletia: “É um gênio. Há-de tornar-se um grande músico.” Já não era o seu bebê. Pertenceria ao mundo. Quando Robert chegou ao fim, os aplausos foram entusiásticos e sinceros.

Algumas horas antes, o jantar fora servido ao ar livre. O jardim espaçoso e formal apresentava uma decoração festiva, com lanternas, fitas e balões. Os músicos tocavam no terraço, enquanto empregados de libré se moviam em torno das mesas, silenciosos e eficientes, para se certificarem de que os copos de Baccarat e os pratos de Limoges se mantinham cheios. Foi lido um telegrama do presidente dos Estados Unidos. Um juiz do Supremo Tribunal propôs um brinde a Kate.

O governador enalteceu-a: “...Uma das mulheres mais notáveis da história desta nação. Os donativos de Kate Blackwell a centenas de instituições de caridade de todo o mundo são lendários. A Fundação Blackwell contribuiu para a saúde e o bem-estar de pessoas de mais cinquenta países. Parafraseando o falecido Winston Churchill, “Nunca tantos deveram tanto a tão poucos.” Tive o

privilégio de conhecer Kate Blackwell...” “Lérias!”, cogitava Kate. “Ninguém me conhece. O fulano parece que se refere a uma santa. Que diria toda esta gente se conhecesse a verdadeira Kate Blackwell?

Concebida por um ladrão e raptada quando ainda não tinha um ano de idade. Que pensariam se lhes mostrasse as cicatrizes de balas no meu corpo?”

Moveu a cabeça e fixou o olhar no homem que outrora tentara matá-la.

Os seus olhos deslocaram-se para além dele e cravaram-se num vulto na sombra, que usava véu para encobrir o rosto. Tendo um trovão distante como contraponto, Kate ouviu o governador terminar a alocução e apresentá-la. Ela levantou-se com lentidão e, em voz firme e grave, proferiu: — Vivi mais que qualquer dos presentes. Como diria um jovem de hoje, “grande avaria!”. No entanto, alegra-me ter chegado a esta idade, porque de contrário não estaria entre tantos amigos. Sei que alguns de vós vieram de países distantes para se encontrarem junto de mim, esta noite, e devem sentir-se fatigados da viagem. Não posso esperar que todos possuam a minha energia.

Registrou-se uma gargalhada geral e aplausos. — Estou-lhes profundamente grata por este memorável serão. Jamais o esquecerei.

Os aposentos encontram-se preparados, se alguém deseja ir descansar.

Quanto aos outros, segue-se baile no salão. Soou novo trovão, agora mais próximo.

— Sugiro que entremos, antes que sejamos surpreendidos por uma das nossas famosas tormentas do Maine.

Agora, o jantar e o baile tinham terminado, os convidados achavam-se nos quartos e Kate ficara só com os seus fantasmas. Estava sentada na biblioteca, mergulhada gradualmente no passado, e, de súbito, sentiu-se deprimida.

“Já não há ninguém para me chamar Kate. Partiram todos.” O seu mundo mirrara. Não fora Longfellow quem dissera: “As folhas das recordações produzem um sussurro lúgubre nas trevas”? Ela penetraria nas trevas dentro em breve, mas não imediatamente.

“Ainda tenho de executar o ato mais importante da minha vida.

Sê paciente, David. Não tardarei a estar a teu lado.”

— Bisavó...

Kate estremeceu e descerrou as pálpebras. A família entrara na sala.

Ela contemplou-os, um a um, os olhos convertidos numa objetiva implacável, sem perder um pormenor. “A minha família. A minha imortalidade. Uma assassina, um ser grotesco e um psicopata. Os esqueletos Blackwell. Foi nisto que redundaram todos os anos de esperança, dor e sofrimento?”

— Não te sentes bem, avó? — a neta encontrava-se na sua frente.

— Apenas um pouco cansada. Vou-me deitar.

Kate levantou-se e principiou a mover-se para a porta, no momento em que explodia um trovão violento e a tormenta irrompia espetacularmente, a chuva incidindo nas janelas com a impetuosidade de rajadas de metralhadora. A família observava, enquanto a anciã alcançava o topo da escada com o aprumo habitual. Um relâmpago rasgou a atmosfera e soou novo trovão. Kate Blackwell voltou-se para os contemplar e, quando falou, empregou o sotaque dos antepassados: — Na África do Sul, chamávamos a isto uma donderstorm. O passado e o presente começaram a fundir-se uma vez mais, e ela atravessou o corredor em direção aos seus aposentos, rodeada pelos fantasmas familiares confortáveis.

LIVRO UM

Jamie

1883-1906

1

— Isto é mesmo uma donderstorm, meu Deus! — exclamou Jamie McGregor. Crescera entre as violentas tempestades das Terras Altas escocesas, mas nunca presenciara um espetáculo tão impressionante como aquele. O céu da tarde fora repentinamente obliterado por densas nuvens de areia que transformaram o dia em noite de um momento para o outro. Ao mesmo tempo, o espaço era iluminado pelos clarões dos relâmpagos, weer-lif>, segundo a denominação dos Africânderes — que queimavam a atmosfera, seguidos do donderslag, trovão. Em seguida, o dilúvio. Lençóis de chuva que esmagavam o exército de tendas e cabanas de estanho e convertiam as ruas de terra batida de Klipdrift em torrentes impetuosas de lama. O céu estava transformado num pandemónio com o ribombar quase incessante, como o troar da artilharia numa guerra espacial.

Jamie McGregor deu um salto rápido para o lado, no instante em que uma casa de tijolos crus se dissolveu em lama, e perguntou a si próprio se a cidade de Klipdrift sobreviveria.

No fundo, não se tratava de uma cidade, mas de uma aldeia de lona, uma massa compacta de tendas, cabanas e carroças que se acumulavam ao longo das margens do rio Vaal, habitada por sonhadores alucinados atraídos à África do Sul de todos os recantos do mundo pela mesma obsessão: diamantes.

Jamie McGregor era um dos sonhadores. Acabava de completar dezoito anos, um rapaz bem-parecido, alto, de cabelos louros e olhos cinzento-claro. Deixava transparecer uma candura atraente, uma ansiedade por agradar que resultava cativante. Tinha um temperamento despreocupado e uma alma repleta de otimismo.

Viajara quase doze mil quilômetros, desde a herdade do pai, nas Terras Altas da Escócia, até Edimburgo, Londres, Cidade do Cabo e agora Klipdrift. Renunciara à sua parte na propriedade que ele e os irmãos haviam cultivado com o pai, mas não estava arrependido. Sabia que obteria a recompensa largamente. Trocara a segurança da única vida que sempre conhecera por aquele lugar distante e desolador, porque estava disposto a enriquecer. O trabalho duro não o assustava, mas o produto do cultivo da herdade ao norte de Aberdeen era

escasso.

Mourejara do nascer ao pôr-do-sol, com os irmãos, a irmã, Mary, e os pais, e não se podiam vangloriar de haverem arrecadado proventos dignos de menção. Uma vez, visitara uma feira em Edimburgo e contemplara as coisas extraordinárias que o dinheiro permitia comprar.

Na verdade, tornava a vida fácil, quando se possuía com abundância.

Jamie assistira à vida e morte na miséria de demasiados amigos para duvidar disso.

Recordava-se da sua excitação quando se inteirara da última corrida aos diamantes na África do Sul. Fora encontrada na areia a maior pedra preciosa que se conhecia, e constava que a área constituía uma vasta arca de tesouros à espera que a abrissem.

Comunicou a notícia à família numa noite de sábado, após o jantar, quando se sentavam em torno da mesa da cozinha.

— Vou partir para a África do Sul, à procura de diamantes... — anunciou com um misto de timidez e orgulho. Cinco pares de olhos fixaram-se nele, como se acabasse de dar provas irrefutáveis de loucura incurável.

— À procura de diamantes? — ecoou finalmente o pai. — Não deves regular bem.

Tudo isso que contam são balelas, uma tentação do demónio para impedir os homens de ganhar a vida honestamente. — Por que não nos explicas onde vais arranjar o dinheiro para a viagem? — interpôs o irmão Ian. — Isso fica do outro lado do mundo e não tens vintém.

— Se tivesse dinheiro não precisava de procurar diamantes — retorquiu Jamie.

— Nenhum dos homens que lá estão é rico. Serei igual aos outros. Tenho miolos e braços fortes. Hei-de alcançar o meu objetivo.

— Annie Cord vai ficar desapontada — lembrou Mary. — Espera casar contigo um dia.

Jamie adorava a irmã, que era mais velha, aparentando quarenta anos, embora acabasse de completar vinte e quatro, e nunca possuíra uma coisa bela na sua vida. “Hei-de alterar isso”, prometeu a si próprio. A mãe, por seu turno, sem proferir palavra, pegou na caçarola que continha o estufado que sobrara e afastou-se para o fogão.

Mais tarde, naquela noite, procurou Jamie, quando se encontrava deitado.

Pousou-lhe a mão no ombro, e a sua voluntariedade transmitiu-se ao filho. — Faz o que te parecer justo. Não sei se há diamantes lá em baixo, mas se houver hás-de descobri-los — introduziu a mão no avental e puxou de uma pequena bolsa de cabedal. — Consegui economizar umas libras, apesar de tudo. Não

digas nada aos outros.

Que Deus te abençoe, Jamie.

Quando partiu para Edimburgo, ele levava cinquenta libras na algibeira. A viagem até à África do Sul não foi agradável, e Jamie McGregor necessitou de quase um ano para a completar. Arranjou um emprego como criado de mesa de um restaurante de Edimburgo, até juntar mais cinquenta libras ao seu pecúlio. A seguir, transferiu-se para Londres, cujas dimensões e movimento o deixaram boquiaberto. Havia cabrioles por toda a parte, que transportavam belas mulheres de chapéus de abas largas, saias de fole e sapatos reluzentes. Ele observava-as com admiração, quando se apeavam para fazer compras na Burlington Árcade, onde se achavam expostos os artigos mais atraentes e dispendiosos.

Encontrou alojamento numa casa de Fitzroy Street, 32, onde lhe cobravam dez xelins por semana, mas era o mais barato que conseguira descobrir. Passava os dias nas docas, em busca de um navio que o levasse à África do Sul, e as noites nas artérias londrinas, para admirar a vida noturna de longe. Certa vez, divisou Eduardo, o príncipe de Gales, quando este entrava para um restaurante perto de Covent Gardens pela porta lateral, com uma mulher vistosa pelo braço, a qual usava um chapéu florido, que James pensou que assentaria bem na cabeça da irmã. Assistiu a um concerto no Crystal Palace, construído especialmente para a Grande Exposição de 1851. Visitou Drury Lane e, no intervalo, introduziu-se no Teatro Savoy, onde haviam instalado a primeira iluminação elétrica num edifício público britânico. Algumas ruas eram iluminadas por eletricidade, e James ouviu dizer que havia possibilidade de falar com alguém do outro lado da cidade através de uma nova máquina maravilhosa a que chamavam telefone. Ao contemplar tudo aquilo, afigurava-se-lhe que se debruçava sobre o futuro.

Apesar de todas as inovações e atividades, a Inglaterra atravessava uma crise econômica crescente, naquele Inverno. As ruas achavam-se repletas de desempregados e pessoas famintas e registravam-se manifestações e recontros com as autoridades. “Tenho de sair daqui”, decidiu Jamie. “Vim para fugir à pobreza.” No dia seguinte, foi admitido como criado de bordo no Walmer Castle, que partia para a Cidade do Cabo, na África do Sul.

A viagem pelo mar durou três semanas, com paragens na Madeira e em Santa Helena, para reabastecimento de carvão. Foi um percurso duro, no auge do Inverno, e Jamie enjoou virtualmente a partir do momento em que subiu para bordo. Não obstante, nunca perdeu a coragem, pois cada dia que passava colocava-o mais próximo da sua arca de tesouros. A medida que o navio se acercava do Equador, o clima modificava-se. Miraculosamente, o Inverno começou a ceder gradualmente o lugar ao Verão e, com a proximidade da costa africana, os dias e as noites tornaram-se mais quentes e úmidos. O

Walmer Castle chegou à Cidade do Cabo ao amanhecer, movendo-se prudentemente ao longo do estreito canal que dividia o vasto e leproso aglomerado populacional de Robben Island do continente, até que fundeou em Table Bay.

Jamie surgiu na coberta antes do nascer do Sol, para observar, mesmerizado, a dissipação lenta da neblina matinal e o espetáculo admirável de Table Mountain, sobranceira à cidade. Chegara ao seu destino. Assim que o navio acostou ao cais, as cobertas fora invadidas por uma horda de pessoas de aspecto estranho. Havia corretores de todos os hotéis — indivíduos negros, amarelos, castanhos e vermelhos, que se ofereciam freneticamente para transportar a bagagem — e garotos que corriam de um lado para o outro com jornais, doces e fruta para vender. Condutores de cabrioles que eram mestiços; parses ou negros vociferavam a ansiedade por que contratassem os seus serviços.

Vendedores impelindo pequenos carros de mão apregoavam os artigos mais variados. A atmosfera estava cheia de moscas enormes.

Marinheiros e empregados de bordo abriam caminho por entre a multidão com dificuldade, enquanto os passageiros desenvolviam esforços desesperados para manter a bagagem junta e sob as suas vistas. Imperava uma babel de vozes e ruídos. As pessoas falavam umas com as outras num idioma que Jamie nunca ouvira.

— Yulle kom van de Kaap, neh?

— Het julle mine papa zyn wagen gezien?

— Wat bedui'di? — Huistoe!

Não conseguia entender uma palavra.

2

A Cidade do Cabo era totalmente diferente de tudo o que Jamie vira até então. Não havia duas casas iguais. Ao lado de um largo armazém de dois ou três pisos, de tijolos ou alvenaria, viam-se uma pequena cantina de ferro galvanizado, uma ourivesaria, uma mercearia e uma tabacaria.

Sentia-se impressionado com os homens, mulheres e crianças que percorriam as ruas. Viu um cafre, de calças de xadrez e casaco de um tecido que parecia serapilheira, que se movia atrás de dois chineses, de mãos dadas, trajados de uma forma não menos exótica. Agricultores bóeres conduzindo carroças carregadas de batatas, milho e legumes vários. Homens de casacos de veludo e chapéus de feltro, caminhando, altivos, ao lado de mulheres ataviadas de forma mais modesta.

Lavadeiras parses com volumosas trouxas de roupa à cabeça abriam caminho

por entre militares de uniforme vermelho e capacete. Na realidade, era um espetáculo fascinante.

A primeira coisa que ele fez foi procurar uma pensão pouco dispendiosa que lhe fora recomendada por um marinheiro do navio em que viajara. A proprietária, uma mulher de meia-idade, busto avultado e faces rechonchudas, examinou-o dos pés à cabeça e inquiriu: — Zoek yulle goud?

— Desculpe, mas não compreendo — balbuciou ele, corando.

— Ah, é inglês? Veio à procura de ouro? Diamantes?

— Sim, diamantes.

— Vai gostar disto — afirmou ela, convidando-o a entrar. — Tenho todas as comodidades para jovens como você — e fez uma pausa, enquanto Jamie perguntava a si próprio se se trataria de uma comerciante de prazeres de alcova. — Sou Mrs. Venster, mas os amigos tratam-me por Dee-Dee — e sorriu, revelando um dente de ouro. — Pressinto que nos vamos entender muito bem. Peça tudo o que quiser.

— É muito amável. Onde posso obter um mapa da cidade?

Munido do mapa, Jamie iniciou as explorações. Num dos lados da cidade, encontravam-se os subúrbios de Rondebosch, Claremont e Wynberg, que se estendiam ao longo de quilômetros de plantações e vinhedos.

No outro, situavam-se os arrabaldes marítimos de Sea Point e Green Point. Ele percorreu a zona residencial dos ricos, por Strand Street e Bree Street, admirando as imponentes construções de dois pisos que exsudavam opulência por todos os poros. A excursão foi terminada prematuramente pelos densos enxames de moscas que povoavam as ruas e lhe pareceram reproduzidos no momento em que entrou no quarto da pensão, onde cobriam as paredes, a mesa e a cama.

Abismado com o que se lhe deparava, resolveu procurar a dona da pensão.

— Mrs. Venster, pode fazer alguma coisa acerca das moscas no meu quarto? São positivamente...

No entanto, ela interrompeu-o com uma risada e uma palmada cordial no ombro.

— Myn magtib. Há-de habituar-se, verá.

O saneamento básico da Cidade do Cabo era primitivo e inadequado e, quando o Sol se punha, um vapor odorífero envolvia a atmosfera como um cobertor nocivo, insuportável. Não obstante, Jamie sabia que o suportaria. Necessitava de mais dinheiro antes de iniciar a etapa seguinte, pois tinham-no advertido de que não sobreviveria nos campos de diamantes sem o mínimo de fundos, em virtude de os preços e a exploração praticados excederem tudo o que se podia conceber.

No seu segundo dia na Cidade do Cabo, encontrou trabalho sob a forma de condução de uma parelha de cavalos para uma firma de transportes. No terceiro, começou a lavar loiça num restaurante, após o jantar. Alimentava-se dos restos que conseguia pôr de parte e levava para a pensão, embora tivessem um sabor estranho que o levava a sentir saudades dos petiscos da mãe. De qualquer modo, não se lamentava, mesmo a si próprio, enquanto sacrificava a alimentação e o conforto para aumentar as suas economias. Tomara uma decisão inabalável, da qual nada o desviaria. Entretanto, sentia-se profundamente só. Não conhecia ninguém naquela cidade estranha e custava-lhe suportar a ausência da família e dos amigos. Conquanto gostasse da solidão, a sensação de isolamento constituía uma amargura constante.

Por fim, chegou o dia mágico. A sua bolsa continha a magnífica quantia de duzentas libras. Estava, pois, preparado para o empreendimento supremo. Partiria da Cidade do Cabo na manhã seguinte, rumo aos campos de diamantes. As reservas de lugares para as carruagens de passageiros com destino aos campos de diamantes de Klipdrift* eram asseguradas pela Inland Transport Company, num pequeno barracão perto das docas. Quando Jamie chegou, às sete da manhã, havia tanta gente em volta que nem sequer conseguiu aproximar-se.

* Planalto elevado na África do Sul, estéril e seco quando não há chuva. (N. do T.)

Calculou estarem reunidas várias centenas de pesquisadores de fortunas, empenhados em obter lugar num dos próximos transportes. Provinham de pontos distantes como a Rússia, a América, a Austrália, a Alemanha e a Inglaterra e vociferavam numa dezena de idiomas diferentes, implorando aos vendedores de passagens que encontrassem espaço para cies. Jamie avistou um corpulento irlandês que acabava de transpor a saída e abordou-o.

— Desculpe, mas que se passa lá dentro?

— Nada — grunhiu o outro, em voz rouca. — As malditas carruagens têm a lotação esgotada para as próximas seis semanas — e apercebendo-se da expressão de desalento do interlocutor, acrescentou: — O pior não é isso, amigo. Os bandidos exigem cinquenta libras por cabeça.

Era incrível! — Deve haver outra maneira de chegar aos campos de diamantes.

— Há duas: o Expresso holandês ou a pé.

— O que é o Expresso holandês?

— Um transporte de gado, que se desloca a três quilômetros horários. Quando se chega lá, já não há diamantes.

Jamie McGregor não estava disposto a aguardar até que as pedras preciosas desaparecessem, pelo que passou o resto da manhã à procura de um transporte alternativo. E encontrou-o, pouco antes do meio-dia. Passava diante de uma

cocheira de aluguel que ostentava uma tabuleta com a indicação “Depósito do Correio”, quando, obedecendo a um impulso, entrou, para enfrentar o homem mais magro que jamais vira entretido a arrumar malas postais numa carruagem de duas rodas. Depois de observar a operação por um momento, resolveu interpelá-lo: — Transportam correio para Klipdrift? — Sim, é este que estou a carregar.

— E passageiros? — inquiriu, dominado por uma súbita réstia de esperança. — Às vezes — o outro voltou-se e observou Jamie. — Que idade tem?

— Dezoito. Por quê?

— Não costumamos levar pessoas com menos de vinte e um ou vinte e dois anos. É saudável?

— Sem dúvida.

— Então, fica combinado. Parto dentro de uma hora. A passagem são vinte libras.

— Estupendo! — Jamie quase não queria acreditar. — Vou buscar a mala e...

— Nada de bagagem. Só há espaço para uma camisa e escova de dentes.

Examinou a carruagem com curiosidade. Era pequena e de construção rudimentar, e o corpo formava uma espécie de poço onde a correspondência ficava acondicionada. A um nível superior a este último, havia um espaço estreito em que uma pessoa se podia sentar de costas para o condutor. Seria uma viagem a todos os títulos desconfortável; no entanto, declarou: — De acordo. Vou buscar a camisa e a escova de dentes.

Quando regressou, o condutor engatava um cavalo à carruagem aberta, ao lado da qual se viam dois jovens corpulentos — um baixo e moreno e o outro alto e louro —, que entregavam dinheiro ao homem. — Um momento — protestou Jamie. — Você disse que eu podia ir.

— Vão todos — anunciou o condutor. — Subam.

— Os três?

— Exato!

Jamie não fazia a mínima ideia de como o outro esperava que coubessem no pequeno espaço, mas sabia que se encontraria lá no momento da partida. Por fim, com um encolher de ombros de resignação, apresentou-se aos companheiros de viagem: — Chamo-me Jamie McGregor.

— Wallach — informou o moreno.

— Pederson — disse, por sua vez, o louro.

— Tivemos sorte em descobrir isto, nem? Ainda bem que nem toda a gente o conhece. — Conhece — replicou Pederson. — O que acontece é que poucos reúnem condições físicas e desespero suficiente para se aventurarem num transporte destes. Antes que Jamie pudesse pedir-lhe que se explicasse melhor, o

condutor disse: — Estamos a perder tempo! Os três homens, com Jamie no meio, espremeram-se no assento, as costas exercendo forte pressão no espaldar do banco do condutor. Não havia espaço para se moverem ou respirar. Em todo o caso, Jamie tentou convencer-se de que podia ser pior.

— Segurem-se bem! — advertiu o condutor. No momento imediato, atravessavam as ruas da Cidade do Cabo velozmente, rumo aos campos de diamantes de Klipdrift.

Nos transportes normais, a viagem era relativamente confortável. As carruagens que conduziam passageiros da Cidade do Cabo aos campos de diamantes dispunham de espaço suficiente, com cobertura de lona para proteção do sol escaldante de Inverno. Cada uma comportava doze passageiros e era puxada por parelhas de cavalos ou mulas, além de que, em paragens regulares, havia bebidas e refeições ligeiras, o que amenizava o percurso de dez dias. O transporte do correio era diferente. Nunca parava, exceto para mudar de cavalo e condutor. O andamento desenrolava-se em pleno galope, num piso a que nem o mais otimista chamaria regular. Como se isso não bastasse, a carruagem não dispunha de molas, pelo que cada solavanco se transmitia aos passageiros como o coice de uma mula caprichosa.

Entretanto, Jamie rangia os dentes e pensava: “Hei-de aguentar até à noite, quando pararmos para dormir. De manhã, após o sono reparador e uma boa refeição, estarei como novo!” Todavia, ao anoitecer, registrou-se uma pausa de dez minutos para a substituição do cavalo e do condutor, após o que o galope foi reatado, o que o levou a perguntar: — Quando paramos para comer?

— Não há paragem nenhuma para isso — informou o novo condutor. — O correio tem de chegar nas horas ao seu destino.

A corrida prosseguiu ao longo da noite, através de estradas sulcadas de buracos, curvas apertadas e desníveis quase constantes. Jamie sentia cada centímetro quadrado do corpo maltratado, como se acabasse de sofrer a tortura medieval mais maquiavélica, estava exausto e não conseguia adormecer. Cada vez que o sono parecia na iminência de o dominar, era chamado à realidade por um dos solavancos excruciantes.

Por outro lado, assolavam-no cãibras dolorosas e não havia o mínimo espaço para se espreguiçar. Esforçava-se por não ponderar quantos dias decorreriam antes da sua próxima refeição, tratava-se de uma viagem de quase mil quilômetros e ninguém lhe garantia que a completaria vivo. E, à medida que o tempo passava, começava a duvidar que lhe interessasse que tal acontecesse.

No final do segundo dia o tormento convertera-se em agonia e os companheiros achavam-se no mesmo estado, incapazes de se lamentar por escassez de energias. Jamie compreendia agora a razão pela qual se insistia em

que os passageiros fossem jovens e robustos.

Na terceira alvorada, imergiram no Great Karroo, onde principiava a verdadeira desolação. Prolongando-se até ao infinito, a monstruosa savana apresentava um aspecto hostil sob o sol inclemente. Os passageiros não tardaram a ser flagelados pelo calor, a poeira densa e as moscas. Ocasionalmente, por entre um véu miasmático, Jamie descortinava grupos de homens que avançavam penosamente a pé.

Havia também cavaleiros solitários e dezenas de carros puxados por bois, que transportavam produtos hortícolas, tendas, apetrechos para escavar, fogões de lenha, sacos de farinha e carvão e lanternas de petróleo. Constituíam a fonte de abastecimento dos pesquisadores de fortunas instalados em Klipdrift.

3

Só quando a carruagem cruzou o rio Orange se registrou uma modificação na monotonia letal da savana. A vegetação começou a apresentar-se mais alta e trocou a tonalidade parda pela verdejante. O solo era mais vermelho e principiaram a surgir árvores frondosas.

“Hei-de chegar lá”, prometia Jamie a si próprio. “Hei-de chegar lá!” E, ao mesmo tempo, sentia a esperança infiltrar-se no corpo extenuado.

Havia quatro dias e noites consecutivos que tinham partido da Cidade do Cabo, quando finalmente atingiram os arrabaldes de Klipdrift.

Jamie não sabia exatamente o que se lhe depararia, mas o cenário em que fixou os olhos fatigados e congestionados não se assemelhava a coisa alguma que o espírito lhe pudesse sugerir. Klipdrift era um vasto panorama de tendas e carruagens alinhadas nas ruas principais e nas margens do rio Vaal. A estrada de acesso estava repleta de cafres, de casacos curtos como única indumentária, e pesquisadores barbudos, além de carniceiros, padeiros, ladrões e professores. No centro da povoação, fiadas de barracões de madeira e ferro serviam de instalações a lojas, cantinas, salas de bilhares, restaurantes, departamentos de compra de diamantes e escritórios de advogados. Numa esquina, erguia-se o Hotel Royal Arch, que continha uma longa sequência de quartos sem janelas.

Jamie saltou da carruagem e não conseguiu aguentar-se nas pernas.

Conservou-se reclinado no chão por uns minutos, até que se sentiu com vigor suficiente para se levantar. Em seguida, cambaleou até ao hotel, abrindo caminho com dificuldade por entre a multidão que enchia os passeios. O quarto que obteve era pequeno, escaldante e repleto de moscas. No entanto, dispunha de um catre, no qual ele se deixou cair, para adormecer instantaneamente.

Quando acordou, após dezoito horas de sono ininterrupto, tinha o corpo

dorido, mas a alma em festa. Chegara ao ambicionado destino!

Em seguida, loucamente faminto, procurou um lugar para comer. O hotel não servia refeições, mas havia um pequeno e concorrido restaurante do outro lado da rua, onde Jamie proporcionou ao estômago motivos mais que suficientes para não continuar a protestar.

No entanto, fez uma pausa a meio, ao notar uma reação desagradável, devida à ausência de alimento durante tanto tempo, e aproveitou o ensejo para olhar em volta. Nas mesas que o circundavam, pesquisadores discutiam febrilmente o tópico que dominava os espíritos de todos: diamantes. — ...Ainda há alguns para os lados de Hopetown, mas o maior filão encontra-se em New Rust... Kimberley tem mais habitantes que Jofurg... — ... Quanto à descoberta da semana passada em Dutoits-pan, dizem que há mais diamantes ao que um homem pode transportar...

—...Descobriu-se um filão em Christiana e tenciono partir para lá amanhã. Então, sempre era verdade. Havia diamantes por toda a parte!

Jamie sentia-se tão excitado que quase não conseguiu terminar a refeição. A conta deixou-o assombrado: duas libras e três xelins por um almoço! “Tenho de ser cauteloso...”, refletiu, enquanto se encaminhava de novo para a rua.

— Continuas empenhado em enriquecer, McGregor? — proferiu uma voz atrás dele.

Voltou-se e avistou Pederson, o louro que fora seu companheiro de viagem.

— Com certeza — replicou, sem vacilar. — Então, vamos para onde estão os diamantes — declarou Pederson indicando uma direção. O rio Vaal fica para aqueles lados. E começaram a caminhar juntos.

Klipdrift situava-se numa bacia, rodeada por colinas, e até onde a vista alcançava tudo era árido, sem uma folha de relva ou um arbusto. Por outro lado, levantava-se constantemente uma poeira vermelha, que dificultava a respiração. O rio Vaal distava quinhentos metros dali e, à medida que eles se aproximavam, o ar tornava-se mais fresco.

Centenas de pesquisadores alinhavam-se ao longo das duas margens, uns à procura de diamantes, outros peneirando pequenas pedras e outros ainda procedendo à sua escolha em mesas improvisadas. O equipamento variava de aparelhos de lavar terra científicos a caixas metálicas e pás. Os homens apresentavam-se crestados pelo sol, barbudos e quase andrajosos, sendo notório que o banho não era uma das operações que lhes tomava mais tempo durante o dia.

Jamie e Pederson acercaram-se da orla da margem e viram um rapaz e um homem mais velho esforçando-se por afastar um rochedo, para poderem explorar a terra em volta. Perto deles, dois outros carregavam com terra um carro de mão,

a fim de a peneirarem.

— Parece fácil — comentou Jamie, com um sorriso.

— Não te fies nisso. Conversei com alguns pesquisadores que se encontram aqui há mais tempo. Desconfio que fomos levados.

— Que queres dizer?

— Sabes quantos pesquisadores há nestas redondezes, todos esperançados em enriquecer? Vinte mil! Não existem diamantes que cheguem para todos e, de qualquer modo, duvido que mereça a pena o trabalho. Uma pessoa coze no Inverno, gela no Verão, fica alagado até aos ossos com as malditas donderstorms e, ainda por cima, tem de enfrentar o pó, as moscas e a porcaria. Não se consegue um banho ou uma cama decente e não há esgotos nesta malfadada cidade. Contam-se às dezenas os casos de afogamento no rio Vaal, todas as semanas.

Alguns são acidentes, mas confidenciaram-me que, para outros, trata-se da única fuga possível a este inferno. Confesso que não compreendo por que motivo esta gente continua aqui. — Compreendo eu — e Jamie fez uma pausa, fitando o interlocutor com uma expressão enigmática. — Nunca se sabe o que a próxima recolha de terra poderá conter. Não obstante, enquanto regressavam à cidade, via-se forçado a reconhecer intimamente que Pederson tinha razão. Passavam diante de carcaças de bois, ovelhas e cabras imolados que apodreciam à entrada das tendas, ao lado de trincheiras abertas que serviam de instalações sanitárias. De fato, o local tresandava quase insuportavelmente.

— Que pensas fazer? — inquiriu o louro, que o observava com curiosidade.

— Comprar alguns apetrechos de prospeção.

4

No centro da cidade, havia uma loja com uma tabuleta metálica oxidada que indicava: “Salomon van der Merwe — Armazém de Artigos Gerais”. Um negro alto, de idade aproximada à de Jamie, descarregava uma galera diante da porta. Tinha ombros largos, músculos turgentes e o semblante mais bem-parecido que Jamie vira até então. Os olhos eram negro-fuligem, o nariz aquilino e o queixo voluntarioso. Levantou um pesado caixote com espingardas, colocou-o ao ombro e, quando se voltou, escorregou numa folha que caíra de um cabaz de hortaliça. Jamie estendeu os braços instintivamente para lhe valer, mas o outro ignorou-o e entrou na loja. Um pesquisador bóer, que engatava uma mula a uma carroça, cuspiu desdenhosamente e disse: — É Banda, da tribo Barolong, que trabalha para Van der Merwe. Não percebo porque mantém o escarumba ao seu serviço. Esses danados Bantos julgam que a Terra lhes pertence.

No interior da loja, a temperatura era agradável, constituindo um alívio em contraste com a rua quente e ruidosa, impregnada de odores exóticos. Jamie ficou com a impressão de que cada centímetro quadrado de espaço estava superlotado de mercadoria. Havia alfaias agrícolas, latas de cerveja e leite condensado, pacotes de manteiga, sacos de cimento, dinamite e pólvora juntamente com rastilhos, peças de olaria, mobiliário, armas, tintas e vernizes, presunto e fruta seca, artigos de perfumaria, bebidas alcoólicas, papel de carta, açúcar, chá, tabaco, rapé, *etc.* Umas dez prateleiras achavam-se cheias de camisas de flanela, cobertores, sapatos, bonés, chapéus, alforges e selas. "O dono disto é rico, sem dúvida", cogitou.

— Em que lhe posso ser útil? — articulou uma voz suave.

Jamie virou-se e deparou-se-lhe uma jovem que não aparentava mais de quinze anos. Tinha um rosto interessante, de traços regulares, em forma de coração, nariz arrebitado e olhos verdes. — Sou pesquisador — anunciou, por fim. — Queria comprar algum equipamento.

— De que necessita? Por razões que não conseguia determinar, sentia que precisava de impressionar a rapariga, pelo que replicou, hesitante: — Bem... o costume. — Importa-se de explicar o que considera o costume? — insistiu ela, com uma ponta de malícia. — Uma pá, por exemplo.

— Nada mais?

Compreendendo que pretendia desfrutá-lo, Jamie sorriu e confessou: — Para ser franco, não tenho calo disto. Não sei do que necessito...

— Depende de que pretende pesquisar, Mr....?

— McGregor, Jamie McGregor.

— Chamo-me Margaret van der Merwe — esclareceu ela, lançando um olhar apreensivo para o fundo da loja.

— Tenho muito prazer em conhecê-la, Miss Van der Merwe.

— Chegou há pouco?

— Ontem. No transporte do correio.

— Deviam tê-lo prevenido, antes de partir — a expressão dela era agora a de uma adulta. — Houve quem morresse durante a viagem — acrescentou, com uma expressão indignada.

— Não me surpreende nada — redarguiu ele, com novo sorriso. — Mas continuo bem vivo, felizmente.

— E disposto a procurar mooi klippe.

— Mooi klippe?

— É a nossa expressão holandesa para diamantes. Pedras bonitas.

— É holandesa?

— A minha família veio da Holanda.

— Eu sou da Escócia.

— Vê-se logo — redarguiu a rapariga olhando de novo para o fundo da loja. — Há por aí muitos diamantes, Mr. McGregor, mas deve ter cuidado onde os procura. A maior parte dos pesquisadores anda às voltas, perseguindo a sua própria cauda.

Quando algum faz uma descoberta, os outros exploram os restos. Se pretende enriquecer, deve encontrar um local virgem.

— Como se faz para conseguir isso?

— Meu pai pode ajudá-lo. Conhece todos os truques. Está livre dentro de uma hora.

— Nesse caso, voltarei depois — prometeu Jamie. — Obrigado, Miss van der Merwe.

Regressou à rua escaldante, dominado por profunda euforia e esquecido das dores e dos tormentos da recente viagem. Se Salomon van der Merwe lhe indicasse onde devia procurar diamantes, nada o impediria de os descobrir. E soltou uma gargalhada, dominado pela alegria de ser jovem, estar vivo e prestes a enriquecer.

Jamie percorreu a rua principal, passando diante de um ferreiro, de uma sala de bilhares e de meia dúzia de saloons. Quando avistou uma tabuleta à entrada de um hotel de aspecto decrépito, deteve-se e leu:

“R.-D. MILLER, BANHOS FRIOS E QUENTES. ABERTO DIARIAMENTE DAS 6 ÀS 20.

TODO O CONFORTO DE UMA SALA ESMERADA E LIMPA”.

“Quando tomei banho pela última vez?”, perguntou-se. “Cederam-me um balde de água para o efeito no navio. Isso foi...” Apercebeu-se repentinamente de que exalava um cheiro quase nauseabundo. Recordou-se dos banhos semanais na cozinha de sua casa e da recomendação da mãe: “Não te esqueças de lavar as extremidades, Jamie!”

Decidiu entrar e descortinou duas portas no pequeno vestíbulo: uma para as mulheres e a outra para os homens. Transpôs esta última e abordou o empregado idoso, para perguntar: — Que preço tem o banho?

— Dez xelins frio e quinze quente.

Hesitou por um momento. A ideia de um banho quente após a longa viagem era quase irresistível.

— Frio — resolveu finalmente, refletindo que não podia desperdiçar dinheiro em luxos, pois necessitava-o para o equipamento.

O empregado estendeu-lhe uma pequena barra de sabão amarelado e uma toalha quase transparente e apontou para uma porta.

— Pode entrar.

Jamie viu-se num pequeno cubículo que continha apenas uma banheira de ferro galvanizado e alguns ganchos na parede, em vez de cabides.

O homem, com um balde, começou a encher a banheira de água fria e, por último, anunciou: — Pronto, amigo. Pendure a roupa nesses ganchos. Jamie aguardou que ele saísse e principiou a despir-se. Em seguida, baixou os olhos para o corpo quase imundo e introduziu um pé na banheira. A água estava de fato fria, como fora prometido, e ele rangeu os dentes enquanto mergulhava até à cintura, a fim de se ensaboar furiosamente. Quando se considerou satisfeito, a água encontrava-se negra. Secou-se o melhor possível com a toalha e começou a vestir-se. As calças e a camisa achavam-se quase rígidas de tanta porcaria acumulada e foi com relutância que voltou a vesti-las.

Precisava de comprar uma muda de roupa, o que lhe recordou uma vez mais o escasso dinheiro que possuía. E a fome tornava a atormentá-lo.

Quando se encontrou na rua, olhou em volta por um momento e encaminhou-se para um saloon denominado Sundowner, onde pediu a ementa do dia e uma cerveja. Serviram-lhe costeletas de carneiro com molho de tomate, puré de batata, salada e picles e, enquanto comia, Jamie prestava atenção ao que diziam em redor.

— ...Consta que encontraram uma pedra com o peso de vinte e um quilates, perto de Colesberg. Portanto, deve haver muitas mais nas redondezes...

— ...Apareceram muitos diamantes em Heborn. Estou a pensar ir até lá... — Não sejas parvo. Os diamantes grandes estão no rio Orange...

No bar, um indivíduo barbudo, de camisa de flanela listrada e calça de belbutina, fixava o olhar melancólico numa caneca de cerveja e murmurava: — Fiquei limpo em Heborn. Preciso de arranjar uma fonte de subsistência.

— Quem é que não precisa? — grunhiu o bartender, um homem calvo, de faces rubicundas. — Assim que juntar dinheiro suficiente nesta espelunca, sigo para o rio Orange — continuou ele, fazendo circular um pano úmido ao longo da superfície do balcão. — Se quer um conselho de amigo, procure Salomon van der Merwe. É o dono do armazém de artigos gerais e de metade da cidade. — Que ganho com isso? — Se simpatizar consigo, talvez o apoie.

— Parece-lhe? — o barbudo exibiu uma expressão de esperança. — Já o fez a vários fulanos que conheço. Você entra com o trabalho e ele com o dinheiro. No fim, dividem o resultado a meias. Os pensamentos de Jamie McGregor adquiriram um ritmo mais acelerado.

Chegara com a convicção de que as cento e vinte libras que lhe restavam bastariam para adquirir o equipamento e a comida de que necessitava para sobreviver, mas os preços praticados em Klipdrift eram incríveis. Na loja de Van der Merwe, observara que uma saca de cinquenta quilogramas de farinha da

Austrália custava cinco libras.

Meio quilograma de açúcar, um xelim. Uma cerveja, cinco xelins. As bolachas, seis xelins o quilograma, e os ovos, sete, a dúzia. Portanto, o seu dinheiro não tardaria a esgotar-se. “Na Escócia, podíamos alimentar-nos durante um ano com o preço de três refeições daqui”, refletiu, apavorado. No entanto, se conseguisse o apoio de alguém endinheirado, como Van der Merwe... Apressou-se a pagar a conta e a visitar de novo o armazém de artigos gerais.

Salomon van der Merwe encontrava-se atrás do balcão, retirando as espingardas de um caixote de madeira. Era um homem pequeno, de rosto esguio e patilhas abundantes, com cabelos cor de areia, olhos negros minúsculos, nariz bolboso e lábios comprimidos. “A filha deve parecer-se com a mãe”, deduziu Jamie para consigo.

— Desculpe... — aventurou, hesitante.

— Já? — inquiriu o outro, erguendo a cabeça. — Mr. Van der Merwe? Chamo-me Jamie McGregor. Vim da Escócia para procurar diamantes.

— Ah, sim?

— Ouvi dizer que, às vezes, ajuda os pesquisadores.

— Myn Magtig — grunhiu o homem. — Quem espalhará essas coisas? Bastou-me estender a mão a dois ou três para me julgarem um Mecenas. — Economizei cento e vinte libras — prosseguiu Jamie, com ansiedade. — Mas acabo de descobrir que não chegam para ir muito longe. Irei para o mato só com uma pá, se for necessário, embora reconheça que terei melhores possibilidades se dispuser de uma mula e equipamento apropriado.

— Wat denkye? — Van der Merwe observava-o com uma ponta de curiosidade. — Quem lhe meteu na cabeça que era capaz de encontrar diamantes?

— Percorri metade do mundo e não saio daqui sem ter enriquecido. Se há diamantes na região, hei-de descobri-los. Caso queira ajudar-me, ficaremos ambos ricos.

O holandês voltou a emitir um grunhido, virou as costas a Jamie e recomeçou a retirar as espingardas do caixote. Transcorrido um longo momento, perguntou de chofre: — Veio num transporte de gado?

— Não. No do correio.

Fitou-o novamente e acabou por inclinar a cabeça, como se tomasse uma decisão. — Vamos trocar impressões sobre o assunto.

5

Na verdade, trocaram impressões, naquela noite, na dependência ao fundo da

loja, que constituía o local de habitação de Van der Merwe e acumulava as funções de cozinha, sala de estar e quarto, com um reposteiro que separava dois catres. A parte inferior das paredes era de barro e pedra e o resto forrado com cartão de caixas que haviam contido provisões. Uma abertura retangular numa delas exercia as funções de janela e, em caso de chuva, podia ser encerrada por meio de uma tábua. A mesa das refeições consistia numa longa prancha apoiada em dois caixotes. Uma caixa empinada funcionava como aparador. Ao abarcar todos estes pormenores, Jamie refletiu que Van der Merwe não devia sentir inclinação para as despesas, ainda que necessárias.

A rapariga movia-se em silêncio de um lado para o outro, preparando o jantar. De vez em quando, lançava uma olhadela ao pai, mas evitava Jamie ostensivamente.

“Porque estará tão assustada?”, perguntava-se ele.

Por fim, sentaram-se à mesa e Van der Merwe principiou: — Oremos. Agradecemos-Te, Senhor, a bondade que recebemos de Tuas mãos.

Estamos-Te gratos por nos perdoares os pecados, indicares o bom caminho e livrares das tentações. Manifestamos-Te a nossa gratidão por uma vida longa e frutuosa e por semeares a morte entre todos os que Te ofendem. Amém! — e, quase sem uma pausa nem mudança de tom, pediu à filha: — Passa-me a carne.

A refeição era frugal: carne de porco assada em quantidade reduzida, três batatas cozidas e salada. Os dois homens conversaram enquanto comiam e Margaret mantinha-se silenciosa.

Quando consumiram tudo o que tinham nos pratos, para o que não foi

necessário muito tempo, o holandês proferiu com uma ponta de orgulho: — O jantar estava excelente, filha — e em seguida, virando-se para Jamie: — Vamos então tratar de negócios?

— Perfeitamente.

Retirou um longo cachimbo de barro de cima do aparador improvisado, encheu-o do tabaco aromático contido numa pequena bolsa e aproximou-lhe um fósforo aceso, ao mesmo tempo que observava o rapaz com intensidade.

— Os pesquisadores daqui são imbecis. Os diamantes escasseiam e eles abundam. Uma pessoa pode quebrar as costas durante um ano e obter apenas chlenters.

— Desculpe, mas não estou familiarizado com esse termo. — Diamantes falsos. Sem valor. Está a compreender?

— Sim, senhor. Mas qual é o caminho a seguir?

— Os Gricuas.

— Perdão... — É uma tribo africana do Norte. Esses fulanos costumam encontrar diamantes enormes e às vezes trazem-mos, para negociarmos — e Van

der Merwe baixou a voz em tom conspiratório. — Sei onde há muitos. — Porque não vai o senhor mesmo buscá-los?

— Infelizmente, não posso abandonar a loja. Roubavam-me tudo.

Preciso de alguém da minha confiança para ir até lá. Quando encontrar esse homem, fornecer-lhe-ei todo o equipamento necessário — e fez uma pausa para chupar o cachimbo.

— E hei-de indicar-lhe a localização dos diamantes.

Jamie pôs-se de pé num salto, sentindo o coração palpitar com intensidade. — Não precisa de procurar mais longe. Sou a pessoa indicada. Garanto-lhe que trabalharei dia e noite — declarou o rapaz com a voz alterada pela excitação. — Hei-de trazer-lhe mais diamantes do que os que poderá contar.

O holandês estudou-o em silêncio, demoradamente, e, por último, inclinou a cabeça, limitando-se a pronunciar uma palavra: — Já! Jamie assinou o contrato na manhã seguinte e verificou que estava redigido em africânder.

— Vou explicar-lhe o conteúdo — disse Van der Merwe.

— Somos sócios e eu contribuo com o capital e você com o trabalho. Partilharemos tudo em partes iguais.

O rapaz fixou o olhar na folha de papel e, no meio do arrazoado de palavras estrangeiras, reconheceu apenas as que indicavam uma quantia: “duas libras”.

— O que é isto? — perguntou, apontando-as.

— Significa que, além de ficar com metade dos diamantes que encontrar, ganhará duas libras por cada semana de trabalho. Apesar de eu ter a certeza de que estão lá, existe a possibilidade de não os encontrar. Assim, obterá alguma coisa pelo que fizer.

Não havia dúvida de que o homem se mostrava de uma lealdade a toda a prova, e Jamie não pôde deixar de lhe agradecer. — Agora, tratemos do equipamento — propôs Van der Merwe.

Foram necessárias duas horas para escolher os apetrechos que acompanhariam Jamie: uma pequena tenda, um saco-cama, utensílios para cozinhar, dois crivos, uma picareta, duas pás, três baldes e uma muda de roupa. Também não faltavam um machado, uma lanterna, óleo de parafina, fósforos, sabão, alimentos enlatados, fruta, açúcar, café e sal. Por fim, ficou tudo preparado. O criado negro, Banda, sem proferir palavra, ajudou Jamie a acondicionar tudo, e este último depreendeu que não falava inglês. Margaret, por seu turno, encontrava-se na loja para atender os clientes, sem parecer interessada na presença do rapaz.

— A mula já se encontra lá fora — anunciou Van der Merwe. — Banda ajuda-o a carregar as coisas.

— Muito obrigado. Consultou um pedaço de papel coberto de algarismos e informou: — Deve-me cento e vinte libras.

— Como? — Jamie arregalou os olhos, incrédulo. — Mas assinámos um contrato e...

— Wat bedui'di? — a expressão do holandês toldou-se de cólera. — Pensava que lhe oferecia o equipamento e uma mula estupenda, o fazia meu sócio e ainda por cima lhe pagava duas libras por semana? Se tinha em vista obter alguma coisa em troca de nada, bateu à porta errada — e fez menção de começar a recolher os artigos.

— Não, por favor, Mr. Van der Merwe! — suplicou o rapaz. — É que não tinha compreendido. Vou dar-lhe o dinheiro! — abriu a bolsa e colocou as economias que lhe restavam em cima do balcão.

— Assim, está bem — concedeu o outro, após breve hesitação. — Foi um mal-entendido, hem? Esta cidade está cheia de vigaristas e preciso de conservar os olhos bem abertos.

— Com certeza. Faz muito bem.

Jamie reconhecia que a excitação o impedira de abarcar as cláusulas do contrato, mas agora estava tudo esclarecido. "Tenho sorte em ele me conceder nova oportunidade", admitiu para consigo.

Van der Merwe levou a mão à algibeira e puxou de um pequeno mapa amarfanhado.

— É nesta região que encontrará as mooi klippe — indicou. — A norte daqui, em Magerdam, na margem setentrional do Vaal.

— Quantos quilômetros são? — perguntou Jamie, sentindo o coração voltar a palpitar com intensidade.

— Aqui, costumamos medir a distância em tempo. Com a mula, deve cobrir o percurso em quatro ou cinco dias. O regresso deve demorar mais, por causa do peso dos diamantes.

— Já! — concordou, com um sorriso.

Quando voltou a encontrar-se nas ruas de Klipdrift, já não era um turista, mas um pesquisador, um prospector a caminho da fortuna.

Entretanto, Banda acabara de acondicionar o equipamento e provisões no dorso de uma mula de aspecto frágil e Jamie agradeceu-lhe. O negro olhou-o fixamente por um momento e afastou-se sem proferir palavra, enquanto o rapaz pegava nas rédeas e murmurava: — Vamos, companheira. Abriu a caça às mooi klippe para nós. E rumaram ao norte.

Jamie montou o acampamento junto de um ribeiro, ao anoitecer, deu de comer à mula e preparou uma refeição modesta para ele. A noite estava repleta de ruídos estranhos. Soavam grunhidos, uivos e passos de animais selvagens nas imediações. Achava-se desprotegido para os enfrentar, o que lhe provocava um sobressalto cada vez que detectava um som ominoso. Esperava ser atacado a

todo o momento e pensou involuntariamente no conforto e na segurança de que desfrutava em casa. Por fim, dormiu sem repousar, os sonhos povoados por leões, elefantes e selvagens empenhados em lhe arrancar das mãos um diamante gigantesco que encontrara. Ao amanhecer, quando acordou, a mula estava morta.

Jamie não conseguia acreditar no que os olhos lhe revelavam e procurou um ferimento no corpo do animal, convencido de que fora atacado durante o sono, mas em vão. Morrera enquanto dormia. “Mr. Van der Merwe vai responsabilizar-me pela sua morte”, refletiu, apreensivo. “Mas quando vir os diamantes, esquece-se do resto.” Não podia voltar para trás. Prosseguiria em direção a Magerdam, sem a mula. De súbito, ouviu um som no ar e ergueu a cabeça. Abutres gigantescos começavam a descrever círculos no local, o que lhe provocou um estremecimento. Agindo com a maior rapidez possível, recolheu tudo o que se lhe afigurava indispensável e partiu. Cinco minutos depois, quando olhou para trás, viu o animal morto coberto por numerosos abutres e estugou o passo.

6

Era Dezembro, Verão na África do Sul, e o percurso através da savana, sob o Sol alaranjado, constituía um pesadelo. Jamie iniciara a marcha em Klipdrift dominado por pensamentos eufóricos, mas, à medida que os minutos se convertiam em horas e estas em dias, começava a surgir o espectro do desânimo. Até onde a vista alcançava, a savana monótona estendia-se sob o sol escaldante, parecendo infinita.

Acampava onde descobria um pouco de água e dormia rodeado pelos sons mais sinistros, que todavia já não o aterrorizavam.

Representavam a prova de que havia vida naquele inferno tórrido e contribuíam para que se sentisse menos só. Certa madrugada, deparou-se-lhe um grupo de leões. Postado à distância, viu a leoa mover-se ao lado do companheiro e das crias, com uma jovem impala na boca. Um pouco adiante, depositou-a aos pés do leão e só principiou a comer depois de ele se considerar saciado.

Jamie necessitou de duas semanas para atravessar o Karroo e esteve prestes a desistir por mais de uma vez, quase convencido de que não chegaria ao fim da viagem. “Fui estúpido. Devia ter voltado para trás e pedido outra mula a Mr. Van der Merwe. Mas ele podia rescindir o contrato. Não, procedi bem assim.” E continuou em frente, com o passo cada vez mais pesado. Um dia, avistou quatro vultos à distância, que avançavam na sua direção, e o coração principiou a palpitar-lhe com ansiedade. “Estou a delirar”, pensou. “É uma miragem!” Não obstante, os vultos continuavam a aproximar-se, e a excitação acentuou-se.

“Homens! Há vida humana, aqui!” Perguntou a si próprio se ainda saberia falar, após tantos dias sem pronunciar uma palavra.

Tentou pronunciar algumas palavras e quase não reconheceu a voz.

Por fim, os quatro homens — pesquisadores que regressavam a Klipdrift, exaustos e decepcionados — encontraram-se na sua frente e Jamie articulou: — Olá! Inclinaram as cabeças e um deles declarou em inflexão átona: — Não há nada, lá adiante. Podemos garanti-lo, porque nos fartámos de procurar. Não perca tempo. Volte para trás.

E prosseguiram o seu caminho. Jamie isolou o espírito de tudo, exceto da vastidão árida à sua frente. Os raios solares e as moscas eram insuportáveis e não havia lugar algum para se refugiar.

A folhagem das escassas árvores dispersas tinha sido devorada pelos elefantes. O sol cegava-o quase por completo. A pele clara achava-se avermelhada pelas queimaduras e acudiam-lhe tonturas constantes. Cada vez que respirava fundo, os pulmões pareciam na iminência de explodir. Já não caminhava: arrastava os pés, colocando um à frente do outro, sem a consciência exata do que fazia. Uma tarde, quando o Sol se encontrava quase na vertical, tirou a mochila das costas e estendeu-se no chão, demasiado cansado para continuar. Fechou os olhos e sonhou que estava num cadinho gigantesco e um diamante enorme emitia raios cintilantes que o queimavam e derretiam. Acordou a meio da noite, tremendo de frio, e esforçou-se por tragar alguma coisa das parcas reservas que lhe restavam. Sabia que tinha de se levantar e reatar a marcha antes do nascer do Sol, enquanto a temperatura permanecia suportável. Tentou, mas o esforço era excessivo. Resultava mais fácil manter-se deitado no chão e não voltar a dar nem mais um passo. No entanto, uma voz segredava-lhe que a sua missão no mundo ainda não se completara.

Ainda nem sequer começara. Por último, logrou pôr-se de pé e avançar com extrema lentidão, arrastando a mochila atrás dele. Mais tarde, não conseguiu determinar quantas vezes caiu na areia escaldante e tornou a levantar-se. Uma ocasião, gritou em voz rouca: “Sou Jamie McGregor e hei-de viver! Ouves-me, Deus? Hei-de viver!...” Entretanto, explodiam-lhe na cabeça palavras do passado: “— À procura de diamantes? Não deves regular bem. Tudo isso que contam são balelas, uma tentação do Demónio para impedir os homens de ganhar a vida honestamente.

“— Por que não nos explicas onde vais arranjar o dinheiro para a viagem? Isso fica do outro lado do mundo, e não tens vintém.

“— Sou a pessoa indicada. Garanto-lhe que trabalharei dia e noite. Hei-de trazer-lhe mais diamantes do que os que poderá contar.” Afinal, perdera a partida quase antes de a iniciar. “Tens duas alternativas”, disse para si mesmo. “Podes

continuar em frente ou ficar aqui e morrer... morrer... morrer...” As palavras ecoavam-lhe no espírito interminavelmente.

“Ainda podes dar mais um passo. Vá, coragem, rapaz. Só mais um... mais um...” Dois dias depois, chegou à povoação de Magerdam. As queimaduras solares tinham infectado e o corpo convertera-se numa chaga, enquanto os olhos estavam inchados, quase impossibilitados de se abrir. Caiu pesadamente no meio da rua, um monte de andrajos que o mantinha consolidado. Quando alguns pesquisadores, solícitos, tentaram aliviá-lo do peso da mochila, Jamie resistiu com as energias que lhe restavam, vociferando em delírio: — Afastem-se dos meus diamantes! Deixem-me em paz!... Despertou num quarto pequeno, sem móveis, três dias mais tarde, tendo como única indumentária as ligaduras que lhe envolviam o corpo. A primeira coisa que viu quando descerrou as pálpebras foi uma mulher de meia-idade e busto opulento sentada na borda da tarimba.

— Quê?!... — exclamou, impossibilitado de formar uma frase coerente.

— Calma, rapaz. Esteve muito mal. Ela levantou-lhe a cabeça com suavidade e fê-lo ingerir um gole de água de um púcaro de estanho. Jamie conseguiu soerguer-se, apoiado no cotovelo, e perguntar: — Onde... onde estou?

— Em Magerdam. Chamo-me Alice Jardine e encontra-se na minha pensão. Não se preocupe, que vai ficar bom. Precisa apenas de repouso. Volte a deitar-se.

Recordou-se dos desconhecidos que tinham tentado tirar-lhe a mochila e sentiu-se invadido por uma vaga de pânico.

— As minhas coisas? Tentou endireitar-se de novo, mas a mulher impediu-o com um gesto.

— Estão em lugar seguro — e apontou para um volume no chão, ao canto do quarto. Jamie reclinou-se, mais tranquilo: “Cheguei. Agora, tudo correrá bem.”

Alice Jardine era uma autêntica bênção personificada, não só para Jamie McGregor como para metade de Magerdam. Na povoação mineira, cheia de aventureiros unidos por um sonho comum, fornecia-lhes alimento e coragem. Era uma inglesa que chegara à África do Sul com o marido, o qual abandonara a ocupação de professor em Leeds para se incorporar na febre dos diamantes. Ele morrera de doença, cinco semanas mais tarde, mas ela decidira continuar ali, e os mineiros converteram-se nos filhos que nunca tivera.

Obrigou Jamie a permanecer na cama mais quatro dias, dando-lhe de comer, procedendo à substituição das ligaduras e encorajando-o, até que ele se reconheceu com forças para se levantar.

— Estou-lhe profundamente grato, Mrs. Jardine. Não disponho de fundos para lhe pagar. Por enquanto. Mas tenciono oferecer-lhe um diamante, num futuro não muito distante. É uma promessa solene de Jamie McGregor.

Ela sorriu ante o fervor do rapaz. Ainda estava muito magro e os olhos

cinzentos conservavam parte do horror que conhecera, mas irradiava uma voluntariedade que impressionava. “É diferente dos outros...”, admitiu para consigo.

Jamie saiu para explorar a povoação, que era Klipdrift numa escala mais reduzida.

Havia as mesmas tendas, galeras e ruas poeirentas, lojas modestas e multidões de pesquisadores. Quando passava diante de um saloon, ouviu um clamor e entrou, verificando que numerosos homens rodeavam um irlandês de camisa vermelha.

— Que se passa? — perguntou a um. — O tipo vai molhar o achado.

— Vai quê? Ficou rico, hoje, pelo que paga bebidas a toda a gente. A quantidade correspondente à que trinta homens sedentos puderem emborcar. Acabou por se sentar a uma mesa redonda ocupada por vários pesquisadores de expressões desencorajadas e não tardou a entabular conversa.

— De onde é você, McGregor? — Da Escócia.

— Não sei que patranhas lhe contaram na sua terra, mas não há diamantes nesta região em quantidade suficiente para custear as despesas.

Em seguida, trocaram impressões acerca de outros lugares de prospecção: Gong Gong, Forlorn Hope, Delports, Poor-mans Kopje, Sixpenny Rush...

Os pesquisadores contavam todos a mesma história — de meses empenhados na esgotante atividade de remover rochas, escavar o solo duro e passar horas agachados na margem do rio com o crivo nas mãos. Todos os dias eram encontrados alguns diamantes, insuficientes para enriquecer, mas em quantidade bastante para manter os sonhos vivos. O estado de espírito que predominava consistia numa mescla de otimismo e pessimismo. Os otimistas eram os que chegavam, os pessimistas os que partiam. Jamie não teve dificuldade em determinar a que grupo pertencia.

Por fim, acercou-se do irlandês de camisa vermelha, agora de olhar congestionado pela bebida, e mostrou-lhe o mapa de Van der Merwe.

O homem lançou-lhe uma olhadela superficial e restituiu-o.

— Não vale nada. Toda a área aí indicada já foi explorada. No seu lugar, eu tentava a sorte em Bad Hope.

Jamie não conseguia acreditar no que ouvia. Fora o mapa do holandês que o atraíra àquela região, a estrela que lhe prometia a riqueza.

— Experimente em Colesberg — sugeriu outro pesquisador. — É aí que aparecem os diamantes grandes.

No entanto, as opiniões não pareciam unânimes.

— Quanto a mim, não há como Gilfillans Kop. — Procure em Moonlight Rush, se quer encontrar os mais valiosos.

Após uma noite em claro de debate consigo próprio, Jamie decidiu ignorar o mapa de Van der Merwe e, contra todos os concelhos, seguir para leste, ao longo do rio Moder. Assim, na manhã seguinte, despediu-se de Mrs. Jardine e partiu.

7

Caminhou durante três dias e duas noites e, quando se lhe deparou um local satisfatório, montou a pequena tenda. Erguiam-se pesadas rochas em ambas as margens do rio, e ele, servindo-se de ramos nodosos como alavancas, principiou a removê-las penosamente, a fim de explorar o solo por baixo. Escavava da alvorada até ao anoitecer, em busca do barro amarelo ou do solo diamantífero azulado indicativo de que descobrira um filão. No entanto, a terra apresentava-se estéril. Ao cabo de uma semana de pesquisas, não encontrara uma única pedra, pelo que resolveu mudar de poiso.

Um dia, avistou ao longe algo que parecia uma casa de prata que refulgia ao sol e receou ser vítima de uma ilusão de ótica resultante do calor. Mas à medida que se aproximava, verificou que se tratava de uma povoação, cujas casas tinham todo o aspecto de ser de prata. Multidões de homens, mulheres e crianças indianos andrajosos enchiam as ruas, ante o olhar atónito de Jamie. As casas que refletiam os raios solares eram feitas de latas de compota espalmadas e pregadas, lado a lado, a pranchas. Prosseguiu em frente e, uma hora mais tarde, quando olhou para trás, ainda conseguia divisar o clarão da aldeia. Era uma cena que jamais esqueceria.

Continuou a rumar para norte, acompanhando a margem do rio, onde os diamantes se poderiam encontrar, e escavando até os braços se recusarem a erguer a pesada picareta. À noite, dormia profundamente, como que drogado.

No final da segunda semana, passou por uma pequena colónia de pesquisadores denominada Paardspan e, um pouco ao norte, deteve-se junto de uma curva do rio. Em seguida, preparou uma das refeições frugais a que se habituara e sentou-se à entrada da tenda, para contemplar as estrelas no vasto firmamento. Havia duas semanas que não via um ser humano e assolava-o uma vaga de solidão. “Que diabo faço aqui?”, perguntava-se. “Passo os dias a escavar e a peneirar terra para quê? Estava muito melhor na herdade. Se não encontrar um diamante até sábado, volto para casa.” Fixou os olhos nas estrelas, como se pretendesse tomá— las como testemunhas, e bradou: — Ouviram? “Estou a perder o juízo”, receou quase imediatamente.

Jamie notou uma pedra de dimensões apreciáveis entre a terra que explorava, olhou-a por um momento e deitou-a fora. Haviam-se-lhe deparado milhares como aquela, sem qualquer valor, nas últimas semanas. Como lhe chamara Van

der Mer-we? Schlenters. No entanto, a de agora tinha algo que acabou por lhe despertar a atenção. Voltou a pegar-lhe e submeteu-a a um exame minucioso. Era muito maior do que as anteriores e apresentava uma configuração diferente. Friccionou-a na perna da calça para remover parte da terra que a cobria e tornou a observá-la.

De fato, parecia um diamante. A única coisa que o levava a duvidar era o tamanho, quase igual ao de um ovo de galinha. “Se fosse mesmo, meu Deus...” De repente, sentiu dificuldade em respirar. Dominado por uma ansiedade febril, pegou na lanterna e pôs-se a esquadrinhar o solo à sua volta. Decorridos quinze minutos, encontrara mais quatro semelhantes. Embora não fossem tão grandes, tinham dimensões suficientes para o excitar.

Levantou-se antes de amanhecer e recomeçou a escavar como um desesperado.

Ao meio-dia, descobrira mais meia dúzia. Consumiu a semana seguinte em pesquisas frenéticas, das quais redundou uma quantidade apreciável, que enterrava à noite num local seguro onde ninguém os poderia encontrar por acaso. À medida que se acumulavam, refletia que, apesar de apenas metade do tesouro lhe pertencer, segundo as cláusulas do contrato, isso bastava para o tornar mais rico do que jamais se atrevera a imaginar.

No final da semana, Jamie inscreveu uma anotação no mapa e demarcou a área que tencionava legalizar em seu nome, servindo-se da picareta para o efeito. Por fim, desenterrou os diamantes, ocultou-os no fundo da mochila e regressou a Magerdam. A tabuleta à entrada da pequena construção indicava: “Diamant Kooper”.

O rapaz entrou num pequeno gabinete sem ventilação e sentiu-se invadido por tremores irresistíveis. Ouvira falar de dezenas de casos de pesquisadores convencidos de terem encontrado diamantes que na realidade não passavam de pedras sem qualquer valor. “E se estiver enganado?” O avaliador encontrava-se sentado atrás de uma secretária que conhecera melhores dias e, quando viu Jamie aproximar-se, inquiriu: — Em que posso ser-lhe útil?

— Gostava que avaliasse estas pedras. E, ante o olhar do homem, Jamie começou a colocá-las em cima da secretária.

Quando terminou, havia um total de vinte e sete, que o avaliador contemplava com assombro.

— Onde... onde as encontrou?

— Explico-lhe depois de me dizer se são diamantes. O exame não se prolongou muito e foi concluído com uma exclamação de incredulidade. — São os maiores que vi em toda a minha vida. Afinal, onde os descobriu?

— Vá ter comigo à cantina dentro de um quarto de hora e informo-o —

prometeu Jamie, com um sorriso.

Recolheu as pedras, guardou-as nas algibeiras e retirou-se em direção ao departamento de registros. — Quero registrar um terreno nos nomes de Salomon van der Merwe e Jamie McGregor — anunciou, esforçando-se por conservar a voz firme.

O avaliador já se encontrava na cantina quando ele entrou, e tudo indicava que divulgara a novidade, porque se verificou um silêncio de respeito no momento em que Jamie transpôs a porta. Pairava uma única interrogação não formulada nos espíritos de todos. Após breve hesitação, acercou-se do balcão do bar e comunicou ao empregado: — Quero molhar um achado — e voltando-se para os outros, informou: —

Em Paardspan.

Alice Jardine tomava chá, quando Jamie entrou na cozinha, e o rosto iluminou-se ao vê-lo. — Voltou são e salvo, graças a Deus! — exclamou, mas, apercebendo-se da indumentária andrajosa do rapaz, assumiu uma expressão de pesar. — As coisas não correram bem, aposto. Não se preocupe. Tome chá comigo e vai sentir-se melhor.

Sem uma palavra, ele introduziu a mão na algibeira e exibiu um diamante de dimensões apreciáveis, que colocou na mão dela.

— Cumpri a promessa, como vê.

Mrs. Jardine fixou o olhar na pedra por um longo momento e sentiu-se comovida.

— Não, Jamie — articulou em voz baixa. — Não o quero. Se o aceitasse, estragava tudo. Procure compreender.

Quando Jamie regressou a Klipdrift, apresentou-se de forma condigna à nova situação. Trocou um dos diamantes mais pequenos por um cavalo e uma carruagem e anotou meticulosamente o que gastara, para que o sócio não ficasse prejudicado. O percurso foi fácil e confortável, e ele não pôde deixar de recordar as condições insólitas em que efetuara a viagem no sentido inverso. “É a diferença entre os ricos e os pobres”, refletiu. “Os pobres andam a pé e os ricos de carruagem.”

Klipdrift não mudara, mas não se podia dizer o mesmo de Jamie McGregor. As pessoas contemplaram-no de olhos arregalados, quando se deteve diante do armazém de artigos gerais de Van der Merwe. Não eram os dispendiosos cavalos e a carruagem que atraíam a atenção dos transeuntes, mas a expressão de júbilo do rapaz. Haviam-na notado anteriormente noutros pesquisadores que tinham enriquecido, o que sempre lhes incutia nova esperança. Achava-se à entrada o mesmo negro corpulento e bem-parccido, e Jamie saudou-o cordialmente: — Viva! Estou de volta.

Banda atou as rédeas a um poste, sem responder, e entrou na loja, seguido por Jamie.

Salomon van der Merwe atendia um cliente, mas ergueu os olhos e sorriu, e o rapaz compreendeu que já se inteirara da boa nova.

Ninguém o podia explicar, mas as descobertas de diamantes propagavam-se com a velocidade da luz.

Quando se desembaraçou do cliente, o holandês inclinou a cabeça na direção do fundo da loja e proferiu: — Vamos tratar de negócios, McGregor.

Jamie acompanhou-o e avistou a rapariga ocupada diante do fogão, preparando o almoço.

— Olá, Margaret.

Todavia, ela corou e desviou os olhos. — Constou-me que foi bem sucedido — disse Van der Merwe, com um largo sorriso, ao mesmo tempo que se sentava à mesa e abria espaço à sua frente.

— É verdade — assentiu Jamie, orgulhosamente.

Extraiu uma bolsa de cabedal da algibeira do casaco e sacudiu-a, para fazer brotar os diamantes refulgentes. Van der Merwe olhava-os, como que hipnotizado, até que pegou num, para o examinar com incredulidade. Por fim, guardou-os numa bolsa de camurça, que encerrou num cofre de ferro a um canto da sala. Quando falou, havia uma nota de profunda satisfação na sua voz.

— Portou-se às mil maravilhas, McGregor.

— Obrigado. E isto é só o princípio. Há centenas de outros no mesmo

local. Nem sequer posso fazer uma estimativa do seu valor.

— registrou o terreno? — Sem dúvida — e Jamie tornou a levar a mão à algibeira e exibiu o talão respectivo.

— Nos nomes de ambos. O holandês estudou-o por um momento e guardou-o, dizendo: — Merece uma gratificação. Aguarde um pouco — pediu, e começou a mover-se para a porta de comunicação com a loja. — Vem, Margaret. Ela seguiu-o docilmente e Jamie pensou: “Parece uma gatinha aterrorizada!”

Transcorridos uns minutos, Van der Merwe reapareceu só e abriu uma bolsa de cabedal, da qual retirou cinquenta libras.

— Aqui tem.

— Para que é isso? — perguntou Jamie, intrigado.

— Para si.

— Não compreendo. — Esteve ausente vinte e quatro semanas. As duas libras por semana, são quarenta e oito, além de que lhe dou duas de gratificação.

— Não é necessário dar-me gratificações. Contento-me com a minha parte dos diamantes.

— A sua parte?

— Os meus cinquenta por cento. Somos sócios.

— Sócios? — Van der Merwe fitou o interlocutor com estranheza. — Quem lhe meteu essa ideia na cabeça?

— Quem?... — a perplexidade do rapaz começava a converter-se em alarme. — Assinámos um contrato.

— Precisamente. Leu as cláusulas?

— Não, porque está redigido em africânder, mas o senhor disse que éramos sócios em partes iguais.

— Compreendeu mal, Mr. McGregor — Van der Merwe abanou a cabeça com veemência. — Não preciso de sócios para nada. Limitou-se a trabalhar para mim, segundo o nosso acordo. Forneci-lhe o equipamento e os gêneros para que descobrisse diamantes para mim.

— Forneceu-me tudo isso em troca do dinheiro que lhe dei! — retorquiu Jamie, sentindo uma indignação crescente. — Paguei-Lhe cento e vinte libras.

— Não posso perder tempo com conversa fiada. Olhe, proponho o seguinte. Dou-lhe mais cinco libras e não se volta a falar no assunto.

Parece-me uma oferta generosa.

— Volta a falar-se no assunto e até que o resolvamos como deve ser! —

explodiu com voz trémula. — Tenho direito a metade do que se encontrar na propriedade que registei. E hei-de obtê-la. No registro figuram os nomes de ambos. — Nesse caso, tentou vigarizar-me — observou Van der Merwe, com um sorriso malicioso. — Se quisesse, podia mandá-lo prender — ameaçou, atirando as moedas para cima da mesa. — Pegue no seu dinheiro e desapareça.

— Vou processá-lo!

— Tem recursos para pagar a um advogado? De resto, estão todos ao meu serviço. “Isto não está a acontecer”, refletia Jamie. “É um pesadelo!” A agonia que sofrera, as semanas e os meses de exposição à inclemência do deserto, o trabalho esgotante do nascer ao pôr-do-Sol, acudiram-lhe ao pensamento em vagas avassaladoras. Quase perdera a vida, e agora aquele homem tentava privá — lo daquilo que lhe pertencia por direito próprio. Por fim, encarou o holandês com uma expressão ominosa, antes de advertir: — Não julgue que se safa com isto. Continuarei em Klipdrift e direi a toda a gente o que fez. Hei-de conseguir a minha parte dos diamantes, custe o que custar.

— Aconselho-o a consultar o médico — grunhiu o outro, desviando os olhos. — Desconfio que o sol lhe alterou as faculdades mentais.

Num segundo, Jamie segurou-o pela gola do casaco e ergueu-o no ar. — Há-de arrepender-se de me ter conhecido — prometeu. Em seguida, largou-o abruptamente, recolheu o dinheiro de cima da mesa e afastou-se em passos pesados.

Quando entrou no Sundowner Saloon, encontrou a sala quase deserta, pois a maioria dos pesquisadores já se achava a caminho de Paardspan.

Jamie sentia-se assolado pela cólera e pelo desespero. “É incrível. De um momento para o outro, passei de rico como Creso a pobre como Job. Van der Merwe é um ladrão e hei-de arranjar um meio de me vingar. Mas como?” O holandês tinha razão. Não possuía fundos para recorrer a um advogado. De qualquer modo, deviam encontrar-se todos por sua conta, como ele próprio declarara. A única arma de que Jamie dispunha era a verdade. Assim, faria com que todos os habitantes da África do Sul se inteirassem da ação hedionda de Van der Merwe. — Seja bem-vindo — saudou Smit, o bartender. — Pode tomar o que lhe apetecer por conta da casa, Mr. McGregor. Que prefere?

— Uísque.

O homem serviu uma dose dupla, que o rapaz fez desaparecer de um trago. No entanto, não estava habituado às bebidas alcoólicas e sentiu um ardor intenso na garganta e no estômago.

— Pode voltar a encher.

— É para já. Sempre afirmei que ninguém vence os escoceses, quando se trata de beber.

A segunda dose deslizou mais facilmente. Ao mesmo tempo, Jamie recordou-se de que procurara o holandês por recomendação do bartender e articulou: — Sabia que o velho Van der Merwe é um escroque? Quer privar-me dos meus diamantes.

— Não me diga — Smit mostrou-se compadecido. — Isso é horrível.

Nunca esperei uma coisa dessas dele.

— Mas não se safa — e a voz de Jamie começava a tornar-se pastosa. — Metade dos diamantes pertence-me. É um ladrão e vou providenciar para que toda a gente o saiba.

— Veja lá no que se mete, pois trata-se de uma pessoa importante — advertiu o bartender. — Antes de tomar qualquer decisão, precisa de procurar auxílio. Por acaso, conheço o homem indicado. Odeia Van der Merwe tanto como você — olhou em volta, para se certificar de que ninguém ouvia. — Eu ocupo-me dos preparativos. Dirija-se a um velho celeiro ao fundo da rua, às dez horas. — Obrigado — proferiu Jamie, com sinceridade. — Não me esquecerei da sua atitude.

— No celeiro, às dez. O celeiro consistia numa estrutura rudimentar de chapa ondulada, para lá da rua principal, nos arrabaldes da cidade, e Jamie apresentou-se à hora indicada. Impeliu a porta e avançou um passo, mas não descortinou vivalma na escuridão.

Aventurou-se um pouco mais e, de súbito, detectou um som atrás dele.

No momento em que principiava a voltar-se, uma barra de ferro atingiu-o na clavícula, obrigando-o a cair. Ato contínuo, um bastão fraturou-lhe a cabeça e uma mão gigantesca ergueu-o e segurou-o, ao mesmo tempo que punhos e botas cardadas lhe flagelavam o corpo impiedosamente. A agressão pareceu prolongar-se de forma interminável. Quando a dor se tornava insuportável e ele principiava a perder os sentidos, vertiam-lhe água fria no rosto para o espevitar.

Num dado instante, afigurou-se-lhe descortinar o semblante do criado de Van der Merwe, Banda, mas a punição que lhe aplicavam obrigou-o a esquecer o pormenor. Por último, nem a água fria conseguiu fazê-lo emergir da inconsciência.

Sentia o corpo em brasa. Alguém lhe raspava as faces com lixa e Jamie tentou em vão erguer a mão para protestar. Efetuou um esforço para abrir os olhos, mas o inchaço não lho permitiu. Conservava-se estendido, todas as fibras do corpo uivando de dor, ao mesmo tempo que tentava recordar-se onde estava. Moveu-se e a sensação desagradável repetiu-se. Estendeu a mão cegamente e sentiu o contacto de areia. O rosto encontrava-se pousado na areia quente. Com extrema lentidão, cada movimento traduzido numa agonia individual, conseguiu erguer-se de joelhos. Tentou enxergar por entre as pálpebras inchadas, mas só logrou divisar imagens confusas.

Encontrava-se algures no meio do estéril Karroo, completamente despido. Apesar da hora matutina, os raios solares começavam a flagelar-lhe o corpo. Olhou em volta com desespero, em busca de comida e um pouco de água, mas não havia coisa alguma. Haviam-no deixado ali para que morresse. “Salomon van der Merwe e, evidentemente, o bartender, Smit”. Jamie ameaçara o holandês, que o castigara com a mesma facilidade como se se tratasse de uma criança.

“Há-de descobrir que não sou um garoto”, prometeu Jamie a si próprio. “Deixei de o ser. Transformei-me num vingador. Hão-de pagar o que fizeram!” O ódio que o percorria incutiu-Lhe forças para se pôr de pé. O simples ato de respirar constituía uma verdadeira tortura. Quantas vértebras lhe tinham fraturado? “É preciso cuidado, para que não perfurem os pulmões.” Tentou pôr-se de pé, mas caiu com um grito. A perna direita achava-se partida e conservava-se num ângulo inverosímil. Era-lhe impossível caminhar. Mas podia rastejar.

Jamie McGregor não fazia a mínima ideia de onde se encontrava.

Deviam tê-lo levado para longe do caminho normalmente percorrido, para que só fosse localizado por hienas e aves de rapina. O deserto constituía um vasto ossário. Ele vira os esqueletos de corpos humanos após a passagem dos abutres. De repente, ouviu sobre a sua cabeça o bater sinistro de asas e acudiu-lhe uma

onda de terror.

Estava impossibilitado de ver, mas notava o cheiro nauseabundo que exalavam. Começou a rastejar. Esforçou-se por concentrar o pensamento na dor. Difundia-se por todo o corpo e cada pequeno movimento originava torrentes de agonia. Se se deslocava de determinada maneira, a perna fraturada protestava de forma pungente.

Se mudava de posição para não a sobrecarregar, eram as vértebras que lhe recordavam a sua condição precária. Não podia suportar a tortura de permanecer imóvel, nem a agonia de se movimentar.

Continuou a rastejar.

O bater das asas prosseguia sobre a sua cabeça, indicando que os abutres aguardavam pacientemente o momento propício para atacar. O

seu espírito começou a vaguear. Encontrava-se na igreja de Aberdeen, com o trajo domingueiro, sentado entre os dois irmãos. A irmã, Mary, e Annie Cord usavam belos vestidos de Verão brancos, e a segunda olhava-o, sorridente. Jamie fez menção de se levantar para lhe ir falar, mas os irmãos impeliram-no para trás e principiaram a beliscá-lo. Os beliscos converteram-se em espasmos de dor excruciantes e ele voltou a encontrar-se no deserto, o corpo estropiado rastejando com lentidão.

Entretanto, os abutres voavam cada vez mais baixo, impacientes.

Jamie tentou abrir os olhos, para ver se estavam perto, mas apenas conseguiu vislumbrar objetos indefinidos, que a imaginação febril convertia em hienas e chacais vorazes.

Recomeçou a rastejar, consciente de que no instante em que se detivesse lhe cairiam em cima. Ardia de febre e dor e o corpo era causticado pela areia escaldante. Apesar disso, não podia renunciar à luta enquanto Van der Merwe continuasse impune... enquanto estivesse vivo.

Acabou por perder toda a noção do tempo. Afigurava-se-Lhe que percorrera cerca de dois quilômetros, embora na realidade não tivesse avançado mais de dez metros, rastejando num círculo. Não podia ver onde estivera ou para onde se dirigia. O espírito concentrava-se numa única ideia: Salomon van der Merwe.

Terminou por imergir em inconsciência e foi acordado por uma agonia irresistível. Alguém lhe tocava na perna, e ele necessitou de um momento para se recordar de onde estava e o que se passava. Por último, descerrou levemente um dos olhos inchados. Um abutre enorme atacava-lhe a perna, dilacerando a carne e comendo-a sem aguardar que morresse. Jamie tentou gritar, mas não conseguiu emitir o mínimo som. Arrastou-se freneticamente para a frente e sentiu o sangue morno brotar da perna, enquanto os vultos sombrios das aves de rapina o circundavam, na expectativa do momento final. Pressentiu que na

próxima vez que perdesse o conhecimento não tornaria a acordar. No entanto, as forças esvaíam-se gradualmente, até que se imobilizou na areia.

Os abutres prepararam-se então para o festim.

8

Sábado era dia de mercado na Cidade do Cabo e as ruas achavam-se apinhadas de comerciantes em busca de negócios vantajosos, uma troca de impressões com amigos ou encontros de natureza romântica.

Bóeres e franceses, soldados de uniformes coloridos e damas inglesas de saias em balão e blusas de pregas confraternizavam diante dos bazares montados nos largos de Braameonstein, Park Town e Burgersdorp. Havia de tudo à venda: mobiliário, cavalos e carruagens e fruta. Uma pessoa podia comprar vestidos e tabuleiros de xadrez, carne ou livros numa dezena de idiomas diferentes. Aos sábados, a Cidade do Cabo era uma feira ruidosa e animada.

Banda abria caminho por entre a multidão, sem pressa, preocupando-se em não estabelecer contato visual com os brancos. Era muito perigoso. As ruas estavam pejadas de negros, indianos e mestiços, mas o predomínio pertencia à minoria branca, que Banda detestava. Aquela era a sua terra e os brancos os uillanders. Havia muitas tribos na África Austral — Basutos, Zulos, Bechuanas e Matabele —, todas elas Bantos.

O próprio termo "banto" derivava de abantu — "o povo". Porém os Barolongs, a tribo de Banda, constituíam a aristocracia. Ele recordava-se das histórias que a avó lhe contava acerca do vasto reino negro que outrora dominara a África do Sul. O seu reino, a sua terra. E agora eram escravizados por um punhado de chacais. Os brancos tinham-nos impelido para territórios cada vez mais exíguos, até que a sua liberdade fora corroída. A única maneira de um negro poder existir era mostrar-se astucioso e subserviente à superfície e alerta no íntimo.

Banda ignorava a idade que tinha, porque os nativos não dispunham de certificado de nascimento. A sua idade era medida pelos fatos históricos conhecidos: guerras e batalhas, nascimento e morte de chefes importantes, cometas, tempestades e tremores de terra, migração de Adam Kok, morte de Chaka e revolução do abate de gado. Mas o número dos anos dele não interessava. Banda sabia que era filho de um chefe e estava destinado a fazer algo pelo seu povo. Os Bantos voltariam a erguer-se e a dominar. A ideia da sua missão fê-lo caminhar mais empertigado por um momento, até que se apercebeu do olhar de um branco cravado nele.

Banda encaminhou-se apressadamente para os arrabaldes da cidade, a zona

atribuída aos negros. As residências espaçosas e as lojas atraentes não tardaram a ceder o lugar a cabanas de chapa metálica e choças humildes. Avançou por uma rua de terra batida, olhando com frequência por cima do ombro para se certificar de que não o seguiam.

Por último, imobilizou-se diante de uma barraca de madeira, lançou uma derradeira olhadela em volta e entrou. Uma negra esquálida sentava-se numa cadeira ao canto, cerzindo um vestido, e Banda saudou-a com uma inclinação de cabeça, após o que prosseguiu em direção ao quarto ao fundo.

Uma vez aí, contemplou o vulto deitado no catre. Seis semanas antes, Jamie McGregor recuperara o conhecimento e vira-se estendido num catre desconhecido. As recordações foram reaparecendo gradualmente: o Karroo, o corpo estropiado, os abutres... De súbito, Banda entrou no quarto e Jamie compreendeu que tencionava matá-lo.

Van der Merwe inteirara-se de que escapara com vida à agressão e enviara o criado para lhe aplicar o golpe de misericórdia.

— Por que não veio o teu dono pessoalmente? — articulou em voz rouca.

— Não tenho dono.

— Van der Merwe. Não foi ele quem te enviou?

— Não. Matava a ambos, se soubesse. — Onde estou? — a situação parecia insensata a Jamie. — Quero saber onde estou.

— Na Cidade do Cabo. — O quê?! Como vim cá parar?

— Trouxe-o eu.

Fixou os olhos negros por um momento, antes de inquirir: — Por quê?

— Preciso de si. Quero vingar-me. — Mas que?...

— Não é por mim — e Banda acercou-se uns passos, e continuando a meia voz: — Na verdade, Van der Merwe violou minha irmã. Ela morreu no momento do parto e tinha apenas onze anos.

— Santo Deus! — balbuciou Jamie, horrorizado.

— Desde o dia da sua morte que procuro um branco para me ajudar.

Encontrei-o naquele velho celeiro, na noite em que participei no seu espancamento, Mr. McGregor. Levámo-lo para o Karroo e recebi instruções para o matar. Comuniquei aos outros que estava morto e fui buscá-lo assim que pude. Ia chegando demasiado tarde.

Jamie não conseguiu evitar um estremecimento de terror ao recordar-se das sinistras aves de rapina esvoaçando à sua volta.

— Quando apareci, os abutres preparavam-se para o devorar. Levei-o para a galera e escondi-o na cabana dos meus familiares. Um dos nossos médicos ligou-lhe o tronco por causa das vértebras fraturadas, cuidou da perna e dos outros ferimentos.

— E depois?

— Uma carruagem de familiares meus ia partir para a Cidade do Cabo e pedi-lhes que nos levassem. Delirou durante quase todo o caminho.

Cada vez que adormecia, eu receava que não tornasse a acordar. Jamie contemplou o homem que quase o assassinara. Necessitava de refletir.

Não confiava nele... apesar de lhe ter salvo a vida, Banda pretendia atingir Van der Merwe por seu intermédio. “Isso pode resultar vantajoso para mais de uma pessoa”, decidiu. Mais do que tudo o resto no mundo, Jamie desejava que o holandês expiasse o roubo que cometera. — Muito bem — assentiu por fim. — Descobrirei uma maneira de obrigar Van der Merwe a arrepender-se do que nos fez. — Vai morrer? — Banda deixou transparecer uma sugestão de sorriso pela primeira vez.

— Não — replicou Jamie, entre dentes. — Vou viver.

Levantou-se da cama pela primeira vez naquela tarde, aturdido e fraco. A perna ainda não sarara por completo e movia-se coxeando um pouco.

Quando Banda tentou ajudá-lo, repeliu-o.

— Larga-me. Tenho de me habituar a singrar pelos meus próprios meios — e enquanto o negro o observava atentamente, cruzou o quarto com lentidão e pediu: — Arranja-me um espelho.

Banda comprazeu-o e Jamie ergueu-o à altura do rosto.

Deparou-se-lhe um desconhecido. Os cabelos tinham-se tornado brancos como a neve e exibia uma barba irregular da mesma cor. O nariz fora fraturado e a cartilagem atingida torcera-o. Por seu turno, o semblante envelhecera vinte anos.

Havia sulcos profundos nas faces encovadas e uma cicatriz lívida atravessava-lhe o queixo lateralmente. No entanto, a maior alteração situava-se nos olhos. Era um olhar que presenciara demasiada dor e sentira os seus efeitos. Por fim, com um suspiro, pousou o espelho.

— Vou dar uma volta — anunciou num murmúrio.

— Lamento, Mr. McGregor, mas não é possível.

— Por quê?

— Os brancos não costumam visitar esta zona da cidade, assim como os pretos nunca vão aos lugares que eles frequentam. Os vizinhos não sabem que se encontra aqui, pois trouxemo-lo de noite.

— Então, como posso sair?

— Trataremos disso esta noite.

Jamie começou a aperceber-se pela primeira vez do risco a que Banda se expusera por ele e, embaraçado, disse: — Não tenho dinheiro. Preciso de me empregar.

— Arranjarei trabalho na estiva. Estão sempre a admitir homens — declarou o negro puxando de algumas moedas da algibeira. — Tome.

— Hei-de pagar-te — prometeu Jamie, aceitando-as. — Pagará vingando minha irmã.

Era meia-noite quando Banda conduziu Jamie para fora da cabana.

Este olhou em volta e viu que se encontrava no meio de um aglomerado de barracas e choças rudimentares. O solo, lamacento em virtude de uma chuvada recente, exalava um odor desagradável, e Jamie perguntou-se como pessoas tão altivas como Banda conseguiam passar a vida em semelhante ambiente. — Não haverá?... — começou.

— Esteja calado — recomendou o companheiro, a meia voz. — A vizinhança é muito desconfiada.

Encontravam-se na orla da aldeia, quando Banda estendeu o braço e apontou, dizendo: — O centro da cidade fica para aquele lado.

Voltaremos a ver-nos nas docas.

Jamie dirigiu-se à pensão em que se instalara quando chegara de Inglaterra e avistou Mrs. Venster na recepção.

— Queria um quarto — anunciou ele. — Perfeitamente — declarou ela sorrindo e expondo o dente de ouro. — Sou Mrs. Venster. — Eu sei. — Como? — estranhou. — Falou com alguém que tivesse estado cá?

— Não se recorda de mim? Fui seu hóspede, o ano passado. A mulher examinou o rosto sulcado de rugas, o nariz torcido e a barba branca e meneou a cabeça. — Nunca esqueço uma cara, meu amigo, e tenho a certeza de que vejo a sua pela primeira vez. Mas isso não significa que não possamos dar-nos bem. Os amigos tratam-me por “Dee-Dee”. Como se chama?

E Jamie ouviu a sua voz responder: — Travis, Ian Travis.

Na manhã seguinte foi procurar trabalho nas docas e o capataz observou: — Precisamos de costas resistentes e receio que você seja muito velho para este gênero de trabalho.

— Mas tenho só dezenove... — Jamie interrompeu-se ao recordar-se do rosto que vira no espelho. — Deixe-me experimentar — propôs.

Foi admitido com o salário de nove xelins diários, para a carga e descarga dos navios que entrassem no porto. Pouco depois, inteirou-se de que Banda e os outros homens de cor recebiam seis.

Na primeira oportunidade que se lhe deparou, levou o negro para um canto isolado e disse: — Temos de conversar.

— Aqui não, Mr. McGregor. Há um armazém abandonado na extremidade das docas. Encontramo-nos lá, quando terminarmos o trabalho.

Banda já o aguardava, quando Jamie se apresentou no local indicado, e este

pediu: — Fala-me de Salomon van der Merwe.

— Que quer saber?

— Tudo.

— Veio diretamente da Holanda e, segundo o que me constou, a mulher morreu pouco depois e ele utilizou o dinheiro que ela possuía para se estabelecer em Klipdrift, onde enriqueceu à custa de chicanas sobre os pesquisadores.

— Do gênero daquela de que fui vítima?

— Isso não passa de uma das suas facetas. Os pesquisadores que têm sorte procuram-no para obterem um empréstimo destinado a explorar a mina e, antes que consigam descobrir a verdade, já passou tudo para as mãos dele.

— Nunca ninguém tentou reagir?

— Como? O responsável pelos serviços de registro trabalha para Van der Merwe. Em conformidade com a lei, se um terreno não começa a ser explorado quarenta e cinco dias após a sua declaração, fica à disposição de quem lá chegar primeiro. Esse indivíduo avisa o patrão, que não perde tempo em o confiscar. Por outro lado, as estacas de demarcação do terreno devem ser cravadas verticalmente. Assim, se se inclinam ou caem, qualquer oportunista pode tomar posse dele. Quando Van der Merwe avista algum que lhe agrada, manda lá um sicário derrubar as estacas durante a noite. — Santo Deus! — Tem um acordo com o bartender, Smit, que lhe envia pesquisadores potenciais. Assinam um contrato com o holandês, que fica com todos os diamantes encontrados. Se o lesado protesta, há um grupo de gorilas que tratam de o reduzir ao silêncio.

— Essa parte já era do meu conhecimento — murmurou Jamie, com uma ponta de amargura. — Que mais?

— É um religioso fanático. Passa a vida a rogar pelas almas dos pecadores.

— E a respeito da filha?

— Miss Margaret? Tem um medo mortal do pai. Se se atrevesse a olhar para um homem, Van der Merwe matava ambos.

Aproximou-se da porta do armazém e contemplou o porto pensativamente por um momento, consciente de que havia muita coisa em que pensar.

— Voltaremos a conversar amanhã — decidiu por fim.

Foi na Cidade do Cabo que se deu conta do profundo cisma entre negros e brancos. Os primeiros não tinham quaisquer direitos além dos escassos que os segundos lhes concediam. Eram reunidos em arrabaldes que constituíam guetos donde só podiam sair para trabalhar para os brancos. — Como suportam a situação? — perguntou Jamie, um dia.

— O leão faminto dissimula as garras. Modificaremos tudo isso no momento apropriado. O branco aceita o preto porque precisa dos seus músculos, mas tem de se habituar a aceitar-Lhe também os miolos.

Quanto mais nos empurra para um canto, maior o medo que lhe inspiramos, porque sabe que um dia poderá haver discriminação e humilhação de sinal contrário, perspectiva que se recusa a admitir. Em todo o caso, sobreviveremos por causa do isiko.

— De quem?

— Não é uma pessoa. Não se pode explicar com facilidade, Mr. McGregor. Isiko são as nossas raízes, por assim dizer, a sensação de pertencer a uma nação que deu o nome ao grandioso rio Zambeze. Há muitas gerações, os meus antepassados penetraram nas suas águas, despidos, com o seu gado à frente. Os mais fracos perderam-se, arrastados pela corrente caudalosa ou devorados pelos crocodilos, mas os sobreviventes emergiram do rio mais fortes e viris. Quando um banto morre, isiko requer que os seus familiares se retirem para a floresta, a fim de que o resto da comunidade não tenha de partilhar do seu desgosto. Isiko é o rancor do escravo que sofre, a convicção de que um homem pode olhar qualquer pessoa de frente e vale o mesmo que ela. Já ouviu falar de John Tengo Jabavu? — Banda pronunciou o nome com profunda reverência.

— Não.

— Há-de ouvir, Mr. McGregor — afirmou. — Há-de ouvir — e mudou de assunto. Jamie começou a sentir uma admiração crescente pelo negro. Ao princípio, imperou certa desconfiança entre os dois homens. Jamie necessitava de se habituar a confiar em quem quase o matara e Banda tinha de se resignar a aceitar um representante da raça sua inimiga desde longa data. Ao contrário da maioria dos negros que Jamie conhecera, o seu novo amigo denunciava certa cultura. — Onde estudaste?

— Em parte alguma. Trabalho desde criança. O que aprendi foi-me transmitido por minha avó, que estava ao serviço de um professor bóer. Devo-lhe tudo o que sei.

Foi ao fim da tarde de um sábado que Jamie se inteirou da existência do deserto da Namíbia, na Grande Namacualândia, quando se encontrava, com Banda, no armazém abandonado das docas, compartilhando um estufado cozinhado pela mãe do negro.

— Quando conheceste Van der Merwe? — Na época em que trabalhava na praia dos diamantes do deserto da Namíbia, que lhe pertence de sociedade com dois outros indivíduos. Ele acabava de roubar a sua parte a um pesquisador inexperiente e tinha ido visitar o local. — Se é tão rico, porque continua com a loja?

— É aí que atrai os novos pesquisadores, para os ludibriar. Jamie evocou intimamente a facilidade com que se deixara burlar. Na verdade, fora de uma ingenuidade incrível. Recordava-se da expressão do rosto oval de Margaret

quando dissera: “Meu pai pode ajudá-lo. Conhece todos os truques.” Supusera-a uma criança até que lhe notara os seios e... De súbito, ergueu-se de um salto, com um sorriso malicioso. — Explica-me pormenorizadamente como começaste a trabalhar para ele.

— Um dia, apareceu na praia com a filha (tinha uns onze anos, na altura), que a dado momento se aproximou demasiado da água e uma onda arrebatou-a.

Mergulhei imediatamente e trouxe-a para terra. Receei que Van der Merwe me matasse. — Por quê?

— Não por ser negro, mas pela minha condição de homem a rodear-lhe a cintura com o braço. Não suporta a ideia de alguém tocar na filha.

Um dos presentes acabou por o acalmar e explicar que eu tinha salvo a vida à rapariga. Em face disso, levou-me para Klipdrift como seu criado pessoal — Banda hesitou um momento e acrescentou: — Dois meses depois, recebi a visita de minha irmã, que era da mesma idade de Margaret.

Seguiu-se uma pausa, que Jamie respeitou por reconhecer que nada podia dizer para evitar as recordações pungentes do seu interlocutor.

Finalmente, este último quebrou o silêncio:— Mais valia que tivesse

ficado no deserto da Namíbia. O trabalho era fácil.

Rastejávamos pela areia para recolher os diamantes e colocá-los em pequenas latas. — Um momento. Queres dizer que estão espalhados na areia?

— Exato. Mas não tenha ideias alucinadas. Ninguém se pode aproximar de lá. É no oceano e há vagas de dez metros de altura. Eles nem se dão ao trabalho de vigiar a costa. Todos os que tentaram entrar no local pelo mar perderam a vida nos recifes. — Deve haver outra possibilidade de acesso.

— Não. O deserto prolonga-se por todo o litoral. — E quanto à entrada no campo de diamantes?

— Há guardas postados numa torre e uma vedação de arame farpado.

Em volta, abundam os homens armados e cães capazes de reduzir uma pessoa a pedaços.

Além disso, colocaram minas no solo que fazem ir pelos ares quem as pise por não conhecer a sua disposição.

— Que tamanho tem o campo?

— Uns sessenta quilômetros. “Sessenta quilômetros de diamantes espalhados pela areia...”

— Meu Deus! — Não é o primeiro que fica excitado com os campos de diamantes na Namíbia.

Recolhi o que restava de indivíduos que se aproximaram de barco e foram dilacerados pelos recifes. Vi o que as minas podem fazer ao homem que as pisa inadvertidamente e o estado em que os cães deixam aqueles que ficam ao

alcance dos seus dentes. Não pense nisso, Mr. McGregor. Não existe qualquer entrada possível.

Naquela noite, Jamie não conseguiu dormir. Acudiam-lhe constantemente ao espírito imagens de um extenso areal coberto de diamantes enormes pertencentes a Van der Merwe. Pensava no mar, com os seus recifes aparentemente intransponíveis, nos cães vorazes, nos guardas e nas minas. Não temia o perigo nem a morte. Receava apenas perder a vida antes de se vingar de Salomon van der Merwe.

Na segunda-feira seguinte, Jamie dirigiu-se a uma livraria e comprou um mapa da região da Grande Namacualândia.

Localizou sem dificuldade a praia na costa atlântica, entre Luderitz, ao norte, e o estuário do rio Orange, ao sul. A área achava-se assinalada com a advertência a vermelho: “Sperrgebiet” (Interdita).

Examinou todos os pormenores repetidamente. Havia três mil milhas de oceano da América do Sul até à África do Sul, sem qualquer obstáculo que impedisse as vagas, pelo que toda a sua fúria se concentrava nos mortais recifes da costa do Atlântico Sul. Quarenta milhas mais abaixo, existia uma área acessível. “Deve ter sido daí que os pobres bastardos partiram nas suas embarcações em direção à zona proibida”, deduziu Jamie. Ao analisar o mapa, compreendia sem dificuldade a razão pela qual a costa não se achava vigiada: os recifes tornavam impossível qualquer tentativa de desembarque. Em seguida, concentrou-se no acesso interior ao campo de diamantes. Segundo Banda, encontrava-se protegido por vedação de arame farpado e patrulhado permanentemente por homens armados.

Junto da entrada, havia uma torre de observação. Mesmo que uma pessoa conseguisse introduzir-se no local, restariam as minas e cães implacáveis. No dia seguinte, Jamie perguntou a Banda: — Há algum mapa do campo? — Do deserto da Namíbia? Estão todos em poder dos proprietários, que transmitem instruções aos pesquisadores sobre os locais a explorar. Avançam em fila indiana, para que não pisem as minas — e a expressão do negro toldou-se por um momento. — Um dia, meu tio, que se encontrava à minha frente, tropeçou numa pedra e caiu em cima de uma mina. Não foi possível recolher o suficiente dele para entregar à família.

Fez uma pausa, enquanto Jamie estremecia involuntariamente.

— Além disso, há o mis do mar, Mr. McGregor. Rola do oceano e varre o deserto até às montanhas, arrastando tudo à sua passagem.

Quem é apanhado não se atreve a esboçar um movimento. Os mapas não servem então para nada, porque não se consegue enxergar um palmo diante do nariz. A única coisa a fazer é ficar sentado, muito quieto, até o mis passar. —

Quanto tempo dura?

— Depende — e Banda encolheu os ombros. — Por vezes, algumas horas, mas também se pode manter por dias.

— Alguma vez viste um mapa das minas?

— Guardam-nos muito bem. Acredite que não é possível levar a cabo o que se lhe meteu na cabeça. De vez em quando, um trabalhador tenta escapar-se com um diamante. Há uma árvore especial para enforcar os imprudentes. Serve de aviso para quem se lembrar de roubar a companhia.

A situação parecia absolutamente desencorajadora. Jamie reconhecia que, mesmo que conseguisse introduzir-se no campo de diamantes, não poderia sair.

Banda tinha razão. Era preferível não pensar mais no assunto.

Não obstante, no dia seguinte, perguntou: — Como consegue Van der Merwe evitar que os trabalhadores roubem diamantes, no final dos turnos de serviço?

— São revistados — explicou o negro. — Têm de se despir por completo, para que os examinem minuciosamente. Vi alguns produzirem incisões nas pernas para os ocultar. Outros extraem um ou dois dentes e substituem-nos por diamantes — fixou um olhar grave em Jamie. — Se tem amor à vida, esqueça-se disso. Todavia, por mais que se esforçasse, a ideia regressava-lhe ao espírito com insistência: os diamantes de Van der Merwe encontravam-se dispersos na areia, à espera que alguém os levasse. E esse alguém era ele.

A solução acudiu à mente de Jamie naquela noite e foi com dificuldade que conteve a impaciência até voltar a encontrar-se com Banda, ao qual pediu, sem qualquer preâmbulo: — Fala-me das embarcações em que tentaram desembarcar. — Que quer saber?

— Tudo o que te ocorrer. De que tipo eram?

— De todos, praticamente. Uma escuna. Um rebocador. Uma lancha motorizada. Um veleiro. Houve mesmo quatro homens que tentaram a sorte num junco de remos. Quando eu trabalhava lá, houve meia dúzia de tentativas. Os recifes reduziram-nos a fragmentos e os tripulantes morreram afogados.

Jamie encheu os pulmões de ar antes de inquirir: — Alguém experimentou numa jangada? — Numa jangada? — ecoou Banda, arregalando os olhos.

— Sim. Até agora, ninguém conseguiu desembarcar porque o fundo das embarcações foi rasgado pelos recifes. Ora, uma jangada desliza na crista das ondas por cima deles.

O negro conservou-se silencioso por um longo momento e, quando voltou a falar, a voz continha uma inflexão diferente. — Sabe uma coisa, Mr. McGregor? Talvez seja uma ideia aproveitável.

Tudo principiou como um jogo, uma solução possível de um problema insolúvel. No entanto, à medida que trocavam impressões, os dois homens

sentiam-se dominados pelo entusiasmo. Assim, aquilo que começara como mero tópico de uma especulação ociosa passou a assumir a configuração concreta de um plano de ação. Como os diamantes se encontravam à superfície da areia, não se tornava necessário qualquer equipamento. Poderiam construir a jangada, munida de uma vela, na costa livre, sessenta quilômetros ao sul da Sperrgebiet, e utilizá— la à noite, a coberto de olhares indiscretos. Não havia minas na área desprotegida, e os guardas e patrulhas só atuavam no interior. Por conseguinte, os dois homens poderiam recolher os diamantes que quisessem, sem o perigo de serem interceptados.

— Podemos raspar-nos antes de amanhecer com as algibeiras cheias de diamantes de Van der Merwe — asseverou Jamie.

— Como saímos?

— Da mesma maneira que entrámos. Impelimos a jangada com remos sobre os recifes, até ao largo, içamos a vela e regressamos sem qualquer impedimento. Em face dos argumentos persuasivos de Jamie, as dúvidas de Banda começaram a dissipar-se. Tentou descobrir óbices na ideia, mas via todas as objeções refutadas de forma convincente. O plano seria bem sucedido. A faceta mais atraente consistia na sua simplicidade e no fato de não exigir o mínimo investimento. Apenas uma dose elevada de coragem.

— Só precisamos de uma bolsa grande para trazer os diamantes — declarou Jamie. — É melhor levarmos duas — opinou Banda, com um sorriso.

Na semana seguinte, abandonaram o trabalho nas docas e seguiram num transporte rudimentar para Port Nolloth, uma povoação costeira sessenta quilômetros ao sul da área proibida que lhes interessava.

Chegados, olharam em volta. A localidade era pequena e primitiva,

com tendas, cabanas de chapa ondulada, algumas lojas e uma praia de aspecto primitivo que parecia estender-se interminavelmente. Não havia recifes naquela área e as ondas desfaziam-se suavemente na areia. Era o lugar ideal para lançar a jangada à água. Não existia qualquer hotel, mas Jamie conseguiu que lhe alugassem um pequeno quarto particular, enquanto Banda se instalava na zona destinada aos negros. — Temos de descobrir um local para construir a jangada em segredo — indicou Jamie. — Não convinha nada que nos denunciassem às autoridades.

Naquela tarde, descobriram uma velha arrecadação abandonada, que escolheram para o fim em vista.

— Antes de iniciarmos o trabalho, compre uma garrafa de uísque — aconselhou Banda.

— Para quê?

— Depois verá.

Na manhã seguinte, Jamie foi visitado pelo chefe da Polícia do distrito, um indivíduo de faces rubicundas, expressão grave e olhar congestionado, indicativo de inclinação para as bebidas alcoólicas.

— Bom dia! Ouvi dizer que tinha chegado um forasteiro e resolvi vir dar-lhe as boas-vindas. Sou o chefe Mundy.

— Ian Travis — replicou Jamie.

— Está de passagem para o Norte, Mr. Travis?

— Não, para o Sul. Sigo com o meu empregado para a Cidade do Cabo.

— Estive lá, uma vez. Achei-a muito grande e barulhenta.

— Sou da mesma opinião. Aceita uma bebida?

— Não costumo beber em serviço — Mundy fez uma pausa e acrescentou: — Mas posso abrir uma excepção.

— Muito bem.

Jamie foi buscar a garrafa de uísque, perguntando a si próprio como conseguira Banda prever a situação. Em seguida, verteu um pouco num copo e estendeu-o ao visitante.

— Obrigado, Mr. Travis. Não me acompanha?

— Estou proibido de beber por causa da malária. É por isso que sigo para a Cidade do Cabo. Tenho de consultar um especialista. Fiz uma pausa aqui, para recompor as forças. As viagens cansam-me com facilidade.

— Acho-o com aspecto saudável — disse Mundy, que observava o interlocutor atentamente. — Havia de me ver quando tenho um ataque.

— Pode ser — aquiesceu, vendo Jamie pegar na garrafa, Em seguida, esvaziou o copo pela segunda vez e levantou-se: — Tenho de ir à vida.

Disse que estava aqui apenas de passagem?

— Partirei assim que me sentir mais forte. — Voltarei na sexta-feira, para trocarmos mais algumas palavras.

Naquela noite, Jamie e Banda iniciaram os trabalhos na arrecadação abandonada, e o primeiro perguntou: — Alguma vez construíste uma jangada?

— Para ser franco, Mr. McGregor, não. — Nem eu — e os dois homens entreolharam-se, embaraçados. — Será muito difícil?

Apoderaram-se de quatro bidões de duzentos litros, vazios, das traseiras do mercado, e levaram-nos para a arrecadação. Depois de os reunirem, dispuseram-nos num retângulo e colocaram um caixote, também vazio, em cima de cada um. — Não se parece muito com uma jangada — observou Banda, com uma expressão de dúvida.

— Ainda não está pronta — esclareceu Jamie. Como não dispunham de tábuas, cobriram a parte de cima com o que se achava ao seu alcance, ramos e folhas de árvores, que prenderam fortemente com cordas.

No final, o negro contemplou o resultado e declarou: — Continua a não se parecer com uma jangada.

— Ficará com melhor aspecto quando montarmos a vela — garantiu Jamie.

Improvisaram um mastro com um tronco caído e aproveitaram dois ramos de extremidades largas para remos.

Foi Banda quem, ao fim da tarde, descobriu a vela, um pano azul enorme. — Isto serve, Mr. McGregor?

— Perfeitamente. Onde o arranjaste? — É melhor não querer saber.

Bastam os riscos em que já nos envolvemos.

A montagem final desenrolou-se sem dificuldades e a jangada ficou pronta para enfrentar o mar.

— Partimos às duas da madrugada, quando estiverem todos a dormir — decidiu Jamie. — Até lá, convém que descansemos um pouco. Contudo, nenhum deles conseguiu dormir, excitados com a aventura em perspectiva.

Encontraram-se na arrecadação à hora combinada, dominados por um misto de ansiedade e receio dissimulado. Preparavam-se para empreender uma operação que lhes proporcionaria a fortuna ou a morte. Não havia meio-termo. — São horas — anunciou de súbito Jamie, em voz ligeiramente trémula.

Transpuseram a saída com prudência. Não se registrava o mínimo ruído. Soprava uma brisa suave e o céu apresentava-se completamente limpo de nuvens, com a Lua em quarto crescente sobre as suas cabeças. “Ótimo...”, refletiu Jamie. “Não há muita luz para que nos vejam.” O horário previsto era complicado pelo fato de necessitarem de abandonar a povoação durante a noite, para que ninguém se apercebesse da sua partida, e chegar ao campo de diamantes na noite seguinte, a fim de se introduzirem nele e regressarem ao mar, sem novidade, antes da alvorada.

— A corrente de Benguela deve conduzir-nos até aos campos de diamantes amanhã ao fim da tarde — calculou Jamie. — Mas não podemos viajar durante o dia. Temos de nos manter ao largo até anoitecer.

— Podemos ocultar-nos numa das ilhotas ao longo da costa. — Quais ilhotas?

— São às dezenas. Mercury, Ichabod, Plum Pudding...

— Plum Puddingl — ecoou com estranheza. — Também há a Roast Beef.

— Não vêm no mapa — declarou, depois de o consultar. — São formadas por guano. Os ingleses utilizam os excrementos das aves para adubo. — Vive lá alguém? — É impossível, por causa do mau cheiro. Há lugares em que o guano tem dezenas de metros de altura. O Governo recorre aos desertores do exército e presos para o recolher. Alguns morrem nas ilhotas e os corpos ficam lá a apodrecer.

— Então, é o lugar ideal para nos escondermos — decidiu Jamie.

Procedendo com prudência, os dois homens abriram a porta da arrecadação e principiaram a erguer a jangada. No entanto, era demasiado pesada para que a conseguissem mover. Tentaram empurrá-

la, transpirando copiosamente, mas debalde.

— Volto já — anunciou Banda, subitamente.

Meia hora depois, reaparecia com um toro de dimensões apreciáveis. — Vamos servir-nos disto. Quando eu levantar uma das extremidades, introduza-o por baixo. Jamie surpreendeu-se com o vigor do companheiro, ao vê-lo erguer um dos lados da jangada. Ato contínuo, enfiou o toro no espaço e fizeram rolar o conjunto por cima. Era um trabalho árduo e quando alcançaram a beira-mar achavam-se ambos alagados em suor.

Além disso, a operação tardara muito mais do que Jamie previra e estava prestes a amanhecer. Impunha-se que partissem, antes que os habitantes da aldeia os descobrissem e informassem as autoridades das suas atividades. Por conseguinte, Jamie apressou-se a montar a vela e inspeccionou tudo para se certificar de que podiam partir. Tinha a vaga impressão de que se esquecia de alguma coisa e, de repente, fez-se-lhe luz no espírito e soltou uma gargalhada.

— Que foi? — quis saber Banda, intrigado.

— Da outra vez que procurei diamantes, acompanhava-me uma tonelada de equipamento. Agora, só levo uma bússola. Parece fácil de mais.

— Não creio que o nosso problema seja esse, Mr. McGregor.

— É altura de me tratares por Jamie.

— Não haja dúvida de que vem de um país distante — e o negro meneou a cabeça, admirado. — Enfim, ninguém me vai enforcar por experimentar uma vez — e tentou pronunciar o nome em surdina, antes de o fazer em voz alta: — Jamie.

— Vamos aos diamantes! Impeliram a jangada para a água, saltaram para cima e começaram a remar.

Necessitaram de uns minutos para se adaptar às oscilações da estranha embarcação. Dir-se-ia que montavam uma rolha gigantesca, mas em breve dominavam a situação. A jangada respondia perfeitamente às manobras, deslocando-se para norte com a corrente impetuosa.

Por fim, Jamie içou a vela e afastaram-se para o largo. Quando os habitantes da aldeia principiaram a surgir das cabanas, os dois homens já se encontravam para além do horizonte.

— Conseguimos! — exclamou Jamie. — Ainda é cedo para cantar vitória — e Banda mergulhou a mão na fria corrente de Benguela. — Estamos no início. Continuaram a singrar para o Norte, passando ao largo da baía Alexander e da embocadura do rio Orange sem descortinarem sinais de vida, à parte bandos de

corvos marinhos e alguns flamingos. Embora dispusessem de latas de carne e arroz, fruta e dois cantis de água, estavam demasiado nervosos para comer.

Jamie recusava-se a permitir que a imaginação se concentrasse nos perigos que os aguardavam, mas Banda não o podia evitar, sobretudo porque os conhecia por experiência própria. Recordava-se dos guardas brutais munidos de espingardas, dos cães e das minas e perguntava-se como fora possível que se tivesse deixado arrastar para aquela aventura. Lançando uma olhadela ao escocês, refletiu: "Ainda é mais parvo que eu. Se as coisas correrem mal, morrerei por minha irmã.

9

Que motivo o leva a sacrificar a vida?" Os tubarões surgiram cerca do meio-dia. Eram uns seis, as barbatanas cortando a água à medida que se aproximavam da jangada.

— Tubarões de barbatana preta — anunciou Banda. — São devoradores de homens! — Que fazemos? — articulou Jamie, conservando os olhos fixos nos terríveis esqualos.

— Para ser franco — redarguiu o negro, engolindo em seco —, é a minha primeira experiência desta natureza.

Um dos tubarões colidiu com a jangada e quase a fez voltar-se, obrigando os dois homens a segurarem-se ao mastro. Jamie pegou num dos ramos para atingir o agressor e, no instante imediato, viu-o cortado em dois pelos dentes aguçados. A seguir, os tubarões principiaram a circundar a jangada, sacudindo-a de vez em quando.

— Temos de nos livrar deles antes que voltem a jangada.

— Como? — quis saber Banda.

— Passa-me uma lata de carne.

— Deixe-se de brincadeiras. Eles não se satisfazem com tão pouco.

Querem uma refeição suculenta. Nós, por exemplo!

registrou-se novo embate e a jangada inclinou-se.

— A carne, depressa! — bradou Jamie.

No instante imediato, o negro colocava-lhe uma lata na mão. Em seguida, puxou de um canivete e rasgou parte da tampa. — Agora, segura-te bem. Banda! Jamie acercou-se da borda da jangada e aguardou. Quase imediatamente, surgiu um tubarão que abria a boca ameaçadoramente. O rapaz visou-lhe os olhos com um movimento rápido. A folha metálica da tampa, aguçada como uma faca, retalhou a pele da cabeça do tubarão, que se agitou como um possesso, ao mesmo tempo que a água em volta se tingia de sangue. Os outros

desinteressaram-se dos dois homens e concentraram-se no companheiro, que principiaram a devorar com ferocidade.

— Espero, um dia, poder contar isto aos meus netos — articulou Banda, com um suspiro de alívio, enquanto se afastavam. — Parece-lhe que acreditarão? E riram até as lágrimas lhes rolarem pelas faces.

Mais tarde, Jamie consultou o relógio de bolso e declarou: — Devemos estar ao largo da praia dos diamantes cerca da meia-noite. O Sol nasce às seis e um quarto. Portanto, dispomos de quatro horas para recolher o maior número possível de diamantes e duas para regressar ao mar alto. Achas que são suficientes?

— Nenhum ser humano viveria o tempo necessário para gastar.o que se pode apanhar naquela praia em quatro horas. Oxalá nós vivamos o suficiente para os levar. Prosseguiram para o Norte durante o resto do dia, impelidos pelo vento e a corrente. Perto do anoitecer, descortinaram uma ilhota à sua frente, que parecia não ter um perímetro superior a duzentos metros. À medida que se aproximavam o odor acre a amoníaco intensificava-se, afetando-lhes os olhos. Jamie compreendeu sem dificuldade a razão pela qual ninguém vivia lá. Na verdade, o fedor era insuportável. No entanto, constituiria um lugar excelente para se ocultarem até ao momento oportuno. Ele ajustou a vela devidamente e a jangada não tardou a acostar à superfície rochosa da ilhota. Em seguida, Banda tratou de a amarrar e saltaram para terra.

Havia uma infinidade de aves: corvos marinhos, pelicanos, pinguins e flamingos.

Avançaram meia dúzia de passos e os pés afundaram-se em guano,

pelo que Jamie sugeriu que regressassem à jangada.

No momento em que se preparavam para retroceder, um bando de pelicanos levantou voo e revelou um espaço no solo... ocupado por três homens estendidos.

Não havia possibilidade de determinar há quanto tempo estavam mortos, pois os corpos haviam sido preservados pelo amoníaco que saturava a atmosfera.

Instantes depois, Jamie e Banda encontravam-se de novo na jangada e afastavam-se para o largo.

Mantiveram-se distantes da costa, com a vela recolhida, na expectativa. Jamie decidiu permanecer ali até à meia-noite, após o que se acercariam de terra.

Conservaram-se sentados em silêncio, imersos em cogitações relacionadas com o que se avizinhava. O Sol principiou a mergulhar no horizonte e, de súbito, imperou a escuridão.

Deixaram transcorrer mais duas horas e Jamie içou a vela. Ato contínuo, a jangada começou a deslocar-se para a costa, cujos contornos não tardaram em

descortinar ao luar pálido. O vento aumentou de intensidade e a velocidade da embarcação improvisada tornou-se quase assustadora. Em breve avistaram um gigantesco parapeito de rocha. Apesar da distância, era possível ver e ouvir a rebentação que explodia nos recifes. Constituía um espetáculo impressionante, observado de longe, e Jamie preferia não especular sobre o efeito que exerceria no seu espírito se admirado de perto. —

Tens a certeza de que o lado do mar não é vigiado? — perguntou de súbito.

Banda limitou-se a pontar para os recifes, mais desencorajadores que qualquer obstáculo que o homem pudesse conceber. Eram os guardas do mar, e nunca dormiam nem descansavam. Mantinham-se imóveis, inabaláveis, à espera que os imprudentes se aproximassem. “Havemos de os ludibriar”, refletiu Jamie. “Passaremos por cima...” A jangada levara-os até ali e continuaria a transportá-los até ao fim. A costa parecia acercar-se vertiginosamente e os dois homens começaram a sentir a ondulação das vagas gigantescas. — Levamos uma velocidade enorme — advertiu Banda, segurando-se fortemente ao mastro. — Não te preocupes. Quando estivermos mais perto, recolho a vela. Assim, passamos a ir mais devagar e ultrapassamos os recifes com facilidade.

Entretanto, o impulso do vento e das vagas aumentava, arrastando a jangada para os recifes fatais. Jamie calculou rapidamente a distância que faltava e decidiu que a ondulação os conduziria à praia sem o auxílio da vela, pelo que se apressou a arriá-la. Todavia, a velocidade não sofreu alteração. A embarcação achava-se totalmente nas garras das enormes vagas, descontrolada, lançada de uma crista para a seguinte. Os solavancos eram tão fortes que os dois tripulantes necessitavam de se segurar com ambas as mãos. Jamie previra que a etapa final se revelaria difícil, mas aquilo excedia todas as suas expectativas. Em dado momento, sentiram-se como que erguidos no espaço e propulsionados para a frente, e ele bradou: — Segura-te bem, Banda, que vamos entrar! As vagas “agarraram” a jangada como se fosse um simples fósforo e começaram a arrastá-la para terra, por cima dos recifes. De súbito, Jamie atreveu-se a olhar para baixo e avistou o gume cortante do obstáculo natural.

Ouviu-se um ruído seco, produzido pelo rasgar de metal no instante em que um dos barris contatou com os recifes e foi dilacerado implacavelmente.

— Salta para a água! — gritou Jamie.

Mergulhou para a frente e pareceu-lhe que uma mão gigantesca e irresistível o impelia como se fosse um mero boneco. Apesar de transcorrerem poucos segundos até ao instante em que experimentou o contato da areia, afigurou-se— lhe que não sairia da aventura com vida.

Por fim, soergueu-se e olhou em volta. Banda achava-se agachado a uns dez metros de distância, vomitando água do mar. Sacudindo a cabeça para dissipar o

leve aturdimento, Jamie pôs-se de pé e aproximou-se dele em passos hesitantes. — Estás bem? O negro inclinou a cabeça com lentidão e, erguendo os olhos, informou: — Não sei nadar.

Jamie ajudou-o a levantar-se e viraram-se para contemplar o recife.

Não havia vestígios da jangada. O oceano destruíra-a por completo.

Tinham conseguido introduzir-se no campo de diamantes. Mas não dispunham de qualquer meio para o abandonar.

Atrás deles encontrava-se o mar em fúria. À frente, o deserto, até ao sopé das distantes montanhas arroxeadas da cordilheira Richterveld, um mundo de ravinas, desfiladeiros e cristas, sob o luar pálido.

Antecedia-os o vale Hexenkessel (“caldeirão da bruxa”), uma área fustigada por ventos fortes constantes. Era uma paisagem primitiva, desoladora, que remontava aos primórdios do Tempo. A única indicação de que o homem visitara o local consistia numa tabuleta rudimentar pregada a uma estaca imersa na areia: “VERBODE GEBIED SPERRGEBIET”

Zona interditada.

Não existia fuga possível na direção do mar. O único caminho que lhes restava era o deserto da Namíbia. — Vamos ter de tentar atravessá-

lo e confiar na nossa boa estrela — admitiu Jamie.

— Os guardas abatem-nos ou enforcam-nos — replicou Banda, meneando a cabeça. — E mesmo que conseguíssemos evitá-los e aos cães, restavam as minas.

Estamos virtualmente mortos.

Não deixava transparecer medo. Apenas uma aceitação resignada do seu destino.

Jamie olhou-o em silêncio e sentiu-se dominado por remorsos.

Arrastara-o para aquela aventura e não se lamentara uma única vez.

Mesmo agora, consciente de que não existia salvação possível, não pronunciava uma palavra de censura. Voltando-se em seguida para a muralha de vagas enfurecidas que se desfaziam na praia, reconheceu que só um milagre explicava que tivessem chegado até tão longe.

Eram duas horas da madrugada, faltando quatro para a alvorada e a descoberta da sua presença por parte dos guardas, e continuavam inteiros.

“Demónios me levem se vou desistir!”, decidiu com firmeza.

— Vamos a isto, Banda. — A quê? — inquiriu o negro, pestanejando de perplexidade.

— Não viemos à procura de diamantes? Então, vamos a eles.

Banda fixou o olhar arregalado no companheiro de cabelos brancos encharcados colados à cabeça e calças encharcadas e rasgadas e confessou: —

Não compreendo. — Disseste que os guardas nos abatiam, não foi?

Nesse caso, mais vale que nos matem ricos do que pobres. Um milagre fez com que chegássemos até aqui. Talvez outro nos permita sair, e se tal acontecer não quero partir de mãos vazias.

— Endoideceu!

— Sem dúvida, de contrário não estávamos aqui. — Muito bem — e Banda encolheu os ombros, num gesto de resignação. — Não tenho nada que fazer até que nos descubram. Jamie despiu a camisa e o outro compreendeu e imitou-o.

— Ora bem. Onde estão esses diamantes enormes de que falaste? — Em toda a parte — afirmou o negro. — Como os guardas e os cães. — Preocupamo-nos com eles mais tarde. Quando vêm para aqui?

— Logo que amanhece. Jamie refletiu por um momento e perguntou: — Há algum setor da praia que não frequentem e onde nos possamos esconder? — Não.

— Bom, vamos ao trabalho.

Banda agachou-se e afundou os dedos na areia, fazendo-os deslizar como um ancinho. Ainda não haviam decorrido dois minutos, quando se imobilizou e extraiu uma pedra.

— O primeiro! Jamie tratou de o imitar. As duas primeiras que encontrou eram pequenas, porém a terceira devia pesar uns quinze quilates e ele olhou-a pensativamente por uns momentos. Afigurava-se-lhe incrível que semelhante fortuna pudesse ser recolhida com tanta facilidade. E tudo aquilo pertencia a Salomon van der Merwe e seus associados.

Nas três horas seguintes, os dois homens encontraram mais de quarenta diamantes, que variavam entre os dois e trinta quilates.

Entretanto, o céu começava a clarear a nascente, anunciando o momento em que Jamie projetara partir na jangada. Agora, porém, nem merecia a pena pensar nisso.

— Não tarda a amanhecer — murmurou. — Vejamos quantos mais recolhemos.

— Não viveremos para os desfrutar. Interessa-lhe morrer rico, pelo que vejo.

— Não me interessa morrer. Rico ou pobre.

Reataram as pesquisas, como que dominados por uma loucura irresistível. O monte foi-se avolumando, até que sessenta diamantes, que valiam o resgate de um rei, se reuniam nas camisas que haviam colocado na areia.

— Quer que os leve? — perguntou Banda.

— Não. Podemos repartir o peso e... — de súbito, Jamie apercebeu-se da ideia do companheiro: aquele que fosse apanhado com as pedras em seu poder teria uma morte mais lenta e dolorosa. — Levo-os eu.

Reuniu todos os diamantes na sua camisa e deu-lhe um nó cautelosamente. O horizonte apresentava-se mais claro e pairavam no firmamento tonalidades rubras prenunciadoras do aparecimento iminente do Sol.

Que deviam fazer a seguir? Permanecer ali e morrer ou aventurar-se no deserto e perder igualmente a vida?

— Toca a andar — resolveu, por fim.

Principiaram a afastar-se do mar com lentidão, olhando em volta repetidamente. — Onde começam as minas?

— Uns cem metros à nossa frente — mas naquele momento soou um latido ao longe e Banda comentou: — Não creio que mereça a pena preocuparmo-nos com elas. Os cães vêm já aí. O turno de guardas da manhã vai entrar de serviço. — Quanto tempo demoram a chegar aqui?

— Quinze minutos. Talvez dez. Entretanto, amanhecera por completo e os contornos da paisagem árida, com as montanhas ao fundo, destacavam-se com nitidez, revelando que não havia lugar algum para se ocultarem.

— De quantos homens se compõe cada turno?

— Cerca de dez — informou Banda, após um momento de reflexão.

— Não são muitos para uma praia destas dimensões.

— Bastava um. Lembre-se das armas e dos cães de que dispõem. Os guardas não são cegos nem nós invisíveis.

Os latidos aproximavam-se gradualmente e Jamie abanou a cabeça. — Lastimo ter-te envolvido nisto.

— Não envolveu.

Alcançaram uma pequena duna e ele sugeriu: — Por que não nos enterramos na areia?

— É um truque que já foi tentado. Os cães localizavam-nos e degolavam-nos. Quero uma morte rápida. Vou deixar que me vejam e começo a correr. Assim, liquidam-me com um tiro. Não estou interessado em estabelecer contato com os cães.

— Podemos morrer, mas macacos me mordam se consinto que nos lancemos nos braços da morte. Começaram a distinguir vozes ao longe. “Movam-se, bastardos indolentes!”, rugia alguém em tom irritado. “Sigam-me em fila indiana... Tiveram toda a noite para se recompor. .. São horas de trabalhar...” Apesar das palavras de encorajamento que pronunciara, Jamie descobriu que tentava afastar-se da origem da voz. Voltou-se para contemplar o mar uma vez mais e perguntou-se se o afogamento constituiria uma maneira mais fácil de morrer. De súbito, descortinou algo para além da rebentação impetuosa e, sem compreender de que se tratava, consultou Banda.

Ao largo, uma muralha cinzenta impenetrável avançava para terra, impelida

pelo poderoso vento oeste.

— É o mis do mar! — exclamou o negro. — Aparece duas ou três vezes por semana.

Entretanto, o mis continuava a acercar-se, como uma cortina cinzenta gigantesca, cobrindo o horizonte e ofuscando o céu. Ao mesmo tempo, as vozes também se aproximavam: “Den Dousani! Maldito mis. Mais um atraso. Os patrões não vão .gostar disto...”

— Temos uma possibilidade — gritou Jamie.

— Qual?

— O mis! Eles não poderão ver-nos.

— Não lucramos nada com isso. Acabará por se dissipar e nessa altura continuaremos aqui. Se os guardas não podem avançar entre as minas, nós muito menos. Por outro lado, se tentamos atravessar o deserto durante o mis, ficamos reduzidos a pedaços. Precisávamos de outro dos seus milagres. —

Talvez aconteça. O céu tornava-se cada vez mais negro sobre as suas cabeças. O mis estava perto e cobria o mar, preparando-se para tragar a praia. Apresentava um aspecto tenebroso e ameaçador à medida que rolava na direção dos dois homens, mas Jamie pensava que os salvaria.

De repente, uma voz rugiu: — Que diabo fazem vocês aí?

Voltaram-se e, no topo de uma duna, a uns cem metros deles, avistaram um homem uniformizado munido de uma espingarda. Jamie virou-se para a praia e viu que o mis estava quase sobre eles. — Vocês os dois! — volveu o guarda, erguendo a arma.

— Venham cá!

— Torci o pé — anunciou Jamie, levantando os braços.

— Não posso andar. — Deixem-se estar aí — retificou o homem, baixando a espingarda e começando a mover-se para eles.

Jamie voltou-se uma vez mais e verificou que o mis alcançara a orla da praia e prosseguia em frente rapidamente.

— Mexe-te! — indicou a Banda, e deu o exemplo principiando a correr para a praia. — Alto! No segundo imediato ouviram um estampido seco e a areia um pouco adiante deles pareceu explodir. No entanto, continuaram a correr ao encontro da enorme muralha cinzenta de nevoeiro. registrou-se nova detonação, agora mais perto, logo seguida de outra, e os dois fugitivos viram-se imersos em escuridão absoluta.

O mis do mar parecia envolvê-los, como em algodão. Tornava-se impossível enxergar coisa alguma.

As vozes soavam agora abafadas e distantes, infiltrando-se no mis, provenientes de todas as direções.

— Kruger! Sou Brent... Ouves-me?

— Muito bem, Kruger!

— São dois — volveu a primeira voz. — Um branco e um preto. Fugiram para a praia. Espalha os teus homens pelo areal. Skiet hom! Atirem a matar.

— Segura-te a mim — recomendou Jamie.

— Onde vamos? — quis saber Banda, rodeando-lhe o pulso com os dedos.

— Sair daqui! — Jamie aproximou a bússola dos olhos para conseguir distinguir o mostrador, após o que a moveu até que o ponteiro apontou para leste. — Para este lado.

— Espere! Se nos movemos e não esbarramos num guarda ou num cão, fazemos explodir uma mina.

— Disseste que estavam a uns cem metros. Afastemo-nos da praia.

Começaram a encaminhar-se para o deserto, em passos lentos e hesitantes, como cegos num local desconhecido. Jamie ia medindo a distância, detendo-se para consultar a bússola de vez em quando. Quando calculou que haviam percorrido cerca de uma centena de metros, deteve-se e disse: — As minas devem principiar mais ou menos aqui. Sabes se estão dispostas segundo uma maneira definida? Ocorre-te alguma coisa que nos possa ser útil? — Uma oração. Ninguém conseguiu transpor o campo de minas, até hoje. Estão dispersas por todos os lados, a uns quinze centímetros de profundidade. Vamos ter de ficar aqui até que o mis se dissipe e entregar-nos.

Entretanto, Jamie distinguia as vozes envoltas em algodão: — Mantém o contato vocal, Kruger!

— Entendido, Brent.

— Kruger...

— Brent...

Vozes sem corpos que se chamavam mutuamente no nevoeiro impenetrável. A mente de Jamie desenvolvia atividade frenética, explorando todas as possibilidades de fuga possíveis. Se se mantivessem ali, seriam abatidos instantaneamente no momento em que o mis levantasse. Se tentassem aventurar-se no campo minado, voariam em pedaços. — Alguma vez viste as minas? — perguntou a meia-voz.

— Ajudei a enterrar várias.

— O que as faz explodir?

— O peso de quem as pisa. Tudo o que pesa mais de quarenta quilos é suficiente.

É por isso que os cães não correm perigo. — Talvez se arranje uma maneira de nos safarmos — murmurou, depois de encher os pulmões de ar. — O êxito não é garantido. Queres arriscar-te comigo?

— Que ideia se lhe meteu na cabeça?

— Vamos atravessar o campo de minas rastejando. Assim, distribuímos o peso do corpo por uma superfície mais ampla. — Santo Deus!

— Que te parece?

— Parece-me que devia estar doido para o seguir até aqui.

— Vens ou não?

— Que remédio! — assentiu Banda, com um suspiro. Jamie deitou-se cautelosamente de bruços e, após um momento de hesitação, o companheiro imitou-o. Em seguida, principiaram a rastejar com a máxima prudência em direção ao campo de minas.

— Não exerças pressão só com as mãos e as pernas — recomendou Jamie. — Distribui o peso por todo o corpo.

Banda não replicou, totalmente concentrado na suprema operação de permanecer vivo.

Encontravam-se num vácuo cinzento e sufocante que tornava impossível enxergar coisa alguma. Podiam colidir com um guarda, um cão ou uma mina a todo o instante, mas Jamie esforçava-se por afastar semelhante hipótese do pensamento. O avanço desenrolava-se com lentidão pungente.

Achavam-se ambos de tronco nu e a areia roçava-lhes desagradavelmente no estômago enquanto rastejavam. Ele tinha plena consciência das reduzidas probabilidades de escaparem. Mesmo que lograssem atravessar o deserto sem serem alvejados ou voarem em pedaços, teriam de enfrentar a vedação de arame farpado e os guardas armados na torre de vigilância. E tornava-se impossível prever a duração do mis, que podia dissipar-se a todo o momento e expô-los.

Continuaram a rastejar, até que perderam a noção do tempo. Os milímetros convertiam-se em centímetros e estes em metros. Além disso, viam-se forçados a conservar a cabeça junto do solo, pelo que os olhos, o nariz e as orelhas não tardaram a encher-se de areia e o ato de respirar representava um esforço penoso.

Entretanto, ao longe, as vozes dos guardas persistiam: “Kruger...

Brent... Kruger... Brent...” Os dois homens detinham-se para descansar e consultar a bússola com frequência, após o que reatavam a marcha.

Acudia-lhes uma tentação quase irresistível de progredir mais depressa, mas isso exigiria maior pressão no solo, e Jamie podia imaginar os fragmentos de metal explodindo debaixo dele e introduzindo-se-lhe no ventre. De vez em quando, detetavam outras vozes em redor, mas as palavras eram abafadas pelo nevoeiro e tornava-se impossível determinar a sua origem exata. “É um deserto enorme”, refletia. “Não vamos esbarrar em ninguém.” De súbito, um vulto saltou-lhe em cima. O fato registrou-se de modo tão abrupto que o colheu desprevenido e sentiu os dentes do possante lobo-da-alsácia cravarem-se-lhe no

braço. Jamie largou os diamantes contidos na camisa e tentou abrir as mandíbulas do animal, mas apenas dispunha de uma das mãos livre.

Quase ao mesmo tempo, notou o sangue quente que deslizava pelo braço. Por fim, ouviu uma espécie de baque e a pressão dos dentes atenuou-se e acabou por se extinguir. Por entre a névoa de dor, Jamie viu Banda continuar a atingir a cabeça do cão com o saco de diamantes, até que este ficou imóvel.

— Como se sente? — sussurrou o negro, com ansiedade. Jamie não conseguiu responder, mantendo-se estendido de bruços, na expectativa de que as vagas de dor se atenuassem. Banda rasgou um pedaço de tecido das calças e improvisou um torniquete para que o sangue estancasse.

— Temos de prosseguir — advertiu. — Se apareceu um, deve haver mais nas proximidades.

Jamie concordou com um movimento de cabeça e, lentamente, moveu o corpo para a frente, esforçando-se por ignorar o intenso latejar no braço.

Mais tarde, não conseguiu evocar o mínimo pormenor do resto do percurso.

Estava semiconsciente, um autómato. Algo fora dele lhe orientava os movimentos: “Braços para diante... braços para diante... braços para diante...” Era uma odisseia de agonia interminável. A bússola achava-se agora em poder de Banda, e quando o companheiro começava a rastejar na direção errada, apressava-se a modificar-lhe o rumo com suavidade. Estavam rodeados por guardas, cães e minas, e só o mis lhes proporcionava segurança, ainda que precária. Continuaram a avançar até que as forças se lhes esgotaram, incapazes de cobrir sequer mais um centímetro.

Resolveram então dormir. Quando Jamie abriu os olhos, registrara-se uma modificação. Conservou-se estendido na areia, o corpo rígido e dorido, tentando recordar-se onde estava. Ao avistar Banda adormecido a dois metros dele, a situação reapareceu-lhe no espírito.

A jangada desfeita contra os recifes... o mis proveniente do mar... Mas existia algo de insólito. Soergueu-se e tentou determinar de que se tratava. De súbito, sentiu uma contração no estômago. “Conseguia ver Banda! O insólito era precisamente isso. O mis começava a dissipar-se!” Ouviu vozes nas proximidades e, esquadrinhando o nevoeiro, cada vez mais ténue, verificou que se achavam perto da entrada do campo de diamantes. Avistou a torre de vigia e a vedação de arame farpado mencionadas por Banda. Um grupo de cerca de seis dezenas de trabalhadores movia-se do campo para o portão. Tinha terminado o seu período de serviço e o turno seguinte preparava-se para entrar.

Jamie ergueu-se de joelhos, acercou-se do companheiro e acordou-o, apontando a torre e o portão.

— Raios! — articulou entre dentes, incrédulo. — Quase conseguimos.

— Podes suprimir o quase. Passame os diamantes.

— Não compreendo — confessou, obedecendo.

— Segue-me.

— Os guardas armados do portão descobrem que não fazemos parte do pessoal.

— Estou a contar precisamente com isso. Os dois homens avançaram em direção aos guardas, movendo-se entre a fila de trabalhadores que saíam e a dos que chegavam, os quais trocavam frases sarcásticas.

— Vocês vão-se esfolar a trabalhar, enquanto nós dormimos por causa do mis...

— Como conseguiram mandar vir o mia, felizardos?

— Deus ouviu-nos, mas vocês escusam de contar com Ele. Jamie e Banda alcançaram o portão, onde se encontravam dois corpulentos guardas armados, que canalizavam os trabalhadores regressados do campo para um pequeno barracão, a fim de serem revistados.

Jamie segurou com mais força a camisa que tinha na mão, abriu caminho por entre a fila de trabalhadores e dirigiu-se a um dos guardas: — Quem devemos procurar para obter trabalho?

— Que fazem aqui dentro? — rugiu o interpelado, enquanto Banda se esforçava por não deixar transparecer o assombro.

— Viemos procurar trabalho. Ouvi dizer que havia uma vaga para guarda e o meu criado pode escavar. Portanto...

— Toca a andar daqui para fora! — vociferou o guarda.

— Mas precisamos trabalhar, e garantiram-me... — volveu Jamie. — Não leu a tabuleta em que se proíbe a entrada? Desapareçam! — e o homem apontou para um carro de bois que começava a encher-se de trabalhadores: — Dirijam-se a Port Nolloth. Se querem trabalho, têm de se inscrever nos escritórios da companhia. — Está bem — aquiesceu Jamie, com um encolher de ombros de resignação. E, com um sinal a Banda, transpôs a saída em direção ao carro.

— Patetas — resmungou o guarda, meneando a cabeça. Dez minutos depois, Jamie e Banda achavam-se a caminho de Port Nolloth, levando diamantes cujo valor não era inferior a meio milhão de libras.

A dispendiosa carruagem percorria a poeirenta artéria principal de Klipdrift, puxada por dois belos cavalos baios. Segurava as rédeas um homem de porte atlético, cabelos, barba e bigode brancos como a neve, trajado com a máxima elegância. Usava chapéu alto cinzento e no dedo mindinho exibia um anel com um brilhante reluzente. Parecia um forasteiro, mas não era. Klipdrift mudara consideravelmente desde que Jamie McGregor partira, havia um ano. Decorria o ano de 1884 e transformara-se de um vasto acampamento numa pequena cidade.

O caminho-de-ferro fora completado da Cidade do Cabo até Hopetown, com um ramal que servia Klipdrift, o que criara uma nova vaga de imigrantes. A localidade apresentava-se ainda mais povoada do que Jamie a recordava, mas os habitantes pareciam diferentes. Continuava a haver muitos pesquisadores, mas também se viam homens de trajos irrepreensíveis e mulheres elegantes entrando e saindo de lojas. Tudo indicava que Klipdrift adquirira uma patina de respeitabilidade.

Jamie passou diante de três novas salas de baile e meia dúzia de saloons de criação recente. Depois de deixar para trás a igreja, uma barbearia de luxo e um hotel suntuoso chamado Grand, deteve a carruagem à entrada de um banco, apeou-se e confiou as rédeas a um garoto nativo.

10

— Dá-lhes de beber — e, em seguida, entrou, anunciando ao gerente em voz alta: — Quero depositar cem mil libras.

O fato difundiu-se com prontidão, como Jamie calculava, e quando abandonou o banco e entrou no saloon Sundowner era o fulcro da curiosidade geral. O interior do estabelecimento não se alterara. Encontrava-se repleto de gente, e olhos curiosos acompanharam-no quando se encaminhava para o bar.

— Que deseja tomar? — perguntou Smit, com uma inclinação de cabeça de deferência.

— Uísque — informou Jamie, satisfeito por verificar que o bartender não o reconhecia. — O melhor que tiver.

— Sim, senhor — e Smit apressou-se a comprazê-lo. — Acaba de chegar à cidade?

— Exato.

— De passagem?

— Não. Constou-me que era propícia para efetuar investimentos.

— Não encontra melhor — e o olhar do homem iluminou-se. — Uma pessoa com cem... com dinheiro pode safar-se muito satisfatoriamente. Talvez até lhe seja útil, se aceitar as minhas recomendações.

— Sim? Como?

— Conheço o homem que governa praticamente a cidade — inclinou-se para a frente e assumiu uma expressão conspiratória. — É presidente do Conselho da cidade e diretor da Comissão de Cidadãos. Chama-se Salomon van der Merwe.

— Não sei quem seja — declarou Jamie, depois de levar o copo aos lábios.

— É dono do armazém de artigos gerais do outro lado da rua. Pode indicar-lhe alguns investimentos vantajosos. Penso que não perdia nada em o procurar. Voltou a servir-se do copo e indicou em voz átona: — Mande-o chamar. — Sim, senhor — assentiu o bartender, abarcando o anel e o alfinete de brilhantes na gravata do interlocutor. — Posso revelar-lhe o seu nome?

— Ian Travis.

— Muito bem, Mr. Travis. Estou certo de que Mr. Van der Merwe desejará conhecê-lo — e tornou a encher o copo. — Entretenha-se com isto, enquanto aguarda. Oferta da casa.

Jamie conservou-se sentado num dos bancos do balcão, consciente de que todos o observavam. Muitos homens tinham partido de Klipdrift ricos, mas nenhum tão obviamente abastado chegara até então.

Tratava-se de uma experiência nova.

Transcorridos quinze minutos, Smit reaparecia, acompanhado por Salomon van der Merwe, o qual avançou de mão estendida para o desconhecido de barba e cabelos brancos.

— Tenho muito gosto em conhecê-lo, Mr. Travis. Jamie estreitou-a, ao mesmo tempo que tentava

detectar um indício de reconhecimento, que não se verificou. No fundo, não estava surpreendido, pois não restava coisa alguma do rapaz de dezoito anos ingénuo e idealista.

O bartender conduziu os dois homens para uma mesa isolada e, mal se sentaram, Van der Merwe proferiu: — Segundo entendi, tenciona efetuar investimentos em Klipdrift, Mr. Travis.

— É possível.

— Talvez lhe possa ser útil. É preciso muita cautela, pois anda por aí gente sem escrúpulos.

— Não duvido — aquiesceu Jamie, olhando o holandês com firmeza.

Afigurava-se-lhe irreal estar ali sentado, trocando impressões amenas com o homem que lhe roubara uma fortuna e depois tentara assassiná-lo. O ódio que Van der Merwe lhe inspirava consumira-o ao longo de um ano e a sede de vingança fora a única coisa que o mantivera vivo. Agora, o alvo das suas diligências encontrava-se na iminência de sentir os efeitos dessa vingança.

— Se me permite a indiscrição, Mr. Travis, quanto pensa investir?

— Aí umas cem mil libras, para principiar — informou Jamie, com desprendimento, ao mesmo tempo que via Van der Merwe umedecer os lábios. — Mais tarde, talvez umas trezentas ou quatrocentas mil.

— É natural que consiga investimentos muito satisfatórios, com essas quantias. Desde que obedeça a uma orientação apropriada — apressou-se o holandês a acrescentar. — Tem alguma ideia daquilo que prefere?

— Primeiro, gostava de lançar uma olhadela às oportunidades existentes.

— É uma atitude prudente. Se aceitar o convite para jantar comigo esta noite,poderemos discutir o assunto mais a fundo. Minha filha cozinha uns petiscos deliciosos.

— Com o maior prazer — acedeu Jamie, com um sorriso, enquanto refletia: “Nem fazes uma ideia do prazer que vou sentir!” A “operação vingança” principiara.

A viagem do campo de diamantes da Namíbia para a Cidade do Cabo decorrera sem problemas. Jamie e Banda tinham feito escala por uma pequena povoação do interior, onde um médico tratou o braço do primeiro, e daí prosseguiram até à Cidade do Cabo. O trajeto caracterizou-se pelo desconforto, mas a euforia que dominava os dois homens permitiu-lhes ignorá-lo. No final da viagem, Jamie instalou-se no luxuoso Royal Hotel de Plein Street (“preferido por sua excelência o duque de Edimburgo”), onde lhe concederam a suite real.

— Mande chamar o melhor barbeiro da cidade — indicou ao recepcionista. — Depois, preciso de um alfaiate e um sapateiro.

— Imediatamente — prometeu o homem.

“É incrível e maravilhoso o que se consegue com o dinheiro!”, cogitou Jamie, com uma ponta de amargura.

A casa de banho da suite real era um autêntico paraíso, e ele conservou-se imerso em água tépida demoradamente, ao mesmo tempo que recapitulava os acontecimentos das últimas semanas. Tinham passado apenas semanas desde que construíra a jangada com Banda?

Na realidade, pareciam-lhe anos. Evocou a viagem na frágil embarcação, assediada por tubarões e destruída pelos recifes, o mis do mar que os protegera dos guardas e dos cães, embora não evitasse que um dos animais lhe cravasse os dentes no braço, as vozes à sua volta, que lhe perdurariam nos ouvidos para sempre: Kruger... Brent... Kruger... Brent...

No entanto, acima de tudo, pensava em Banda. O seu amigo.

Quando desembarcaram na Cidade do Cabo, Jamie rogou-lhe que continuasse com ele, mas o negro abanou a cabeça.

— A vida é muito monótona a seu lado. Quero ir para um lugar onde haja certa excitação.

— Que pensas fazer?

— Graças a si e ao seu maravilhoso plano para superar recifes numa jangada, tenciono comprar uma herdade, procurar uma esposa e ter muitos filhos.

— Como queiras. Vamos ao diamaní kooper, para que te entregue a tua parte. — Não quero.

— Que estás aí a dizer? — Jamie enrugou a fronte. — Metade dos diamantes pertence-te. És milionário.

— Repare na minha pele. Se me tornasse milionário, a minha vida não valia um chavo, — Podes esconder alguns dos diamantes.

— Só preciso dos suficientes para comprar uma herdade e dois bois para trocar por uma esposa. Dois ou três diamantes mais pequenos bastam para conseguir o que pretendo. Os restantes são seus. — É impossível. Não podes prescindir da tua parte.

— Posso, sim, porque me vai entregar Salomon van der Merwe.

Jamie contemplou Banda em silêncio por um longo momento e assentiu: — Prometo. — Nesse caso, vamos despedir-nos, meu amigo — e apertaram a mão. — Voltaremos a encontrar-nos. Para a próxima vez, pense numa coisa realmente excitante para fazermos. E o negro afastou-se com três pequenos diamantes na algibeira.

Jamie enviou à família uma ordem de pagamento no valor de vinte mil libras, comprou a melhor carruagem e a melhor parelha de cavalos que conseguiu encontrar e seguiu para Klipdrift.

Chegara o momento da vingança.

Naquela noite, quando entrou na loja do holandês, Jamie McGregor foi assolado por uma sensação tão desagradável e violenta que teve de fazer uma pausa para se dominar.

Van der Merwe surgiu da sala contígua e, quando viu quem era, o rosto iluminou-se-lhe.

— Seja bem-vindo, Mr. Travis!

— Obrigado, Mr.... desculpe, não me recordo do seu nome.

— Salomon van der Merwe. Não necessita de se desculpar. Os nomes holandeses são difíceis de fixar. O jantar está pronto. Margaret! Na verdade, nadase alterara. A rapariga encontrava-se junto do fogão, de costas para a entrada.

— Está aqui o convidado de que te falei — acrescentou o pai. — Mr. Travis.

Ela voltou-se e murmurou a fórmula habitual em semelhantes circunstâncias, sem deixar transparecer o mínimo indício de reconhecimento.

Naquele momento, a campainha da entrada soou e Van der Merwe proferiu: — Com licença. Não me demoro. Esteja como em sua casa, Mr. Travis — e precipitou-se para a loja.

Margaret levou uma caçarola fumegante com legumes e carne para a mesa e em seguida foi buscar o pão, enquanto Jamie a observava em silêncio. Desenvolvera-se notavelmente desde a última vez que a vira. Tornara-se mulher, com uma sexualidade que outrora não possuía.

— Seu pai diz que é uma excelente cozinheira. — Faço o possível — murmurou ela, corando.

— Há muito que não saboreio comida caseira e confesso que sinto o apetite aguçado. Jamie tomou da mão da rapariga um prato com manteiga e pousou-o na mesa, provocando-lhe uma admiração que a deixou boquiaberta, pois nunca vira um homem colaborar nas atividades próprias das mulheres, e atreveu-se pela primeira vez a olhar o desconhecido de frente. O nariz deformado e uma cicatriz alteravam o aspecto geral do rosto, que se podia considerar bem-parecido. Os olhos eram cinzentos e brilhavam com inteligência e uma intensidade ardente. Os cabelos brancos indicavam que não se tratava de um jovem, apesar de haver algo de juvenil nele. Era alto e forte e...

neste ponto das apreciações, Margaret desviou os olhos, perturbada.

Van der Merwe não tardou a reaparecer, esfregando as mãos de satisfação.

— Já fechei a loja. Sentemo-nos para apreciar uma boa refeição — e indicou o lugar de honra a Jamie, acrescentando: — Oremos.

Fecharam os olhos e Margaret voltou a abri-los quase imediatamente, a fim de poder prosseguir o exame ao elegante desconhecido, enquanto a voz do pai articulava, em inflexão monocórdica: — Todos somos pecadores aos teus olhos, Senhor, e temos de ser castigados. Concede-nos forças para suportar as provações na Terra, a fim de podermos desfrutar dos frutos do Céu, quando formos chamados. Agradecemos-te, Senhor, por auxiliares aqueles de nós que merecem prosperar.

Amém! — e, em seguida, começou a servir, mas desta vez as doses de Jamie revelavam-se muito mais generosas. — É a sua primeira visita a estas paragens, Mr. Travis? — Sim — assentiu Jamie. — A primeira.

— Suponho que não o acompanha sua esposa?

— Não sou casado — declarou, com um sorriso. — Ainda não encontrei quem me quisesse.

“Só uma louca o rejeitaria”, pensou Margaret, baixando os olhos, com receio de que o forasteiro adivinhasse a natureza das suas cogitações.

— Klipdrift é uma cidade de grandes oportunidades — volveu Van der Merwe. — Extraordinárias, mesmo.

— Estou ansioso por que mas mostrem — disse Jamie, com um olhar a Margaret, que corou.

— Se não considera a pergunta impertinente, como obteve a sua fortuna? A rapariga sentia-se embaraçada com a curiosidade excessiva do progenitor, mas Travis não parecia contrariado. — Herdei-a de meu pai — explicou com naturalidade.

— Mas estou certo de que possui larga experiência de negócios. — Nem por isso. Preciso que me orientem.

— Foi o destino que nos reuniu — proclamou Van der Merwe, com visível satisfação.

— Tenho muitos conhecimentos úteis. Quase lhe posso garantir que duplicarei o seu dinheiro em poucos meses — e inclinou-se para a frente, dando uma palmada amigável no braço de Jamie. — Palpita-me que este dia ficará gravado na nossa memória! — fez uma pausa, enquanto o interlocutor se limitava a esboçar um sorriso. — Instalou-se no Grande Hotel, claro?

— Exato.

— É criminosamente dispendioso. No entanto, para uma pessoa com as suas posses...

— Ouvi dizer que o campo é muito bonito, nesta região. Posso pedir-lhe que consinta que sua filha me sirva de cicerone?

Margaret sentiu o coração palpitar-lhe desordenadamente, enquanto o pai enrugava a fronte e articulava: — Bem, não sei...

Uma das regras imutáveis de Salomon van der Merwe consistia em não permitir que a rapariga estivesse a sós com um homem. Todavia, no caso de Mr. Travis, admitia-se perfeitamente uma excepção. Com tudo o que se achava em jogo, não convinha que se mostrasse pouco hospitaleiro.

Assim, declarou: — Posso dispensá-la da loja por uma ou duas horas. Acompanharás o nosso convidado, Margaret?

— Se o desejar, pai — murmurou ela.

— Então, fica combinado — disse Jamie. — Às dez horas, está bem? Quando o convidado alto e elegantemente vestido se retirou, Margaret levantou a mesa e pôs-se a lavar a loiça, imersa num aturdimento aprazível. “Ele deve julgar-me pateta!” Tentou recordar as suas intervenções na conversa desenrolada durante o jantar e não conseguiu encontrar uma única. Dir-se-ia que ficara com a língua imobilizada. Porquê? Porventura não atendera centenas de clientes do sexo masculino, na loja, sem se portar como uma imbecil? Em todo o caso, nenhum a olhava como Ian Travis.

“Todos os homens têm o mal no seu íntimo, Margaret. Não permitirei que te corrompam a inocência!” As advertências do pai nunca lhe abandonavam o pensamento. Seria essa a causa da sua atitude? Da debilidade e do tremor que experimentara sempre que o forasteiro a contemplara? Pretenderia corromper-lhe a inocência? A possibilidade fez com que sentisse o corpo percorrido por uma emoção deliciosa.

Baixou os olhos para o prato que acabava de lavar pela terceira vez e sentou-se à mesa. Jamais, como naquele momento, lamentava que a mãe já não vivesse.

Ela teria compreendido. Embora estimasse o pai, Margaret tinha por vezes a sensação opressiva de que era sua prisioneira. Preocupava-a o fato de não consentir que um homem se lhe acercasse. “Nunca casarei”, receou. “Pelo menos, enquanto ele viver.” Os pensamentos rebeldes suscitaram-lhe uma noção de culpa e, depois de dar as boas-noites a Van der Merwe apressadamente, recolheu ao quarto.

Estudou o rosto no pequeno espelho circular pendurado na parede e comprimiu os lábios num leve sorriso de amargura. Não acalentava ilusões quanto ao seu aspecto. Não era bonita, embora possuísse uma figura interessante, olhos atraentes e malares salientes. Que teria Ian Travis visto quando a contemplara? Começou a despir-se e imaginou-o na sua frente, admirando-lhe a nudez.

Margaret acariciou os seios, cujos bicos começavam a endurecer, e em seguida fez deslizar as mãos ao longo do corpo, até as imobilizar entre as pernas. Passou a agitá-las com rapidez crescente e assolou-a uma sensação quase frenética que a obrigou a estender-se na cama a balbuciar o nome dele. Quando percorriam a cidade na carruagem de Jamie, este admirava-se uma vez mais com as modificações registradas. Onde outrora houvera apenas um mar de tendas, erguiam-se agora construções sólidas de madeira, com telhados

de chapa ondulada ou colmo.

— Klipdrift parece muito próspera — observou no momento em que seguiam pela rua principal.

— Um recém-chegado deve achá-la interessante — admitiu Margaret, ao mesmo tempo que pensava: "Até agora, eu não a suportava." Por fim, abandonaram a cidade em direção à zona mineira ao longo do rio Vaal.

As chuvas tinham convertido o campo num vasto jardim colorido repleto de plantas exóticas que não podiam ser admiradas em qualquer outra parte do mundo. Quando passavam diante de um grupo de pesquisadores, já-mie perguntou: — Têm encontrado diamantes grandes, ultimamente?

— Alguns. Cada vez que há notícia de um achado importante, aparecem centenas de novos pesquisadores. Na sua maioria, partem pobres e desiludidos — e a rapariga considerou que o devia prevenir do perigo. — Meu pai não gostaria de me ouvir dizer isto, mas penso que é uma ocupação horrível.

— Para alguns, provavelmente — admitiu ele. — Para alguns.

— Tenciona permanecer muito tempo entre nós?

— Sim.

— Ótimo — e ela sentiu o coração regozijar-se, mas tratou de acrescentar com prontidão: — Meu pai ficará satisfeito, quando souber.

Passearam durante toda a manhã e, de vez em quando, detinham-se, e Jamie trocava impressões com pesquisadores, muito dos quais reconheciam Margaret e se lhe dirigiam respeitosamente. Por seu turno, ela mostrava-se mais comunicativa do que na presença do pai. —

É muito conhecida — comentou ele, em dado momento.

— Recordam-se de me ver, quando aparecem na loja para negociar com meu pai — alegou Margaret, corando. — Ele fornece equipamento à maior parte dos pesquisadores.

Jamie não insistiu no assunto, mais interessado com o que se lhe deparava em redor. O caminho-de-ferro exercera uma influência decisiva na prosperidade de Klipdrift. Um novo consórcio, denominado De Beers, em homenagem ao agricultor em cujo terreno fora descoberto o primeiro diamante, absorvera a firma rival, pertencente a um indivíduo chamado Barney Barnato, e desenvolvia notável atividade para consolidar as centenas de pequenos lotes numa única organização.

Recentemente, fora descoberto ouro nas proximidades de Kimberley, além de manganésio e zinco, e Jamie estava convencido de que aquilo era apenas o começo, pois a África do Sul constituía um tesouro de minerais. Na verdade, deparavam-se oportunidades incríveis a um homem de visão. Quando regressaram, principiava a anoitecer e, no momento em que imobilizou a carruagem à entrada da loja de Van der Merwe, Jamie declarou: — Teria o maior prazer em que você e seu pai jantassem comigo no hotel, esta noite.

— Hei-de dizer-lhe — prometeu a rapariga, esforçando-se por dissimular a satisfação. — Oxalá concorde. Obrigada pelo dia encantador, Mr. Travis!

E afastou-se apressadamente. Jantaram os três na vasta sala do novo Grande Hotel e, olhando em volta, Van der Merwe comentou: — Não percebo como toda esta gente se pode permitir o luxo de comer aqui.

Jamie pegou na ementa e lançou-lhe uma olhadela superficial. Um bife custava uma libra e quatro xelins, uma única batata quatro xelins e uma fatia de tarte de maçã dez.

— São uns ladrões! — prosseguiu o holandês. — Meia dúzia de refeições aqui bastam para levar um homem à miséria.

Jamie perguntou-se a si mesmo o que seria necessário para conduzir Van der Merwe à miséria, e achava-se disposto a averiguá-lo. Quando encomendaram o jantar, notou que escolhia as iguarias mais dispendiosas da ementa. Por sua vez, Margaret contentou-se com uma sopa pouco espessa, pois sentia-se demasiado excitada para comer. Em dado momento, baixou os olhos para as mãos, recordou-se do que fizera com elas na véspera e experimentou uma sensação de culpa.

— Não receie levar-me à bancarrota — ironizou Jamie. — Peça o que lhe apetecer.

— Obrigada, mas não tenho apetite — murmurou ela, corando.

O pai apercebeu-se da vermelhidão nas faces da rapariga e fixou nela o olhar, com uma expressão grave.

— Minha filha é uma rapariga invulgar, Mr. Travis.

— Estou inteiramente de acordo.

Estas palavras tornaram Margaret tão contente que nem a sopa conseguiu tragar.

O efeito que Ian Travis exercia nela era incrível. Detetava insinuações encobertas em todas as suas palavras e gestos. Se lhe sorria, significava que a apreciava profundamente; se enrugava a fronte, nutria-lhe aversão. As sensações da rapariga eram um termómetro emocional cujo mercúrio não se fixava numa temperatura por muito tempo.

— Viu alguma coisa de interessante, hoje? — perguntou Van der Merwe.

— Não, nada de especial — replicou Jamie.

— Esta vai ser a região do mundo que se desenvolverá mais depressa — volveu o holandês, inclinando-se para a frente. — Uma pessoa de ideias lúcidas deve investir aqui imediatamente. O caminho-de-ferro há-de transformar Klipdrift numa segunda Cidade do Cabo. — Não sei — disse Jamie, com uma expressão de dúvida. — Conheço muitos lugares como este que prosperaram de um dia para o outro e se afundaram com a mesma rapidez. Não estou interessado em investir dinheiro numa cidade-fantasma. — Isso nunca acontecerá aqui. Aparecem diamantes em número cada vez mais elevado. E ouro. — Mas por quanto tempo? — argumentou, com um encolher de ombros.

— É claro que ninguém pode fazer uma profecia dessa natureza, mas... — Exatamente. — Não tome uma decisão precipitada — advertiu Van der Merwe. — Custava-me vê-lo desperdiçar uma oportunidade como esta. — Talvez precise de refletir um pouco — admitiu Jamie, após um momento de ponderação. — Posso voltar a contar consigo amanhã, Margaret? Van der Merwe abriu a boca para objetar, mas mudou de ideias ao recordar as palavras de Mr. Dhorensen, o banqueiro: “Ele apareceu no meu gabinete para depositar cem mil libras e disse que em breve se seguiriam outras!”

Por fim, a cobiça sobrepôs-se a todas as outras considerações e declarou: — Com certeza que pode.

Na manhã seguinte, Margaret enfiou o vestido dos domingos, a fim de se encontrar com Jamie. No entanto, quando a viu, o pai corou de fúria e rugiu: — Queres que ele te julgue uma depravada empenhada em lhe suscitar pensamentos inconfessáveis? Trata-se de negócios, rapariga. Despe isso e veste a roupa de todos os dias.

— Mas, pai...

— Já!

Ela meneou a cabeça, com uma expressão amargurada.

— Está bem, pai.

Van der Merwe viu-os partir, vinte minutos mais tarde, e perguntou a si próprio se não estaria a cometer um erro.

Desta vez, Jamie conduziu a carruagem no sentido oposto, onde havia sinais de desenvolvimento por toda a parte. “Se as descobertas de minerais continuam, uma pessoa pode ganhar mais dinheiro com a construção de imóveis do que com diamantes ou ouro. Klipdrift vai precisar de mais bancos, hotéis, saloons, lojas, bordéis...” De súbito, apercebendo-se de que Margaret o olhava com uma expressão de curiosidade, perguntou: — Aconteceu alguma coisa?

— Não, não... — murmurou ela, e apressou-se a desviar os olhos. Ele observou-a atentamente e notou-lhe o esplendor, aliado a uma sensação de isolamento, de solidão. Era uma mulher sem homem.

Ao meio-dia, desviaram-se da estrada para uma área arborizada nas proximidades de um pequeno curso de água e detiveram-se debaixo de um baobabe. Faziam-se acompanhar de uma cesta de piquenique, cujo conteúdo Margaret colocou sobre uma toalha, que estendeu no relvado.

— É um banquete! — exclamou, ao ver a abundância de iguarias. — Não mereço isto, Mr. Travis...

— Merece muito mais — asseverou Jamie. Segurou-lhe o rosto entre as mãos com ternura. — Olhe para mim, Margaret. Ela obedeceu com relutância e, de repente, antes que o pudesse evitar, sentiu uns lábios vorazes colados aos seus.

Transcorridos uns momentos, desprendeu-se e balbuciou: — Não... não podemos... iríamos para o inferno...

— Para o Céu!

— Tenho medo...

— Não há nada a recear. Vê os meus olhos? Podem espreitar para o interior dos seus. Há lá o desejo de

fazer amor comigo. E não o podemos nem devemos evitar. Pertences-me, Margaret. Repete: pertenço a Ian. Vá...

— Pertenço... a Ian.

Os lábios voltaram a unir-se e Jamie principiou a desprender os botões das costas do vestido. Em poucos segundos, ela encontrava-se desnuda. A passagem trémula de adolescente para mulher constituiu uma experiência excitante, inebriante, que a levou a sentir-se mais viva que nunca.

"Recordarei este momento para sempre", pensou. "Nenhuma mulher pode amar tanto como eu este homem!" Naquela noite, Jamie e Van der Merwe encontravam-se sentados a uma mesa do canto do Sundowner, e o primeiro anunciou: — Você tinha razão. As possibilidades nesta terra talvez sejam maiores do que eu supunha.

— Sempre calculei que acabaria por se aperceber disso, Mr. Travis — replicou o holandês, com um sorriso de satisfação.

— Que me aconselha?

Olhou em redor e baixou a voz: — Chegou-me hoje ao conhecimento que descobriram uma nova jazida de diamantes ao norte de Pniel. Ainda há dez lotes disponíveis, que podemos dividir pelos dois. Eu entro com cinquenta mil libras por cinco e você com idêntica quantia pelos restantes. Garantiram-me que os diamantes são aos montes. Podemos arrecadar milhões de um dia para o outro. Que acha? Jamie abarcava a situação com a maior clareza. Van der Merwe ficaria com os lotes aproveitáveis e ele com os outros. Além disso, estava convencido de que o interlocutor não arriscaria um único xelim.

— Parece interessante. Quantos pesquisadores estão envolvidos?

— Apenas dois.

— Por que é necessário tanto dinheiro? — perguntou inocentemente.

— Eles conhecem o valor dos lotes, mas não dispõem de fundos para os explorar. Assim, entregamos-lhes cem mil libras e deixamo-los conservar vinte por cento dos seus campos. Van der Merwe introduziu os vinte por cento com tanta subtileza que quase passaram despercebidos. Jamie não duvidava de que os pesquisadores ficariam com os seus diamantes e o dinheiro, os quais iriam parar às mãos do holandês. — Temos de agir rapidamente — advertiu este último. — Assim que a coisa transpirar... — Não podemos deixar escapar a oportunidade — aquiesceu Jamie.

— Vou mandar redigir os contratos imediatamente. "Em africâner, sem dúvida!" Como lhe convinha manter o novo sócio satisfeito, Van der Merwe deixou de objetar a que Jamie saísse com Margaret.

Entretanto, esta sentia-se cada vez mais apaixonada por ele. Era a última pessoa em que pensava antes de adormecer e a primeira que lhe acudia ao espírito quando, de manhã, abria os olhos. Jamie despertara-lhe uma sensualidade de cuja existência ela nem suspeitava. Dir-se-ia que descobrira subitamente a verdadeira finalidade do seu corpo, e tudo aquilo que lhe haviam ensinado a considerar pecado tornava-se glorioso, destinado a proporcionar-lhe prazer.

Nos arrabaldes arborizados da cidade, resultava fácil encontrar lugares isolados para se entregarem a atividades sexuais, e sempre que tal acontecia Margaret sentia-se tão excitada como na primeira vez.

Não obstante, a sombra ominosa do pai continuava a flagelar-lhe o pensamento. Salomon van der Merwe era um membro importante da Igreja Presbiteriana holandesa, e a rapariga sabia que, se as suas relações com Ian Travis fossem descobertas, não haveria perdão possível. Na comunidade em que viviam, só existiam dois tipos de mulheres, as sérias e as prostitutas, e as primeiras não permitiam que os homens lhes tocassem antes da noite de núpcias. Por conseguinte, considerá-la-iam prostituta.

Assim, a preocupação crescente obrigou-a a abordar a questão do casamento.

Seguiam na carruagem ao longo do rio Vaal, quando aventurou: — Sabes como te amo... — interrompeu-se, embaraçada. — Que pensas acerca do casamento?

— Sou a favor, sem dúvida — replicou ele, sorrindo. — Inteiramente.

Margaret sorriu e refletiu que aquele momento era o mais feliz da sua vida. Domingo de manhã, Van der Merwe convidou Jamie a acompanhá-lo e à filha à Igreja. A Nederduits Hervormde Kerk era um edifício impressionante de estilo vagamente gótico, com o púlpito numa das extremidades da sala e um órgão enorme na outra. Quando transpuseram a entrada, o holandês foi saudado com profundo respeito.

— Ajudei a construir este templo — confidenciou a Jamie, sem dissimular o orgulho. — Sou um diácono.

O sermão achava-se impregnado de enxofre e fogo do Inferno, e Van der Merwe escutou-o atentamente, inclinando a cabeça por diversas vezes, em silenciosa concordância com as palavras do orador.

"É um homem de Deus ao domingo e pertence ao Diabo durante o resto da semana...", refletiu Jamie.

Embora o pai se tivesse sentado entre ambos, Margaret tinha plena consciência da proximidade de Jamie e, com um leve sorriso trémulo, cogitava: "Ainda bem que o pastor desconhece o que tenho no ventre!" Naquela noite, Jamie visitou o saloon Sundowner, e Smit acolheu-o com um sorriso.

— Boa noite, Mr. Travis. Que toma: o costume? — Hoje, não. Preciso falar-lhe. Lá atrás.

— Com certeza — acedeu o bartender com prontidão, pressentindo uma possibilidade de ganhar dinheiro. Entraram num compartimento pouco maior que um cubículo, que continha uma mesa redonda com quatro cadeiras e um candeeiro de petróleo. — Sentemo-nos — indicou Jamie.

— Sem dúvida. Em que lhe posso ser útil?

— Eu é que tenciono ser-lhe útil.

— Sim?

— Exato — puxou de uma longa cigarrilha e acendeu-a. — Resolvi deixá-lo viver.

— Desculpe, mas não... — começou Smit, empalidecendo. — Que quer dizer, Mr. Travis?

— O meu nome não é esse. Chamo-me Jamie McGregor. Há cerca de um ano, preparou o cenário para que me matassem, no celeiro.

Recorda-se? Por conta de Van der Merwe.

— Confesso que... — Cale-se e oiça — e a voz de Jamie vibrava como um chicote cortando o ar. — Continuo vivo e enriqueci o suficiente para mandar incendiar esta espelunca, consigo dentro. Está a acompanhar o meu raciocínio?

O bartender fez menção de manifestar ignorância, mas o perigo dimanado dos olhos do interlocutor obrigou-o a reconsiderar. — Sim, senhor — articulou com prudência.

— Van der Merwe paga-lhe pelos pesquisadores que ludibria, enviados por si. É uma sociedade curiosa. Quanto recebe por isso?

— Bem, dois por cento.

— Dou-lhe cinco. A partir de agora, quando um pesquisador potencial o procurar, mandá-lo-á ter comigo. Financiá-lo-ei, mas ele obterá uma percentagem razoável e você também. Pensa que Van der Merwe lhe pagava realmente dois por cento do que arrecadava?

— Perfeitamente, Mr. Tra... Mr. McGregor. Compreendo.

— Talvez não por completo — Jamie levantou-se e, com uma expressão grave, acrescentou: — Está a pensar em procurá-lo e repetir-lhe esta nossa amena conversa, para poder receber dos dois lados. Vejo apenas um pequeno óbice nisso, Smit — baixou a voz até se converter num murmúrio. — Se o fizer, não viverá o suficiente para saborear o resultado.

Jamie acabava de se vestir, quando bateram à porta levemente. Apurou os ouvidos e o som repetiu-se, pelo que foi abrir, deparando-se-lhe Margaret.

— Entra, Maggie. Há alguma novidade? Era a primeira vez que o procurava no quarto do hotel, e agora que o enfrentava sentia dificuldade em falar. Permanecera acordada toda a noite em busca de uma maneira de lhe transmitir a notícia, pois receava que não quisesse voltar a vê-la. De súbito, fitou-o nos olhos e anunciou: — Vou ter um filho teu, Jam. A expressão dele mostrava-se tão tensa que a rapariga receou tê-lo perdido para sempre. De repente, porém, exibiu uma alegria tão grande que todas as suas dúvidas se dissiparam instantaneamente.

— É maravilhoso, Maggie! — exclamou Jamie, segurando-Lhe os braços.

— Disseste a teu pai?

— Isso, não!... — ela desprendeu-se, alarmada, e retrocedeu até ao sofá vitoriano, no qual se sentou. — Não o conheces. Nunca... nunca compreenderia. — Vamos anunciar-lhe a boa nova — decidiu ele, vestindo a camisa apressadamente. — Tens a certeza de que correrá tudo bem?

— Nunca estive tão certo de uma coisa em toda a minha vida.

Salomon van der Merwe pesava carne salgada para um pesquisador, quando Jamie e Margaret entraram na loja.

— Olá, Jamn! Dou-lhe já atenção — terminou de atender o cliente rapidamente e aproximou-se dos recém-chegados. — Como lhe correm as coisas neste belo dia?

— Não podiam correr melhor — replicou Jamie, em tom jovial. — Sua filha está grávida.

Estabeleceu-se um silêncio ominoso, enquanto Van der Merwe os olhava alternadamente com perplexidade. — Não... não compreendo.

— É muito simples. Engravidei-a.

— Não é possível! — a cor desapareceu por completo das faces do homem, assolado por um turbilhão de emoções em conflito: o choque imprevisto da perda de virgindade da filha... da sua gravidez... Toda a cidade se riria dele. Por outro lado, Ian Travis era um homem abastado e, se casassem sem demora... Por fim, voltou-se de novo para Jamie. — Vão casar imediatamente, claro.

— Casar? — o interpelado olhou-o com admiração. — Consentia que Maggie se unisse a um maloio estúpido que o deixou privá-lo de tudo o que lhe pertencia?

— Que está aí a dizer, Ian? — o holandês sentia a cabeça rodopiar. — Eu nunca...

— Não me chamo Ian. Sou Jamie McGregor. Não me reconheceu? É óbvio que não. Esse rapaz morreu. Você matou-o. Mas não sou um homem rancoroso, Mr. Van der Merwe. Portanto, faço-lhe uma oferta. A minha semente no ventre de sua filha.

E, com estas palavras, Jamie rodou nos calcanhares e afastou-se, deixando pai e filha boquiabertos, impossibilitados de articular uma sílaba. Margaret escutara-o estarrecida e chocada, incapaz de acreditar.

Ele não podia falar a sério. Amava-a! Por fim, Salomon van der Merwe concentrou-se nela, preparado para dar livre curso à cólera e à indignação. — Rameira! Rua, sua prostituta! Fora desta casa! A rapariga ficou petrificada, sem conseguir abarcar a enormidade do que acontecia. Lan utilizara-a para se vingar de algo que o pai lhe fizera.

Julgava-a envolvida numa manobra destinada a prejudicá-lo. Quem era Jamie McGregor? Quem... — Rua! — vociferou o holandês, esbofeteando-a com violência. — Não quero voltar a pôr-te a vista em cima!

Ela conservou-se imóvel por um momento, pregada ao chão, sentindo o coração palpitar fortemente e dificuldade em respirar. A expressão do pai era a de um louco. Por último, voltou-se e abandonou a loja correndo, sem olhar para trás. Salomon van der Merwe viu-a afastar-se, dominado pelo desespero. Tinha bem presente no espírito o que sucedera às filhas de outros homens que se haviam desgraçado.

Depois de verberadas publicamente na igreja, só lhes restara abandonar a comunidade. Era o castigo apropriado, exatamente a sorte que mereciam. Mas a sua Margaret recebera uma educação decente, temente a Deus. “Como o pudera trair de semelhante maneira?”

Imaginou a filha desnuda, em união sexual com aquele homem, contorcendo-se no cio como animais, e começou a sentir uma ereção.

Por fim, encerrou a loja e estendeu-se na cama, sem forças nem vontade de se mover. Quando o fato constasse na cidade, seria alvo de chacota. Compadecer-se-iam dele ou censurá-lo-iam pela depravação da filha. Em qualquer dos casos, tornar-se-ia insustentável. Tinha de enviar a prostituta para longe. Transcorridos uns minutos, ajoelhou e orou: “Como pudeste fazer isto a um teu servidor leal, meu Deus? Por que me abandonaste? Deixa-a morrer, Senhor. Que morram os dois...” O sallon Sundowner estava repleto de clientes, quando Jamíe entrou e se aproximou do balcão. Em seguida, virou-se para a sala e proferiu em tom enérgico: — Atenção, por favor! — o murmúrio das conversas extinguiu-se. — Pago bebidas a todos.

— Que foi? — quis saber Smit. — Uma nova descoberta de diamantes?

— Até certo ponto — admitiu Jamie, com uma gargalhada. — A filha de Salomon van der Merwe está grávida e ele quer que todos festejem o acontecimento.

— Santo Deus! — balbuciou o bartender.

— Deus não teve nada a ver com o assunto. Apenas Jamie.

Em menos de uma hora, todos os habitantes de Klipdrift estavam ao corrente do fato. Ian Travis era na

realidade Jamie McGregor e engravidara a filha de Van der Merwe. A sonsa da Margaret conseguira iludir toda a cidade.

— Ninguém diria, hem? — As águas paradas são profundas, como diz o outro.

— Gostava de saber quantos outros homens da cidade terão embebido a torcida naquele poço.

— É uma moça bem feita. Não me importava nada de provar uma talhada. — Porque não lhe pedes? Segundo parece, não se faz rogada. E

os homens soltavam gargalhadas divertidas.

Quando saiu da loja, naquela tarde, Salomon van der Merwe adaptara-se à catástrofe que o assolara. Enviaria Margaret para a Cidade do Cabo no primeiro transporte. Teria lá o seu bastardo e ninguém de Klipdrift se inteiraria da vergonha que o invadia. Satisfeito com a decisão que tomara, deteve-se diante da porta, com um sorriso de alívio.

— Boa tarde, Mr. Van der Merwe. Ouvi dizer que ia passar a vender artigos para bebê. — Olá, Salomon! Constou-me que vai ter um pequeno ajudante.

— Como está, Salomon? Diz-se para aí que foi avistada uma ave de nova espécie, lá para os lados do rio Vaal. É uma cegonha! O holandês deu meia volta e tornou a entrar na loja, cuja porta fechou com violência atrás dele. No sallon Sundowner, Jamie saboreava um uísque, ao mesmo tempo que prestava atenção às conversas e aos comentários à sua volta. Tratava-se do maior escândalo da história de Klipdrift, e os habitantes mostravam-se dispostos a saboreá-lo até à última gota. “É pena Banda não estar presente, para apreciar o espetáculo comigo”, ponderava ele. Aquilo constituía a recompensa pelo que Salomon van der Merwe fizera à irmã de Banda e só Deus sabia a quantas outras.

No entanto, não passava de parte do que o holandês tinha de expiar, o começo. A vingança de Jamie não ficaria completa até que Van der Merwe se achasse totalmente destruído. Quanto a Margaret, não lhe inspirava a mínima compaixão, pois participara no conluio. Que dissera no primeiro dia em que a vira? Que o pai o ajudaria, pois conhecia tudo sobre o assunto. Era igualmente uma Van der Merwe, e ele destruiria ambos.

Smit aproximou-se da mesa que ocupava e proferiu: — Pode conceder-me um minuto, Mr. McGregor?

— De que se trata? O bartender aclarou a voz com uma ponta de embaraço e confidenciou: — Conheço dois pesquisadores que possuem dez lotes perto de Pniel. Contêm diamantes, mas eles não dispõem de fundos para adquirir o equipamento apropriado. Procuram um sócio e pensei que lhe poderia interessar.

Jamie olhou-o em silêncio por um momento, antes de redarguir: — São os homens que mencionou a Van der Merwe, hem?

— Exato — confirmou o outro, surpreendido. — Mas estive a pensar na sua proposta e prefiro negociar consigo. Jamie puxou de uma longa cigarrilha e Smit apressou-se a acendê-la.

— Sou todo ouvidos.

11

Ao princípio, a prostituição em Klipdrift funcionava de uma forma fortuita. As prostitutas eram, na sua maioria, negras, que atuavam em sórdidos bordéis em ruas estreitas. As primeiras profissionais brancas que chegaram à cidade acumulavam essa atividade com a de barmaid.

No entanto, à medida que as descobertas de campos de diamantes aumentavam e Klipdrift prosperava, o seu número alargou-se em conformidade.

Assim, havia agora meia dúzia de casas do gênero nos subúrbios, as quais não passavam de barracas de madeira com telhados de zinco.

A única excepção era a de Madame Agnes, uma estrutura de dois pisos de aspecto respeitável em Bree Street, perto de Loop Street, artéria principal, onde as esposas dos habitantes da cidade não se ofenderiam por terem de passar em frente dela. Frequentavam-na os maridos dessas esposas e os forasteiros com recursos materiais para o fazer. As tarifas eram elevadas, mas as animadoras, jovens e desinibidas, compensavam bem o preço. Eram servidas bebidas numa sala razoavelmente decorada e uma das principais regras da casa impunha que os clientes não fossem forçados a tomar decisões, no tocante ao consumo.

Madame Agnes, uma ruiva de trinta e cinco anos, trabalhara num bordel londrino e sentira-se atraída pela África do Sul ao inteirar-se da aparente facilidade com que se construíam (e, portanto, despendiam) fortunas na cidade mineira de Klipdrift. E como economizara dinheiro suficiente para se estabelecer por conta própria, não hesitara em tentar a sorte, com o resultado de que o negócio prosperara desde o primeiro dia.

Ela sempre se orgulhara de compreender os homens, todavia Jamie McGregor constituía um autêntico enigma. Visitava a casa com frequência, gastava dinheiro liberalmente e mostrava-se sempre atencioso para com as mulheres, mas parecia alheio ao que o rodeava.

Eram os seus olhos o que mais fascinava Madame Agnes: pálidos e frios, como lagos sem fundo. Ao contrário dos outros frequentadores, nunca falava de si ou do seu passado. Ela soubera, poucas horas antes, que Jamie McGregor engravidara propositadamente a filha de Salomon van der Merwe e recusava desposá-la. “O bastardo!” Não obstante, via-se forçada a reconhecer que se tratava de um bastardo atraente. Naquele momento, descia a escada com passadeira vermelha, e, depois de se despedir polidamente, transpôs a saída.

Quando Jamie regressou ao hotel, Margaret encontrava-se no seu quarto, olhando pensativamente pela janela, e voltou-se com prontidão ao ouvi-lo entrar.

— Olá, Jamie — articulou em voz trémula.

— Que fazes aqui? — Preciso falar contigo.

— Não temos nada a dizer um ao outro. — Sei porque procedes assim.

Odeias meu pai — a rapariga acercou-se um passo. —

Quero que saibas que não tive a mínima participação no que ele te fez.

Por favor...

suplico-te... acredita. Não me detestes. Amo-te muito. — O problema é teu! — retrucou ele, friamente.

— Não me olhes assim. Também me amas... Todavia, Jamie não a escutava. Voltava a efetuar o percurso até Paardspan, onde quase perdera a vida... Desviava as rochas nas margens do rio, ao ponto de quase cair, extenuado... Até que, finalmente, descobria os diamantes... Entregava-os a Van der Merwe e ouvia a voz deste: “Compreendeu mal. Não preciso de sócios para nada. Limitou-se a trabalhar para mim, segundo o nosso acordo... Pegue no seu dinheiro e desapareça...” Depois, o espancamento selvagem..

Voltou a acudir-lhe às narinas o cheiro dos abutres e a sentir os bicos cravarem-se-lhe na carne...

De súbito, ouviu a voz de Margaret, como se proviesse de uma distância enorme: — Não te lembras? Pertenço-te... Amo-te.

Sacudiu a cabeça para desanuviar o espírito e olhou-a com estranheza.

Já nem sequer fazia uma ideia do significado da palavra amor. Van der Merwe sugara-lhe todas as emoções, à excepção do ódio. Agora, continuava a viver alimentado por essa força. Era o seu elixir, a sua seiva. Fora isso que o mantivera vivo, quando lutara com os tubarões, transpusera os recifes e rastejara sobre as minas, no campo de diamantes do deserto da Namíbia. Os poetas enalteciam o amor e os cantores interpretavam melodias baseadas nesse tema, e talvez fosse real, talvez existisse. Mas só para os outros. Nunca mais para Jamie McGregor.

— És a filha de Salomon van der Merwe. Tens o neto dele no ventre.

Sai.

Margaret não tinha para onde ir. Estimava o pai e necessitava do seu perdão, mas sabia que jamais o obteria. Ele transformar-lhe-ia a vida num autêntico inferno. No entanto, não lhe restava qualquer alternativa. Necessitava de recorrer a alguém.

Assim, quando abandonou o hotel dirigiu-se à loja. Entretanto, tinha a impressão de que todos a olhavam com curiosidade e julgou mesmo detetar sorrisos maliciosos nos lábios de alguns homens.

Quando entrou, encontrou a sala deserta, mas Salomon van der Merwe não tardou a surgir das traseiras.

— Pai...

— Tu, aqui! — o desdém na voz dele atingiu-a como um impate físico.

Quando se aproximou, notou o hálito de uísque e compreendeu que tentara afogar as mágoas na bebida. — Quero que saias da cidade, imediatamente, e não voltes a pôr cá os pés. Ouviste? Nunca mais! —

puxou de algumas notas de banco da algibeira e lançou-as aos pés da filha. — Recolhe esse dinheiro e desaparece!

— Trago no ventre o teu neto.

— É o filho do demónio! — adiantou-se mais um passo, os punhos cerrados ameaçadoramente. — Cada vez que te vissem arrastando-te por aí como uma prostituta, pensavam na minha vergonha. Se desapareceres, acabarão por esquecer tudo.

Margaret olhou-o demoradamente em silêncio, voltou-se e afastou-se com lentidão.

— O dinheiro, prostituta! — rugiu Van der Merwe. — Esqueceste-te dele!

Havia uma pensão pouco dispendiosa na periferia da cidade, e ela encaminhou-se para lá, o espírito assolado por confusão absoluta.

Quando a alcançou, procurou a proprietária, Mrs. Owens, uma mulher nutrida que aparentava cinquenta anos, de expressão benevolente, cujo marido a levara para Klipdrift e abandonara mais tarde. Outra teria sucumbido ao revés do destino, mas ela não viera ao mundo para se curvar ao infortúnio e acabara por se recompor.

Vira muitas pessoas em apuros naquela cidade, mas nenhuma tão acabrunhada como a rapariga de dezessete anos de momento na sua frente.

— Querias falar comigo?

— Sim. Desejava... pensei que podia ter trabalho para mim.

— Trabalho? De que gênero?

— O que houver. Sou boa cozinheira. Posso servir às mesas. Também sei arrumar quartos... — Margaret interrompeu-se, dominada pelo desespero. — Faço seja o que for... Por favor! Mrs. Owens contemplou-a com curiosidade e não pôde evitar uma sensação de amargura.

— Bem, mais uma funcionária não calhava mal, para o trabalho que há... — admitiu, apercebendo-se da expressão de alívio da interlocutora.

— Quando podes começar? — Imediatamente.

— Só te posso pagar... — pensou numa quantia e aumentou-a ligeiramente. — Uma libra, dois xelins e onze pences, por mês, com alimentação e alojamento.

— É ótimo — articulou Margaret, reconhecida.

Salomon van der Merwe passara a evitar as ruas de Klipdrift e os clientes encontravam a loja fechada cada vez com maior frequência, pelo que começaram gradualmente a recorrer a outros comerciantes.

Não obstante, o holandês continuava a visitar a igreja todos os domingos. Não para rezar, mas para rogar a Deus que retificasse a iniquidade que caíra sobre os ombros do seu obediente servidor. Os outros paroquianos sempre o haviam encarado com o respeito devido a um homem abastado e poderoso, mas agora Van der Merwe apercebia-se dos olhares de reprovação e dos murmúrios nas suas costas. A família que costumava ocupar o lugar ao lado do seu mudou-se para outro. Consideravam-no um pária. Todavia, o que o abalou por completo foi o sermão tonitruante do sacerdote, que combinava habilmente palavras do Êxodo, de Ezequiel e do Leví-tico: — Eu, o Senhor teu Deus, sou um Deus zeloso, que visita a iniquidade dos pais nos filhos. Portanto, ó meretriz, escuta a voz do Senhor, pois a imoralidade extravasou e a tua nudez ficou descoberta na devassidão com os teus amantes... E o Senhor dirigiu-se a Moisés e disse: “Não prostituas a tua filha, obrigando-a a ser uma rameira, sob pena de a Terra se afundar na prostituição e se encher de maldade”...

Depois daquele domingo, Salomon van der Merwe não voltou a entrar na igreja. Enquanto os negócios do holandês se deterioravam, os de Jamie McGregor prosperavam. As despesas envolvidas nas pesquisas aumentavam à medida que os diamantes se encontravam a maior profundidade e os mineiros possuidores de lotes para explorar reconheciam que não dispunham de recursos para adquirir o equipamento necessário. Não tardou a propagar-se a nova de que Jamie McGregor os financiaria em troca de uma percentagem nos lucros, e, mais tarde, comprava-lhes as quotas. Por seu turno, investia em propriedade horizontal e ouro, revelando-se meticulosamente honesto nas operações, pelo que a sua reputação se difundiu e as propostas de negócios afluíam em número crescente. Havia dois bancos na cidade, e quando um deles faliu, por má administração, Jamie comprou-o, colocando à testa pessoas da sua confiança e evitando que o seu nome figurasse na transação.

Tudo em que ele tocava parecia prosperar. Era bem sucedido e rico para além dos seus sonhos mais

arrojados, mas isso carecia de significado especial na sua vida. Media os seus êxitos apenas pelos falhanços de Salomon van der Merwe, pois a vingança achava-se ainda no princípio. De vez em quando, Jamie cruzava-se com Margaret na rua, mas não lhe prestava a mínima atenção.

Não podia, portanto, aperceber-se do que esses encontros ocasionais representavam para a rapariga. O simples fato de o ver cortava-lhe o alento, pois ainda o amava completa e profundamente. Nada poderia alterar essa maneira de sentir. Embora Jamie tivesse utilizado o seu corpo para se vingar do pai, Margaret sabia que isso poderia constituir uma faca de dois gumes. Em breve teria um filho dele e, quando visse a criança em cujas veias corria o seu sangue, casaria com ela, que era a única coisa que ambicionava no mundo. À noite, antes de adormecer, acariciava o ventre volumoso e murmurava: “O nosso filho!” Talvez não passasse de uma insensatez supor que poderia influenciar o seu sexo, mas não queria descurar qualquer possibilidade. Todos os homens desejavam um rapaz.

À medida que as dimensões do ventre aumentavam, Margaret sentia a apreensão acentuar-se. Deplorava não poder confiar em alguém, mas as mulheres da cidade não lhe falavam. A sua religião ensinava-as a castigar e não a perdoar. Por conseguinte, encontrava-se só, rodeada de estranhos, e passava grande parte das noites chorando por ela e pelo filho prestes a nascer. Entretanto, Jamie McGregor adquirira uma casa de dois pisos no centro de Klipdrift, onde instalara o quartel-general dos seus negócios, em expansão permanente. Um dia, Harry McMillan, chefe dos contabilistas, procurou-o e anunciou: — Como vamos combinar as suas firmas, precisamos de um nome que as englobe. Tem alguma sugestão a esse respeito?

— Vou pensar nisso. E, na verdade, ponderou o assunto. No espírito, persistia o som de ecos de um passado remoto que perfuravam o mis do mar no campo de diamantes do deserto da Namíbia, e acabou por chegar à conclusão de que só havia um nome possível. Nessa conformidade, chamou McMillan e comunicou-lhe:.

— A nova companhia chamar-se-á “Kruger-Brent, Limited”. O gerente do banco de Jamie, Alvin Cory, revelou-lhe: — Queria falar-lhe dos empréstimos de Mr. Van der Merwe. O prazo do pagamento já expirou e ainda não o satisfez. Outrora, ele constituía um risco corrente, mas a sua situação alterou-se drasticamente. Penso que devíamos pressioná-lo. — Não.

— Mas, esta manhã, tentou obter mais dinheiro... — começou Cory arqueando as sobrancelhas.

— Não importa. Satisfaça-lhe todos os pedidos.

— Como queira, Mr. McGregor. Dir-lhe-ei que o senhor...

— Não diga nada. Limite-se a dar-lhe o dinheiro.

Margaret levantava-se todas as manhãs às cinco horas, a fim de amassar pão, e quando os hóspedes se apresentavam na sala de jantar, para o pequeno-almoço, servia-lhes caldo, presunto e ovos, biscoitos de aveia, croissants, café fumegante e naartje. Na sua maioria, tratava-se de pesquisadores de passagem em direção ou no regresso dos seus lotes. Efetuavam uma paragem na cidade apenas o tempo suficiente para mandarem avaliar os seus diamantes, tomar banho, apanhar uma bebedeira e visitar um dos bordéis da cidade, em geral por esta ordem. Eram quase todos aventureiros analfabetos e rudes.

Segundo uma lei não escrita que vigorava em Klipdrift, as mulheres de porte irrepreensível não deviam ser molestadas. Quando um homem desejava ter relações sexuais, procurava uma prostituta. No entanto, Margaret van der Merwe representava um desafio, pois não se adaptava a qualquer das categorias. As raparigas bem-comportadas solteiras não engravidavam, e circulava a teoria de que, como cometera um deslize uma vez, subsistem fortes probabilidades de ansiar por ir para a cama com qualquer homem. Bastava sugerir-lho. E faziam-no.

Alguns pesquisadores abordavam-na abertamente, enquanto outros preferiam as tentativas dissimuladas. Margaret repelia-os sempre com serena dignidade, até que, uma noite, Mrs. Owens, quando se preparava para dormir, ouviu gritos agudos provenientes do quarto da rapariga. Ato contínuo, correu para lá e abriu a porta. Um dos hóspedes, um pesquisador embriagado, arrancara-lhe o roupão e imobilizava-a na cama.

Mrs. Owens agiu como uma pantera enfurecida. Pegou numa barra de ferro e principiou a flagelar o homem até que lhe fez perder os sentidos, arrastando-o depois para a rua. Em seguida, regressou ao quarto de Margaret, que limpava o sangue dos lábios mordidos pelo assaltante. — Estás bem, Maggie?

— Sim, Mrs. Owens — articulou a rapariga, em voz trémula. — Muito obrigada... E as lágrimas

irromperam com abundância. Numa cidade onde ninguém lhe falava, uma pessoa manifestara bondade.

Por seu turno, Mrs. Owens contemplava-lhe o ventre inchado e refletia: “Pobre sonhadora. Jamie McGregor nunca casará com ela.”

A data do parto aproximava-se. Margaret cansava-se com facilidade, e o fato de se inclinar e voltar a endireitar representava um esforço quase excruciante. O único prazer consistia em sentir a criança mover-se nas suas entranhas. Ela e o filho achavam-se completamente sós no mundo, e falava-lhe constantemente, referindo todas as coisas maravilhosas que a vida lhe reservava. Uma noite, pouco depois do jantar, um rapaz negro apresentou-se na pensão, a fim de entregar uma carta a Margaret e esclarecer: — Mandaram-me aguardar a resposta.

A rapariga leu-a duas vezes, a segunda com lentidão, e anunciou: — Sim. A resposta é afirmativa. Na sexta-feira seguinte, ao meio-dia em ponto, bateu à porta do bordel de Madame Agnes, na qual fora afixada a indicação: “Encerrado”. Fê-lo em breves pancadas discretas, indiferente aos olhares surpreendidos de quem passava. Ao mesmo tempo, perguntava a si própria se teria cometido um erro ao comparecer.

Na realidade, tratara-se de uma decisão difícil e tomara-a impelida apenas pela terrível solidão que a envolvia. O conteúdo da missiva era o seguinte: Cara Miss Van der Merwe Embora o assunto não nos diga respeito, eu e as minhas pequenas discutimos a sua situação, infeliz e injusta, que muito nos revolta. Gostávamos de a ajudar e ao seu bebê. Portanto, se o fato não a embaraçar, teremos o maior prazer em que almoce connosco. Convém-lhe na sexta-feira? Atenciosamente Madame Agnes P.S. Seremos muito discretas. Margaret começava a admitir a possibilidade de se retirar, quando a porta foi finalmente aberta pela própria Madame Agnes, que lhe pegou no braço e sugeriu: — Entre. Saia desse maldito calor.

Conduziu-a à sala, mobilada com sofás, cadeiras e mesas vitorianas e decorada de forma algo espetacular, com fitas coloridas e balões. Em tiras de cartão suspensas do teto, lia-se: “Felicidades para o bebê...

será um rapaz... feliz aniversário.” Achavam-se presentes oito das “pequenas” de Madame Agnes, numa variedade de tipos, idades e cores, todas devidamente trajadas para o momento, em obediência às instruções da patroa. Por outras palavras, usavam vestidos conservadores e nem vestígios de pintura. “Têm um aspecto mais respeitável do que a maioria das mulheres casadas da cidade”, pensou Margaret.

Ao mesmo tempo, contemplava as prostitutas à sua volta, sem saber o que fazer ou dizer. Algumas eram conhecidas, pois atendera-as na loja do pai. De qualquer modo, possuíam um fator comum: preocupavam-se com ela.

Mostravam-se atenciosas e cordiais e empenhavam-se em animá-la.

Moviam-se em torno da rapariga, com certo embaraço, como se receassem dizer ou fazer algo de errado. Independentemente do que as más-línguas propalavam, sabiam que se tratava de uma senhora e estavam conscientes da diferença entre elas e Margaret.

Consideravam-se honradas por ela ter aceitado o convite e desejavam desenvolver todos os esforços para evitar que algum ato ou gesto irrefletido perturbasse a reunião. — Preparámos um almoço excelente — anunciou Madame Agnes. — Espero que tenha apetite.

Seguiram para a sala de jantar, onde fora posta uma mesa de aspecto festivo, com uma garrafa de champanhe no lugar que lhe era destinado. Quando atravessavam o átrio, ela lançou uma olhadela à escada de acesso aos quartos no primeiro andar. Sabia que Jamie frequentava a casa e perguntava a si própria qual das raparigas costumava escolher. Talvez todas. O fato levou-a a observá-las discretamente, numa tentativa para determinar o que possuiriam que lhe faltasse.

O almoço revelou-se um autêntico banquete. Principiou com uma sopa e salada deliciosas, seguidas de carpa grelhada, que antecedeu por seu turno cabrito assado com batatas e legumes. Culminavam o repasto queijo, fruta, um bolo decorativo e café. Margaret sentava-se à cabeceira da mesa, com Madame Agnes à sua direita, e Maggie, uma loura atraente que não aparentava mais de dezesseis anos, à sua esquerda. Ao princípio, a conversação foi um pouco afetada. As raparigas conheciam numerosas historietas divertidas, mas afiguravam-se-lhes pouco apropriadas para os ouvidos da convidada.

Por conseguinte, referiam-se ao tempo, ao desenvolvimento de Klipdrift e ao futuro da África do Sul. Achavam-se familiarizadas com a política, a economia e os diamantes, porque obtinham informações em primeira mão de peritos na matéria seus clientes. A dada altura, a loura atraente, Maggie, anunciou: —

Jamie descobriu um novo campo de diamantes em... — apercebendo-se do silêncio estabelecido repentinamente, compreendeu o lapso que cometera e acrescentou com um sorriso nervoso: — Refiro-me a meu tio Jamie.

Margaret sentiu-se surpreendida com a súbita vaga de ciúme que a invadiu e Madame Agnes apressou-se a mudar de assunto.

No final da refeição, esta última levantou-se e indicou: — Por aqui, minha amiga.

Seguiram-na todas a uma segunda sala, cheia de presentes envoltos em papel de fantasia e fitas.

— Não encontro palavras... — balbuciou Margaret, comovida. — Nem são necessárias — atalhou Madame Agnes. — Desembrulhe-os.

Havia um berço de balouço, pequenas botas de lã, gorros, uma capa de caxemira.

Numa palavra, todos os artigos indispensáveis a um bebê.

Era como no Natal e excedia tudo o que ela poderia jamais conceber.

De súbito, toda a solidão e infelicidade reprimidas nos últimos meses explodiram nela e rompeu em soluços.

Madame Agnes rodeou-lhe a cintura com o braço e indicou às outras que se retirassem, enquanto Margaret se esforçava por dominar a emoção.

— Peço... peço desculpa — gaguejou. — Não sei o que me aconteceu.

— Não se preocupe, querida. Esta sala assistiu à passagem de muitos problemas. E sabe o que a experiência me ensinou? No fim, tudo se soluciona.

Você e o seu filho hão-de conhecer a felicidade.

— Obrigada — murmurou. Apontando na direção dos presentes, acrescentou: — Nunca poderei agradecer-lhes tudo isto.

— Nem é preciso. Não faz uma ideia de como nos divertimos quando procurávamos aquilo que nos parecia conveniente. Garanto-lhe que não se nos deparam oportunidades destas com frequência. Se uma de nós fica grávida, é uma autêntica tragédia — Madame Agnes cobriu a boca com a mão. — Oh, desculpe!

— Quero que saiba que este é um dos dias mais felizes da minha vida — afirmou Margaret, sorrindo. — Sentimo-nos lisonjeadas com a sua visita. Quanto a mim, vale mais que todas as mulheres desta cidade juntas. Malditas cadelas! Era capaz de as matar pela maneira como a tratam. E, se me permite que lhe diga, Jamie McGregor não passa de um imbecil — Madame Agnes sacudiu a cabeça. — Homens! O mundo era maravilhoso se pudéssemos viver sem eles. Ou talvez não fosse.

Quem sabe? Entretanto, Margaret recompusera-se da emoção e segurou a mão da interlocutora entre as suas. — Nunca esquecerei isto.

Um dia, quando meu filho tiver idade suficiente, hei-de dizer-lhe.

— Parece-lhe conveniente? — articulou Madame Agnes, enrrugando a fronte.

— Sem a mínima dúvida.

— Mandarei levar os presentes à pensão — prometeu, acompanhando a rapariga à porta. — Felicidades.

— Obrigada. Muitíssimo obrigada.

Conservou-se imóvel por uns minutos, enquanto Margaret se afastava.

Por fim, exalou um suspiro de resignação e chamou: — Ao trabalho, meninas! Vamos reabrir ao público. Uma hora mais tarde, a casa registrava a afluência habitual.

Chegara o momento de preparar a ratoeira. Durante os últimos seis meses, Jamie McGregor dedicara-se à compra discreta das quotas dos associados de Van der Merwe nas suas várias empresas, pelo que podia agora dominar as operações.

No entanto, a sua obsessão consistia em possuir os campos de diamantes do holandês na Namíbia. Considerava que os pagara centenas de vezes com o seu sangue e coragem, quase perdendo a vida ante as vicissitudes que sofrera. Utilizara os diamantes que ele e Banda tinham retirado de lá para construir um império destinado a esmagar Salomon van der Mer-we, tarefa que ainda não fora completada.

Agora, achavam-se reunidas as condições para o fazer.

Van der Merwe afundava-se cada vez mais em dívidas. Agora, ninguém da cidade estava disposto a emprestar-lhe dinheiro, à excepção do banco que Jamie dirigia em segredo. Com efeito, o gerente deste

último recebera instruções bem definidas: — Dê a Salomon van der Merwe todo o dinheiro que ele pedir.

Entretanto, a loja do holandês raramente estava aberta. Ele habituara-se a beber desde manhã cedo e, à tarde, dirigia-se ao bordel de Madame Agnes, onde pernoitava com frequência. Certa manhã, Margaret encontrava-se no talho à espera que a atendessem, quando lançou uma olhadela através da montra e viu o pai abandonar a casa de toleradas. Quase incapaz de reconhecer o homem acabrunhado que se arrastava pela rua, refletiu com amargura: "Fui eu quem o reduziu a este estado. Perdoa-me, meu Deus!" Salomon Van der Merwe não fazia a mínima ideia do que lhe sucedia. Apenas sabia que a sua vida se desmoronava irremediavelmente, sem que contribuísse para tal. O Criador escolhera-o, como outrora a Job, para pôr à prova o fervor da sua fé. Não obstante, estava persuadido de que triunfaria dos inimigos.

Necessitava apenas de um pouco de tempo... tempo e mais dinheiro.

Arriscara como penhor o estabelecimento, as ações de seis pequenos campos de diamantes que possuía e até o seu cavalo e carruagem. Por último, restara apenas o campo de diamantes na Namíbia, e no dia em que o apresentou como garantia adicional Jamie não descurou a oportunidade.

— Reúna todas as suas promissórias — indicou ao gerente do banco. — Conceda-lhe vinte e quatro horas para as satisfazer, sob pena de executar a hipoteca.

— Mas ele não pode arranjar uma quantia tão elevada nesse lapso de tempo...

— Vinte e quatro horas.

Às quatro da tarde exatas do dia seguinte, o gerente do banco apresentou-se na loja, acompanhado de um representante da autoridade e de uma ordem judicial, para confiscar todos os bens de Salomon van der Merwe. Da janela do escritório, do outro lado da rua, Jamie assistiu à expulsão do holandês do seu estabelecimento. O velho imobilizou-se no passeio, pestanejando ante os raios solares intensos, sem saber o que fazer ou a quem recorrer. Fora despojado de tudo. A vingança de Jamie completara-se. "Porque será que não tenho a mínima sensação de triunfo?", perguntava-se este último. Na realidade, sentia um vazio no seu íntimo. O homem que acabava de aniquilar destruíra-o primeiro.

Naquela noite, quando entrou no bordel de Madame Agnes, esta perguntou-lhe: — Sabe a última? Salomon van der Merwe fez saltar os miolos, há uma hora.

O funeral realizou-se no cemitério desolador e varrido pelo vento na periferia da cidade. Além do pessoal da agência e os coveiros, a cerimônia contava apenas com dois assistentes: Margaret e Jamie McGregor. A rapariga usava um vestido preto folgado para dissimular o ventre e apresentava-se pálida e pouco saudável, enquanto ele, elegante e empertigado, exibia uma atitude distante e indiferente.

Encontravam-se em lados opostos da sepultura, observando a descida da urna de pinho para as entranhas da terra. Os torrões embatiam nas paredes de madeira, e Margaret tinha a impressão de que o faziam ao ritmo de: "Rameira!.. Rameira!..." Dirigiu a vista para o outro lado da cova e o olhar cruzou-se com o de Jamie, frio e impessoal, como perante uma desconhecida. "Estás aí, impávido, e és tão culpado como eu. Matámo-lo ambos. Sou tua mulher, aos olhos de Deus, mas isso não impede que sejamos comparsas no mal." Tornou a baixar os olhos para a sepultura descoberta e não os desviou até que a derradeira pazada de terra cobriu a urna de pinho.

— Repousa — murmurou. — Repousa... Quando voltou a erguer a cabeça, Jamie desaparecera.

Havia duas construções de madeira em Klipdrift que funcionavam como hospital, mas as condições sanitárias eram de tal ordem que o número de enfermos que morriam excedia de longe o dos que recuperavam a saúde. Quando se aproximou a data prevista para o parto, Mrs.

Owens mandou chamar uma parteira de cor, que recomendou: — Procure não se descontrolar, que a Natureza exercerá a sua ação. A primeira contração de dor fez acudir um sorriso aos lábios de Margaret.

Preparava-se para trazer um filho ao mundo e teria um nome.

Envidaria todos os esforços para que Jamie McGregor o reconhecesse.

Não sofreria pelos erros dos pais.

O parto prolongou-se por várias horas e, quando alguma hóspede da pensão se aproximava do quarto, Hannah, a parteira, apressava-se a afastá-la.

— É um acontecimento pessoal — explicou a Margaret. — Entre você, Deus e o demónio que a envolveu nestes apuros.

— Vai ser um rapaz? — sussurrou a rapariga, entre exclamações abafadas.

— Digo-lhe depois de examinar a "canalização" do rebento — redarguiu a negra, limpando-lhe a transpiração da fronte. — Agora, faça força para o expelir... Mais! As contrações começaram a tornar-se mais frequentes e a dor parecia empenhada em dilacerar o corpo da parturiente, que pensava, alarmada: "Alguma coisa está a correr mal!"

— Não pare! — gritou Hannah. De repente, deixou transparecer uma ponta de alarme. — Está torcido! Não consigo fazê-lo sair! Por entre uma espécie de neblina avermelhada, Margaret viu-a inclinar-se para a frente e aproximar as mãos do útero, até que a dor se extinguiu e surgiu a sensação de que flutuava no espaço, onde se via, à distância, Jamie, que lhe acenava. "Estou aqui, querida. Vais dar-me um filho estupendo". Voltava para ela, pelo que já não o odiava. No fundo, o ódio nunca fora real. Bruscamente, alguém disse "Está quase", registrou-se uma espécie de rasgão no seu íntimo e a dor obrigou-a a soltar um grito. — Pronto! — exclamou Hannah. — Já está a sair bem. No segundo imediato, Margaret notou o deslizar de um objeto úmido entre as pernas e um grito de triunfo da parteira.

— Bem-vindo a Klipdrift — proferiu esta última, erguendo o pequeno corpo nas mãos.

— É um rapaz. Recebeu o nome de Jamie.

Ela sabia que a notícia do nascimento da criança não tardaria a chegar aos ouvidos de Jamie, e aguardava com ansiedade que este a procurasse ou mandasse chamar. No entanto, após várias semanas sem que tal acontecesse, decidiu mandá-lo prevenir.

Quando o mensageiro regressou, interrogou-o impacientemente: —

Viste Mr. McGregor?

— Sim.

— E transmitiste-lhe o recado?

— Sim.

— Que respondeu? O rapaz hesitou, embaraçado, antes de informar: — Disse que não tinha nenhum filho. Ela fechou-se no quarto todo aquele dia e aquela noite, recusando-se a sair.

— Teu pai está confuso neste momento, Jamie. Pensa que a tua mãe lhe armou uma cilada. Mas és filho dele, e quando te vir, há-de levar-nos para vivermos em sua casa e amar-nos muito. Verás, meu querido.

Tudo se comporá.

De manhã, quando Mrs. Owens bateu à porta, Margaret abriu-a, parecendo singularmente calma.

— Como estás, Maggie?

— Bem, obrigada — murmurou, enquanto vestia o bebê. — Vou levar Jamie a passear no seu carrinho.

Este, oferecido por Madame Agnes e as suas pequenas, era, sem dúvida, confortável, e nem faltava o pára-sol de proteção contra os implacáveis raios solares.

Quando o impelia ao longo dos estreitos passeios de Loop Street, um ou outro homem detinha-se para sorrir à criança, mas as mulheres evitavam-na, chegando a cruzar a rua para não encararem com Margaret. Todavia, ela não se preocupava com isso, pois só lhe interessava uma pessoa.

Sempre que fazia bom tempo, saía com o filho. Transcorrida uma semana sem que avistasse Jamie, concluiu que ele se lhe esquivava deliberadamente. "Pois bem. Já que não vem ver o filho, procurá-lo-emos", acabou por decidir.

Na manhã seguinte, anunciou a Mrs. Owens: — Vou efetuar uma pequena viagem. Espero regressar dentro de uma semana.

— O bebê ainda é muito pequeno para viajar, Maggie.

— Ele fica na cidade. — Aqui connosco?

— Não. Jamie McGregor mandara construir a sua moradia numa pequena elevação sobranceira a Klipdrift. Tratava-se de um bangaló com duas alas espaçosas anexas ao corpo principal, com o qual comunicavam por meio de amplas varandas. O conjunto era rodeado por relvados verdejantes sulcados de árvores e um jardim em que predominavam as rosas. Nas traseiras, havia o alpendre da carruagem e alojamentos separados para o pessoal. As atividades domésticas achavam-se a cargo de Eugenia Talley, uma impressionante viúva de meia-idade, cujos seis filhos estudavam em Inglaterra. Margaret apresentou-se na moradia, com o filho nos braços, às dez horas da manhã, altura do dia em que sabia que Jamie se encontrava

no escritório. A governanta abriu a porta e arregalou os olhos de surpresa, incrementada pelo fato de estar ao corrente de quem se tratava, como acontecia com toda a gente num raio de uma centena de quilômetros.

— Lamento, mas Mr. McGregor não está — declarou, fazendo menção de fechar.

— Não vim para o ver — replicou Margaret, opondo-se. — Trago-lhe o filho.

— Desconheço tudo o que se refere ao assunto. Aconselho-a...

— Vou ausentar-me por uma semana. Nessa altura, levá-lo-ei — estendeu o bebê à mulher. — Chama-se Jamie.

— Não o pode deixar aqui! — o rosto da governanta assumiu uma expressão horrorizada. — Mr. McGregor despedia-me...

— Pode optar — interrompeu Margaret. — Ou o aceita ou deixo-o junto da porta.

Duvido que ele gostasse da segunda alternativa. E, sem mais uma palavra, depositou o pequeno fardo nos braços da outra e afastou-se. —

Espere! Não pode!... Venha cá!...

Todavia, nem sequer se voltou, enquanto a governanta começava a traçar conjeturas crescentemente alarmantes acerca da reação de Jamie McGregor quando chegasse.

Na realidade, nunca o vira em semelhante estado.

— Como pôde ser tão estúpida? — vociferou ele, ao inteirar-se da situação. — Bastava bater-lhe com a porta na cara! — Ela não me deu oportunidade de o fazer, Mr. McGregor.

— Não quero o seu filho em minha casa! — Jamie começou a percorrer a sala em agitado vaivém. Por fim, estacou diante da apavorada mulher e advertiu: — Merecia que a despedisse.

— Prometeu vir buscá-lo dentro de uma semana.

— Nem que fosse dentro de cinco minutos! Livre-se dessa criança imediatamente! — Como sugere que o faça? — inquiriu ela, com um assomo de dignidade.

— Há-de haver algum lugar em que o possa deixar, na cidade.

— Onde?

— Sei lá! Baixou os olhos para o bebê que segurava nos braços e principiara a chorar em resultado dos gritos de Jamie.

— Não há orfanatos em Klipdrift — anunciou, embalando-o, sem contudo lograr pôr termo ao choro. — Alguém tem de tomar conta dele.

— Maldição! Está bem. Já que o aceitou tão generosamente, confio-lho.

— Perfeitamente. — E faça-o calar. Entendamo-nos bem numa coisa, Mrs. Talley. Não o quero ver nem ouvir. E quando a mãe o vier buscar, não a receberei. A governanta aquiesceu com uma inclinação de cabeça e retirou-se, enquanto ele se refugiava na biblioteca, para saborear um charuto e um cálice de brande. “Que estúpida! Pensa que o fato de ver o bebê me enternece o coração e obriga a procurá-la para lhe confessar o meu amor e propor casamento”. Na realidade, nem se preocupara em o contemplar. Não queria nada de comum com a criança. Não a concebera por amor ou mesmo desejo. Tratava-se do produto de uma das armas que empregara na sua vingança. Jamais esqueceria a expressão de Salomon van der Merwe, quando lhe anunciara que Margaret esta grávida. Fora o início de uma série de acontecimentos que terminara com a descida da urna de pinho na sepultura. Tinha de procurar Banda para lhe comunicar que a sua missão chegara ao fim.

Assolava-o, porém, uma sensação de vazio. “Tenho de fixar novos objetivos.” Já se podia considerar abastado para além das aspirações mais ambiciosas. Adquirira milhares de hectares de terreno mineral, esperançado em encontrar novas jazidas de diamantes, e acabara por possuir ouro, platina e meia dúzia de outros metais raros. O seu banco detinha hipotecas de grande parte das propriedades de Klipdrift e as terras que lhe pertenciam estendiam-se da Namíbia à Cidade do Cabo.

Isso infundia-lhe satisfação, mas não bastava. Convidara os pais a reunirem-se-lhe, mas eles não desejavam abandonar a Escócia. Os irmãos e a irmã tinham casado. Enviava quantidades substanciais à família, o que lhe proporcionava prazer; contudo, a sua vida constituía uma sucessão de dias monótonos e insípidos. Alguns anos antes, consistira em altos e baixos excitantes.

Sentira-se vivo. Vivia plenamente, quando ele e Banda se aventuravam na jangada através dos recifes do

Sperrgebiet ou rastejavam sobre as minas disseminadas no areal do deserto. Agora, afigurava-se-lhe que não experimentava as emoções da vida desde longa data, embora se recusasse a admitir a si próprio que se sentia só.

Voltou a estender a mão para a garrafa e descobriu que estava vazia.

Ou bebia mais do que pensava ou a governanta negligenciava as suas obrigações. Por fim, levantou-se e dirigiu-se à copa, onde se guardavam as bebidas. No momento em que se preparava para pegar numa garrafa, detectou o choro do recém-nascido. “Mrs. Talley devia conservá-lo no seu quarto, perto da cozinha.” Tudo indicava que cumprira as suas instruções à letra, pois ele não vira nem ouvira a criança nos dois dias transcorridos desde que se lhe introduzira em casa. Naquele instante, detectou a voz da governanta no tom característico das mulheres para se dirigirem aos bebês. — És muito bonitinho, sabias — articulava ela. — Podes mesmo considerar-te um anjo. Jamie aproximou-se da porta aberta do quarto e espreitou. A mulher conseguira obter um berço algures, no qual a criança se achava deitada, rodeando um dos dedos dela com a pequena mão. — Tens muita força, Jamie. Hás-de ser um... — Mrs. Talley interrompeu-se, surpreendida, ao aperceber-se da presença do patrão à entrada. — Estava... Desejava alguma coisa, Mr. McGrcgor?

— Não — ele aproximou-se do berço. — Senti curiosidade em ver o que se passava aqui.

E contemplou o filho pela primeira vez. Era maior do que supusera e bem constituído, além do que, pormenor embaraçoso, dir-se-ia sorrir-lhe.

— Queira desculpar, Mr. McGregor, mas é um bebê encantador. E

saudável.

Estenda-lhe o dedo e verá que o segura com força.

No entanto, ele rodou nos calcanhares e afastou-se.

Jamie McGregor dispunha de mais de meia centena de empregados dispersos pelas suas várias empresas e não havia um único, independentemente do cargo que desempenhava, que ignorasse como a Kruger-Brent Ltd. Adquirira o nome. Ele admitira recentemente David Blackwell, filho de dezesseis anos de um dos capatazes, um americano do Orégão que partira para a África do Sul à procura de diamantes. Quando o dinheiro se lhe esgotara, Jamie contratara-o para se ocupar de uma das minas. O filho trabalhou na companhia em regime eventual, durante um Verão, e ele considerou-o tão competente que lhe ofereceu um lugar permanente. O jovem David Blackwell era inteligente e atraente e tinha iniciativa.

Além disso, Jamie sabia que podia guardar um segredo, motivo pelo qual o escolheu para aquela missão especial.

— Precisava que fosse à pensão de Mrs. Owens, onde vive uma mulher chamada Margaret van der Merwe. — Muito bem.

Se o rapaz estava familiarizado com o seu nome ou suas circunstâncias, não o deixou transparecer.

— O recado destina-se-lhe pessoalmente. Portanto, não o transmita a intermediários. Diga-lhe que venha buscar o filho hoje mesmo. David Blackwell reapareceu meia hora mais tarde, para comunicar.

— Não me foi possível cumprir as suas instruções.

— Por quê? — inquiriu Jamie, pondo-se de pé abruptamente. — Eram de uma simplicidade quase infantil.

— Miss van der Merwe não se encontrava lá.

— Então, localize-a.

— Partiu de Klipdrift há dois dias e só deve regressar passada uma semana. Se deseja que efetue diligências mais profundas... — Não é necessário — era o que menos convinha a Jamie. — Está bem. Pode retirar-se. “Diabos levem a mulher! Quando voltar, terá uma surpresa à sua espera. Há-de ser-lhe devolvido o filho!” Naquela noite, Jamie jantou só, em casa, e tomava o brande na biblioteca quando a governanta o procurou para discutir um problema doméstico. Todavia, a meio de uma frase, fez uma pausa para escutar e disse. — Queira desculpar, Mr. McGregor, mas Jamie está a chorar — e afastou-seapressadamente. Ele pousou a garrafa de brande com um gesto brusco.

“Raio de bebê! E ela teve o arrojo de lhe chamar Jamie! Não parece um Jamie. Na realidade, não parece coisa nenhuma.” Mrs. Talley reapareceu transcorridos dez minutos, e tratou de a advertir: — Julgo

conveniente recordar-lhe que trabalha para mim e não para aquele bastardo. Ficamos entendidos?

— Decerto, Mr. McGregor.

— Quanto mais depressa o levarem desta casa, melhor para todos.

— Muito bem — articulou ela, comprimindo os lábios. — Deseja mais alguma coisa?

— De momento, não — mas vendo que a mulher se preparava para sair, Jamie acrescentou: — A propósito...

— Sim? — Disse que ele estava a chorar. Adoeceu?

— Não. Precisava que lhe mudassem as fraldas.

— Ah! — tossiu, com uma ponta de embaraço. — Nada mais, Mrs. Talley. Todavia, o embaraço transformar-se-ia em fúria se soubesse que o pessoal trocava impressões com insistência a respeito dele e do seu filho.

Concordavam unanimemente que o patrão não procedia bem, mas reconheciam que a simples alusão ao fato na sua presença representaria o despedimento imediato, pois Jamie McGregor não aceitava com simpatia os conselhos dos outros.

Na tarde seguinte, teve uma reunião de negócios que se prolongou pela noite, Efetuara um investimento numa nova via-férrea. Embora de pequena envergadura — das minas do deserto da Namíbia a De Aar, estabelecendo ligação com a linha Cidade do Cabo-Kimberley —, passaria a ser muito menos dispendioso transportar os seus diamantes e o ouro para o porto. O primeiro caminho-de-ferro da Cidade do Cabo fora inaugurado em 1860, de Dunbar ao Promontório, e desde então haviam surgido novas linhas da Cidade do Cabo para Wellington. A via-férrea constituiria o sistema circulatório de aço que permitiria o movimento de mercadorias e pessoas através do coração da África do Sul, e Jamie tencionava tomar parte ativa no progresso. Isso representava apenas o começo do seu plano. “Depois, navios. A minha frota mercante levará os minerais através do oceano!” Chegou a casa depois da meia-noite e foi-se deitar imediatamente. Começava a mergulhar no sono, quando julgou ouvir um grito. Soergueu-se de modo abrupto e escutou atentamente, mas o som não se repetiu. Teria sido o bebê? A queda do berço provocaria algo do gênero. Jamie sabia que a governanta não acordava com facilidade, e seria lamentável que acontecesse alguma coisa à criança durante a permanência em sua casa. Poderiam mesmo responsabilizá-lo. “Diabos levem a mulher!”

Com uma imprecação entre dentes, enfiou o roupão e os chinelos e atravessou a casa em direção ao quarto de Mrs. Talley. Uma vez junto da porta fechada, apurou os ouvidos, sem resultado. Por último, estendeu a mão para o puxador e fê-lo girar. A governanta dormia profundamente, quase invisível sob os cobertores, roncando, pelo que ele se acercou do berço. O bébé encontrava-se deitado de costas, com os olhos bem abertos. Na verdade, havia certa semelhança! A boca e o queixo eram como os dele. Ao mesmo tempo, agitava as mãos no ar e parecia sorrir a Jamie. “Poucos bebês estariam tão sossegados. Sim, é mesmo um McGregor!” Com uma ponta de hesitação, Jamie estendeu um dedo e o bebê apressou-se a segurá-lo com ambas as mãos. Era forte como um touro! Naquele instante, o rosto da criança assumiu uma expressão tensa e ele notou um odor acre.

— Mrs. Talley!

— Que... que foi? — balbuciou ela, alarmada, apoiando-se no cotovelo.

— O bébé necessita de atenção. Tenho de ser eu a fazer tudo, nesta casa? E Jamie McGregor afastou-se com passos firmes.

— Percebe alguma coisa de bebês, David? — Em que sentido? — perguntou David Blackwell.

— Com o que gostam de brincar e coisas do gênero. — Julgo que gostam de guizos.

— Compre meia dúzia.

— Muito bem.

Nada de perguntas desnecessárias. Jamie gostava de semelhantes atitudes e estava convencido de que o jovem americano tinha um futuro prometedor à sua frente.

Naquela noite, quando Jamie chegou a casa, Mrs. Talley apressou-se a procurá-lo.

— Queria pedir desculpa por aquilo de ontem, Mr. McGregor. Não

compreendo como não acordei. O bebê deve ter gritado horrivelmente para que o ouvisse do seu quarto.

— Não se preocupe com isso — replicou Jamie, generosamente. — O essencial é que um de nós se apercebeu — estendeu o embrulho à governanta. — São guizos para ele se entreter. Não se deve divertir muito, prisioneiro no berço todo o dia.

— Não está prisioneiro. Levo-o a sair.

— Onde?

— Ao jardim. — Enrugou a fronte por um momento e observou: — Ontem à noite, não me pareceu com bom aspecto. Não covinha nada que adoecesse antes de a mãe o vir buscar.

— Decerto que não.

— Talvez não fosse má ideia eu dar-lhe outra olhadela. — Quer que o traga?

— Se não se importa, Mrs. Talley! A mulher afastou-se, para reaparecer decorridos uns minutos, com o bébé nos braços.

— Não lhe noto nada de anormal. — Bem, é possível que me enganasse.

Dê-mo cá. Jamie pegou no filho pela primeira vez e a sensação que o invadiu colheu-o totalmente desprevenido. Dir-se— ia que aguardava aquele momento desde longa data, sem se aperceber conscientemente do fato. Era carne da sua carne que tinha nos braços, o seu filho, Jamie McGregor, Jr. Para que servia construir um império, uma dinastia, possuir diamantes, ouro e caminhos-de-ferro, se não existia alguém a quem transmiti-los? “Tenho sido um insensato!” Só agora se inteirava daquilo que lhe faltava. O ódio cegara-o ao ponto de ignorar os verdadeiros valores da vida. Ao contemplar o minúsculo rosto e as mãos delicadas que seguravam um guizo azul, sentiu dissipar-se uma dureza que até então se lhe alojara no âmago da alma.

— Leve o berço de Jamie para o meu quarto, Mrs. Talley. Três dias mais tarde, quando Margaret se apresentou à entrada da moradia de Jamie, a governanta anunciou: — Mr. McGregor encontra-se no escritório da firma, mas pediu-me que o mandasse chamar quando viesse reclamar o bebê. Deseja falar-lhe.

A rapariga aguardou na sala, com o pequeno Jamie nos braços, do qual sentira saudades quase excruciantes. Durante aqueles oito dias, por várias vezes estivera prestes a perder a coragem e a regressar a Klipdrift, receando que tivesse acontecido alguma coisa ao filho, vítima de uma doença grave ou acidente. Não obstante, conseguira resistir e o seu plano resultara. Jamie desejava falar-lhe! Tudo se harmonizaria. Passariam a viver juntos os três.

No instante em que ele apareceu, Margaret voltou a experimentar o acesso de emoção familiar. “Amo-o tanto, meu Deus!” — Olá, Maggie.

— Olá, Jamie — murmurou, com um sorriso radioso de felicidade.

— Quero o meu filho.

— É natural — articulou, sentindo o coração cantar de alegria. — Nunca duvidei disso.

— Providenciarei para que receba uma educação esmerada. Desfrutará de todas as vantagens que lhe posso proporcionar, e, naturalmente, tomarei as medidas necessárias para que não te falte nada.

— Não... não compreendo — balbuciou, perplexa.

— Disse que quero o meu filho.

— Pensei... isto é... que tu e eu...

— Não. Só me interessa a criança.

— Muito bem — acudiu-lhe cólera repentina. — Não permitirei que mo roubes.

Jamie contemplou-a em silêncio por um momento e tomou uma resolução. — Nesse caso, optaremos por uma situação de compromisso.

Podes ficar aqui com Jamie. Serás a sua... preceptora — apercebendo-se da expressão irredutível da interlocutora, inquiriu: — Que pretendes, afinal?

— Que o meu filho tenha um nome — declarou Margaret, em tom de desafio. — O nome do pai. — De acordo. Adoto-o.

— Adotas o meu bebê? De modo algum. Não contes com isso. Fazes-me pena. O grande Jamie McGregor, com todo o seu dinheiro e poder, no fundo não tem nada.

És merecedor de compaixão. Ele ficou como que petrificado, enquanto a rapariga rodava nos calcanhares e abandonava a moradia, com o filho nos braços.

Na manhã seguinte, Margaret iniciou os preparativos para partir rumo à América. — A fuga não resolve nada — observou Mrs. Owens.

— Não fujo. Limito-me a seguir para um lugar onde eu e o meu filho possamos iniciar vida nova.

Margaret decidira que não podia sujeitar-se e ao bebê à humilhação que Jamie McGregor lhes oferecia.

— Quando tencionas partir?

— O mais depressa possível. Tomaremos a diligência de Worcester e depois o comboio para a Cidade do Cabo. Economizei dinheiro suficiente para ir até Nova Iorque. — É uma viagem longa.

— A distância não me assusta. Não chamam à América a terra das grandes oportunidades? É precisamente do que necessitamos. Jamie sempre se orgulhara de permanecer calmo nas situações difíceis, mas agora gritava com todos. O escritório da firma constituía um fulcro de rugidos quase permanentes. Nada do que o pessoal fazia lhe agradava.

Vociferava e protestava contra tudo, incapaz de se dominar. A breve conversa com Margaret não lhe abandonava o pensamento. “Maldita mulher!” Era de prever que tentaria forçá-lo a desposá-la. Revelava-se ardilosa como o pai. Ele não procedera como a situação exigia. Dissera que tomaria as medidas necessárias para que não lhe faltasse nada, mas não especificara. Devia ter-lhe oferecido dinheiro. Mil libras...

dez mil... mais, se fosse caso disso. Por fim, mandou chamar David Blackwell e informou: — Vou confiar-lhe uma missão delicada.

— Perfeitamente.

— Quero que procure Miss Van der Merwe e lhe ofereça vinte mil libras em meu nome. Ela saberá o que pretendo em troca — Jamie preencheu um cheque, pois há muito que aprendera a vantagem de negociar com dinheiro à vista. — Entregue-lhe isto.

— Muito bem.

O rapaz regressou transcorridos quinze minutos e restituiu o cheque ao patrão, agora rasgado em dois.

— Obrigado, David — proferiu Jamie, sentindo um calor desagradável nas faces. Era óbvio que Margaret desejava mais dinheiro. Pois bem, dar-lho-ia. No entanto, desta vez ele próprio se ocuparia do assunto. Naquela tarde, dirigiu-se à pensão de Mrs. Owens e anunciou: — Quero falar com Miss Van der Merwe.

— Não é possível. Vai a caminho da América. — Que me diz? — sentiu uma impressão pungente, como se acabassem de o socar no estômago. — Quando partiu? — Hoje ao meio-dia, na diligência de Worcester, com o filho.

O comboio na estação de Worcester achava-se superlotado, com os assentos e corredores repletos de passageiros ruidosos que se destinavam à Cidade do Cabo. Havia comerciantes com as esposas, caixeiros-viajantes, pesquisadores, cafres, soldados e marinheiros que regressavam às suas unidades após períodos de licença. Muitos viajavam de comboio pela primeira vez, o que constituía mais um motivo para exteriorizarem a euforia. Margaret conseguira obter lugar junto de uma janela, onde o pequeno Jamie não corria o perigo de ser esmagado pela multidão. Sabia que teria de enfrentar privações e mesmo perigos antes de obter uma situação estável. Onde quer que se instalasse, seria uma mãe solteira, um ultraje à sociedade. Apesar disso, encontraria um meio de assegurar uma vida decente ao filho. Por fim, ouviu o empregado da estação anunciar a partida e, quase no mesmo instante, ergueu os olhos e deparou-se-lhe Jamie no compartimento. — Qual é a tua bagagem? — perguntou em tom peremptório. — Vais desembarcar imediatamente. “Continua convencido de que me pode comprar...”, refletiu ela, que redarguiu: — Quanto me ofereces, desta vez? Ele contemplou o filho, que dormia tranquilamente nos braços da mãe, e articulou com serenidade: — Ofereço-te o casamento.

Casaram três dias depois, numa cerimônia rápida e íntima, tendo David Blackwell como única testemunha. Durante a execução das formalidades, Jamie McGregor sentia-se dominado por emoções estranhas. Habituara-se a dominar e manipular os outros, mas desta vez o manipulado fora ele. Lançou um olhar fugaz a Margaret, a seu lado, quase bela, e recordou a sua paixão e abandono. No entanto, tratava-se apenas de um fato do passado, nada mais, sem ardor nem emoção. Ele utilizara-a como um instrumento de vingança e ela proporcionara-lhe um herdeiro. Por último, o sacerdote proferiu: — Declaro-os marido e mulher — voltou-se para Jamie. — Pode beijar a noiva.

Ele inclinou-se e pousou levemente os lábios na face de Margaret, após o que murmurou: — Vamos para

casa. Uma vez na moradia, conduziu-a a um quarto de uma das alas e explicou: — Os teus aposentos.

— Compreendo.

— Admitirei outra governanta e Mrs. Talley ocupar-se-á de Jamie. Se necessitares de alguma coisa, entende-te com David Blackwell.

Ela vacilou ligeiramente, como se acabasse de ser esbofeteada.

Tratava-a como uma criada. Todavia, isso carecia de importância.

"Meu filho tem um nome. Não ambiciono nada mais."

Jamie não jantou em casa. Margaret esperou demoradamente, até que se sentou à mesa, só. Naquela noite, conservou-se acordada na cama, consciente de todos os sons, até que, às quatro da madrugada, acabou por adormecer. O seu último pensamento consistiu em especular acerca de qual das pequenas de Madame Agnes teria sido preferida por Jamie.

Se as relações dela com o marido não se alteraram após o casamento, a atitude dos habitantes de Klipdrift sofreu uma transformação radical.

De um dia para o outro, Margaret passou de pária a árbitro social. A maioria da população dependia, de uma maneira ou de outra, de Jamie McGregor e da Kruger-Brent, Ltd. Por conseguinte, foi decidido por unanimidade que, se ele aceitara Margaret van der Merwe, o exemplo devia ser seguido. Agora, cada vez que ela levava o filho a passear, deparavam-se-lhe sorrisos e saudações cordiais. Por outro lado, os convites afluíam com abundância — para participar em reuniões de beneficiência e incorporar-se em comissões cívicas. Quando mudava de penteado, dezenas de mulheres se apressavam a imitá-la. Se comprava um vestido amarelo, essa cor adquiria preferência geral imediata. Ela, porém, encarava as adulações do mesmo modo que resistira à hostilidade: com dignidade.

Jamie aparecia em casa unicamente para passar o tempo com o filho, enquanto a sua atitude para com Margaret se mantinha distante e polida. Todas as manhãs, ao pequeno-almoço, ela desempenhava as funções de esposa feliz perante o pessoal doméstico, apesar da indiferença glacial do homem sentado à sua frente.

Todavia, quando ele saía, recolhia ao quarto alagada em transpiração, furiosa consigo mesma. Que acontecera ao seu amor-próprio? No fundo, sabia que continuava a amar Jamie. "Amá-lo-ei sempre, e que Deus me ajude." Jamie encontrava-se na Cidade do Cabo em visita de negócios, quando, ao sair do Royal Hotel, um cocheiro negro ofereceu: — Carruagem, senhor?

— Não, obrigado. Irei a pé. — Banda pensava que aceitaria o convite.

— Banda? — ecoou Jamie, detendo-se e fitando o homem com intensidade.

— Exatamente, Mr. McGregor.

Decidiu subir para a carruagem, que o cocheiro pôs em movimento com prontidão, e reclinou-se no assento, evocando Banda, a sua coragem e amizade. Tentara localizá-lo por várias vezes nos últimos dois anos, sem resultado, e agora acudia ao seu encontro. O negro conduziu a viatura na direção das docas, e Jamie compreendeu imediatamente aonde se dirigiam. Quinze minutos depois, detiveram-se diante de um armazém deserto, onde ele e Banda outrora haviam planejado a sua aventura na Namíbia. "Éramos uns jovens intrépidos", reconheceu, com uma ponta de saudade, enquanto se apeava e aproximava da entrada. Banda encontrava-se à sua espera. Parecia exatamente o mesmo, com a diferença de que se achava vestido de forma irrepreensível. Conservaram-se imóveis por um momento, sorrindo, até que se abraçaram. — Tens um ar próspero — observou Jamie.

— A vida não me tem corrido mal — admitiu o outro. — Comprei aquela herdade que tinha mencionado, casei, nasceram-nos dois filhos e cultivo trigo e avestruzes.

— Avestruzes?

— As penas dão muito dinheiro.

— Efetuei numerosas diligências para te encontrar.

— Tenho estado muito ocupado — o negro assumiu um tom confidencial. — Queria preveni-lo de uma coisa. Vai enfrentar problemas.

— De que gênero?

— O capataz do campo da Namíbia, Hans Zimmerman, não é boa rês. Os operários odeiam-no e falam

em abandonar o trabalho. Se o fizerem, os guardas tentarão impedi-los e haverá tumultos — Banda fez uma pausa, sem desviar os olhos do interlocutor. — Lembra-se de me referir a John Tengo Javabu?

— Sim, um dirigente político. Li algumas coisas a seu respeito. Parece que anda a levantar uma donderstorm.

— Sou um dos seus seguidores.

— Compreendo — Jamie inclinou a cabeça e prometeu: — Verei o que é possível fazer. — Ótimo. Tornou-se um homem poderoso. Congratulo-me com isso.

— Obrigado, Banda.

— E tem um belo rapaz.

— Como sabe? — inquiriu, surpreendido.

— Gosto de estar ao corrente da vida dos meus amigos — o negro estendeu a mão. — Tenho de comparecer a uma reunião. Direi aos meus correligionários que a situação será retificada na Namíbia.

— Sim, providenciarei nesse sentido sem demora — os dois homens despediram-se com cordialidade. — Quando voltarei a ver-te?

— Irei aparecendo. Não se livra de mim com facilidade — declarou Banda, sorrindo.

Quando regressou a Klipdrift, Jamie mandou chamar David Blackwell e perguntou: — Tem havido problemas no campo da Namíbia?

— Não, Mr. McGregor. No entanto, constou-me que talvez haja em breve.

— O capataz de lá é Hans Zimmerman. Averigue se maltrata os operários e, em caso afirmativo, ponha cobro a isso. Trate do assunto pessoalmente.

— Partirei de manhã. Quando chegou ao campo de diamantes da Namíbia, David dedicou duas horas a troca de impressões com os guardas e operários e o que apurou enfureceu-o. Por fim, inteirado do que lhe interessava, procurou Hans Zimmerman.

O capataz era um indivíduo gigantesco que decerto não pesava menos de cento e vinte quilos, com expressão porcina e olhar congestionado.

Por outro lado, tratava-se de um dos funcionários mais eficientes da Kruger-Brent, Ltd.

Quando David entrou no seu gabinete, Zimmerman sentava-se atrás da secretária, que parecia minúscula em comparação com o seu arcaboiço.

— Tenho muito gosto em vê-lo, Mr. Blackwell. Devia ter-me prevenido da sua vinda — observou, embora o recém-chegado estivesse convencido de que o haviam prevenido. — Uísque?

— Não, obrigado.

— Em que lhe posso ser útil? — o capataz reclinou-se na cadeira rotativa.

— Não extraímos diamantes em quantidade suficiente para satisfazer o patrão? — ninguém ignorava que a produção do campo da Namíbia era excelente. — Nenhum dos meus colegas obtém resultados tão avultados dos seus cafres.

— Recebemos queixas acerca das condições que vigoram aqui. — Queixas de que espécie? — a expressão de Zimmerman toldou-se.

— O pessoal é maltratado e...

— São cafres! — pôs-se de pé de um salto, com agilidade surpreendente.

— Vocês passam a vida a polir os fundos das cadeiras com o rabo e...

— Escute — atalhou David. — Não há... — Escute você! Produzo mais diamantes que ninguém, e por uma razão de peso.

Insuflo o temor a Deus nesses bastardos.

— Nas outras minas, pagamos cinquenta e nove xelins e alimentação, enquanto você lhes dá apenas cinquenta.

— Critica-me porque reduzo as despesas? A única coisa que conta é o lucro. — Jamie McGregor não concorda. Aumente os salários.

— Como queira — Zimmerman assumiu uma expressão compungida. — O dinheiro é dele.

— Ouvi dizer que o chicote desenvolve grande atividade.

— As chicotadas não lhes doem. Têm a pele muito dura. Só servem para os assustar.

— Nesse caso, já matou vários de susto.

— Há muitos mais donde estes vieram — alegou, com um encolher de ombros.

"É um animal sanguinário e perigoso", refletiu David, que cravou o olhar no gigante e advertiu: — Se houver mais problemas do gênero, será substituído. Habitue-se a tratar os seus homens como seres humanos. Os castigos corporais devem ser suspensos imediatamente.

Inspeccionei os alojamentos e considero-os autênticas pocilgas.

Mande limpá-los.

— Mais alguma coisa? — articulou o capataz, esforçando-se por dominar a cólera. — Sim. Voltarei dentro de três meses. Se o que então vir não me agradar, terá de procurar trabalho noutra companhia. Bom dia — e, rodando nos calcanhares, David encaminhou-se para a porta. Hans Zimmerman conservou-se imóvel por vários minutos, assolado por fúria quase indomável. Os imbecis não passam de uitlanders. Ele era bóer, à semelhança do pai. A terra pertencia-lhes, e Deus colocara os negros nela para os servir. Se tivesse em mente que fossem tratados como seres humanos, não tornaria a sua pele escura. Jamie McGregor não compreendia isso. Todavia, que se podia esperar de um uitlander, um amigo dos nativos? O capataz reconheceu que necessitava de usar de maior prudência, no futuro. Não obstante, mostrar-Lhes-ia quem mandava na Namíbia.

A Kruger-Brent, Ltd., expandia-se e Jamie McGregor era forçado a ausentar-se com frequência. Entretanto, adquirira uma fábrica de papel no Canadá e um estaleiro na Austrália. Quando se encontrava em casa, passava todo o tempo com o filho, que cada vez se parecia mais com ele. Jamie sentia um orgulho desmedido e desejava levar a criança nas suas longas viagens, mas Margaret opunha-se. — É muito pequeno para viajar. Quando for mais crescido, poderá acompanhar-te.

Quase sem que ele se desse conta, o filho completou o primeiro ano de vida e depois o segundo, o que o assombrava pela rapidez com que o tempo se escoava. Decorria então o ano de 1887. Contudo, para Margaret, os dias sucediam-se com lentidão. Uma vez por semana, o marido convidava amigos para jantar e ela fazia as honras da casa. Os homens consideravam-na simpática e inteligente e sentiam prazer com as conversas que travavam. Sabia que alguns a achavam particularmente atraente, mas abstinham-se de o deixar transparecer de forma óbvia, porque se tratava da esposa de Jamie McGregor.

Quando se encontravam sós, Margaret perguntava:

— O serão correu-te bem? E ele respondia invariavelmente: — O melhor possível. Boa noite! E afastava-se em direção ao quarto do filho, para se certificar de que estava bem. Momentos depois, ouvia-se a porta da rua bater, indicando que acabava de sair.

Noite após noite, Margaret McGregor permanecia deitada na cama entregue a reflexões sobre a sua vida. Não ignorava que as outras mulheres a invejavam, o que lhe contraía o coração, consciente do pouco que havia para invejar. Vivia uma farsa com um marido que a tratava pior do que a um estranho. Se ao menos reparasse nela!

Perguntava a si mesma como reagiria se, uma manhã, ao pequeno-almoço, pegasse no prato que continha flocos de aveia importados especialmente da Escócia e lho vertesse na estúpida cabeça. Não lhe era difícil imaginar a expressão de assombro, o que a obrigou a soltar uma risada em surdina que se converteu num soluço. "Não quero continuar a amá-lo. Não quero.

Hei-de pôr termo a isto, de uma maneira ou de outra, antes que me destrua..." Em 1890, Klipdrift correspondia às previsões de Jamie. Ao longo dos sete anos da sua permanência, convertera-se numa trepidante boom-town à qual afluíam pesquisadores de todos os recantos do mundo. Era a velha história. Chegavam na diligência, em transportes de carga e mesmo a pé, acompanhados apenas pelos andrajos que vestiam. Necessitavam de comida, equipamento, alojamento e dinheiro para o sustento, e Jamie McGregor estava sempre pronto a auxiliá-los.

Tinha ações de dezenas de minas de diamantes e ouro em laboração, e o seu nome e reputação aumentavam de importância. Certa manhã, recebeu a visita de um advogado da De Beers, gigantesco grupo que controlava as vastas minas de diamantes de Kimberley. — Em que o posso servir? — perguntou Jamie.

— Incumbiram-me de lhe apresentar uma proposta, Mr. McGregor. A De Beers gostava de adquirir a sua companhia. Indique o seu preço.

Era um momento culminante, e ele sorriu antes de replicar: — Indique você o seu!

David Blackwell tornava-se cada vez mais importante para Jamie, que via no jovem americano a imagem daquilo que ele próprio fora. O rapaz era honesto, inteligente e leal, pelo que o tornou sucessivamente seu secretário, consultor pessoal e, por último, quando David completou vinte e sete anos, diretor-geral.

Quanto a este, considerava Jamie McGregor um segundo pai. Nos cinco anos de permanência na Kruger-Brent International, habituara-se a admirá-lo mais do que a qualquer outro homem que até então conhecera. Achava-se ao corrente do problema entre Jamie e Margaret e deplorava-o profundamente, porque estimava ambos. “Mas não é de minha conta”, reconhecia. “A minha obrigação consiste em auxiliar Jamie em tudo o que puder.” Jamie consagrava cada vez mais tempo ao filho, que tinha agora cinco anos, e, na primeira vez que o levou a visitar as minas, o garoto não falou noutra coisa durante uma semana. Ausentavam-se para acampar e dormiam numa tenda sob a estrelas. Jamie estava habituado aos céus da Escócia, onde as estrelas conheciam os seus lugares apropriados no firmamento. Na África do Sul, porém, as constelações eram confusas. Em Janeiro, Canopo brilhava com intensidade sobre a cabeça do observador, ao passo que em Maio era o Cruzeiro do Sul que se situava perto do zénite. Em Junho, estação invernosa no Hemisfério Sul, Escorpião constituía a glória da abóbada celeste. De qualquer modo, agradava-lhe particularmente permanecer deitado na terra morna e contemplar o céu intemporal, com o filho a seu lado, consciente de que faziam parte da mesma eternidade.

Levantavam-se ao romper do dia e caçavam para comer. O pequeno Jamie possuía um pónei, e pai e filho cavalgavam na savana, evitando cautelosamente as covas de dois metros produzidas pelo urso-formigueiro, suficientemente profundas para tragarem um cavalo e respectivo cavaleiro, e as outras de menores dimensões feitas pelo gato dos pântanos.

Com efeito, pairava o perigo na savana. Numa das suas excursões, Jamie e o filho encontravam-se acampados na margem de um rio, quando quase foram mortos por uma manada de springboks. O primeiro sinal de perigo consistiu numa ténue nuvem de poeira no horizonte. As lebres, os chacais e os gatos dos pântanos principiaram a fugir espavoridos e serpentes de largas dimensões surgiam da vegetação em busca de pedras para se ocultarem. Quando voltou a observar o horizonte, Jamie verificou que a nuvem se aproximava. — Saiamos daqui — indicou ao filho.

— A tenda... — Não há tempo para a levantar! Subiram rapidamente para as montadas e seguiram para o topo de uma colina.

Entretanto, ouviam o rugido surdo de cascos e avistaram a linha da frente dos springboks, que se estendia por mais de quatro quilômetros.

Eram pelo menos quinhentos mil e arrasavam tudo o que se lhes deparava no caminho. Derrubavam árvores e pulverizavam os arbustos e na esteira da vaga irresistível ficavam os corpos de centenas de pequenos animais. Lebres, serpentes, chacais e galinhas-da-índia eram esmagados pelos casos implacáveis. A atmosfera achava-se impregnada de poeira e de um rugido contínuo, e, quando finalmente o pandemónio terminou, Jamie calculou que se prolongara por mais de três horas. No dia do sexto aniversário do filho, anunciou: — Para a semana, levo-te à Cidade do Cabo, para que vejas como é uma autêntica cidade.

— A mãe não pode vir connosco? Não gosta de caçar, mas as cidades agradam-lhe.

— Tem muito que fazer aqui — disse Jamie, acariciando-Lhe a cabeça. — É uma viagem só para nós, homens, hem? A criança sentia-se preocupada com o fato de a mãe e o pai parecerem tão distantes um do outro, sobretudo porque não compreendia o motivo.

Viajaram na carruagem ferroviária pessoal de Jamie. Em 1891, o caminho-de-ferro representava o meio de transporte proeminente na África do Sul, pois os comboios eram pouco dispendiosos, cómodos e rápidos. A carruagem que ele mandara construir expressamente para as suas deslocações tinha vinte e cinco metros de comprimento e continha quatro compartimentos luxuosos com acomodações para doze pessoas, uma sala que podia funcionar como gabinete de trabalho, outra para as refeições, um bar e uma cozinha totalmente equipada. Os aposentos dispunham de camas metálicas, candeeiros a gás e janelas panorâmicas.

— Onde estão os outros passageiros? — perguntou o garoto.

— Somos só nós — explicou Jamie, rindo. — O comboio é teu, filho.

O pequeno Jamie passou a maior parte da viagem voltado para a janela, de olhos arregalados,

maravilhado com a vasta paisagem que deslizava velozmente.

— É a terra de Deus — observou o pai. — Encheu-a de minerais preciosos para nós, enterrados no solo à espera que os recolhamos. Aquilo que encontrámos até agora não passa do começo.

Quando chegaram à Cidade do Cabo, o garoto ficou assombrado com as multidões e os edifícios imponentes. Jamie levou-o à McGregor Shipping Line e indicou-lhe meia dúzia de navios que carregavam e descarregavam no porto. — Pertencem-nos.

No regresso a Klipdrift, o jovem Jamie ansiava por revelar tudo o que vira. — O pai é dono de toda a cidade! Havias de gostar, mãe. Virás connosco, na próxima vez.

— Com certeza, querido — murmurou Margaret, abraçando-o. Jamie passava muitas noites fora de casa e ela sabia que visitava o bordel de Madame Agnes. Constara-lhe que adquirira um apartamento para uma das mulheres, a fim de a poder procurar quando entendesse, com maior discrição.

Embora não tivesse a certeza da veracidade da afirmação, Margaret só sabia que lhe apetecia matar a prostituta, se porventura se confirmasse.

No intuito de manter o equilíbrio mental, ela resolveu interessar-se pela cidade.

Assim, recolheu fundos para a construção de uma igreja e inaugurou uma missão destinada a auxiliar as famílias dos pesquisadores necessitadas. Quando pediu ao marido que utilizasse uma das suas carruagens pessoais para os transportar gratuitamente de regresso à Cidade do Cabo, nos casos em que se lhes esgotava o dinheiro e a esperança, ele protestou: — Propões que desperdice dinheiro? Que recorram ao mesmo meio de transporte da vinda: a pé.

— Não estão em condições de efetuar grandes caminhadas — argumentou Margaret. — E se ficarem, a cidade terá de lhes custear a alimentação e o vestuário. — Está bem — capitulou ele, finalmente. —

Mas é uma ideia insensata.

— Obrigada, Jamie.

Acompanhando-a com a vista enquanto se afastava, não pôde evitar uma ponta de orgulho nela. “Dava uma esposa excelente para alguém...”, cogitou.

A prostituta à qual Jamie montara um apartamento era Mag-gie, a que se sentara ao lado de Margaret, no dia em que esta fora convidada por Madame Agnes. Ele considerava irónico o fato de a mulher ter o mesmo nome de sua esposa, sobretudo porque não possuíam qualquer ponto comum.

Maggie era uma loura de vinte e um anos, rosto atraente e corpo sensual, que se movimentava na cama com a voracidade e a sofreguidão de uma pantera. Jamie entregara uma quantia substancial a Madame Agnes para que lha dispensasse e a prostituta recebia uma mesada generosa. Por outro lado, ele usava da maior discreção quando a visitava, quase sempre à noite e depois de se certificar de que não o observavam. Na realidade, porém, numerosas pessoas estavam ao corrente da situação, mas abstinham-se de tecer comentários. Tratava-se da cidade de Jamie McGregor e assistia-lhe o direito de proceder como quisesse. Naquela noite, não experimentava o mínimo prazer.

Deslocara-se ao apartamento animado da perspectiva de longas horas inebriantes e deparara-se-lhe Maggie dominada por acentuado mau humor. Encontrou-a estendida na cama ampla, o roupão cor-de-rosa insuficiente para encobrir os recantos sinuosos e excitantes, e foi acolhido pelo desabafo: — Estou farta de me manter fechada entre estas malditas quatro paredes. Não passo de uma escrava ou prisioneira! Em casa de Madame Agnes, ao menos, divertia-me um pouco. Porque não me levas contigo, nas tuas viagens?

— Já to expliquei. Não posso... — Tretas! — saltou da cama e postou-se diante dele, numa atitude de desafio. — Levas o teu catraio a toda a parte. Sou menos que ele?

— És — articulou Jamie, em reflexão perigosamente calma, dirigindo-se ao bar e pegando na garrafa de brande para encher o quarto cálice da noite, quantidade muito superior àquela a que se achava habituado.

— Não significo absolutamente nada para ti! — vociferou ela. — Sou um mero monte de estrume — e inclinou a cabeça para trás, soltando uma risada desagradável. — O escocês moralão!

— Vê se te acalmas!

— Estás sempre a criticar-me. Nunca digo nem faço nada acertado. Julgas-te meu pai, porventura?

— Voltas para a casa de Madame Agnes amanhã mesmo — decidiu Jamie, cansado do desafio de palavras. — Vou preveni-la do teu regresso — e, pegando no chapéu, encaminhou-se para a porta.

— Não te livras de mim com essa facilidade, bastardo! — rugiu Maggie, seguindo-o, enfurecida.

— Acabo de o fazer.

Quando se encontrou na rua, ele descobriu que vacilava e sentia o espírito enevoado. Talvez tivesse emborcado mais de quatro brandes.

Na verdade, perdera-lhes a conta. Lembrou-se do corpo capitoso de Maggie e experimentou uma ereção.

Uma vez em casa, no momento em que passava diante da porta fechada do quarto de Margaret, lobrigou um clarão amarelado através da frincha inferior. De súbito, imaginou-a deitada, envolta apenas na camisa de dormir. Ou talvez em coisa nenhuma. Recordou-se de como o seu corpo apetitoso se contorcera debaixo dele entre o arvoredo da margem do rio Orange. Por fim, impelido pelos vapores do álcool, abriu a porta e entrou.

Margaret estava de fato deitada, lendo ao clarão de um candeeiro de petróleo, e ergueu os olhos com uma expressão de surpresa.

— Há alguma novidade? — Já um homem não pode visitar a esposa sem provocar estranheza? — retorquiu ele em voz arrastada.

Ela usava um roupão transparente, e Jamie descortinou os seios túrgidos aparentemente empenhados em perfurar o tecido. “Tem um corpo admirável”, admitiu.

E principiou a despir-se.

— Que fazes? — balbuciou Margaret, saindo da cama de olhar arregalado.

Sem responder, ele obrigou-a a deitar-se de novo e estendeu-se a seu lado, completamente desnudo.

— Como te desejo, Maggie! Na confusão de ébrio, não estava muito seguro de qual das duas Maggies desejava. Travou-se breve luta, cuja vitória não oferecia dúvidas desde o início.

Finalmente, já rendida, Margaret puxou-o para si e sussurrou: — Oh, Jamie querido! Necessito tanto de ti...

Por seu turno, ele refletia: “Não te devia ter tratado tão mal. De manhã, dir-te-ei que não voltas para casa da Madame Agnes...”

Quando acordou, Margaret descobriu que estava só. No entanto, ainda sentia o corpo vigoroso do marido no seu íntimo e evocava as suas palavras: “Como te desejo, Maggie!” Afinal, não se equivocara desde o princípio. Ele amava-a.

Merecera a pena esperar, ao longo de todos aqueles anos de dor, solidão e humilhação.

Permaneceu o resto do dia num estado de êxtase. Tomou banho, lavou o cabelo e mudou várias vezes de ideias acerca do vestido que mais agradaria a Jamie.

Dispensou a cozinheira, a fim de poder preparar as iguarias preferidas do marido. Por último, pôs a mesa para o jantar com requintes extremos, empenhada em que fosse um serão memorável.

No entanto, Jamie não foi comer a casa, nem apareceu em toda a noite.

Margaret esperou-o na biblioteca até às três horas da madrugada e acabou por se ir deitar.

Quando ele chegou, na noite seguinte, cumprimentou-a polidamente e dirigiu-se ao quarto do filho. Ela enrugou a fronte, perplexa, e em seguida voltou-se para o espelho, o qual lhe revelou que nunca estivera tão atraente. Todavia, no momento em que se aproximou para observar os olhos, não os reconheceu. Eram os de uma estranha.

— Tenho uma notícia maravilhosa para si, Mrs. McGregor — declarou o Dr. Tecger, com um sorriso. — Vai ter um filho.

Margaret sentiu o choque da revelação, sem saber se devia rir ou chorar. “Uma notícia maravilhosa?” Era impensável contribuir com mais um filho num matrimónio sem amor.

A humilhação afigurava-se-lhe insustentável. Impunha-se que encontrasse uma saída e, enquanto pensava nisso, acudiu-lhe uma vaga de náusea que a inundou de transpiração.

— A indisposição matinal? — observou o médico.

— Acho que sim.

— Tome estes comprimidos — recomendou, entregando-Lhe uma pequena embalagem. — Atenuam um pouco o enjoo. Está em condição excelente, Mrs. McGregor. Não tem nada que se preocupar. Vá para casa e comunique a boa nova ao seu marido.

— Tem razão. É o que vou fazer.

Encontravam-se à mesa do jantar, quando resolveu anunciar: — Fui hoje ao médico. Vou ter um filho.

Sem proferir palavra, Jamie atirou o guardanapo para o lado, levantou-se e abandonou a sala. Foi naquele momento que Margaret compreendeu que o podia odiar tão profundamente como o amava. Foi uma gravidez difícil e ela passava grande parte do tempo na cama, fatigada e fraca. Permanecia deitada, hora após hora, imaginando Jamie a seus pés, empenhado em que lhe perdoasse, e voltando a praticar o amor furiosamente. Mas não passava de fantasias. A realidade consistia em que se encontrava encurralada. Não tinha para onde ir e, de qualquer modo, ele nunca permitiria que levasse o filho consigo.

Jamie completara sete anos e tornara-se um rapaz bem-parecido, de espírito vivo e sentido de humor. Entretanto, aproximara-se mais da mãe, como se pressentisse a infelicidade que a assolava. Preparava pequenos presentes para ela na escola e oferecia-lhos, enquanto Margaret sorria com gratidão, tentando emergir da depressão. Quando o filho perguntava o motivo pelo qual o pai passava as noites fora de casa e nunca a convidava para sair, limitava-se a responder: — Teu pai é um homem muito importante. Está sempre muito ocupado.

"As nossas relações são um problema apenas meu e não permitirei que Jamie o odeie por isso." A gravidez tornava-se cada vez mais visível e, quando Margaret saía, pessoas conhecidas abordavam-na e observavam: — Já não falta muito, Mrs. McGregor. Aposto que será outro belo rapaz como o Jamie. Seu marido deve sentir-se muito contente.

Todavia, nas suas costas, comentavam: — Coitada. Está com um aspecto doentio. Deve ter descoberto que ele mobilou um apartamento para a amante.

Por seu turno, ela tentava preparar o filho para o acontecimento. — Vais ter um irmão ou irmã para brincar. Não te parece estupendo?

— E tu mais alguém para te fazer companhia — replicou o garoto, abraçando-a.

Margaret teve de desenvolver esforços para dominar as lágrimas.

As dores de parto principiaram às quatro da madrugada. Mrs. Talley apressou-se a mandar chamar Hannah e a criança nasceu ao meio-dia.

Era uma rapariga saudável, com a boca da mãe e o queixo do pai, num rosto avermelhado encimado por cabelos pretos anelados. Margaret decidiu chamar-lhe Kate, refletindo: "É um nome vigoroso e ela vai precisar de energias. Tenho de levar os meus filhos daqui. Ainda não sei como, mas hei-de descobrir um meio." David Blackwell irrompeu no gabinete de Jamie McGregor sem bater e este ergueu os olhos, surpreendido. — Que se passa?

— Há tumultos na Namíbia! — O quê? — levantou-se com brusquidão. — Que aconteceu?

— Um dos rapazes negros foi surpreendido quando tentava roubar um diamante.

Produziu uma incisão no sovaco e ocultou-o lá. Para lhe dar uma lição, Zimmerman mandou-o chicotear diante dos outros operários. Por fim, o rapaz morreu. Tinha doze anos. — Santo Deus! — a expressão de Jamie era de cólera intensa. — Determinei que fosse suspenso o emprego do chicote em todas as minas. — Eu próprio adverti Zimmerman. — Despeça esse bastardo.

— Não conseguimos localizá-lo.

— Porquê?

— Foi levado pelos negros. A situação está fora do nosso domínio.

— Fique aqui e oriente os assuntos correntes até ao meu regresso — indicou, pegando no chapéu. — Não me parece prudente visitar o local, Mr. McGregor. O nativo que Zimmerman matou era da tribo Baralong. Os seus membros não perdoam nem esquecem. Eu podia...

Todavia, Jamie já se afastava.

Quando se encontrava a quinze quilômetros do campo de diamantes, Jamie McGregor avistou o fumo. Todas as cabanas da Namíbia tinham sido incendiadas.

"Os imprudentes! Destroem as suas próprias casas!" À medida que a carruagem se acercava, chegou-lhe aos ouvidos o som de detonações e gritos. Por entre a confusão geral, agentes da autoridade alvejavam os indivíduos de cor que tentavam desesperadamente pôr-se em fuga. Os brancos estavam numa minoria de um para dez, mas possuíam armas de fogo.

Quando o chefe da Polícia, Bernard Sothey, avistou Jamie, acudiu ao seu encontro e asseverou: — Não se preocupe, Mr. McGregor. Havemos de exterminar todos esses bastardos.

— De modo algum! Ordene aos seus homens que suspendam o tiroteio.

— O quê? Se...

— Faça o que lhe digo! — rugiu Jamie, vendo, com profunda consternação, uma negra tombar sob uma chuva de balas. — Mande suspender o fogo!

— Muito bem.

O homem transmitiu as indicações necessárias a um graduado e, em poucos minutos, os estampidos extinguiram-se por completo; mas já havia corpos estendidos por todos os lados. — Se quer ouvir a minha opinião... — começou.

— Não estou interessado. Vá buscar o chefe deles.

Dois polícias levaram à sua presença um jovem negro algemado e coberto de sangue, mas sem vestígios de medo, o qual se postou diante de Jamie, alto e empertigado, de olhos flamejantes, e este recordou-se do termo que Banda empregara para se referir ao orgulho no dialeto banto: isiko.

— Sou Jamie McGregor — fez uma pausa, mas o outro limitou-se a cuspir no chão. — O que acaba de acontecer não foi da minha responsabilidade, mas quero compensá-los dos prejuízos. — Diga isso às viúvas deles!

— Onde está Zimmerman? — inquiriu, virando-se para Sothey. — Ainda não o descobrimos. Jamie apercebeu-se do clarão no olhar do negro e compreendeu que o capataz não seria encontrado. — Vou fechar o campo de diamantes por três dias — comunicou ao homem na sua frente. Conversa com os teus companheiros, elabora uma lista das suas reivindicações e analisá-la-ei atentamente. Prometo agir com a maior imparcialidade. Alterarei tudo o que não estiver certo — fez nova pausa, enquanto o outro o olhava com uma expressão de ceticismo. — Nomearei um novo capataz e mandarei estabelecer condições de trabalho decentes. No entanto, espero que os teus homens retomem a atividade dentro de três dias. —

Quer dizer que o deixa partir em liberdade? — exclamou o chefe da Polícia. — Matou alguns dos meus subordinados. — Haverá um inquérito rigoroso e...

Jamie foi interrompido pelo ruído de um cavalo a galope, montado por David Blackwell, cuja expressão angustiada lhe provocou um pressentimento de alarme. — Seu filho desapareceu, mister McGregor!

O mundo pareceu tornar-se subitamente gelado. Metade da população de Klipdrift prontificou-se a participar nas pesquisas, explorando os arrabaldes, ravinas e bosques, mas não havia o mínimo indício do garoto.

Jamie parecia um alucinado, enquanto refletia: “Afastou-se demasiado de casa e perdeu-se. Estou certo de que não tardará a aparecer...”

Entrou no quarto de Margaret, que se encontrava deitada, com o bebê nos braços, a qual perguntou: — Há alguma novidade?

— Não, mas hei-de encontrá-lo.

Ele fixou o olhar na filha por um momento e retirou-se em silêncio.

Mrs. Talley surgiu pouco depois, torcendo as mãos com desespero.

— Não se apoquente, Mrs. McGregor. Jamie já é crescido e sabe cuidar de si — inclinou-se para a frente e retirou Kate dos braços da mãe. — Tente dormir um pouco.

Levou-a para o quarto em que se encontrava o berço, aconchegou a roupa e afastou-se.

À meia-noite, a janela foi aberta silenciosamente para dar passagem a um homem, que se aproximou do berço, envolveu a criança num cobertor e ergueu-a nos braços.

Em seguida, Banda retirou-se tão discretamente como surgira. Foi Mrs. Talley quem descobriu que Kate desaparecera, e começou por pensar que Mrs. McGregor a fora buscar durante a noite. Por conseguinte, dirigiu-se ao quarto desta última e perguntou: — Onde está o bebê? A expressão do rosto de Margaret indicou-lhe instantaneamente o que acontecera. Quando passou mais um dia sem vestígios do filho, Jamie sentiu-se na iminência de um colapso. Por fim, procurou David Blackwell e murmurou em voz trémula: — Acha que lhe terá acontecido alguma coisa? — Não sei, Mrs. McGregor — foi a resposta, num tom que tentava revelar-se convincente. No entanto, sabia. Prevenira o patrão de que os bantos nunca esqueciam

nem perdoavam, e um indivíduo daquela casta fora cruelmente assassinado. De uma coisa não tinha a mínima dúvida: se eles tinham levado o pequeno Jamie, este sofrera uma morte horrível, pois costumavam vingar-se ao mesmo nível do mal sofrido.

Jamie regressou a casa ao amanhecer, esgotado. Chefiara uma equipa de busca composta por habitantes da cidade, pesquisadores e polícias e haviam passado a noite à procura do garoto em todos os lugares concebíveis.

David aguardava-o na biblioteca e não perdeu tempo com rodeios: — Sua filha foi raptada, Mr. McGregor.

Jamie olhou-o em silêncio, o rosto dominado por profunda palidez.

Por último, rodou nos calcanhares e afastou-se.

Havia quarenta e oito horas que não se deitava, pelo que se afundou na cama e adormeceu quase imediatamente. Encontrava-se estendido à sombra de uma gigantesca árvore frondosa e, ao longe, através da savana, um leão movia-se na sua direção, enquanto o filho o sacudia.

“Acorda, pai. Vem aí um leão!” O animal movia-se agora mais rapidamente e o garoto sacudia-o com mais força. “Acorda!” Jamie abriu os olhos e viu Banda na sua frente. Preparava-se para falar, mas o negro cobriu-lhe a boca com a mão.

— Nem uma palavra! — murmurou, permitindo que se soerguesse.

— Onde está o meu filho?

— Morreu — Banda fez uma pausa, enquanto Jamie via o quarto oscilar à sua volta. — Lastimo profundamente, mas não cheguei a tempo de o evitar. Os brancos derramaram sangue dos bantos, que resolveram vingar-se.

— Meu Deus! — Jamie ocultou o rosto nas mãos. — Que lhe fizeram?

— Abandonaram-no no deserto — Banda exprimia-se numa inflexão amargurada. — Encontrei o corpo e sepultei-o.

— Não é possível!

— Tentei salvá-lo.

Jamie inclinou a cabeça com lentidão, aceitando a realidade pungente.

— E minha filha? — inquiriu em voz átona.

— Levei-a antes que eles viessem buscá-la. Agora, encontra-se de novo no quarto, adormecida. Não corre perigo, se você cumprir o que prometeu.

— Cumprirei — afirmou, o rosto convertido numa máscara de ódio. — Mas quero apanhar os homens que mataram meu filho, para que expiem o crime.

— Nesse caso, terá de mandar executar toda a minha tribo — declarou Banda, com uma expressão impenetrável.

Não passava de um pesadelo, mas ela mantinha os olhos fechados com firmeza, pois sabia que se os abrisse tudo se tornaria real e os filhos estariam mortos. Por conseguinte, entregava-se a um jogo. Conservaria as pálpebras cerradas, até que sentisse a mão do pequeno Jamie pousada na sua e o ouvisse dizer: — Estamos aqui, mãe. Não corremos perigo.

Havia três dias que se achava na cama, recusando falar ou ver pessoa alguma. O Dr. Teeger visitara-a várias vezes, sem que Margaret se apercebesse. A meio da noite, ouviu um ruído no quarto do filho e apurou os ouvidos. Pouco depois, registrou-se novo som. O pequeno Jamie voltara!

Levantou-se com prontidão e atravessou apressadamente o corredor em direção ao quarto do garoto. Através da porta, apercebeu-se de gemidos abafados, e, alarmada, fez rodar o puxador.

O marido encontrava-se estendido no chão, o rosto e o corpo contraídos, com um dos olhos fechado, ao passo que o outro a fitava grotescamente. Tentava falar, mas as palavras brotavam como sons animais incoerentes.

— Oh, Jamie... Jamie! — balbuciou Margaret.

— As notícias são más, Mrs. McGregor — declarou o Dr. Teeger. — Seu marido sofreu um colapso grave. Tem cinquenta por cento de probabilidades de sobreviver, mas se tal acontecer não passará de um

vegetal. Tomarei as providências necessárias para que dê entrada numa clínica particular, onde receberá a assistência apropriada.

— Não!

— Não, quê? — articulou, fitando Margaret com perplexidade.

— Quero-o aqui comigo.

Refletiu por um momento e aquiesceu.

— Muito bem. Procurarei uma enfermeira para...

— Não é necessário. Eu própria cuidarei dele.

— Desconhece a situação, Mrs. McGregor. Seu marido deixou de ser uma pessoa em funcionamento normal. Está completamente paralisado e manter-se-á assim para sempre.

— Cuidarei dele — reiterou Margaret, com obstinação. Jamie pertencia-lhe finalmente.

Jamie McGregor viveu exatamente mais um ano desde o dia em que sofreu o colapso, e foi o período mais feliz da vida de Margaret. O marido achava-se totalmente incapacitado, sem poder mover-se ou falar. Ela preocupava-se com todas as suas necessidades e conservava-se a seu lado, dia e noite. Durante o dia, conduzia-o à sala de costura numa cadeira de rodas e não parava de lhe falar, ao mesmo tempo que se entretinha fazendo malha. Abordava todos os pequenos problemas domésticos pelos quais ele nunca se interessara por falta de tempo e revelava-lhe o desenvolvimento da pequena Kate. À noite, transferia o corpo esquelético de Jamie para o quarto e depositava-o suavemente na cama, a seu lado. Entretanto, David Blackwell dirigia a Kruger-Brent, Ltd., e, de vez em quando, procurava Margaret para que assinasse documentos. Nessas ocasiões, experimentava uma sensação pungente ao observar a incapacidade física e mental de Jamie, ao qual considerava que devia tudo o que era.

— Escolheste bem, querido — comentou ela ao marido. — David é um colaborador excepcional — pousou o trabalho e sorriu. — Parece-se um pouco contigo. Não receavas sonhar os projetos mais arrojados e todos se concretizaram. A companhia não pára de se expandir — voltou a pegar nas agulhas. — Kate começa a falar. Pareceu-me ouvir-lhe dizer “mamã”, esta manhã.

Jamie mantinha-se imóvel, como que petrificado, o olhar fixando um ponto indefinido na sua frente.

Na manhã seguinte, quando acordou, Margaret descobriu que ele morrera. — Repousa, meu amor, repousa... — murmurou, estreitando-o nos braços. — Sempre te amei, profundamente. Espero que chegasses a compreendê-lo. Adeus, querido.

Agora, encontrava-se só. O marido e o filho tinham-na deixado.

Restavam apenas ela e a filha. Dirigiu-se ao quarto contíguo e contemplou a criança que dormia no berço. Katherine. Kate. O nome derivava do grego e significava límpida ou pura, costumando atribuir-se às santas, freiras e rainhas.

— Qual das três coisas serás? — proferiu em voz alta. Decorria uma época de grande expansão na África do Sul, mas também de agitação crescente. registrava-se uma fricção de longa data no Transval entre os Bóeres e os Ingleses, que culminou com o conflito aberto. Na quinta-feira, 12 de Outubro de 1899, data do sétimo aniversário de Kate, foi declarada a guerra e, três dias mais tarde, o Estado Livre de Orange sofria o primeiro ataque. David tentou convencer Margaret a abandonar a África do Sul com a filha, mas ela negou-se a partir.

— Meu marido encontra-se aqui — alegou com firmeza. Reconhecendo a incapacidade para a demover da decisão, ele limitou-se a anunciar: — Vou juntar-me aos Bóeres. Acha que pode cuidar das coisas?

— Sem dúvida. Farei o possível para que a companhia funcione normalmente.

David alistou-se na manhã seguinte.

Os Ingleses contavam com uma guerra fácil e rápida, pouco mais do que uma operação de limpeza, pelo que se lançaram nela confiantes.

No aquartelamento em Hyde Park, Londres, realizou-se um jantar de despedida, com uma ementa especial em que se via um soldado britânico segurando a cabeça de um javali numa bandeja e a seguinte descrição: JANTAR DE DESPEDIDA AO ESQUADRÃO DO CABO

27 de Novembro de 1899

EMENTA

Ostras de Pintas Azuis Sopa de Estuque Sapo na Toca Cabrito à Mafeking Nabos do Transval. Molho do Cabo Faisões de Pretória Molho Branco Pudim da Paz. Gelados Maciços Queijo Holandês Sobremesa (E, favor não atirar cascas para debaixo das mesas) Gemidos Bóeres — Long Tom Holandeses Esfolados Vinho de Laranjeira.

No entanto, estava-lhes reservada uma surpresa. Os Bóeres encontravam-se no seu território e eram duros e resolutos.

** Jogo de palavras entre boar (javali) e bóer (bur).*

A primeira batalha da guerra foi travada em Mafeking, pouco mais que uma aldeia, e pela primeira vez os Ingleses começaram a vislumbrar o que se lhes erguia pela frente. Ato contínuo, seguiram mais tropas de Inglaterra, que cercaram Kimberley, e só conseguiram avançar em direção a Ladysmith, que tomaram, após luta encarniçada. Os canhões dos locais tinham maior alcance que os dos agressores, pelo que se tornou necessário recorrer à artilharia dos navios de guerra britânicos.

Assim, as peças foram desembarcadas e utilizadas pelos marinheiros a centenas de quilômetros das suas unidades.

Em Klipdrift, Margaret mantinha-se ansiosamente ao corrente de cada batalha, e ela e as pessoas à sua volta viviam dos rumores, variando o seu estado de espírito da euforia ao desespero, consoante a natureza das notícias. Até que, uma manhã, um dos empregados entrou no gabinete da companhia e comunicou: — Consta que os Ingleses avançam para aqui. Vão matar-nos a todos!

— Que ideia! — redarguiu Margaret. — Não se atrevem a tocar-nos.

Cinco dias depois, achava-se convertida em prisioneira de guerra. Ela e Kate foram transferidas para Paardeberg, uma das centenas de campos de prisioneiros que haviam surgido na África do Sul. Os detidos mantinham-se num vasto campo aberto rodeado por arame farpado, guardados por soldados britânicos, em condições deploráveis.

— Não te preocupes, querida — murmurou Margaret, apertando Kate nos braços. — Não te há-de acontecer nada.

Todavia, nenhuma delas acreditava nestas palavras. Cada dia que passava constituía um catálogo de horrores. Viam os companheiros de infortúnio morrer às dezenas, centenas e finalmente milhares, à medida que a febre grassava no campo. Não havia médicos nem medicamentos para os feridos e a comida escasseava. Foi um pesadelo constante, que se prolongou por cerca de três anos lancinantes. O que mais custava a suportar era a sensação de desamparo absoluto. Margaret e Kate encontravam-se à inteira mercê dos captores. Dependiam deles para as refeições e para o alojamento e até para a conservação da vida. A garota vivia imersa em terror, vendo as outras crianças morrer e receando que não tardasse a suceder-lhe o mesmo. Não dispunha de meios para se proteger e à mãe, e tudo aquilo representou uma lição que jamais esqueceria. Poder. Quem o possuía, tinha comida, medicamentos, liberdade. Enquanto assistia à morte dos que a rodeavam, identificava o poder com a vida. “Hei-de tê-lo, um dia.

Ninguém poderá voltar a tratar-me assim.” As batalhas violentas prosseguiam — Belmont, Graspan, Stormberg, Spioenkop — mas os destemidos Bóeres acabaram por se revelar incapazes de resistir ao poderio do Império Britânico. Em 1902, após quase três anos de guerra sangrenta, tiveram de capitular. Combateram cinquenta e cinco mil bóeres e perderam a vida trinta e quatro mil dos seus soldados, mulheres e crianças. Mas o que encheu os sobreviventes de indignação quase selvagem foi o conhecimento de que vinte e oito mil deles morreram em campos de concentração britânicos.

No dia em que as portas foram abertas, Margaret e Kate regressaram a Klipdrift. Poucas semanas mais tarde, num domingo cálido e sereno, foi a vez de David Blackwell se apresentar. A guerra amadurecera-o, mas continuava a ser o mesmo homem ponderado no qual Margaret se habituara a confiar.

— Lamento não as ter podido proteger — declarou, amargurado, quando se inteirou das vicissitudes que ela e filha tinham sofrido.

— Isso pertence ao passado, David. Temos de pensar apenas no futuro.

E o futuro era a Kruger-Brent, Ltd. Para o mundo, o ano de 1900 representava uma ardósia limpa em que

se escreveria História, uma nova era que prometia paz e esperança ilimitadas para todos.

Principiara um novo século, que trazia consigo uma série de inventos surpreendentes e revolucionadores da vida em todo o Globo. Os automóveis a vapor e os elétricos foram substituídos pelo motor de combustão. Surgiram os submarinos e os aeroplanos. A população mundial explodiu para um bilião e meio de almas. Era o período próprio para o crescimento e a expansão e, durante os seis anos imediatos, Margaret e David aproveitaram devidamente todas as oportunidades.

Entretanto, Kate desenvolvia-se quase sem assistência, pois a mãe achava-se muito ocupada com a direção da companhia, coadjuvada por David, para poder preocupar-se com ela. Assim, tornara-se uma criança irreprimível, obstinada, e intratável. Certa tarde, quando regressava a casa de uma reunião de negócios, Margaret surpreendeu a filha de catorze anos no pátio enlameado, envolvida em renhida luta com dois rapazes. — Valha-me Deus! — murmurou, abismada. — É esta a rapariga que um dia dirigirá os destinos da Kruger-Brent! Bem podemos rogar à Providência para que não nos desampare!

LIVRO DOIS

Kate e David

1906-1914

12

Kate McGregor trabalhava, à noite, no seu gabinete da sede da Kruger-Brent International, em Joanesburgo, quando ouviu o som de sereias da Polícia. Pousou os documentos que examinava, aproximou-se da janela e espreitou. Três carros-patrulhas e uma furgoneta detiveram-se à entrada do edifício com um chiar de pneus no asfalto e uma dezena de homens uniformizados apeou-se com prontidão para cobrir as portas de acesso. Era meia-noite e as ruas achavam-se desertas.

Kate lançou uma olhadela ao seu reflexo na vidraça. Com vinte e dois anos, era uma mulher atraente, possuidora dos olhos cinzentos do pai e o corpo torneado da mãe. Momentos depois, bateram à porta e ela proferiu: — Entre — declarou, após o que viu surgir dois polícias, um dos quais exibia a insígnia de superintendente. — Que aconteceu? — inquiriu. —

Peço desculpa por a importunarmos a esta hora tardia, Miss McGregor. Sou o superintendente Cominsky. — Qual é o problema, superintendente?

— Fomos informados de que um assassino evadido entrou neste edifício, há poucos minutos.

— Neste edifício? — repetiu ela, com uma expressão chocada.

— Exato. Está armado e é perigoso. — Nesse caso, agradecia-lhe que o encontrasse e levasse – observou, com uma ponta de impaciência.

— É precisamente a minha intenção. Apercebeu-se de algum ruído suspeito?

— Não. No entanto, encontrava-me só e há muitos lugares onde uma pessoa se pode esconder. Recomende aos seus homens que revistem tudo minuciosamente. — Sem dúvida, Miss McGregor — e o superintendente voltou-se para o corredor, ordenando: — Principiem na cave e sigam até ao terraço — e dirigindo-se de novo a Kate: — Há algum gabinete fechado à chave?

— Penso que não, de contrário tratarei de o abrir. Verificou que ela se achava enervada e, no fundo, não a censurava por isso. Ainda ficaria mais apreensiva se soubesse como o homem que perseguiam estava desesperado.

— Havemos de o encontrar — prometeu com firmeza. Kate tornou a pegar nos documentos que estudava, mas descobriu que não conseguia concentrar-se,

ouvindo os polícias moverem-se por todo o edifício, de um gabinete para o outro. “Conseguirão descobri-lo?” A ideia fê— la estremecer.

Entretanto, eles atuavam com lentidão, metodicamente, esquadrinhando todos os esconderijos possíveis. Quarenta e cinco minutos mais tarde, o superintendente Cominsky reapareceu e ela leu-lhe a expressão corretamente. — Não o encontraram!

— Ainda não, mas não se apoquente... — Lamento, mas estou apoquentada. Se há um assassino no edifício, quero que o descubram.

— Consegui-lo-emos. Restam os cães. Soaram latidos no corredor e, no momento imediato, apareceu um polícia com dois corpulentos pastores-alemães. — Os cães percorreram todo o prédio, superintendente. Farejaram tudo exceto este gabinete.

Cominsky virou-se para Kate.

— Ausentou-se daqui recentemente?

— Fui ao arquivo buscar uns documentos. Parece-lhe que ele pode?... —

e ela interrompeu-se com um estremecimento. — É melhor não descurar nenhuma possibilidade. O superintendente fez um sinal ao subordinado, que soltou os animais da trela e indicou: — Busquem. Ato contínuo, os cães pareceram alucinados. Precipitaram-se para uma porta fechada e puseram-se a ladrar com excitação. —

Valha-me Deus! — balbuciou Kate. — Está ali!

— Abre a porta — ordenou Cominsky, puxando da pistola. O polícia acercou-se, empunhando igualmente a arma, e fez rodar o puxador. O

compartimento, sem dúvida destinado a arrecadação, achava-se deserto. Todavia, um dos cães correu para outra porta, diante da qual estacou, rosnando.

— Que há do outro lado? — perguntou o superintendente.

— Uma casa de banho.

O polícia apressou-se a abri-la, mas não avistaram vivalma no interior.

— Nunca os vi comportarem-se assim — articulou, meneando a cabeça, enquanto os cães se moviam em redor freneticamente. — Captaram o rasto, mas ele não aparece.

Por fim, os animais aproximaram-se de uma gaveta da secretária e continuaram a ladrar com persistência — Está solucionado o mistério — observou Kate, com um sorriso forçado. — Escondeu-se na gaveta.

— Lastimo tê-la incomodado, Miss McGregor — disse Cominsky, embaraçado.

Voltou-se para o polícia e ordenou: — Leve-os daqui para fora. —

Retiram-se? — perguntou ela, numa inflexão apreensiva.

— Garanto-lhe que não corre o menor perigo. Os meus homens passaram o

edifício a pente fino. Posso assegurar-lhe que ele não se encontra aqui. Foi um falso alarme. As minhas desculpas.

— Não haja dúvida de que vocês sabem tornar excitante o serão de uma mulher — comentou ela, secamente.

Kate conservou-se junto da janela até que as três viaturas da Polícia se afastaram, após o que abriu a gaveta da secretária e extraiu um par de sapatos de lona manchados de sangue. Em seguida dirigiu-se a uma porta com a indicação Entrada Proibida a Pessoas Não Autorizadas, no fundo do corredor, e entrou. A sala continha apenas um cofre-forte enorme embutido na parede, onde a Kruger-Brent, Ltd. Guardava os diamantes antes de serem expedidos para os diferentes destinos. Em movimentos rápidos, compôs as letras do segredo e puxou a porta gigantesca. Nas paredes, alinhavam-se dezenas de pequenos cofres repletos de pedras preciosas e, no centro, via-se Banda, semiconsciente.

— Já se foram — informou Kate, ajoelhando a seu lado. O negro descerrou as pálpebras com lentidão e conseguiu esboçar um sorriso.

Permitiu que ela o ajudasse a levantar e comprimiu os lábios no momento em que moveu o braço envolto numa ligadura manchada de sangue. — Podes calçar os sapatos? — Kate retirara-lhos antes e, para confundir os cães que decerto apareceriam, utilizara-os para se deslocar em torno do seu gabinete, acabando por os ocultar na gaveta da secretária. — Vem. Tens de sair daqui.

— Eu desenrasco-me sozinho — declarou ele abanando a cabeça com veemência. — Se descobrem que me ajudou, fazem-lhe passar um mau bocado.

— Não te preocupes com isso — e vendo-o lançar uma olhadela em torno do cofre, sugeriu: — Se queres levar algum diamante, serve-te à vontade.

— Seu pai fez-me uma oferta semelhante, há muito tempo. — Eu sei.

— Não preciso de dinheiro. Tenho apenas de abandonar a cidade por uns tempos.

— Como tencionas sair de Joanesburgo?

— Hei-de descobrir um meio.

— A Polícia bloqueou todas as saídas. Não tens a mínima hipótese, sem ajuda. — Já me auxiliou mais do que devia — persistiu Banda, calçando os sapatos.

— Se te apanham, matam-te. Vens comigo.

Kate sabia que não se equivocava acerca do bloqueio das saídas da cidade. A captura do negro constituía uma prioridade suprema, e as autoridades tinham recebido ordens para o apanhar, vivo ou morto.

— Espero que tenha em vista um plano melhor do que o de seu pai — comentou Banda em voz débil, em resultado da perda de sangue.

— Não fales. Poupa as energias. Deixa tudo a meu cargo — e ela revelava uma confiança que não sentia totalmente, mas ele encontrava-se nas suas mãos e

não permitiria que lhe acontecesse coisa alguma.

Deplorava que David estivesse ausente, mas teria de se desembaraçar da crítica situação sem o seu auxílio. — Vou levar o carro para a porta das traseiras — anunciou após breve pausa. — Deixa passar dez minutos e segue para lá. Estará a porta da retaguarda aberta, para que subas e te estendas no chão. Há uma manta para te cobrires.

— Mas eles hão-de revistar todos os carros que abandonem a cidade.

— Não utilizaremos esse meio de transporte. Parte um comboio para a Cidade do Cabo às oito da manhã, ao qual mandei atrelar a minha carruagem pessoal.

— Vai levar-me aí? — Precisamente.

— Vocês, os McGregor, adoram realmente a excitação — murmurou o negro, com um sorriso.

Meia hora mais tarde, Kate conduzia o carro em direção à estação de caminho-de-ferro, com Banda deitado no solo da retaguarda, dissimulado por uma manta.

Não experimentou qualquer dificuldade em transpor as barreiras levantadas pelas autoridades, mas agora, no momento em que entrava no parque de estacionamento perto da linha, avistou um clarão à sua frente e verificou que o caminho se achava bloqueado por vários polícias, um dos quais se acercou no instante em que travou.

— Superintendente Cominsky? — Miss McGregor! Que faz aqui?

— Talvez me julgue pateta, mas o que aconteceu há pouco assustou-me — declarou Kate, fingindo-se apreensiva. — Resolvi, portanto, ausentar-me da cidade até que capturem o assassino. Ou já o encontraram?

— Não, infelizmente, embora não me restem dúvidas de que o conseguiremos. Palpita-me que tentará escapar-se no comboio. Não lhe servirá de nada, claro.

— Oxalá não se engane.

— Aonde vai?

— A minha carruagem pessoal encontra-se num desvio aí adiante. Penso seguir nela até à Cidade do Cabo. — Quer que um dos meus homens a acompanhe?

— Obrigada, superintendente, mas não vejo necessidade. Agora que sei que estão na pista do homem, posso respirar melhor.

Cinco minutos depois, Kate e Banda achavam-se em segurança na carruagem, imersa na escuridão. — Não convém acender a luz — referiu ela, enquanto o ajudava a instalar-se numa das camas. — Aqui, não corres perigo até de manhã. Quando o comboio principiar a andar, escondes-te na casa de banho.

— Entendido.

— Conheces algum médico que te possa observar, quando chegarmos à

Cidade do Cabo? — Chegarmos? — ecoou ele, arqueando as sobrancelhas.

— Julgavas que te deixava ir só e perdia a parte mais excitante da aventura? Inclinou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada: “Não pode negar de quem é filha.” Quando amanheceu, uma locomotiva conduziu a carruagem particular para a retaguarda do comboio que partiria com destino à Cidade do Cabo.

Às oito horas em ponto, a composição abandonou a estação.

13

Entretanto, Kate comunicara ao pessoal que não queria ser incomodada, pois o ferimento de Banda voltava a sangrar e ela necessitava proceder à substituição da ligadura. Por outro lado, não tivera ensejo de conversar com ele desde o serão anterior, quando irrompera, exausto, no seu gabinete. — Explica-me o que aconteceu, Banda. O negro olhou-a e refletiu: “Por onde hei-de principiar?”

Como poderia fazer-lhe compreender a existência dos trek-boers, bóeres nómadas que expulsavam os bantos das suas terras ancestrais?

Ou teria porventura principiado tudo com o gigantesco Oom Paul Kruger, presidente do Transval, o qual afirmara, num discurso pronunciado no Parlamento sul-africano, que “temos de mandar nos pretos e permitir-lhes apenas que sejam uma raça dominada”? Ou ainda na época do grande construtor do império Cecil Rhodes, cuja máxima consistia em “a África para os brancos”? Como lhe seria possível resumir a história do seu povo numa frase? Por fim, acudiu-lhe uma maneira: — A Polícia assassinou o meu filho.

A descrição foi surgindo, embora com certa dificuldade. O filho mais velho de Banda, Ntombenthle, participava num comício, quando as autoridades surgiram para o dispersar. Em resultado disso, foram disparados alguns tiros e registraram-se tumultos. Ntombenthle figurava entre os presos e, na manhã seguinte, apareceu enforcado na cela.

— Garantiram que se suicidou, mas sei que o assassinaram. — Tão jovem, meu Deus! — exclamou Kate, lembrando-se das inúmeras vezes que tinham brincado juntos. — Lastimo profundamente. Mas porque te perseguem?

— Quando o mataram, comecei a agrupar os negros para me vingar.

Não podia ficar de braços cruzados. A Polícia chamou-me inimigo do Estado, prendeu-me por um roubo que não pratiquei e condenaram-me a vinte anos de prisão. Eu e mais três conseguimos evadir-nos. Um guarda foi atingido mortalmente a tiro e atribuem-me a culpa, embora nunca possuísse uma arma de fogo em toda a minha vida.

— Acredito. A primeira coisa a fazer é levar-te para um lugar seguro.

— Lamento envolvê-la nisto.

— Não me envolveste em nada. És meu amigo.

— O primeiro branco que me chamou amigo foi seu pai. — Banda exibiu um sorriso de nostalgia. — Como tenciona fazer-me sair do comboio, na Cidade do Cabo? — Não é para aí que vamos.

— Mas disse...

— Como mulher, assiste-me o direito de mudar de ideias. A meio da noite, quando o comboio se deteve na estação de Worcester, Rate mandou desatrelar a carruagem e conduzi-la para um desvio. Ao amanhecer, dirigiu-se à cama de Banda, e encontrou-a vazia. O negro desaparecera, disposto a não a comprometer mais profundamente.

Apesar de deplorar o fato, ela estava persuadida de que não se deixaria apanhar pelas autoridades, pois dispunha de muitos amigos. “David há-de orgulhar-se de mim”, foi o seu pensamento imediato. — Não percebo como pudeste ser tão estúpida! — vociferou ele, quando Kate regressou a Joanesburgo e lhe descreveu o episódio. — Não só arriscaste a tua segurança pessoal como colocaste a companhia em perigo. Sabes o que a Polícia faria se encontrasse Banda aqui? — Sei — replicou ela, com uma expressão de desafio. — Matava-o. — Será possível que não compreendas nada? — David passou a mão pela fronte, num gesto de frustração. — Enganaste. Compreendo que és um homem frio, sem sentimentos.

— Não passas de uma criança. Kate ergueu a mão para o esbofetear, mas ele apressou-se a segurar-lha.

— Tens de aprender a dominar-te.

Estas palavras ecoaram-lhe na cabeça: “Tens de aprender a dominar-te.”

Ela tinha quatro anos e achava-se no auge de uma troca de socos com um rapaz que se atrevera a importuná-la, quando David surgiu e afugentou este último. No momento em que Kate pretendia correr no seu encalço, ele segurou-a pelo braço e recomendou: — Tens de aprender a dominar-te. As meninas bem-com-portadas não se entregam a cenas de pugilismo. — Não sou uma menina bem-comportada. Larga-me.

— Vai mudar de roupa e lavar-te, antes que tua mãe te veja.

— Aplicava-lhe um corretivo, se não interviesses — asseverou Kate, lançando um olhar pesaroso na direção tomada pelo antagonista.

David olhou-a em silêncio por um momento e inclinou a cabeça com lentidão. — Provavelmente, aplicavas mesmo.

Mais serena, permitiu que lhe pegasse ao colo e a levasse para casa.

Gostava de estar nos braços dele. Na realidade, agradava-lhe tudo a seu respeito. Era o único adulto que a compreendia e, sempre que se encontrava na cidade, consagrava-lhe algum tempo. Em momento de descontração, já-mie

descrevera a David as suas aventuras com Banda e agora o rapaz repetia-lhas.

— Fala-me outra vez da jangada que construíram. E ele comprazia-a com prontidão.

— E os tubarões... Conta-me aquilo do mis do mar... Daquele dia em que...

Kate tinha poucas oportunidades de ver a mãe, sempre ocupada com os assuntos da Kruger-Brent, Ltd. Margaret conversava com o marido todas as noites, como acontecera ao longo do ano que precedera a sua morte.

— David é de uma utilidade extraordinária, Jamie, e ainda cá estará quando a companhia passar para as mãos de Kate. Embora me custe afligir-te, confesso que não sei o que fazer com essa rapariga... Kate era obstinada, irrequieta e impossível de dominar, recusando-se a obedecer à mãe ou a Mrs. Talley. Se lhe escolhiam um vestido, trocava-o imediatamente por outro. Também não se alimentava convenientemente. Comia o que e quando lhe apetecia, indiferente a rogos ou ameaças. Se a obrigavam a comparecer a uma festa de aniversário, encontrava sempre uma maneira para provocar distúrbios.

Não tinha amigas. Negava-se a frequentar as aulas de bailado, preferindo praticar o râguebi com adolescentes. A partir do momento em que começou a frequentar a escola, Margaret era convocada pela diretora pelo menos uma vez por mês e necessitava de empregar todos os meios de persuasão para que Kate não fosse expulsa.

— Não a compreendo — desabafava a mulher. — Apesar de invulgarmente inteligente, revolta-se contra tudo. Não sei o que faça com ela.

E Margaret via-se forçada a partilhar da sua opinião.

A única pessoa capaz de manter Kate na linha era David.

— Ouvi dizer que te convidaram para uma festa de anos, esta tarde — Detesto essas coisas. — Eu sei — agachou-se até ficar ao nível dela. —

Mas o pai da festejada é meu amigo, e fico mal situado se não compareceres e te portares como uma senhora. — É um bom amigo?

— Sim.

— Então, vou. E as suas maneiras naquela tarde foram impecáveis.

— Não compreendo como o consegue — comentava Margaret. — É um autêntico ato de ilusionismo.

— Trata-se de uma fase passageira — afirmava ele, rindo. — Há-de livrar-se dela. O essencial é não lhe quebrar a voluntariedade.

— Aqui para nós, em certas ocasiões eu gostava de lhe quebrar o pescoço — era, com frequência, o comentário final dela, com um sorriso malicioso. Quando tinha dez anos, Kate anunciou, um dia: — Quero conhecer Banda.

— Não é possível — redarguiu David, surpreendido. — A herdade dele fica muito longe.

— Acompanhas-me, ou tenho de fazer a viagem sozinha? Na semana seguinte, partiram. A herdade tinha dimensões apreciáveis e Banda cultivava nela trigo, dedicando-se igualmente à criação de carneiros e avestruzes. Os alojamentos consistiam em cabanas circulares com paredes de barro, enquanto postes suportavam o teto cónico coberto com colmo. O negro encontrava-se à entrada, observando-os, enquanto Kate e David se apeavam da carruagem. — Adivinhava que era filha de Jamie McGregor, mesmo que não mo dissessem — declarou, contemplando a rapariga com gravidade. — E eu reconhecia-te imediatamente — replicou ela. — Vim agradecer-te por salvares a vida a meu pai. — Desconfio que exageraram — Banda soltou uma gargalhada.

— Entre, para conhecer a família.

A esposa era uma banto atraente chamada Ntame e havia dois filhos: Ntombenthle, de dezessete anos, e Magena, de dezesseis. O primeiro podia considerar-se uma miniatura do pai, com os mesmos traços fisionômicos regulares e porte empertigado. Kate passou toda a tarde a brincar com os dois rapazes e, por fim, jantaram na cozinha da pequena mas imaculada cabana. Por seu turno, David sentia uma ponta de desconforto por se sentar à mesa com uma família de negros.

Respeitava Banda, mas, em obediência à tradição, não devia haver confraternização entre as duas raças. Além disso, preocupavam-no as atividades políticas do anfitrião, pois constava que era discípulo de John Tenga Javabu, o qual pugnava por mudanças sociais drásticas.

Como os proprietários das minas não conseguiam recrutar nativos em número suficiente, o Governo impusera uma taxa de dez xelins a quem não trabalhasse nelas, o que suscitava tumultos por toda a África do Sul.

Ao fim da tarde, David propôs: — É melhor iniciarmos o regresso, Kate.

Aguarda-nos uma longa tirada.

— Ainda é cedo — e a rapariga voltou-se para Banda. — Conta-me aquilo dos tubarões.

A partir de então, sempre que David se encontrava na cidade, obrigava-o a acompanhá-la à herdade do negro. A convicção de David de que Kate se libertaria da fase de obstinação tardava em se concretizar. Ao invés, parecia acentuar-se cada dia que passava.

Recusava-se terminantemente a participar nas atividades próprias das raparigas da sua idade e insistia em que ele o levasse às minas, quando não preferia a pesca, a caça ou o campismo. Um dia em que pescavam no Vaal e ela capturou uma truta de dimensões apreciáveis, David comentou: — Devias ter nascido rapaz. — Não digas disparates. Depois, não podia casar contigo — e vendo-o soltar uma gargalhada divertida, ela persistiu: — Não tenhas a mínima

dúvida de que havemos de nos casar um com o outro.

— Duvido. Para já, sou vinte e dois anos mais velho, o suficiente para ser teu pai. Um dia, encontrarás um rapaz bem-parecido...

— Não me interessa encontrar nenhum rapaz bem-parecido. Há muito que te escolhi.

— Se falas a sério, vou revelar-te o segredo para conquistares o coração de um homem.

— Qual é? — quis saber, ansiosa.

— Através do estômago. Limpa essa truta e almocemos.

Uma vez por semana, Margaret convidava David para jantar na espaçosa moradia. Em regra, Kate preferia comer na cozinha com o pessoal, onde não necessitava de se preocupar com as maneiras à mesa, mas naquele dia optava pela companhia da mãe, unicamente porque ele também comparecia. Na maioria das vezes, David ia só, conquanto ocasionalmente levasse uma mulher, que Kate ficava a detestar desde o primeiro instante.

Mais tarde, conseguiu dirigir-se-lhe discretamente e observava: —

Aposto que desencantaste a tua companheira numa visita a casa de Madame Agnes. Quando Kate contava catorze anos, a diretora do colégio mandou chamar Margaret mais uma vez. — Orgulho-me de dirigir um estabelecimento respeitável e receio que sua filha exerça uma influência maligna.

— Que fez ela, agora? — perguntou Margaret, com um suspiro de

resignação. — Ensina às colegas expressões que nunca tinham ouvido.

Devo mesmo acrescentar que nem eu própria as conhecia. Não compreendo onde as aprendeu. “Mas compreendo eu. Na rua, com os seus companheiros de brincadeira. É altura de pôr ponto final nisto”.

— Agradecia que falasse com sua filha a sério, Mrs. McGregor.

Fecharei os olhos por mais esta vez, mas...

— Deixe. Tenho uma ideia melhor. Enviá-la-ei para um colégio interno.

Quando Margaret comunicou a ideia a David, este esboçou um sorriso malicioso.

— Duvido que ela fique contente. — Não há outra solução. Agora, a diretora queixa-se da sua linguagem. Ouve-a aos pesquisadores, com os quais convive constantemente. Kate começa a parecer-se com eles em tudo, incluindo o cheiro. Para ser franca, não a compreendo. Não vislumbro porque procede assim. É bonita, inteligente e...

— Talvez seja inteligente de mais.

— De qualquer modo, vou interná-la num colégio. Quando chegou a casa naquela tarde e se inteirou da decisão materna, a rapariga enfureceu-se. — Queres livrar-te de mim!

— Evidentemente que não, querida. Penso apenas que estarás melhor.

— Em parte alguma posso estar melhor do que aqui, onde tenho todos os amigos. Pretendes separar-me deles.

— Se te referes a esses maltrapilhos... — Não são maltrapilhos. Valem tanto como as outras pessoas.

— Evitemos as discussões inúteis. Vais para um internato e acabou-se.

— Antes a morte!

— Como queiras. Encontrarás uma tesoura aguçada na sala de costura e, se procurares bem, creio que descobrirás veneno algures.

— Não me faças isso, por favor, mãe! — balbuciou Kate, rompendo em lágrimas. — É para teu bem, minha filha — murmurou Margaret, apertando-a nos braços. — Em breve terás idade para casar e nenhum homem escolherá uma moça que fala e se veste como tu.

— É falso. David não se importa.

— Que tem ele a ver com isto? — Vamos casar.

Exalou um suspiro de frustração. — Vou dizer a Mrs. Talley que prepare as tuas coisas.

Dentre a meia dúzia de internatos para raparigas existentes em Inglaterra, Margaret decidiu que o de Cheltenham, em Gloucestershire, era o mais indicado para Kate. Situava-se numa propriedade espaçosa rodeada por muros elevados e, segundo o prospeto publicitário, fora fundado para as filhas de nobres. David tinha relações profissionais com o marido da diretora, Mrs. Keaton, pelo que não encontrou dificuldades para obter a admissão da rapariga. Quando tomou conhecimento do local que lhe fora destinado, Kate explodiu uma vez mais.

— Ouvi falar desse antro! É um horror. Voltarei de lá como uma daquelas bonecas inglesas presunçosas. Tens essa ideia em vista?

— A minha única ideia é que aprendas boas maneiras — assegurou-lhe Margaret.

— Não preciso delas para nada. Bastam-me os miolos para suprir todas as insuficiências.

— Não é isso que interessa mais aos homens nas mulheres — volveu, secamente. — E não esqueças que te estás a tornar uma mulher.

— Não me interessa. Por que raio não me deixas sossegada?

— Proíbo-te que empregues essa linguagem na minha presença. E os duelos verbais entre mãe e filha repetiram-se com intermitências até ao dia em que Kate teve de partir. Como David necessitava de se deslocar a Londres em viagem de negócios, Margaret solicitou-lhe: — Importa-se de a acompanhar? Só Deus sabe onde iria parar, se ninguém a escoltasse.

— Com o maior prazer — afirmou ele.

— És como a minha mãe! — vociferou Kate. — Estás em pulgas para te livrares de mim!

— Enganaste — corrigiu David. — Posso esperar.

Viajaram numa carruagem privada de Klipdrift à Cidade do Cabo e daí de barco até Southampton, ao longo de quatro semanas. Embora o amor-próprio não lhe permitisse confessá-lo, Kate sentia-se encantada com a companhia de David. "É como uma lua-de-mel, com a diferença de que não estamos casados. Por enquanto!" A bordo do navio, ele passava grande parte do tempo a trabalhar no seu camarote, enquanto ela se enroscava no sofá e o observava em silêncio, contente por se achar a seu lado. Um dia perguntou: — Não te chateias com tantos números?

— Não se trata apenas de números — redarguiu David, pousando a caneta e erguendo os olhos. — São histórias.

— De que espécie? — Para quem os souber interpretar, são histórias de companhias que compram ou vendem, pessoas que trabalham para nós. Milhares de indivíduos por todo o mundo ganham a vida através da companhia que o teu pai fundou. — Pareço-me com ele?

— Sim, em vários aspectos. Era um homem obstinado, independente. —

E eu sou uma mulher obstinada e independente?

— Digamos, antes, uma turbulenta mimada. O homem que casar contigo não conhecerá um momento de descanso. "Pobre David...", cismou ela, com um sorriso sonhador. Na sala de jantar, na sua derradeira noite no mar, ele perguntou: — Porque te mostras tão difícil?

— Achas que sou? — Bem sabes que sim. Enlouqueces tua mãe.

— A ti também? — sussurrou Kate, pousando a mão na dele.

— Pára com isso — e David sentiu-se corar. — Não te entendo.

— Entendes perfeitamente.

— Porque não és como as outras jovens da tua idade? — Preferia morrer.

Não me quero parecer com ninguém.

— Nisso, tens conseguido o teu objetivo! — Juras não casar com ninguém até eu ser suficientemente adulta para ti? Prometo desenvolver-me o mais depressa possível. Limita-te a não conhecer ninguém que possas amar, por favor. Enternecido pelo tom subitamente grave da interlocutora, ele pegou-lhe na mão e proferiu: —

Quando casar, desejarei que minha filha seja exatamente como tu.

Todavia, Kate levantou-se com brusquidão e, num tom que vibrou em toda a sala de jantar, vociferou: — Vai para o raio que te parta, David Blackwell! E encaminhou-se apressadamente para a saída, acompanhada pelos olhares assombrados de todos. Passaram três dias juntos em Londres e ela adorou cada

minuto de que se compuseram.

— Reservo-te uma surpresa — anunciou ele. — Consegui bilhetes para a peça Mrs. Wiggs of lhe Cabbage Patch.

— Agradeço-te a atenção, mas prefiro ir ao Gaiety.

— Aí levam uma revista musical imprópria para a tua idade.

— Depois de a ver te direi se tens razão — insistiu Kate, com obstinação.

Por conseguinte, foram ao Gaiety.

Kate adorava o aspecto de Londres: a mistura de automóveis e tipóias, as mulheres com os seus trajos dispendiosos e elegantes e os homens de smoking ou sobrecasaca. Jantaram no Ritz, mais tarde cearam no Savoy e, no momento de se retirarem, ela refletiu: "Havemos de voltar aqui juntos." Uma vez em Cheltenham, foram introduzidos no gabinete de Mrs. Keaton, à qual, após as saudações iniciais, David disse: — Quero agradecer-lhe por admitir Kate.

— Estou certa de que gostaremos de a ter connosco. De resto, é com prazer que satisfaço um pedido de um amigo de meu marido. Naquele momento, Kate compreendeu que fora ludibriada. Era David que a queria longe de casa e providenciara para que ficasse ali. Sentia-se tão revoltada e amargurada que não quis despedir-se dele.

14

O colégio de Cheltenham era insuportável. Havia regras para tudo. As raparigas tinham de usar uniformes idênticos, que se prolongavam até aos tornozelos. O dia escolar durava dez horas e cada minuto estava rigidamente estruturado. Mrs. Keaton dirigia as alunas e o pessoal com mão de ferro. Elas encontravam-se ali para aprender boas maneiras, disciplina, etiqueta e decoro, a fim de, um dia, atraírem maridos convenientes.

Numa das cartas à mãe, Kate escreveu: "É uma autêntica prisão. As minhas companheiras são horríveis. Só sabem falar de vestidos e rapazes, e as professoras não passam de monstros. Não conseguirão manter-me cá. Hei-de fugir!" Conseguiu escapar à vigilância por três vezes, mas acabou sempre por ser encontrada e remetida à procedência. Numa reunião semanal do pessoal docente, quando o nome dela foi mencionado, uma das professoras afirmou: — Esta rapariga é indomável. Penso que a devíamos recambiar para a África do Sul.

No entanto, Mrs. Keaton replicou: — Concordo consigo, mas encaremos o caso como um desafio. Se conseguirmos disciplinar Kate McGregor, não voltaremos a ter problemas com qualquer internada.

Por conseguinte, a rapariga continuou no colégio.

Ante o assombro das professoras, Kate manifestou interesse pela herdade

pertencente ao colégio, onde se cultivavam legumes e criavam galinhas e porcos, havendo igualmente algumas vacas e cavalos.

Passava lá todo o tempo que podia e, quando se inteirou, Mrs. Keaton ficou profundamente satisfeita.

— Afinal, era uma simples questão de paciência — declarou numa reunião. — Ela encontrou finalmente o seu interesse na vida. Um dia, casará com um proprietário rural, ao qual será extremamente útil. Na manhã seguinte, Oscar Denker, encarregado da herdade, procurou a diretora e informou: — Uma das raparigas, Kate McGregor, precisa ser afastada de lá.

— Porquê? — estranhou Mrs. Keaton. — Constou-me que se interessa muito pelos trabalhos. — Sabe em que consiste o seu único interesse?

Em ver os animais fornicar, se me permite a expressão. — O quê?

— É como lhe digo. Observa-os com um prazer doentio.

— Com mil raios! Kate ainda não perdoara a David por a ter enviado para o exílio, mas sentia muito a sua falta. “O meu destino determinou que me apaixonasse por um homem que odeio”, refletia com amargura. Contava os dias da separação como uma prisioneira ansiosa por chegar à data da libertação. Entretanto, receava que ele cometesse algum ato irreparável, como, por exemplo, casar com outra mulher enquanto ela permanecia desterrada no maldito colégio. “Se o fizer, mato os dois. Não. Só a ela. Hão-de prender-me e enforcar-me, mas, quando me encontrar no cadafalso, ele compreenderá que me ama.

Mas será demasiado tarde e suplicará que lhe perdoe. “Sim, David querido. Estás perdoado. Foste cego ao ponto de não ver que tinhas um amor profundo na palma da mão, e deixaste-o voar como se fosse uma avezinha, que vai agora ser executada. Adeus, David.” Todavia, no derradeiro instante, serei indultada e ele tomar-me-á nos braços e levar-me-á para um país exótico, onde a comida não se compare à horrível mistela servida em Cheltenham.” Um dia, recebeu uma carta dele comunicando que visitaria Londres e a procuraria.

Ato contínuo, deu largas à imaginação e descobriu uma dezena de subentendidos nas linhas que acabava de ler. “Porque vem a Inglaterra? Para estar comigo, claro. Porque me visita? Porque compreendeu finalmente que me ama e não pode continuar longe de mim. Vai arrebatar-me deste antro insuportável.” Por conseguinte, continha a alegria com dificuldade, e a sua fantasia era tão real que no dia da chegada dele começou a despedir-se das colegas, com a explicação: — O meu namorado vem buscar-me. Elas olhavam-na com incredulidade, sem todavia se pronunciarem, à excepção de Georgina Christy, que fungou desdenhosamente e acusou: — É mais uma das tuas mentiras.

— Espera e verás. Ele é alto e simpático e está louco por mim.

Quando chegou, David ficou intrigado com a curiosidade de que era alvo por parte das raparigas, que o observavam, sorriam maliciosamente e murmuravam umas às outras.

— Parece que nunca viram um homem — comentou, quando se encontrou a sós com Kate. Olhando-a com desconfiança, perguntou: —

Disseste alguma coisa a meu respeito?

— Que ideia! Porque faria uma coisa dessas? Almoçaram na ampla sala de jantar do colégio e David pô-la ao corrente do que se passava em casa. — Tua mãe manda-te beijos e aguarda com ansiedade as férias grandes para voltar a ver-te. — Como está ela?

— Bem, mas trabalha muito.

— Qual a situação da companhia? — A melhor possível — asseverou, surpreendido com a pergunta. — Porquê? • Porque um dia me pertencerá e compartilhá-la-emos juntos", pensou ela, ao mesmo tempo que respondia: — Por mera curiosidade. — Não comes? — estranhou David, vendo que ela conservava o prato intacto. Na verdade, Kate não estava interessada na comida, pois aguardava com ansiedade o momento mágico em que ele diria: "Vem comigo, Kate. Já és uma mulher e desejo-te. Casaremos imediatamente."

Todavia, a refeição chegou ao fim sem que a ansiada declaração se produzisse. Só no instante em que consultou o relógio e anunciou que tinha de se retirar, sob pena de perder o comboio, ela compreendeu, com uma sensação de horror, que não tencionava levá-la consigo. O

bastardo deixá-la-ia apodrecer naquela prisão infecta! Por seu turno, ele ficara satisfeito com a visita. Kate mostrava-se uma rapariga inteligente e comunicativa, e a rebelião que outrora manifestava parecia dominada. Antes de se despedirem, pousou a mão na dela com afeto e inquiriu: — Precisas de alguma coisa?

— Sim, podes fazer-me um grande favor — retorquiu ela, com um olhar incendiário. — Desaparece da minha vida para sempre! E afastou-se com notável dignidade, de cabeça erguida, deixando-o boquiaberto.

Margaret não podia negar que tinha saudades de Kate. Apesar de se tratar de uma rapariga irrequieta e rebelde, reconhecia que era o único ser vivo que estimava. "Será uma mulher importante", admitia com orgulho, "mas quero que tenha as maneiras de uma senhora." Quando a filha se apresentou, nas férias grandes, perguntou-lhe: — Que tal te dás no colégio?

— Detesto-o! É como se estivesse rodeada por uma centena de amas.

— As tuas colegas pensam da mesma maneira? — Ora! — articulou Kate, com uma expressão de desdém. — Gostava que as visses.

Estiveram sempre metidas em redomas. Não sabem nada da vida.

— Nesse caso, deves ter um ambiente horrível — observou Margaret, com uma ponta de sarcasmo.

— Não faças pouco de mim, por favor. Nunca estiveram na África do Sul. Os únicos animais selvagens que viram foi no parque zoológico.

Não fazem a mínima idéia do que seja uma mina de diamantes ou de ouro.

— Não tiveram a tua sorte.

— Ri-te, mas quando me tornar como elas, hás-de arrepender-te.

— Achas possível?

— De modo algum — Kate exibiu um sorriso malicioso. — Julgas que endoideci? Ainda não havia uma hora que chegara e já se encontrava no pátio jogando râguebi com os filhos do pessoal doméstico, enquanto Margaret a observava da janela e refletia: “Estou a desperdiçar dinheiro. Nunca mudará.”

Naquela noite, durante o jantar, a rapariga perguntou: — David está na cidade? — Creio que regressa amanhã da Austrália.

— Então, vem jantar na sexta-feira? — É provável — Margaret estudou o semblante da filha e aventurou: — Gostas dele, hem? — Suporto-o — foi a resposta seca, com um encolher de ombros. —

Simpatizo com ele como ser humano, mas detesto-o como homem.

Na sexta-feira, quando David se apresentou para jantar, Kate precipitou-se para a porta, a fim de o abraçar, e murmurou-lhe ao ouvido: — Perdoo-te. Tive tantas saudades tuas! Sentiste a minha falta?

Ele respondeu afirmativamente, ao mesmo tempo que pensava: “Na verdade, senti muito a sua ausência!” Nunca conhecera ninguém como aquela rapariga. Apesar de a ver crescer com escassas ausências, cada reencontro constituía uma revelação. Estava prestes a completar dezesseis anos e principiava a apresentar a configuração de adulta.

Podia mesmo considerar-se uma beldade, com espírito acutilante e voluntariosa. “Será um quebra-cabeças para o homem que a levar...”, não pôde deixar de admitir. Enquanto comiam, ele perguntou: — Como vão as coisas no colégio? — O melhor possível. Estou a aprender muito. As professoras são maravilhosas e tenho muitas amigas — e Kate fez uma pausa, ignorando a expressão perplexa da mãe. — Deixas-me ir contigo às minas?

— É assim que queres passar as férias?

— Exato. A deslocação às minas exigia um dia inteiro, o que significava que estaria ao lado de David durante todo esse tempo.

— Se tua mãe aprova...

— Por favor, mãe!

— Pois sim, querida. Indo com ele, sei que estarás em segurança. Ao mesmo tempo, Margaret refletia que não podia sentir-se tão tranquila quanto à segurança

de David.

A mina de diamantes da Kruger-Brent, nas proximidades de Bloemfontein, era um complexo gigantesco, com centenas de operários entregues às diversas operações.

— É uma das mais lucrativas da companhia — explicou David, quando se achavam no gabinete do capataz, aguardando alguém que os acompanhasse às profundezes do solo. Numa das paredes, via-se uma vitrina cheia de diamantes de todas as cores e dimensões. — Cada pedra tem uma característica distinta. As provenientes das margens do Vaal são de aluvião e têm as faces polidas pela erosão de séculos. “Está mais atraente que nunca”, refletia Kate. “Adoro as suas sobrancelhas!”

— Apesar de procederem de diferentes minas, podem identificar-se pelo aspecto — prosseguiu ele. — Repara nesta. O tamanho e a tonalidade amarelada indicam que veio de Paardspan. As De Beer têm uma superfície oleosa e a forma de dodecaedros.

“É brilhante. Sabe tudo.” — Esta outra veio da mina de Kimberley, porque é um octaedro. “O capataz pensará que somos amantes? Oxalá que sim!”

— A cor de um diamante serve para lhe determinar o valor e refere-se segundo uma escala que vai de um a dez. Em primeiro lugar, figura o azul-esbranquiçado e, em último, o castanho. “E cheira tão bem! É um odor másculo. Adoro os seus braços e ombros. Quem dera...”

— Kate!

— Sim, David? — articulou com embaraço.

— Estás a prestar atenção? — Com certeza — afirmou, indignada. — Não me escapou uma única palavra do que disseste. Passaram as duas horas seguintes nas entranhas da mina, após o que foram almoçar, o que constituía a ideia dela de um dia divinal.

Quando a filha regressou, ao fim da tarde, Margaret perguntou: —

Divertiste-te?

— Imenso! O trabalho nas minas é realmente fascinante. Meia hora depois, espreitou casualmente pela janela e viu-a lutar com o filho de um dos jardineiros.

Na época escolar subsequente, as cartas de Kate do colégio revelaram-se prudentemente otimistas. Fora nomeada capitã das equipas de hóquei e lacrasse ‘ e figurava no quadro de honra. O colégio não era tão mau como supusera ao princípio e até havia algumas colegas realmente simpáticas. Pedia autorização para levar duas delas nas férias grandes, ideia que agradou a Margaret. Agora, os seus sonhos concentravam-se apenas em Kate. “Jamie e eu pertencemos ao passado. Ela é o futuro. E que belo futuro será!”

Jogo de origem canadiana, no qual a bola é jogada com uma raqueta em forma

de L. (N. do T.) Quando Kate regressou a casa nas férias, todos os rapazes a assediavam em busca do privilégio da sua companhia, mas ela não se mostrava interessada.

David encontrava-se na América, e aguardava com impaciência que voltasse. No dia em que se apresentou, a rapariga foi recebê-lo à entrada, e ele sentiu-se surpreendido com o calor da reação que se lhe deparou no momento em que a abraçou. Em seguida, retrocedeu um passo e contemplou-a. Havia algo de diferente nela, uma expressão no olhar que não conseguia definir e o embaraçava vagamente. Nas poucas vezes em que as viu naquelas férias, achava-se rodeada por rapazes e especulava involuntariamente acerca de qual seria o felizardo. Dias depois, necessitou de se deslocar uma vez mais à Austrália e, quando regressou a Klipdrift, Kate já seguia a caminho da Inglaterra.

No último ano no colégio, David surgiu inesperadamente, uma tarde.

Em regra fazia-se preceder de uma carta ou telegrama, mas desta vez não houvera qualquer advertência prévia. — Que surpresa maravilhosa!

— exclamou Kate. — Devias ter-me prevenido, para... — Venho buscar-te — anunciou ele com gravidade.

— Há alguma novidade? — Tua mãe está muito mal.

Ela conservou-se como que petrificada por um momento e murmurou: — Vou fazer as malas.

Kate ficou chocada com o aspecto da mãe, pois vira-a poucos meses antes e parecera-lhe de excelente saúde. Agora, apresentava-se pálida e magra e o clarão voluntarioso dissipara-se do olhar. Dir-se-ia que o cancro que lhe devorava a carne também consumira a alma. — Oh, mãe... — proferiu a rapariga, sentando-se na borda da cama e pegando na mão de Margaret. — Não sei como exprimir... — Estou preparada, minha filha. No fundo, creio que o tenho estado desde a morte de teu pai. Queres ouvir um disparate? Sempre me preocupei com a possibilidade de ninguém cuidar dele como devia. Agora, posso fazê-

lo eu. Margaret foi sepultada três dias depois, e a sua morte abalou Kate profundamente.

Perdera o pai e o irmão sem os conhecer, meras personagens obscuras do passado. O passamento da mãe, porém, era real e doloroso. Tinha dezoito anos e achava-se repentinamente só no mundo, perspectiva que se lhe afigurava assustadora.

No cemitério, diante da sepultura, resistiu corajosamente às lágrimas que pretendiam jorrar, mas uma vez em casa sentiu-se incapaz de as conter e rompeu em soluços.

— Foi sempre maravilhosa para mim e eu não passei de uma filha ingrata. — Também foste uma filha maravilhosa — murmurou David, numa tentativa para a

consolar.

— Só lhe causei preocupações. Daria tudo para me poder redimir. Eu não queria que ela morresse.

Ele aguardou que desabafasse por completo e, quando a viu mais calma, disse: — Embora te custe a crer, essa dor desaparecerá, um dia. E sabes o que restará? Recordações gratas. Lembrar-te-ás de todas as coisas agradáveis que tu e ela partilharam.

— É possível. Mas neste momento sofro horrivelmente. Na manhã seguinte, discutiram o futuro dela.

— Tens família na Escócia — recordou David. — Não! Não é a minha família. São parentes — comentou Kate, numa inflexão de amargura. — Quando meu pai quis partir para aqui, zombaram dele.

Ninguém o ajudou, à parte a mãe, que já morreu. Não tenho nada de comum com aquela gente.

— Tencionas completar os estudos? — e sem dar ensejo a que ela respondesse, acrescentou: — Penso que tua mãe o desejaria.

— Nesse caso, voltarei para lá — e baixou os olhos para o chão, articulando entre dentes: — Raios partissem o colégio.

— Também, já não falta muito. Kate concluiu o curso com uma classificação elevada e David esteve presente na festa de encerramento.

Quando se encontravam na carruagem privada, no trajeto de Joanesburgo para Klipdrift, ele observou: — Tudo isto será teu dentro de poucos anos: esta carruagem, as minas, a companhia. Podes considerar-te uma mulher extremamente rica. Se resolveres vender tudo, obterás muitos milhões de libras — olhou-a com curiosidade e concluiu: — A menos que prefiras ficar à testa das operações. Em breve terás de tomar uma decisão. — Já ponderei o assunto — redarguiu Kate, com um sorriso. — Meu pai era um pirata.

Um velho pirata maravilhoso. Lamento não o ter conhecido. Não venderei a companhia. E queres saber porquê? Porque o pirata lhe deu os nomes de dois guardas que tentaram matá-lo. Não te parece uma ideia extraordinária? Às vezes, de noite, quando não consigo dormir, penso em meu pai e em Banda rastejando através do mis do mar e julgo ouvir as vozes dos guardas: Kruger-Brent... — meneou a cabeça. —

Nunca a venderei. Pelo menos, enquanto te mantiveres nela e velares por tudo.

— Ficarei até deixares de precisar de mim — prometeu David, com uma expressão solene. — Decidi matricular-me numa escola comercial.

— Numa escola comercial? — ecoou ele, surpreendido.

— Estamos em 1910 — lembrou Kate. — Há várias em Joanesburgo que admitem raparigas.

— Mas... — Perguntaste o que faria com o meu dinheiro. Quero merecê-lo.

A escola comercial constituiu uma aventura nova e excitante. Quando frequentara Cheltenham, Kate encarara o fato como uma obrigação, um mal necessário. Agora, era diferente. Em todas as aulas aprendia algo que lhe seria útil quando dirigisse a companhia. O curso incluía contabilidade, gestão, comércio internacional e administração de empresas. Uma vez por semana, David telefonava, a fim de se inteirar de como corriam as coisas, e ela respondia: — Maravilhosamente. É uma experiência excitante. Um dia, trabalharia ao lado dele, até altas horas da noite, e, quando menos esperasse, David voltar-se-ia para ela e confessar-lhe-ia: "Tenho sido um pateta, querida. Queres casar comigo?" No instante imediato, estariam nos braços um do outro. Mas isso ainda vinha longe. Para já, tinha muito que aprender, pelo que se concentrava firmemente nos estudos. O

curso comercial prolongou-se por dois anos, e Kate regressou a Klipdrift a tempo de celebrar o seu vigésimo aniversário. David foi esperá-la à estação e ela lançou-lhe os braços ao pescoço num gesto impulsivo. — Estou tão contente de te ver!

— Alegra-me que voltasses finalmente — articulou ele, mas arrependendo-se com prontidão.

— Que tens?

— Nada. Simplesmente, as jovens não abraçam os homens em público.

— Compreendo — murmurou Kate, depois de o olhar em silêncio por um momento. — Prometo não tornar a embaraçar-te. No percurso para casa, David observou-a dissimuladamente. Na verdade, convertera-se numa mulher atraente, inocente e vulnerável, e prometeu a si próprio nunca se aproveitar disso.

Na manhã de segunda-feira, Kate instalou-se no seu novo gabinete na Kruger-Brent, Ltd. Afigurava-se-lhe que mergulhara subitamente num universo exótico e bizarro, com costumes e linguagem próprios. Havia um surpreendente estendal de divisões, subsidiários, departamentos regionais, insenções alfandegárias e sucursais no estrangeiro. Os produtos que a companhia manufaturava ou possuía pareciam intermináveis. Existiam igualmente fábricas, ranchos de gado, uma via-férrea, uma linha de navegação e, evidentemente, a fundação da fortuna da família: diamantes, ouro, zinco, platina e magnésio extraídos sem interrupção, que ingressavam nos cofres da companhia.

Poder. Era quase excessivo para se poder abarcar na totalidade. Kate, sentada no gabinete de David, assistia atentamente, enquanto ele tomava decisões que afetavam milhares de pessoas dispersas pelo mundo. Os responsáveis das várias divisões apresentavam sugestões, mas estas eram refutadas com frequência.

— Porque discordas deles? — quis saber Kate. — Não cumprem a sua obrigação?

— Claro que cumprem, mas não é essa a questão. Cada um encara o seu departamento como o centro do mundo, como convém. No entanto, alguém tem de formar uma visão global e decidir o que interessa mais à companhia. Anda daí.

Vamos almoçar com uma pessoa que precisas de conhecer.

David conduziu-a à espaçosa sala de jantar contígua ao gabinete dela, onde os aguardava um rapaz de rosto esguio e olhar incisivo. — Este é Brad Rogers — informou David. — Brad, aqui tem a sua nova patroa, Kate McGregor. — Tenho muito gosto em conhecê-la, Miss McGregor — disse o rapaz, estendendo a mão.

— É a tua arma secreta — explicou David a Kate. — Sabe tanto acerca da Kruger-Brent, Ltd. Como eu. Se alguma vez me afastar, ele suprirá a minha falta.

Se alguma vez me afastar...". A possibilidade obrigou a rapariga a estremecer involuntariamente. "Ele nunca abandonaria a companhia".

Não obstante, só pensou nisso ao longo da refeição e, no final, não conseguiu recordar-se do que comera. Após o almoço, trocaram impressões sobre a África do Sul.

— Teremos problemas em breve — advertiu David. — O Governo acaba de promulgar o imposto individual.

— Em que consiste, exatamente? — perguntou Brad Rogers. — Os negros, os mestiços e os indianos têm de pagar duas libras por cada membro da família, o que representa mais de um mês de salário.

Kate lembrou-se de Banda e acudiu-lhe uma onda de apreensão.

Todavia, não tardaram a abordar outros tópicos.

A nova vida agradava-lhe imensamente. Cada decisão envolvia o risco de milhões de libras. Os negócios de alto nível constituíam uma combinação de argúcia, coragem para jogar uma cartada e instinto para saber quando desistir ou ir para a frente.

— Os negócios são um jogo — afirmava David. — Estão envolvidas apostas fantásticas e temos de competir com peritos. Quem quiser ganhar precisa de aprender a ser um mestre do jogo.

Era precisamente isso que Kate estava disposta a fazer. Aprender.

Ela vivia só na vasta moradia, apenas com a companhia do pessoal doméstico. O ritual dos jantares das sextas-feiras com David prosseguiu, mas, quando Kate o convidava em qualquer outro dia, ele invocava um pretexto para recusar. Durante as horas de expediente, estavam juntos constantemente, mas mesmo nessas ocasiões ele parecia ter erguido uma barreira entre ambos, uma muralha que ela se sentia incapaz de transpor. Quando completou vinte e um anos, todas

as ações da Kruger-Brent International foram transferidas para Kate, a qual passou assim a dispor do controlo oficial da companhia.

— Jantemos juntos, esta noite, para comemorar o acontecimento — propôs a David.

— Desculpa não aceitar a sugestão, mas tenho muito trabalho para pôr em dia.

Por conseguinte, ela jantou só, sem conseguir determinar o motivo. “A culpa será minha ou dele?” David tinha de ser surdo, cego e mudo para não adivinhar o seu afeto de longa data. Impunha-se que tomasse medidas para retificar a situação.

A companhia negociava o estabelecimento de uma linha de navegação nos Estados Unidos e David sugeriu: — Porque não vais com Brad a Nova Iorque ultimar as negociações?

Era uma boa experiência para ti. Embora preferisse que ele a acompanhasse, o amor-próprio impediu-a de o revelar. Ocupar-se-ia de tudo sem a sua ajuda. De resto, nunca visitara a América e ansiava por fazê-lo.

O acordo foi estabelecido sem problemas, e Kate recordou-se da recomendação de David no sentido de que aproveitasse a oportunidade para conhecer o país. Ela e Brad visitaram companhias subsidiárias em Detroit, Chicago, Pitsburgo e Nova Iorque, e Kate sentia-se abismada com a dimensão e a energia dos Estados Unidos. O ponto alto da digressão consistiu na excursão a Dark Harbor, Maine, numa ilhota encantadora denominada Islesboro, na baía Penobscot. Fora convidada para jantar na residência do artista Charles Dana Gibson, onde compareceram doze pessoas, todas com moradias na ilha.

— Este lugar tem uma história interessante — revelou o dono da casa a Kate. — Há anos, os residentes costumavam fazer-se transportar de Boston em pequenas embarcações costeiras. Aguardava-os uma carruagem que os conduzia às diferentes residências. — Quantas pessoas vivem atualmente na ilha?

— Cerca de cinquenta famílias. Viu o farol, quando o ferry-boat acostou? — Sim.

— É ocupado por um homem e o seu cão. Quando passa um barco, o animal vai lá fora e toca a sineta. — Está a brincar — disse ela, rindo.

— De modo algum. E, por estranho que pareça, o cão é surdo como uma porta. Por conseguinte, pousa a orelha na sineta, para verificar se vibra.

— Dá a impressão de que se trata de um ambiente fascinante.

— Merece a pena ficar e dar uma volta, pela manhã.

— Porque não? — assentiu, cedendo a um impulso.

Kate pernoitou no único hotel da ilha e, no dia seguinte, alugou uma tipóia, conduzida por um ilhéu. Partiram do centro de Dark Harbor, que consistia num armazém de artigos gerais, uma loja de ferragens e um pequeno restaurante, e,

transcorridos poucos minutos, atravessavam uma bela área arborizada.

Entretanto, ela apercebia-se de que nenhuma das pequenas ruas sinuosas tinha nome, e o mesmo acontecia com os receptáculos de correio, o que a levou a perguntar ao cocheiro: — As pessoas não se perdem, devido à falta de indicações?

— Não. Toda a gente sabe onde as coisas se situam.

— Compreendo — murmurou, lançando-lhe um olhar de través.

Na extremidade inferior da ilha, passaram diante de um cemitério e Kate pediu ao homem que parasse. Em seguida, apeou-se e percorreu as passagens entre as sepulturas, entretendo-se a ler algumas lápides.

"JOB PENDLETON, FALECIDO A 25 DE JANEIRO DE 1796, AOS 47 ANOS".

O epitáfio era do seguinte teor: "Debaixo desta pedra, pouso a cabeça imerso no sono eterno. Que Deus abençoe a cama."

"JANE, MULHER DE THOMAS PENDLETON, FALECIDA A 25 DE FEVEREIRO DE 1802, AOS 47 ANOS".

Pairavam espíritos de outro século, de uma era há muito extinta.

"CAPITÃO WILLIAM HATCH, AFOGADO NO SOUND DE LONG ISLAND EM OUTUBRO DE 1866, AOS 30 ANOS".

Seguia-se o epitáfio: "Enfrentou tempestades furiosas e cruzou todos os mares embravecidos." Kate conservou-se demoradamente no cemitério, saboreando o silêncio e a paz. Por fim, regressou à tipóia, que reatou a marcha. — Como é o Inverno aqui? — perguntou, passados uns minutos.

— Frio. A baía costumava gelar e as pessoas vinham do continente de trenó. Agora, temos oferry, claro.

Contornaram uma curva e surgiu, junto da água, em baixo, uma atraente moradia de dois pisos rodeada por rosas silvestres e papoilas.

Os estores das oito janelas da frente estavam pintados de verde e junto da porta dupla havia bancos brancos e seis vasos com gerânios vermelhos. O conjunto assemelhava-se a algo extraído de um conto de fadas.

— A quem pertence aquela casa? — Ao velho Dreben, que enviuvou há poucos meses.

— Quem mora lá agora?

— Ninguém, suponho. — Sabe se está à venda? O homem olhou a passageira por um momento e replicou: — Se estiver, compra-a de certeza o filho de uma

das famílias já instaladas aqui. Os ilhéus não simpatizam com os forasteiros.

Não podia ter pronunciado palavras mais apropriadas para estimular o espírito competitivo de Kate, a qual, menos de uma hora depois, se avistava com um advogado que representava o proprietário. — É por causa da casa Dreben — explicou ela. — Está à venda? O interpelado franziu os lábios e declarou: — Sim e não.

— Que quer dizer com isso?

— Está, mas há várias pessoas interessadas.

"As famílias antigas da ilha", cogitou Kate, que persistiu: — Apresentaram uma oferta?

— Ainda não, mas... — Então, apresento eu.

— É uma casa dispendiosa.

— Indique o preço.

— Cinquenta mil dólares.

— Vamos vê-la por dentro. O interior da casa era ainda mais atraente do que ela previra. O vestíbulo achava-se virado ao mar, através de uma parede de vidro. A um lado, havia um amplo salão de baile e, no outro, uma sala de estar com uma vasta lareira. Não faltava a biblioteca de decoração conservadora, a vasta cozinha e, a seguir, a copa e uma arrecadação. No rés-do-chão, situavam-se seis quartos para o pessoal e uma casa de banho e, no piso superior, uma suite e quatro quartos de menores dimensões. O conjunto era muito maior do que Kate calculara. — Mas quando David e eu tivermos filhos, precisaremos de todo este espaço", refletiu. O terreno adjacente estendia-se até à baía, onde se localizava uma doca privada. — Fico com ela — anunciou, sem hesitar. Decidiu chamar-lhe Cedar Hill. Ansiava por regressar a Klipdrift, para transmitir a nova a David. Durante a viagem, dominava-a uma excitação invulgar. A casa que acabava de adquirir em Dark Harbor constituía um sinal, um símbolo de que eles casariam um com o outro, e sabia que David também adoraria a moradia. Na tarde em que chegou a Klipdrift com Brad, Kate precipitou-se imediatamente para o gabinete de David. Ao vê-lo, sentado à secretária, com o habitual ar eficiente, sentiu o coração palpitar desordenadamente e só então se apercebeu de como sentira a sua falta.

— Sê bem-vinda! — exclamou ele, levantando-se. E antes que ela tivesse ensejo de proferir palavra, acrescentou: — Quero que sejas a primeira a saber. Vou casar!

15

Tudo principiara com naturalidade, seis semanas antes. A meio de um dia

particularmente atarefado, David foi informado de que Tim O'Neil, amigo de um importante comprador de diamantes americano, se encontrava em Klipdrift e lhe solicitava que o recebesse e porventura levasse a jantar. Embora não gostasse de perder tempo com turistas, reconheceu que não devia contrariar o cliente e, dada a impossibilidade de delegar a fastidiosa missão em Kate, ausente na América do Norte com Brad Rogers, telefonou para o hotel onde O'Neil se alojara e convidou-o para jantar naquela noite. — Vim com minha filha — esclareceu o americano. — Espero que não se importe que me acompanhe.

— De modo algum — replicou David polidamente, conquanto não lhe apetecesse ter de aturar uma criança.

Combinaram encontrar-se na sala de jantar do Grand Hotel e, quando ele chegou, O'Neil e a filha já se achavam sentados à mesa. O pai era um indivíduo bem-parecido, de cabelos grisalhos, provavelmente com pouco mais de cinquenta anos, mas a rapariga, Josephine, foi imediatamente considerada a mulher mais bonita que David jamais vira. Aparentava trinta anos, com um corpo deslumbrante, cabelos louros sobre os ombros e olhos azul-claro.

— Desculpem o atraso — balbuciou, perturbado. — Surgiu um assunto inesperado. — Às vezes, são os mais excitantes — observou ela, divertida com a reação que provocara. — Meu pai diz que é um homem muito importante, Mr. Blackwell.

— Nem por isso... e agradecia que me tratasse por David.

— É um bom nome. Sugere grande voluntariedade. Antes do final da refeição, David já decidira que Josephine era muito mais do que uma mera mulher bonita. Possuía inteligência, espírito e o condão sutil de o pôr à vontade. Na realidade, pressentia que se interessava genuinamente por ele, pois dirigia-lhe perguntas de natureza pessoal que nunca ouvira dos lábios de outra mulher. Por conseguinte, não se surpreendeu quando, no termo do serão, descobriu que já se enamorara parcialmente dela. — Onde residem? — perguntou a Tim O'Neil.

— Em São Francisco. — Regressam em breve? — desta vez, esforçou-se por envolver a interrogação numa aura de formalidade. — Para a semana.

— Se Klipdrift é tão interessante como promete, talvez o convença a ficarmos mais algum tempo — interpôs Josephine, com um sorriso cativante.

— Nesse caso, tratarei de redobrar os motivos de interesse — prometeu David. — Gostavam de visitar uma mina de diamantes?

— Adorávamos! — afirmou ela.

Outrora, ele acompanhava pessoalmente os visitantes importantes às minas, mas acabara por confiar a tarefa a subordinados. Agora, porém, propôs impulsivamente: — Amanhã, convém-lhes? Tinha várias entrevistas marcadas para o dia seguinte, mas, de repente, haviam perdido toda a importância. David

conduziu os O’Neil no elevador que terminava o percurso quatrocentos metros abaixo da superfície. — Há um pormenor que sempre me intrigou — disse Josephine. — Por que se avaliam os diamantes em carates?

— O termo “carate” foi inspirado na semente da carob — explicou David —, devido à sua consistência no peso. Um carate é igual a duzentos miligramas.

— Sinto-me absolutamente fascinada. Ele não pôde deixar de perguntar a si mesmo se Josephine se referia apenas aos diamantes. A sua proximidade era inebriante. Cada vez que a contemplava, experimentava uma nova sensação excitante.

— Deviam visitar os arredores, o campo — sugeriu. — Se não têm qualquer compromisso para amanhã, acompanhá-los-ei com o maior prazer. Antes que o pai se pudesse pronunciar, Josephine declarou: — É uma ótima ideia.

A partir de então, David encontrou-se com ela e o pai todos os dias e, à medida que o tempo passava, o amor que sentia acentuava-se. Nunca conhecera uma mulher tão fascinante.

Alfarroba. (N. do T.) Uma noite, quando foi buscar os O’Neil para jantar, David ouviu o americano alegar: — Hoje, sinto-me um pouco em baixo. Importa-se que não os acompanhe? — De modo algum — e David esforçou-se por dissimular a satisfação. — Compreendo perfeitamente.

— Tentarei evitar que se aborreça — prometeu Josephine, com um sorriso malicioso. Ele levou-a a um restaurante inaugurado recentemente. A sala encontrava-se repleta, mas o chefe de mesa reconheceu-o e apressou-se a indicar um lugar perto do conjunto musical que amenizava o ambiente.

— Dançamos? — sugeriu David. — Com todo o gosto — assentiu

Josephine. No momento imediato, achava-se nos braços dele, que se sentiu transportado a uma atmosfera de magia. — Amo-a, Josephine! —

acabou por desabafar.

— Não diga isso, por favor. — Porquê?

— Porque não poderia casar consigo.

— Ama-me?

— Estou louca por si, querido — sussurrou ela, os olhos azuis emitindo um clarão irresistível. — Não o nota? — Então, qual o motivo?

— Nunca conseguiria habituar-me a Klipdrift. Terminava por endoidecer. — Podia experimentar.

— Sinto-me tentada, mas sei o que aconteceria. Se casasse consigo e tivesse de viver aqui, convertia-me numa neurastênica e acabávamos por nos odiar. Prefiro que nos separemos assim.

Josephine olhou-o em silêncio por um momento e aventurou: — Vê alguma possibilidade de se adaptar a São Francisco?

— Que faria lá? — articulou ele, refletindo que se tratava de uma ideia impraticável.

— Quero que converse com o meu pai. Tomaremos o pequeno-almoço juntos.

— Josephine falou-me do que se passou, ontem à noite — informou Tim O'Neil. — Tudo indica que se lhes depara um problema, mas talvez eu possa apresentar uma solução, se estiver interessado.

— Sem dúvida.

— Sabe alguma coisa acerca de alimentos congelados? — perguntou extraindo um maço de documentos de uma pasta.

— Receio bem que não. — As primeiras experiências na matéria efetuadas nos Estados Unidos datam de mil oitocentos e sessenta e cinco. A dificuldade consistia em transportar os alimentos a longas distâncias, sem que descongelassem. Dispúnhamos de carruagens frigoríficas, mas ninguém descobria um meio de refrigerar camiões — pousou os dedos nos documentos. — Até agora. Acabo de receber a patente do método que revolucionará toda a indústria alimentar. —

Confesso que não consigo interpretá-los — declarou David, depois de consultar os papéis.

— Isso não interessa, pois não procuro um perito técnico. Tenho-os em abundância.

O que pretendo é o financiamento e alguém que dirija as operações.

Não se trata do sonho de um visionário. Troquei impressões com especialistas na matéria, que foram unânimes em reconhecer o valor da descoberta. Preciso de uma pessoa como você. — A central da companhia será em São Francisco — esclareceu Josephine.

David conservou-se silencioso por um momento, assimilando o que acabava de escutar. Por fim, observou: — Diz que obteve a patente?

— Exato. Está tudo a postos para arrancar. — Importa-se de me emprestar estes documentos, para que os mostre a alguém.

— Nada tenho a objetar. A primeira coisa que David fez foi inteirar-se da idoneidade do americano, e revelaram-lhe que possuía reputação sólida em São Francisco. Dirigira o departamento científico do Berkeley College e desfrutava do respeito geral. David ignorava tudo o que se referia a congelação de produtos alimentares, mas tencionava elucidar-se. — Voltarei dentro de cinco dias, querida. Gostava que tu e teu pai esperassem.

— O tempo que quiseres — assentiu Josephine. — Vou ter saudades tuas. —

E eu tuas — admitiu David, com maior sinceridade do que ela supunha.

Ele seguiu de comboio para Joanesburgo e avistou-se com Edward Broderick, proprietário da maior fábrica de carne enlatada da África do Sul.

— Queria ouvir a sua opinião acerca disto — declarou David, mostrando-lhe os documentos. — Preciso de saber se pode resultar. — Não percebo patavina de alimentos congelados ou camiões frigoríficos, mas conheço quem está familiarizado com o assunto. Se quiser voltar à tarde, terei aqui dois peritos para lhe dissiparem as dúvidas.

David tornou a visitar Edward Broderick às quatro daquela tarde. Ao mesmo tempo, apercebia-se de um certo nervosismo e incerteza, porque não estava bem ciente de como desejava que a reunião se desenrolasse. Duas semanas antes, teria soltado uma gargalhada, se alguém sugerisse que, um dia, abandonaria a Kruger-Brent, Ltd., companhia que fazia parte da sua própria vida. E riria ainda com mais gosto se esse alguém acrescentasse que dirigiria uma pequena empresa de alimentos congelados em São Francisco. A situação poderia considerar-se inconcebível, se não existisse um pormenor decisivo: Josephine O'Neil. Edward Broderick achava-se acompanhado de dois homens, que se apressou a apresentar: — O doutor Crawford e Mr. Kaufman. Trocaram apertos de mão e David perguntou: — Tiveram oportunidade de examinar os documentos?

— Sem dúvida — aquiesceu o dr. Crawford. — Não descurámos um pormenor. — E?...

— Diz Mr. Broderick que foi concedida a patente pelo departamento competente dos Estados Unidos.

— É verdade.

— Pois bem, Mr. Blackwcll. Quem a obteve acumulará uma fortuna apreciável em pouco tempo. É como todas as grandes invenções. Tão simples que admira que ninguém se lembrasse disso antes.

David inclinava a cabeça com lentidão, assolado por emoções em conflito.

No fundo, não sabia como reagir, pois, em parte, desejara que a decisão lhe fosse retirada das mãos. Se o invento de Tim O'Neil carecesse de valor, subsistiria uma possibilidade de convencer Josephine a ficar na África do Sul. Todavia, o que o pai dela afirmara correspondia à verdade. Assim, a decisão competia unicamente a David.

Não pensou noutra coisa durante a viagem de regresso a Klipdrift. Se aceitasse a oferta, teria de abandonar a companhia e iniciar vida nova.

Por outro lado, apesar de americano por nascimento, os Estados Unidos constituíam um país estranho para ele. Desempenhava um cargo importante numa das firmas mais poderosas do mundo, gostava do trabalho que executava, Jamie e Margaret haviam-no tratado como pais e, além disso, não podia esquecer Kate. Preocupara-se com ela desde que nascera. Vira-a desenvolver-se de uma garota arra-pazada até uma jovem atraente. Na realidade, a vida da rapariga era um álbum fotográfico no seu espírito. Voltando as páginas, evocara-a aos quatro

anos, aos oito, aos dez, aos catorze, aos vinte e um, vulnerável e imprevisível. Quando o comboio se imobilizou na estação de Klipdrift, David tomara uma resolução. Abandonaria a Kruger-Brent, Ltd.

Seguiu diretamente para o Grand Hotel e subiu à suite dos O'Neil, cuja porta foi aberta por Josephine.

— David! Ele tomou-a nos braços e beijou-a com voracidade, sentindo a pressão do seu corpo ávido.

— Tive tantas saudades tuas! — murmurou ela. — Não quero voltar a separar-me de ti.

— Não haverá mais separações — afirmou David, pausadamente. — Vou para São Francisco. Aguardou com ansiedade crescente que Kate regressasse dos Estados Unidos.

Agora que tomara a decisão, estava impaciente por enveredar pela nova vida e casar com Josephine.

Por fim, a rapariga surgira e ele anunciara-lhe: — Vou casar.

Kate ouviu as palavras através de um rugido surdo.

Parecia-lhe subitamente que desmaiaria, e pousou a mão no tampo da secretária para se apoiar. "Quero morrer. Deixa-me morrer já, meu Deus!" Não obstante, reunindo energias que julgava dissipadas, conseguiu esboçar um sorriso e dizer: — Fala-me dela — orgulhava-se da firmeza da voz. — Quem é?

— Chama-se Josephine O'Neil e encontra-se de visita ao país, com o pai. Tenho a certeza de que serão boas amigas. É uma mulher extraordinária.

— Deve ser, para que a ames. — Há outra coisa — e David hesitou. — Vou sair da companhia.

— O fato de casares não significa... — começou ela, sentindo o mundo desmoronar-se à sua volta. — Não se trata disso. O pai de Josephine vai iniciar uma nova atividade em São Francisco e necessita de mim. —

Ah... vais viver para São Francisco.

— Exato. Brad Rogers pode ocupar o meu lugar sem dificuldade e formaremos um grupo de gestão para o auxiliar. Não tenho palavras para exprimir o pesar que esta decisão me provoca.

— Compreendo perfeitamente. Deves... deves amá-la muito. Quando ma apresentas? Ele sorriu ao verificar que a notícia era aceite sem problemas. — Esta noite, se estiveres disponível para jantar connosco.

Kate conseguiu conter as lágrimas até que se encontrou só.

Jantaram os quatro na mansão McGregor. No instante em que viu Josephine, Kate empalideceu de desolação: "Não admira que ele a ame o suficiente para a desposar!" Na verdade, a americana era positivamente deslumbrante. O simples fato de se achar na sua presença fazia que ela se sentisse embaraçada e hedionda.

E, para agravar a situação, Josephine mostrava-se graciosa e cordial, além de que amava obviamente David. “Raios para tudo isto!” Durante a refeição, Tim O’Neil elucidou Kate sobre a nova firma, e, no final, ela admitiu: — Parece um projeto interessante.

— Sem, todavia, atingir a envergadura da Kruger-Brent, Limited, Miss McGregor. Principiaremos do zero, mas, com David à testa das operações, havemos de prosperar rapidamente. — Sim, estando ele à frente de tudo, o êxito é garantido. O serão desenrolou-se numa atmosfera angustiante para Kate. No mesmo momento cataclísmico, perdia o homem que amava e a única pessoa indispensável para Kruger-Brent, Ltd. Apesar disso, conversava com normalidade, embora mais tarde não conseguisse recordar o que fizera ou dissera.

Só sabia que cada vez que David e Josephine olhavam um para o outro ou se tocavam tinha vontade de pôr termo à vida.

Quando regressavam ao hotel, a americana afirmou sem azedume: — Ela ama-te, David.

— Kate? — ele exibiu um sorriso de incredulidade. — Somos apenas amigos de longa data. Além disso, estou convencido de que gostou de ti. “Os homens são tão ingénuos”, refletiu ela, sorrindo igualmente.

Tim O’Neil e David reuniram-se no gabinete deste último, na manhã seguinte, a fim de trocarem impressões sobre o futuro.

— Preciso de cerca de dois meses para arrumar os meus assuntos aqui — declarou David. — Estive a pensar no financiamento indispensável para arrancarmos. Se recorrermos a uma companhia de grande envergadura, somos devorados depois de nos concederem uma pequena parcela.

Acho que nós próprios devíamos financiar o empreendimento. Calculo que necessitaremos de oitenta mil dólares para as operações iniciais.

Como economizei o equivalente a quarenta mil, temos de arranjar outro tanto. — Disponho de dez mil — informou Tim O’Neil. — E tenho um irmão que me emprestará mais cinco mil. — Nesse caso, faltam-me vinte e cinco mil dólares. Tentaremos obtê-los de um banco. — Vamos partir para São Francisco imediatamente, a fim de prepararmos as coisas para quando você chegar. Josephine e o pai seguiram para os Estados Unidos dois dias mais tarde e Kate sugeriu: — Oferece-lhes a carruagem da companhia até à Cidade do Cabo, David.

— É uma ideia generosa da tua parte.

Na manhã em que a americana partiu, ele experimentou a sensação de que lhe arrancavam uma parte da sua vida e ansiou pelo dia em que se lhe reuniria. As semanas seguintes foram consagradas a diligências para constituir uma equipa de

gestão para coadjuvar Brad Rogers.

Este, Kate e David elaboraram uma lista de possíveis candidatos e passaram longas horas analisando o currículo de cada um. — ...Taylor é um técnico, mas não possui experiência de gestão.

— E Simmons? — Tem qualidades prometedoras, mas ainda não está suficientemente maduro.

— Babcock?

— Não parece mau. Discutamo-lo a fundo.

— E quanto a Peterson?

— Carece de espírito de sacrifício. Preocupa-se demasiado consigo próprio. Ao pronunciar estas palavras, David não pôde evitar uma ponta de remorso, pois preparava-se para abandonar Kate.

O estudo da relação de candidatos prosseguiu e, no final de um mês, achava-se reduzida a quatro homens. Todos eles desempenhavam cargos em delegações situadas no estrangeiro, pelo que foram convocados a fim de serem entrevistados. As trocas de impressões com os dois primeiros desenrolaram-se satisfatoriamente e Kate assegurou a David e a Brad: — Qualquer deles me satisfaz.

Na manhã em que se deveria realizar a terceira entrevista, David surgiu no gabinete dela, profundamente pálido.

— O meu lugar ainda está vago? — Que se passa? — perguntou ela, alarmada.

— Uma coisa inesperada — articulou ele, afundando-se numa cadeira.

— O quê?

— Acabo de receber uma carta de Tim O'Neil. Vendeu o negócio.

— Que queres dizer? — Exatamente o que ouviste. Aceitou uma oferta de duzentos mil dólares pelos direitos de exploração do seu invento da Three Star Meat Packing Company de Chicago — o tom de David achava-se impregnado de amargura. — A companhia gostava de assegurar os meus serviços para dirigir as operações. O'Neil afirma que lamenta o contratempo que me provoca, mas não podia recusar uma soma tão elevada. — E Josephine? — perguntou Kate, olhando-o com intensidade. — Que diz? Deve estar furiosa com o pai.

— Também recebi carta dela. Casará comigo, assim que chegar a São Francisco. — E não tencionas ir?

— Claro que não! — explodiu ele. — Até aqui, tinha alguma coisa para oferecer. Podia transformar a firma numa companhia de grande envergadura. Infelizmente, eles estavam muito ansiosos por arrecadar uma quantia avultada.

— Não és justo ao dizer "eles".

— O'Neil nunca aceitaria a oferta sem a aprovação de Josephine.

— Confesso que não sei o que dizer. — Basta que digas que ia cometendo o maior erro da minha vida.

Kate pegou na lista de candidatos e principiou a rasgá-la com lentidão.

Nas semanas subsequentes, David mergulhou profundamente no trabalho, numa tentativa para esquecer a amargura e a mágoa.

Entretanto, recebeu várias cartas de Josephine O'Neil, que depositou no cesto de papéis sem as abrir. Contudo, não conseguia esquecê-la, e Kate, consciente da desolação do amigo, não perdia a oportunidade de lhe fazer sentir que se achava presente, se necessitasse dela. Tinham-se escoado seis meses desde que David recebera a carta de Tim O'Neil e, entretanto, aquele e Kate continuavam a trabalhar juntos. Ela esforçava-se por agradar ao companheiro de todas as maneiras possíveis. Trajava em conformidade com o que julgava representar as suas preferências, projetava viagens em comum e, numa palavra, diligenciava tornar-lhe a existência o mais feliz possível. No entanto, não obtinha o mínimo resultado e, por último, perdeu a paciência.

Encontravam-se no Rio de Janeiro para investigar as possibilidades da descoberta de um novo mineral, e, uma noite, após o jantar, reuniram-se no quarto de Kate para examinar uns relatórios. Ela enfiara um quimono e chinelos para se sentir mais confortável e, quando terminaram, David espreguiçou-se e anunciou: — Estou derreado. Acho que me vou deitar. — Não te parece chegado o momento de tirares o luto? — observou Kate, em voz átona.

— Qual luto? — inquiriu ele, surpreendido.

— Por Josephine O'Neil!

— Há muito que desapareceu da minha vida. — Então, procede em conformidade.

— Que queres que faça? Kate acabou por se enfurecer, em virtude da cegueira de que ele dava provas, assim como por todo o tempo perdido.

— Beija-me, por exemplo! — O quê?

— Não sou a tua patroa? — rugiu, acercando-se. — Ordeno-te que me beijes. E, rodeando-lhe o pescoço com os braços, colou os lábios aos dele. Ao princípio, sentiu-o resistir e tentar retrair-se, porém, a reação não tardou e passou a colaborar. — Kate...

— Estava a ver que nunca mais me propunhas isso — sussurrou ela, começando a soltar o cinto do quimono.

Casaram seis semanas depois, na cerimônia de maior pomba a que Klipdrift jamais assistira. Celebrou-se na igreja mais importante da cidade, após o que se realizou uma recepção no recinto do Município.

Havia montanhas de comida e inúmeras grades de cerveja, juntamente com uísque e champanhe, enquanto uma orquestra abrilhantava a festa, que se

prolongou até de madrugada. Quando o Sol despontou, Kate e David afastaram-se discretamente. — Vou a casa acabar de fazer as malas — informou ela. — Passa por lá dentro de uma hora. Por entre a claridade pálida da alvorada, Kate entrou na vasta mansão e dirigiu-se ao seu quarto, no primeiro andar, onde se aproximou de um quadro pendurado na parede e exerceu pressão em determinado ponto da moldura. Ato contínuo, a tela começou a deslizar para o lado e expôs um cofre embutido. Após uma pausa, ela abriu-o e extraiu um documento. Era o contrato da compra da Three Star Meat Packing Company de Chicago, por Kate McGregor.

Junto dele, encontrava-se outro referente à aquisição, por aquela firma, dos direitos de exploração do invento de Tim O'Neil por duzentos mil dólares. Hesitou por um momento e voltou a guardá-los no cofre.

Agora, David pertencia-lhe.

Sempre lhe pertencera. E à Kruger-Brent, Ltd. Juntos, torná-la-iam a companhia mais poderosa do mundo.

Exatamente como Jamie e Margaret McGregor teriam desejado.

LIVRO TRÊS

Kruger-Brent, Ltd.

1914-1945

16

Encontravam-se na biblioteca, onde outrora Jamie gostava de se sentar com um cálice de brande na sua frente, e David argumentava que não havia tempo para uma verdadeira lua-de-mel. — Alguém tem de olhar pela loja.

— De acordo, Mr. Blackwell. Mas quem olhará por mim? Kate enroscou-se sobre os joelhos do marido, que sentiu o calor do seu corpo através do vestido, enquanto os documentos que examinava deslizavam para o chão. Em seguida, ela levantou-se e despiu-se com estudada lentidão, após o que estendeu as mãos e principiou a desabotoar-lhe a camisa.

— Possui-me, David! — gemeu, entregando-se-lhe. A espessa carpeta afigurou-se-lhes apropriada para o que pretendiam. Kate estremeceu levemente no momento em que ele a penetrou e assolou-a uma vaga de sensações inebriantes que culminaram num êxtase indefinível. “Morri e fui para o Céu...”, refletiu no instante da explosão final.

Percorreram praticamente todo o mundo, visitando, entre outras cidades, Paris, Zurique, Sydney e Nova Iorque, ao serviço da companhia, mas aproveitando igualmente alguns momentos para si próprios. Conversavam até altas horas da noite, faziam amor e exploravam-se mutuamente os corpos e os espíritos. Kate constituía um prazer inesgotável para David. Acordava-o de madrugada para o obrigar a atividades sexuais pagãs e, poucas horas depois, participava numa conferência de negócios, mais lúcida e eficiente do que qualquer dos outros presentes. Possuía uma propensão especial para os negócios, tão rara como inesperada. Ao princípio, tratavam-na com condescendência tolerante, que não tardava a converter-se em respeito.

Ela experimentava uma satisfação especial em se dedicar às manobras e maquinações do jogo, e David via-a empregar argumentos que venciam indivíduos mais experientes. Na verdade, Kate dispunha de todos os instintos de uma vencedora. Sabia o que queria e como obtê-lo. Poder.

Culminaram a lua-de-mel com uma semana gloriosa na casa de Cedar Hill, em Dark Harbor.

Foi a 28 de Junho de 1914 que começou a admitir-se a possibilidade de uma guerra, quando eles haviam sido convidados para uma residência de campo em Sussex. Decorria a época em que as pessoas endinheiradas preferiam residir fora das cidades, e os hóspedes de fim-de-semana deviam obedecer a um ritual. Os homens trajavam formalmente para o pequeno-almoço, mudavam de indumentária para o período que medeava até ao almoço e a operação voltava a repetir-se ao longo do dia, sendo exigido o smoking ou sobrecasaca para o jantar.

— Safa! — protestou David. — Sinto-me como um pavão.

— Um pavão muito atraente, querido. Quando chegarmos a casa, podes andar nu.

— Não quero esperar tanto tempo — declarou ele, apertando-a nos braços.

Ao jantar, surgiu a notícia de que Francisco Ferdinando, herdeiro do trono austro-húngaro, e a esposa, Sofia, tinham sido assassinados. O anfitrião, Lord Maney, comentou: — É sempre deplorável ouvir que mataram uma mulher. Em todo o caso, ninguém vai envolver-se numa guerra por causa de um pequeno país balcânico.

E passaram a trocar impressões acerca do críquete. Mais tarde, na cama, Kate perguntou: — Achas que vai haver guerra?

— Devido à morte de um arquiduque qualquer? Claro que não. A previsão de David revelou-se errada. O Império Austro-Húngaro, suspeitando de que a sua vizinha Sérvia instigara o conluio para assassinar Ferdinando, declarou-lhe guerra, e, em Outubro, a maior parte das potências mundiais estavam envolvidas no conflito. Era uma contenda de uma espécie nova. Empregavam-se pela primeira vez veículos mecanizados, como aeroplanos, porta-aviões e submarinos.

No dia em que a Alemanha declarou guerra, Kate observou: — Pode ser uma oportunidade excelente.

— Porquê? — perguntou David, enrugando a fronte. — As nações vão precisar de armas e munições...

— Não as obterão de nós — interrompeu com firmeza. — O negócio que temos chega perfeitamente. Não vamos arrecadar lucros à custa do sangue dos outros.

— Estás a dramatizar a situação. Alguém tem de fabricar armamento.

— Enquanto eu pertencer à companhia, não seremos nós. Não quero

discutir mais o assunto. Está encerrado! “Isso é o que tu pensas!...”

refletiu ela. “Porque será um idealista tão ingénuo?” Por seu turno, David pensava: “Está mudada. Dantes, não revelava essa indiferença pela sorte dos outros.” Os dias que se seguiram foram difíceis para ambos. Ele deplorava o vazio emocional criado entre ambos, mas não sabia como transpô-lo. Kate era

demasiado orgulhosa e obstinada para ceder, porque sabia que tinha razão. O presidente Wilson prometera manter os Estados Unidos fora do conflito, mas quando os submarinos alemães começaram a torpedear navios de passageiros desarmados e as atrocidades cometidas pelos germânicos se difundiram, acentuou-se a pressão para que a América abandonasse a neutralidade.

"Tornemos o mundo seguro para a democracia", era o slogan. David aprendera a voar na África do Sul e quando se constituiu a Esquadrilha Lafayette, em França, com pilotos americanos, anunciou a Kate: — Tenho de me alistar.

— Não é a tua guerra! — bradou ela, apavorada.

— Em breve será. Os Estados Unidos não se podem manter afastados por muito tempo. Sou americano e quero participar já.

— Mas tens quarenta e seis anos!

— Ainda me considero capaz de pilotar um avião. E eles precisam da ajuda de todos.

Kate não encontrou qualquer meio de o dissuadir e passaram os últimos dias juntos em perfeita comunhão, esquecendo as divergências. Amavam-se e só isso importava.

Na véspera da partida para a França, David declarou: — Tu e Brad Rogers podem dirigir os negócios tão bem como eu. Talvez até melhor. — Se te acontecer alguma coisa, não resisto.

— Não me há-de acontecer nada — e abraçou-a com ternura. — Voltarei coberto de condecorações! A ausência de David constituiu um martírio para Kate. Tardara muito tempo a conquistá-lo e, agora, em cada segundo pairava o pavoroso receio de o perder. Conservava-o sempre a seu lado. Reconhecia-o na cadência da voz de um desconhecido, numa risada repentina na rua, numa frase, num perfume, até numa canção. Encontrava-se em toda a parte. Escrevia-lhe longas cartas todos os dias e, quando recebia uma dele, lia-a e relia-a até se achar quase irreconhecível. Ele afirmava que tudo corria bem. Os Alemães desfrutavam de superioridade no ar, mas a situação não tardaria a inverter-se. Circulavam rumores de que a América em breve interviria.

"Não permitas que te suceda nada, meu amor, de contrário odiar-te-ei eternamente." Kate tentava olvidar a solidão e a amargura imergindo profundamente no trabalho.

No início da guerra, a França e a Alemanha possuíam as forças armadas mais bem equipadas da Europa, mas os Aliados dispunham de maiores efetivos humanos, recursos e material. Quanto à Rússia, com o exército mais numeroso, achava-se mal guarnecida de armamento e pior comandada. — Precisam todos de auxílio — afirmou ela a Brad Rogers. — Há que fornecer-lhes tanques, armas

e munições.

— David é da opinião... — começou ele, com desconforto. — Na sua ausência, somos nós que tomamos as decisões. No entanto, Brad sabia perfeitamente o que isto significava na realidade. “Quem decide sou eu.” Kate não compreendia a atitude do marido quanto ao fabrico de armamento. Os Aliados necessitavam dele e ela considerava seu dever patriótico fornecer-lho.

Conferenciou com os dirigentes de meia dúzia de nações amigas e, transcorrido um ano, a Kruger-Brent, Ltd., iniciava o fabrico de armas, tanques, bombas e munições. A companhia transformava-se rapidamente num dos maiores impérios industriais do mundo e, quando se inteirou dos números relativos às receitas, ela disse a Brad Rogers: — Já viu isto? David terá de reconhecer que se enganava.

Entretanto, a África do Sul atravessava um período agitado. Os chefes dos partidos tinham manifestado o seu apoio aos Aliados e aceitado a responsabilidade de defender o país da Alemanha, mas a maioria dos Africânderes opunha-se ao auxílio à Grã-Bretanha. Não podiam esquecer o passado tão rapidamente.

Por outro lado, na Europa, a guerra corria mal para os Aliados e a luta na frente ocidental atingira um ponto morto. Ambos os lados se fixavam nas suas posições, protegidos por trincheiras que atravessavam a França e a Bélgica, e os soldados conheciam privações. A chuva enchia as escavações de água e lama e os ratos abundavam. Ciente disto, Kate congratulava-se por o marido combater no ar.

A 6 de Abril de 1917, o presidente Wilson declarou guerra à Alemanha e a predição de David tornou-se realidade. A América começou a mobilizar.

O primeiro corpo expedicionário americano, chefiado pelo general John J. Pershing, iniciou o desembarque em França a 26 de Junho daquele ano. Os nomes de novos lugares passaram a fazer parte do vocabulário de toda a gente: Saint-Michel... Château-Thierry... Meuse-Argonne... Belleau Wood...

Verdun... Os Aliados tinham-se tornado uma força irresistível e, a 11 de Novembro de 1918, o conflito conheceu finalmente o seu termo. O mundo encontrava-se seguro para a democracia. David pôde empreender o regresso a casa.

Quando desembarcou do transporte de tropas em Nova Iorque, Kate esperava-o. Olharam-se em silêncio por um momento eterno, ignorando o ruído da multidão à sua volta, e, por último, caíram nos braços um do outro. Vendo-o mais magro e de expressão fatigada, ela refletiu: “Como senti a sua falta!” Tinha uma infinidade de perguntas para lhe fazer, mas podiam ficar para mais tarde.

— Vou levar-te para Cedar Hill — anunciou. — É o lugar perfeito para

repousares.

Conduziu o marido através da casa, que remodelara especialmente para o receber, falando-lhe quase sem interrupção, o que não a impedia de observar que se mostrava invulgarmente reservado.

Quando completaram a visita, ela perguntou: — Gostas das modificações que introduzi?

— Sem dúvida. Agora, sentemo-nos, porque quero conversar contigo. — Tens algum reparo a fazer? Inquiriu, dominada por um pressentimento ominoso.

— Segundo apurei, tornámo-nos fornecedores de munições de metade do mundo.

— Espera até veres os livros — Kate começou. — Os lucros...

— Não me refiro a isso. Se a memória não me atraiçoa, eram excelentes, antes de eu partir. Assentámos em que não nos envolveríamos no fabrico de material de guerra.

— Tu é que assentaste. Eu não. — Kate esforçava-se por dominar a irritação. — Os tempos mudam e temos de nos adaptar.

Ele olhou-a em silêncio por um momento e volveu:

— Tu mudaste? Deitada na cama, naquela noite, Kate perguntava a si própria se fora ela quem mudara ou o marido. Tornara-se mais forte ou ele mais fraco. Recordou a argumentação de David contra a fabricação de armamento e considerou-a frágil.

No fundo, alguém necessitava de fornecer a mercadoria aos Aliados, além do que a operação envolvia lucros fabulosos. Que acontecera ao sentido dele dos negócios? Sempre o encarara como um dos homens mais argutos que conhecera, mas agora pensava que se achava mais capacitada para dirigir a companhia.

Passou a noite quase totalmente em claro e, de manhã, após o pequeno-almoço, ela e David percorreram as imediações da casa.

— Agrada-me estar aqui — confessou ele. — É realmente encantador.

— Quanto à nossa conversa de ontem... Os fatos estão consumados.

Procedeste como te pareceu melhor, na minha ausência. “Teria feito o mesmo, se estivesses presente!“ Kate absteve-se de concretizar a dúvida em voz alta. Agira daquela maneira em obediência aos interesses da companhia. “A Kruger-Brent terá maior significado para mim que o meu casamento?“ O temor impediu-a de procurar a resposta.

Os cinco anos imediatos assistiram a um período de expansão mundial incrível. A Kruger-Brent, Ltd. Fora fundada com base em diamantes e ouro, mas enveredara pela diversificação e estendera as raízes por todo o Globo, pelo que o seu centro nervoso deixara de se situar na África do Sul. A companhia adquirira recentemente um império editorial, uma empresa de seguros e um milhão de

hetares de terrenos arborizados para a obtenção de madeira.

Uma noite, Kate desferiu uma cotovelada em David, que acordou sobressaltado.

— Temos de transferir a sede da companhia.

— Hem? — articulou ele, estremunhado.

— O fulcro mundial dos negócios situa-se atualmente em Nova Iorque.

É aí que a nossa sede se deve encontrar. A África do Sul fica muito longe de tudo. De resto, agora que dispomos do telefone e do cabo submarino, podemos comunicar com qualquer das sucursais em poucos minutos.

— Porque não pensaria eu nisso? — grunhiu, e voltou a adormecer.

Nova Iorque era um mundo excitante. Nas visitas anteriores à cidade, Kate sentira o seu palpitar acelerado, mas viver lá equivalia a estar no centro de um vértice gigantesco. A terra parecia girar mais rapidamente e tudo se movia a um ritmo mais veloz.

Ela e David escolheram um local em Wall Street para sede da companhia e os arquitetos iniciaram os trabalhos. Por seu turno, Kate recorreu a outro para restaurar uma mansão estilo Renascença francesa do século XVI, na Quinta Avenida. — A cidade é muito ruidosa — queixou-se David.

E não exagerava. O som das máquinas de rebitar atroava os ares em todas as áreas de Nova Iorque, à medida que os arranha-céus se erguiam em sucessão ininterrupta. Na verdade, a cidade tornara-se a Meca dos negócios de todo o mundo, quartel-general da marinha mercante, seguros, comunicações e transportes. Irradiava uma vitalidade ímpar. Kate adorava tudo aquilo, mas pressentia a amargura do marido.

— Isto é o futuro, querido. Nova Iorque desenvolve-se e nós com ela. —

Até onde pretendes chegar?

— Até onde for possível.

No fundo, ela não compreendia a razão pela qual ele formulara a pergunta. A finalidade do jogo consistia em ganhar, o que só se conseguia vencendo todos os outros jogadores. Esta realidade afigurava-se-lhe óbvia. Como se explicava que David não a descortinasse? Apesar de ser um excelente homem de negócios, faltava-lhe alguma coisa: o apetite, a compulsão para conquistar, para ser o maior e o melhor. Jamie McGregor possuía esse espírito e Kate também. Conquanto não compreendesse exatamente o que acontecera, num determinado ponto da sua vida a companhia convertera-se no amo e ela na escrava. Quando tentou explicar a David o que sentia, este soltou uma gargalhada e afirmou: — Trabalhas em excesso.

Ao mesmo tempo, porém, refletia: “Cada vez se parece mais com o pai!” E,

sem entender bem o motivo, o fato apresentava-se-lhe vagamente preocupante. Como podia uma pessoa trabalhar em excesso? Kate achava-se convencida de que não existia "maior prazer no mundo. Era nessas ocasiões que se sentia mais viva. Cada dia que surgia trazia um novo conjunto de problemas, cada um dos quais constituía um desafio, um puzzle para resolver, um novo jogo para ganhar. E ela atuava maravilhosamente. Era arrastada por algo fora de toda a capacidade de imaginação. Não tinha nada de comum com o dinheiro ou a satisfação de um ato cumprido, mas com o poder. Um poder que dominava as vidas de milhares de pessoas de todos os recantos da Terra, tal como a sua existência fora outrora dominada.

Enquanto dispusesse de poder, nunca necessitaria verdadeiramente de ninguém. Tratava-se de uma arma temível para além de tudo o concebível.

Era convidada para jantar com reis, rainhas e presidentes, todos interessados no seu auxílio, na sua boa vontade. Uma nova fábrica Kruger-Brent podia representar a diferença entre a pobreza e a riqueza.

Poder. A companhia tinha vida própria, como um gigante em crescimento que exigia alimento, e por vezes tornavam-se necessários sacrifícios, pois não existia possibilidade de agrilhoar esse gigante.

Kate compreendia tudo, agora, perfeitamente. Possuía um ritmo, um palpitar, que lhe comunicara para sempre.

Em Março, um ano depois de se terem instalado em Nova Iorque, sentiu-se indisposta e deixou-se convencer por David a consultar o médico.

— Chama-se John Harley — acrescentou. — Apesar de jovem, já conquistou reputação excelente.

Harley era um indivíduo magro, de semblante carregado, que aparentava vinte e seis anos, menos cinco que Kate, a qual começou por advertir: — Não tenho tempo para estar doente!

— Tomarei a informação em consideração, Mrs. Blackwell — replicou o médico, secamente. — Para já, deixe-me examiná-la — e, em seguida, recolheu sangue para alguns testes e declarou: — Não creio que seja algo de cuidado. Espero ter os resultados dentro de dois ou três dias. Telefone-me quarta-feira.

Kate tratou de ligar para o consultório logo de manhã, e o Dr. Harley anunciou jovialmente: — Tenho notícias excelentes para lhe transmitir, Mrs. Blackwell. Está grávida.

Foi um dos momentos mais excitantes da vida dela, e apressou-se a informar o marido.

Este mostrou-se invulgarmente excitado e, apertando-a nos braços com ternura, profetizou: — Há-de ser uma rapariga e parecer-se exatamente contigo. Entretanto, refletia: "É precisamente o que lhe convém. Agora, ficará

mais em casa. Tornar-se-á mais uma esposa.”

Kate, por seu turno, cismava: “Há-de ser um rapaz, que um dia assumirá a direção da Kruger-Brent.”

A medida que a data do parto se aproximava, ela conservava-se mais tempo em casa, embora continuasse a comparecer no seu gabinete todos os dias.

— Deixai os negócios a meu cargo e repousa — aconselhava David.

Todavia, não conseguia compreender que os negócios representavam a melhor forma de repouso para Kate.

— Vou fazer o possível para que seja a vinte e cinco — prometeu ela, pois o nascimento achava-se previsto para a segunda metade de Dezembro. — Não podemos desejar melhor prenda de Natal.

“Será um Natal perfeito”, cogitava. Era dirigente de uma grande empresa, casara com o homem que amava e teria um filho dele. Se havia alguma ironia na ordem de prioridades, não se apercebia disso.

O corpo avolumara-se, dificultando-lhe os movimentos, pelo que cada vez lhe era mais penoso deslocar-se ao escritório, mas, quando David ou Brad Rogers sugeriam que ficasse em casa, replicava que o cérebro continuava a funcionar normalmente. Dois meses antes da data calculada para o parto, o marido visitou a África do Sul em viagem de inspeção à mina de Pniel, devendo regressar a Nova Iorque na semana seguinte. Kate encontrava-se sentada à secretária do seu gabinete, quando Brad Rogers entrou sem se fazer anunciar.

— Perdemos o negócio Shannon! — aventurou ela, ao observar-lhe a expressão grave.

— Não. Acabo de receber a notícia... registrou-se um acidente... uma explosão numa mina.

— Onde? — acudiu-lhe um pressentimento alarmante. — Teve consequências graves? Há vítimas?

Brad encheu os pulmões de ar antes de revelar: — Meia dúzia de mortos. David é um deles.

As palavras pareceram encher a sala e ricochetear nas paredes, aumentando de intensidade, até que se converteram em sons ensurdecedores nos ouvidos de Kate, numa espécie de cataratas do Niágara que a sufocavam, absorvendo-o para o seu centro devorador.

Por fim, tudo se tornou obscuro e silencioso.

17

O bebê nasceu uma hora mais tarde, com dois meses de antecedência, e Kate chamou-lhe Anthony James Blackwell, em homenagem ao pai de David. “Amo-

te, meu filho, por ti, e amar-te-ei por teu pai.” Um mês depois, a mansão na Quinta Avenida achava-se pronta para ser habitada, e ela e o filho, juntamente com o pessoal doméstico, instalaram-se. Dois castelos de Itália haviam sido despojados do recheio para a decorar.

Em 1928, quando Tony completara quatro anos, Kate enviou-o para um colégio infantil. Era um garoto bem-parecido, de ar solene, com os olhos cinzentos e o queixo voluntarioso da mãe. Recebeu lições de música e, aos cinco anos, frequentou aulas de bailado. Alguns dos melhores momentos que passaram juntos desenrolaram-se na casa de Cedar Hill, em Dark Harbor. Kate adquiriu um iate ao qual chamou Corsair e levava Tony a passear ao longo da costa do Maine. No entanto, era o trabalho que lhe proporcionava maior prazer. Existia algo de místico na companhia que Jamie McGregor fundara. Tinha vida própria, era absorvente. Kate considerava-a o seu amante, que nunca morreria num dia de Inverno, para a deixar só no mundo.

Viveria eternamente. Ela providenciaria nesse sentido e, um dia, transmiti-la-ia ao filho. O único fator de perturbação na vida de Kate era a sua terra natal. Na verdade, preocupava-se profundamente com a África do Sul, onde os problemas raciais se acentuavam, o que a inquietava cada vez mais. Havia dois campos políticos: os verkramptes — de vistas estreitas, pró-segregacionistas — e os verligtes — os iluminados, que queriam melhorar a situação dos negros. O primeiro-ministro, James Hertzog, e Jan Smuts tinham formado uma coligação e combinado o seu poder para obter a promulgação de uma nova lei, segundo a qual os indivíduos de cor deixavam de poder votar e possuir terras. Milhões de pessoas pertencentes a diferentes grupos minoritários eram afetadas pelo novo diploma. As áreas que não continham materiais, centros industriais ou portos destinavam-se a negros, mestiços e indianos.

Kate combinou um encontro com várias entidades governamentais sul-africanas e declarou: — Esta lei é uma bomba de relógio. Pretendem manter oito milhões de pessoas escravizadas.

— Não se trata de escravatura, Mrs. Blackwell. Fazemo-lo para bem delas.

— Sim? Como explicam isso? — Cada raça tem alguma coisa para contribuir. Se os pretos se misturarem com os brancos, perderão a individualidade. Queremos protegê-los.

— Que disparate! A África do Sul tornou-se um inferno racista.

— Não é verdade. Pretos de outros países percorrem milhares de quilômetros para se fixarem no nosso. Chegam a pagar seis libras por documentos de admissão falsos. Encontram-se muito melhor aqui do que em qualquer outra parte do mundo.

— Nesse caso, compadeço-me deles. — São crianças primitivas, Mrs.

Blackwell. Creia que é para o seu bem.

Kate retirou-se frustrada e profundamente apreensiva pelo futuro do seu país.

Mas também se preocupava com Banda, cujo nome figurava constantemente nos jornais. A Imprensa sul-africana chamava-lhe morrião escarlate e havia um tom de admiração na descrição das suas proezas. Escapara várias vezes à Polícia disfarçando-se de operário, motorista e porteiro, organizara um exército de guerrilha e encabeçava a lista de indivíduos mais procurados pelas autoridades. Um artigo incerto no Cape Times revelava que fora levado em triunfo através de uma aldeia habitada por negros aos ombros de manifestantes.

Deslocava-se de localidade em localidade para falar a multidões de estudantes, mas, sempre que a Polícia se apercebia da presença de Banda, este desaparecia. Constava que dispunha de um grupo de guarda-costas de centenas de amigos e seguidores e dormia numa casa diferente cada noite. Kate sabia que só a morte o impediria de prosseguir a sua cruzada. Impunha-se que contatasse com ele. Nessa conformidade, mandou chamar um dos seus capatazes negros mais antigos na firma, merecedor da sua inteira confiança, e perguntou-Lhe: — Parece-te que podes localizar Banda" William?

— Só se quiser ser localizado. — Tenta. Preciso falar com ele.

— Verei o que consigo.

Na manhã seguinte, o capataz comunicou: — Se estiver livre, logo à noite, um carro levá-la-á a determinado ponto, fora da cidade.

Kate foi conduzida a uma pequena povoação cento e vinte quilômetros ao norte de Joanesburgo, onde o motorista deteve o veículo diante de uma casa de madeira, na qual ela entrou. Banda aguardava-a e tinha exatamente o mesmo aspecto da última vez que o vira. "E já conta sessenta anos", pensou Kate. Apesar de permanecer em fuga constante às autoridades desde longa data, apresentava-se sereno e despreocupado. — Cada vez que a vejo está mais bonita — observou, com um sorriso.

— Mas estou a envelhecer — redarguiu ela, rindo, — Faltam-me poucos anos para completar quarenta.

— O tempo continua a não lhe provocar marcas da sua passagem.

Foram para a cozinha e, enquanto Banda preparava café, Kate disse: — Não me agrada o que está a acontecer. Onde irá tudo isto parar?

— Será cada vez pior — articulou ele com simplicidade. — O Governo nega-se a estabelecer diálogo conosco. Os brancos destruíram as pontes entre eles e nós e um dia descobrirão que necessitam delas para que comuniquemos. Já temos alguns heróis: Nehemiah, Tile, Mokone, Richard Msimang. Tratam-nos como gado destinado ao matadouro. —

Nem todos os brancos pensam assim — afirmou Kate. — Vocês têm amigos

que lutam para mudar este estado de coisas. Acabarão por triunfar, mas é necessário tempo.

— O tempo é como a areia numa ampulheta. Escoa-se.

— Que aconteceu a Ntame e a Magena? — Minha mulher e o meu filho estão escondidos — explicou Banda, com uma ponta de amargura. — A Polícia concentra os seus esforços em diligências para me encontrar.

— Que devo fazer para os ajudar? Não posso ficar inativa. Precisas de dinheiro?

— Faz sempre jeito.

— Providenciarei nesse sentido. Que mais?

— Reze por todos nós.

Ela regressou a Nova Iorque na manhã seguinte.

Quando Tony atingiu idade suficiente para viajar, Kate passou a levá-lo nas viagens de negócios, durante as férias escolares. O garoto adorava visitar museus e podia passar horas consecutivas diante de telas e estátuas dos grandes mestres. Em casa, desenhava reproduções do que vira, mas o acanhamento impedia-o de as mostrar à mãe.

Possuía um temperamento agradável e uma leve timidez que agradava às pessoas. Kate orgulhava-se do filho, que obtinha sempre as melhores notas nos estudos e aceitava as suas felicitações como um estímulo para fazer cada vez melhor. Em 1936, no décimo segundo aniversário de Tony, ela regressou de uma viagem ao Médio Oriente precisamente a tempo de participar na festa. Assim que o viu, abraçou-o com fervor e perguntou: — Tens passado um dia agradável?

— Sim, mamã. Maravilhoso. Estremeceu de admiração e olhou-o com estranheza, pois nunca o ouvira gaguejar.

— Sentes-te bem?

— M-muito b-bem, o-obrigado.

— Evita gaguejar. Fala mais devagar. — Po-pois sim, ma-mamã.

A deficiência agravou-se nas semanas subsequentes e Kate decidiu levá-lo ao Dr. Harley, o qual, após um exame minucioso, declarou: — Fisicamente, não lhe encontro nada. Estará sob alguma pressão?

— Que ideia! Porque pergunta? — É um garoto muito sensível. A gaguez constitui com frequência uma manifestação física de frustração, de incapacidade para enfrentar a vida.

— Engana-se, doutor. Tony figura sempre no topo do quadro de honra do colégio.

No último período, obteve três prémios: melhor atleta, melhor aluno na

matéria geral e primeiro classificado no domínio das artes.

— Hum... — o médico fez uma pausa, olhando a interlocutora pensativamente. — Que costuma fazer quando ele gagueja?

— Corrijo-o, claro.

— Sugiro que não o faça. Isso só serve para lhe aumentar a tensão.

— Se tem algum problema psicológico, garanto-lhe que não é por causa da mãe! — asseverou ela, irritada. — Adoro-o e ele sabe que o considero a criança mais fantástica do mundo.

Era precisamente esse o fulcro do problema. Nenhuma criança resistiria a semelhante situação sem denunciar algum efeito. O Dr. Harley baixou os olhos para a ficha na sua frente e murmurou: — Ele tem doze anos, não é?

— Exato. — Talvez não fosse má ideia que abandonasse o ambiente familiar, por uma temporada. Um colégio interno algures era o lugar ideal. Há estabelecimentos excelentes, na Suíça. Na Suíça! A hipótese de o filho se achar tão longe dela era assustadora. Uma criança tão pequena, ainda sem preparação para se desembaraçar sem ajuda! Não obstante, articulou a meia voz: — Vou pensar nisso.

Naquela tarde, cancelou uma reunião e seguiu para casa mais cedo.

Tony, que se encontrava na sala de estudo, entretido com o trabalho de casa, anunciou: — Ti-tive ho-je um vinte, mamã! — Gostavas de estudar na Suíça?

— Po-posso? — balbuciou, o olhar iluminado por um clarão de entusiasmo. Seis semanas mais tarde, Kate acompanhava o filho ao navio que cruzaria o oceano, depois de o matricular no Instituto Le Rosey, em Rolle, pequena localidade nas margens do lago de Genebra.

Conservou-se no cais de Nova Iorque até que o enorme paquete desapareceu no horizonte, refletindo: “Raios para isto! Vou ter muitas saudades dele.” Por fim, rodou nos calcanhares e regressou à limusina que a conduziria ao escritório.

Kate gostava de trabalhar com Brad Rogers, que tinha quarenta e seis anos, mais dois do que ela. Haviam-se tornado amigos ao longo dos anos e estimava-o pela devoção que sempre manifestara pela Kruger-Brent, Ltd. Era solteiro e costumava acompanhar uma variedade de amigas, mas Kate apercebeu-se gradualmente de que a amava. Em mais de uma ocasião, ouvira-o proferir observações ambíguas, mas fingia não se dar conta, para manter as suas relações num nível impessoal de negócios, atitude que infringiu uma única vez.

Brad passara a encontrar-se com alguém regularmente, comparecendo ao trabalho todas as manhãs fatigado e distraído, o que resultava prejudicial para a companhia. Transcorrido um mês sem que a situação desse mostras de se alterar, ela decidiu que se impunham medidas drásticas, sobretudo ao recordar-se de que David estivera prestes a abandonar a firma por causa de uma mulher. Não

permitiria que Brad chegasse a esse extremo.

Kate planejara deslocar-se, só, a Paris, a fim de adquirir uma companhia de importações-exportações importante, mas à última hora pediu-lhe que a acompanhasse. Passaram o dia da chegada em reuniões e, à noite, jantaram num restaurante de luxo, após o que ela sugeriu que a seguisse à sua suite no Hotel George V, a fim de analisarem os relatórios da nova companhia.

Uma vez sós, Brad declarou: — Há uns pontos que me parecem merecer estudo mais profundo.

— Deixemos isso, agora — murmurou Kate, deslizando para os seus braços. — Podemos começar por tratar de assuntos mais agradáveis. — Meu Deus! Há tanto tempo que a desejava...

— Eu também ansiava por este momento. Não perderam tempo em transferir-se para o quarto contíguo. Kate era uma mulher sensual, mas há muito que toda a sua energia sexual fora aproveitada noutras atividades. O trabalho absorvia-a e satisfazia-a por completo.

Necessitava de Brad por outras razões.

Ele colocou-se-lhe em cima e ela abriu as pernas, sentindo o órgão ereto penetrá-la, o que não se lhe afigurou agradável nem desagradável.

Principiou a executar o ritmo clássico de semelhantes momentos, enquanto Kate pensava: “Pedem muito pela companhia e não reduzem um cêntimo, porque estão ao corrente do meu interesse.” Brad acompanhava os movimentos rítmicos de palavras ternas e as reflexões dela prosseguiam. “Eu podia suspender as negociações e aguardar que me procurassem. Mas suponhamos que não voltavam a dar notícias?

Devo arriscar-me a perder a oportunidade?” Apercebendo-se de que o ritmo aumentara de intensidade, passou a colaborar mais abertamente, sem todavia interromper o raciocínio íntimo. “Não. Eles encontravam outro comprador com facilidade. É melhor pagar o que pedem.

Compensarei o excesso vendendo uma das suas subsidiárias.”

registrou-se uma exclamação abafada e ele proferiu: — Foi maravilhoso. Não lhe agradou?

— Não encontro palavras para o descrever.

Kate conservou-se nos braços de Brad toda a noite, refletindo e planejando, enquanto ele dormia. De manhã, quando acordou, disse-lhe: — Essa mulher com quem tem andado ultimamente...

— Está com ciúmes! — exclamou ele, encantado. — Não pense mais nela.

Prometo que não a voltarei a ver.

Kate não tornou a ir para a cama com Brad, e quando ele não compreendia por que se esquivava, limitava-se a alegar: — Eu desejava imenso, mas receio que

depois deixássemos de poder trabalhar juntos. Temos de nos sacrificar ambos pela firma.

E Brad viu-se forçado a aceitar esta explicação.

À medida que a companhia se expandia, Kate estabelecia fundações de beneficência que contribuíam para liceus, igrejas e colégios. Ao mesmo tempo, ia enriquecendo a sua coleção de arte, adquirindo obras de artistas da Renascença e pós-Renascença, como Rafael, Ticiano, Tintoretto e El Grego, e da escola barroca, como Rubens, Caravaggio e Van Dyck.

A coleção Blackwell era reputada como a mais valiosa das particulares de todo o mundo. Reputada, porque nenhum estranho, à parte convidados especiais, tivera ensejo de a admirar. Além disso, Kate não permitia que a fotografassem, nem a discutia com a Imprensa. A vida pessoal da família Blackwell achava-se vedada ao público. Os próprios empregados domésticos ou da companhia estavam proibidos de ventilar o assunto. No entanto, tornava-se impossível evitar os rumores e a especulação, pois Kate Blackwell era um enigma intrigante — uma das mulheres mais ricas e poderosas do mundo.

Circulavam milhares de interrogações a seu respeito, mas poucas respostas. Um dia, ela telefonou à diretora do Instituto Le Rosey e disse: — Gostava de saber como está meu filho. — O melhor possível, Mrs. Blackwell. É um aluno excelente e...

— Não me refiro a isso — hesitou, relutante em admitir a possibilidade de um ponto fraco na família. — Tem gaguejado?

— De modo algum. Fala normalmente.

Exalou um profundo suspiro de alívio. Nunca duvidara de que se tratava de uma deficiência temporária. O dr. Harley equivocara-se redondamente.

Tony regressou a casa quatro semanas mais tarde, e Kate esperava-o no aeroporto. O garoto apresentava bom aspecto, e, ao vê-lo, invadiu-a uma onda de orgulho maternal. — Olá, querido. Como estás?

— Be-bem, mãe. E t-tu? Nas férias que passava em casa, Tony conservava-se longas horas diante das telas que a mãe adquirira na sua ausência. Sentia-se abismado com os trabalhos dos mestres e encantado com os impressionistas franceses: Monet, Renoir, Manet e Morisot, que lhe evocavam um mundo mágico. Comprou um conjunto de tintas e pincéis e um cavalete e principiou a pintar. Todavia, continuava a julgar horrível tudo o que produzia e recusava-se a mostrá-lo a quem quer que fosse. De modo algum se podia comparar com as obras-primas dos artistas.

— Um dia, tudo isto será teu, querido — declarou Kate. A perspectiva de tal vir a acontecer infundiu uma sensação de desconforto ao garoto de treze anos. A mãe não compreendia. As telas nunca lhe pertenceriam verdadeiramente, porque

nada fizera para as merecer. Animava-o o desejo firme de abrir caminho na vida pelos seus próprios meios. Acudiam-Lhe emoções ambivalentes relacionadas com o afastamento dela, pois tudo o que lhe dizia respeito era sempre excitante. Encontrava-se no centro de um vértice, transmitindo ordens, concluindo negócios incríveis, levando-o a lugares exóticos ou apresentando-o a pessoas interessantes. Constituía uma figura impressionante, de que se orgulhava imensamente.

Considerava-a a mulher mais fascinante do mundo e assolava-o uma impressão de culpa por só gaguejar na sua presença. Kate não fazia a menor ideia do respeito que infundia ao filho, até que, um dia, numa das visitas a casa, durante as férias, o ouviu perguntar: — Go-governas o m-mundo, mãe?

— Que ideia! — ela soltou uma risada. — O que te levou a fazer uma pergunta tão disparatada?

— To-todos os meus a-amigos falam de ti. És re-realmente algo de especial.

— Sou apenas a tua mãe, querido! Tony desejava agradar a Kate mais do que tudo no mundo. Sabia o que a companhia representava para ela e que tencionava ceder-lhe o lugar um dia, o que o enchia de pesar, por estar convencido de que nunca a conseguiria substituir. Não era esse o futuro que tinha em mente. No entanto, quando tentava explicar-lho, a mãe limitava-se a rir. — Ainda és muito novo para decidires o teu futuro. E ele passava a gaguejar mais do que nunca. A ideia de vir a ser um pintor excitava-o. Poder reproduzir os belos segredos da Natureza e conservá-los para a posteridade representava uma esperança que lhe incutia alento suplementar. Queria ir estudar para Paris, mas reconhecia que devia abordar o assunto com a maior prudência.

Passavam momentos maravilhosos juntos. Kate era a castelã de vastas propriedades, tendo adquirido vivendas em Palm Beach e na Carolina do Sul e uma coudelaria no Kentucky, que visitavam durante as férias de Tony. Nos dias em que um dos seus cavalos participava numa corrida, compareciam no hipódromo e entusiasmavam-se com o desenrolar das operações. — Vencemos, querido! — exclamou Kate uma ocasião, no final de uma prova. — Lembra-te disto. O importante na vida é vencer — e, quase sem se deter: — A Kruger-Brent, Limited, será tua, mais tarde. Dirigi-la-ás e... — Não a quero dirigir, mãe. Os negócios e o poder não me interessam.

— Pateta! — explodiu. — Que sabes tu dos negócios ou do poder? Julgas que percorro o mundo para espalhar o mal ou prejudicar o próximo?

Consideras a Kruger-Brent uma máquina de fazer dinheiro impiedosa que esmaga tudo o que se lhe atravessa no caminho? Fica sabendo de uma coisa, meu rapaz. É o que existe de melhor, depois de Jesus Cristo.

Somos a ressurreição. Salvamos vidas às centenas de milhares.

Quando abrimos uma fábrica num país ou numa comunidade em apuros, os habitantes obtêm meios para construir escolas, bibliotecas e igrejas e proporcionar aos filhos todo o bem-estar possível — respirava com dificuldade, dominada pela indignação. — Abrimos fábricas onde as pessoas passam fome e estão desempregadas e, graças a nós, podem ter vidas decentes e conservar a cabeça erguida. Tornamo-nos os seus salvadores. Que não te torne ouvir desdenhar os negócios e o poder! E o rapaz apenas encontrou coragem para articular: — Es-está bem, m-mãe. Ao mesmo tempo, porém, pensava com obstinação: "Hei-de ser um artista." Quando o filho completou quinze anos, Kate sugeriu que passasse as férias grandes na África do Sul, onde nunca estivera.

— Não me posso ausentar daqui neste momento, mas hás-de achá-lo um país fascinante. Tratarei dos preparativos imediatamente. — Esperava pa-passar as férias em D-Dark Harbor.

— Fica para o ano — insistiu com firmeza. — Este Verão, prefiro que visites Joanesburgo.

Pôs-se em contato com o superintendente da companhia naquela cidade e elaboraram um itinerário meticuloso para Tony. Cada dia foi planejado com um objetivo em vista: tornar a viagem tão excitante quanto possível para o rapaz, para que compreendesse que o seu futuro se situava à testa da firma. Mais tarde, Kate recebia relatórios diários dos movimentos do filho: descera a uma das minas de ouro, passara dois dias nos campos de diamantes, efetuara uma digressão guiada às fábricas da Kruger-Brent, participara num safari no Quénia... Poucos dias antes do termo das férias, telefonou ao gerente da companhia em Joanesburgo e inquiriu: — Que tal se dá ele?

— Tem-se divertido muito. Na verdade, esta manhã até perguntou se podia ficar mais algum tempo.

— É uma notícia maravilhosa! — exclamou, encantada.

No final das férias, Tony dirigiu-se a Southampton, Inglaterra, onde tomou um avião da Pan American Airways System com destino aos Estados Unidos. Kate interrompeu uma reunião importante para o ir esperar e sentiu-se satisfeita com a expressão de entusiasmo que lhe observou: — As férias foram boas, querido? — A África do Sul é um pa-país fantástico, m-mãe. Sabias que me levaram de avião ao deserto da Namíbia, onde o avô roubou os diamantes ao bisavô V-Van der Merwe?

— Não os roubou — corrigiu ela. — Apoderou-se simplesmente daquilo a que tinha direito.

— Pois foi — disse Tony, com um sorriso malicioso. — Não havia mis do m-mar, mas ainda têm guardas e cães. Ne-negaram-se a dar-me um diamante. — Não precisas que te dêem coisa alguma. Um dia, pertencer-te-ão todos.

Gostaste de tudo, hem? — Kate sentia-se plenamente satisfeita com o entusiasmo do filho acerca da sua herança. — Que te agradou mais?

— As cores. Pin-pintei uma paisagem do local. Custou-me ter de partir.

Quero voltar lá para pintar com mais vagar. — Pintar? — tentou mostrar-se interessada. — É um passatempo estupendo.

— Não é isso, m-mãe. Quero ser pintor. Pensei a fu-fundo no assunto.

Irei estudar para Paris. Creio que te-tenho algum talento.

— Não acredito que pretendas passar o resto da vida a pintar — articulou em voz tensa.

— Sem dúvida, m-mãe. É a única coisa que me interessa. E Kate compreendeu que perdera a partida.

"Tem o direito de viver a sua vida", admitia ela. "Mas como posso permitir que cometa um erro tão horrível?" Em Setembro, a decisão foi arrebatada das mãos de ambos. A Europa voltou a estar em guerra.

— Quero que te matricules na Escola de Finanças e Comércio Wharton — anunciou Kate. — Dentro de dois anos, se ainda te apetecer ser artista, terás a minha bênção. Estava convencida de que entretanto o filho mudaria de ideias. Afigurava-se-lhe inconcebível que desejasse passar a vida com um pincel na mão diante de um cavalete, quando podia dirigir a empresa mais excitante do mundo. No fundo, pertencia à família Blackwell. Para ela, a Segunda Guerra Mundial constituiu mais uma grande oportunidade. Havia falta de equipamento militar e materiais em todo o mundo e a Kruger-Brent podia satisfazer todas as necessidades. As fábricas da companhia entraram em laboração permanente.

Tinha a certeza de que os Estados Unidos não conseguiriam manter a neutralidade. O presidente Franklin D. Roosevelt apelou para o sentido patriótico da nação no sentido de que se tornasse um grande baluarte da democracia e, a 11 de Março de 1941, o Congresso aprovou a Lei do Arrendamento e Empréstimo.

Entretanto, as remessas destinadas aos Aliados através do Atlântico achavam-se ameaçadas pelo bloqueio alemão, cujos submarinos atacavam e afundavam dezenas de navios mercantes.

A Alemanha parecia um aríete demolidor imparável. Desafiando o Tratado de Versalhes, Adolf Hitler construíra uma das máquinas de guerra mais temíveis da História. Recorrendo a uma nova técnica — a Blitzkrieg —, os nazis atacaram a Polónia, a Bélgica e a Holanda em rápida sucessão, após o que esmagaram a Dinamarca, a Noruega, o Luxemburgo e a França.

Kate entrou em ação, quando foi informada de que os judeus que trabalhavam nas fábricas da Kruger-Brent confiscadas pelos Alemães eram presos e deportados para campos de concentração. Efetuou dois telefonemas e, na semana seguinte, partia a caminho da Suíça. À sua chegada ao Hotel Baur au Lac de

Zurique, aguardava-a a mensagem de que o coronel Brinkmann pretendia falar-lhe. Na realidade, tratava-se de um antigo gerente da sucursal da companhia em Berlim, que, quando a fábrica fora ocupada pelos nazis, recebera a patente de coronel e tornara a ocupar o cargo de outrora.

Pouco depois, apresentou-se no hotel um homem magro, de expressão incisiva e cabelos louros curtos.

— Tenho muito gosto em voltar a vê-la, Frau Blackwell. O meu governo incumbiu-me de lhe transmitir um recado. Estou autorizado a assegurar-lhe a restituição das fábricas, assim que ganharmos a guerra.

A Alemanha será a maior potência industrial do mundo, e convém-nos a colaboração de pessoas como a senhora.

— E se a perderem? O coronel Brinkmann permitiu-se um sorriso condescendente.

— Sabe tão bem como eu que isso não pode acontecer. Os Estados Unidos mostram-se suficientemente prudentes para não se imiscuírem nos assuntos da Europa e espero que mantenham essa atitude. — Acredito — Kate fez uma pausa. — Constou-me que os judeus são enviados para campos de concentração e exterminados. É verdade? — Mera propaganda britânica, pode crer. Não nego que die Juden são internados em campos de trabalho, mas dou-lhe a minha palavra de oficial de que os tratamos como merecem. Ela cismou sobre o significado destas palavras e prometeu a si própria averiguá— lo. No dia seguinte, Kate avistou-se com um comerciante alemão chamado Otto Bueller, de cinquenta e cinco anos, ar distinto e semblante amargurado. O encontro verificou-se num pequeno café perto da banhof, onde o alemão escolheu uma mesa discreta ao canto.

— Ouvi dizer que estabeleceu uma rede clandestina para ajudar judeus a transferirem-se para países neutros — começou ela, a meia voz. — É verdade?

— De modo algum, Mrs. Blackwell. Um ato dessa natureza representaria uma traição ao Terceiro Reich.

— Também me chegou aos ouvidos que necessita de fundos para que funcione com eficiência.

— Uma vez que essa rede não existe — declarou Otto Bueller, com um encolher de ombros —, não necessito de fundos. Ao mesmo tempo, os olhos esquadrinhavam a sala à sua volta com visível nervosismo.

Tratava-se de um homem que respirava e dormia com o perigo todos os momentos da sua vida.

— Tinha a esperança de o poder ajudar — persistiu Kate. — A Kruger Brent, Limited, possui fábricas em muitos países neutros e aliados. Se alguém conseguisse fazer chegar refugiados até lá, eu providenciaria para que lhes

dessem trabalho.

O outro levou a xícara aos lábios com lentidão e quando a pousou disse em inflexão átona: — Desconheço tudo isso a que se refere. A política é um foco de perigo, nos tempos que correm. No entanto, se está interessada em auxiliar alguém em situação difícil, tenho um tio na Inglaterra que sofre de uma doença incurável.

Todos os meses paga contas de farmácia elevadíssimas, e é um homem de poucas posses.

— Mais ou menos quanto? — Cinquenta mil dólares. Haveria necessidade de tomar providências para que o dinheiro para essas contas fosse depositado em Londres e transferido para depósitos num banco suíço.

— Não é impossível.

— Meu tio ficar-lhe-á muito grato.

Cerca de oito semanas mais tarde, uma corrente pouco numerosa mas constante de refugiados judeus principiou a afluir a países aliados, para ingressar em fábricas da Kruger-Brent.

Tony abandonou os estudos no final do primeiro semestre e dirigiu-se ao gabinete da mãe para a informar.

— Esforcei-me ao máximo, mas to-tomei uma decisão inabalável. Quero estudar pintura. Quando a guerra terminar, seguirei para Paris. Sei que contrario os teus projetos, mas preciso de viver a minha vida. Penso que me posso tornar um bom pintor. Até agora, fiz o que determinaste.

Portanto, deves conceder-me uma oportunidade. Fui admitido no Instituto de Arte de Chicago.

O espírito dela achava-se imerso num turbilhão avassalador. O que Tony pretendia fazer representava uma pura perda de tempo.

— Quando tencionas partir? — conseguiu apenas articular. — As aulas começam no dia quinze de Dezembro.

— Quantos são hoje? — Se-seis. No domingo, 7 de Setembro de 1941, esquadrilhas de bombardeiros Nakajima e caças Zero da Armada Imperial japonesa atacaram Pearl Harbour e, no dia seguinte, os Estados Unidos encontravam-se em guerra. Naquela tarde, Tony alistou-se no Corpo de Fuzileiros e foi enviado para Quântico, Virgínia, onde frequentou o curso de oficiais, antes de embarcar com destino ao Pacífico Sul.

Kate tinha a impressão de que vivia à beira de um abismo. Durante todo dia, assolavam-na as pressões próprias da direção da companhia, mas pairava-lhe permanentemente na mente o receio de receber a informação de que o filho fora ferido ou morto.

A guerra com o Japão desenrolava-se de forma pouco satisfatória.

Bombardeiros nipónicos atacaram bases americanas em Guam, Midway e Wake. Em Fevereiro de 1942, tomaram Singapura e não tardaram a esmagar a Nova Bretanha, a Nova Irlanda e as ilhas Salomão. O general Douglas MacArthur foi obrigado a retirar das Filipinas. Por seu turno, as poderosas forças do Eixo conquistavam gradualmente o mundo e despontavam sombras tenebrosas em toda a parte. Kate temia que Tony fosse feito prisioneiro e torturado. Apesar de todo o seu poder e influência, nada podia fazer além de orar. Cada carta que recebia dele constituía um farol de esperança, um sinal de que poucas semanas antes ainda vivia. “Aqui, ninguém nos diz nada”, escrevia. “Os Russos ainda resistem? O soldado japonês é brutal, mas temos de o respeitar. Não receia a morte...

“Que se passa nos Estados Unidos? Os operários das fábricas entraram realmente em greve, para que lhes elevem os salários? “As nossas tropas executam um trabalho excelente, nestas paragens. Os rapazes são todos heróis...

“Utiliza a tua influência para que nos enviem algumas centenas de F4U, os novos caças da Marinha. Tenho saudades tuas...” A 7 de Agosto de 1942, os Aliados desencadearam a sua primeira ação ofensiva no Pacífico. Os fuzileiros desembarcaram em Guadalcanal, nas ilhas Salomão, e avançaram ininterruptamente para reconquistar as outras ilhas tomadas pelos japoneses.

Na Europa, os Aliados saboreavam uma sequência quase permanente de vitórias.

A 6 de Junho de 1944, foi iniciada a invasão da Europa Ocidental, com desembarques de tropas americanas, inglesas e canadianas nas praias da Normandia e, um ano depois, a 7 de Maio de 1945, a Alemanha rendia-se incondicionalmente.

A 6 de Agosto do mesmo ano, foi lançada em Hiroxima uma bomba

atómica possuidora de força destrutiva superior a vinte mil toneladas de TNT. Três dias mais tarde, outro engenho nuclear destruía a cidade de Nagasáqui. A 14 de Agosto, verificou-se a rendição dos japoneses.

A longa e sangrenta guerra chegara finalmente ao fim. Três meses depois, Tony regressava a casa. Ele e Kate encontravam-se em Dark Harbor, sentados no terraço sobranceiro à baía sulcada de graciosas velas brancas, e ela refletia que a guerra o modificara. O filho apresentava uma maturidade nova. Deixara crescer um pequeno bigode e tinha um aspecto másculo. Em torno dos olhos, exibia pequenas rugas que outrora não possuía. Estava persuadida de que aqueles anos no mar lhe haviam proporcionado tempo para reconsiderar a decisão de não ingressar na companhia.

— Quais são os teus planos? — aventurou-se por fim a perguntar.

— Como estava a dizer, quando fomos interrompidos grosseiramente pela

guerra — redarguiu ele, com um sorriso —, vou pa-para Paris.

LIVRO QUATRO

Tony

1946-1950

18

Não era a primeira vez que Tony visitava Paris, mas agora as circunstâncias diferiam. A Cidade da Luz fora ofuscada pela ocupação alemã, mas evitara a destruição ao considerarem-na cidade aberta. Os habitantes haviam sofrido profundamente, e conquanto os nazis tivessem saqueado o Louvre, Tony encontrou Paris relativamente intacta. De resto, agora viveria lá, faria parte da cidade, em vez de ser um mero turista. Podia instalar-se no apartamento de Kate na Avenida Foch, poupado pela ocupação, mas preferiu alugar outro numa casa antiga restaurada, perto de Montparnasse, que consistia numa saleta com lareira, um pequeno quarto e uma cozinha minúscula sem frigorífico. Entre o quarto e esta última, situava-se a casa de banho, com uma banheira para chuveiro, um bidé rachado e uma bacia sanitária temperamental, com uma tampa revolucionária difícil de conservar na posição apropriada.

Quando a dona da casa principiou a apresentar desculpas pelo aspecto geral, ele interrompeu-a, assegurando que considerava tudo perfeito.

Passou todo o sábado no Mercado das Pulgas ‘. Segunda e terça-feira, percorreu as lojas de artigos em segunda mão, na margem esquerda, e na quarta dispunha de todo o mobiliário básico de que necessitava: um sofá-cama, uma mesa que conhecera melhores dias, duas poltronas, um guarda-fato de estilo indefinido e uma mesa oscilante e duas cadeiras para a cozinha. “A mãe ficava horrorizada se visse isto”, pensou.

Podia ter o apartamento repleto de antiguidades inapreciáveis, mas isso equivaleria a armar em artista americano excêntrico em Paris.

A diligência seguinte consistia em frequentar uma boa escola de arte, e a mais prestigiada de toda a França era a École dês Beaux-Arts, particularmente exigente no tocante a quem admitia, e Tony acalentava reduzidas esperanças nesse capítulo.

Equivalente à nossa Feira da Ladra.

Não obstante, necessitava de provar à mãe que tomara a decisão certa.

Levou lá três das suas telas e teve de aguardar quatro semanas para saber se fora aceite. No final desse período, a concierge entregou-lhe uma carta da escola,

na qual o convocavam para a segunda-feira seguinte. A École dês Beaux-Arts situava-se num amplo edifício de pedra de dois pisos, com uma dezena de salas de aula cheias de alunos.

Tony apresentou-se ao diretor, Maítre Gessand, um homem de estatura elevada e olhar amargurado, praticamente sem pescoço e os lábios mais finos que ele jamais vira.

— As suas telas são de amador — declarou em tom formal. — No entanto, prometem. A nossa comissão selecionou-o mais pelo que não figura nelas. Compreende?

— Não muito bem, maître. — Acabará por compreender, com o tempo.

Vou destiná-lo a Maítre Cantai, que será seu professor nos próximos cinco anos... se você aguentar tanto tempo.

"Hei-de aguentar", prometeu Tony a si mesmo. Maítre Cantai era um homem de pequena estatura, com cabeça totalmente calva, que cobria com uma boina roxa, olhos castanhos, nariz bolboso e lábios grossos como salsichas.

— Os americanos são diletantes, bárbaros — proferiu à guisa de saudação. — Para que veio?

— Para aprender.

Emitiu um grunhido de dúvida como única resposta. Havia vinte e cinco alunos na aula, na sua maioria franceses. Tony lançou uma olhadela aos vários cavaletes dispostos em torno da sala e escolheu um perto da janela sobranceira a um bistro. Em seguida, procurou o modelo, mas não conseguiu descortiná-lo.

— Podem começar — indicou Maítre Chantal. — Não trouxe as minhas tintas — informou Tony.

— Não precisa delas. O primeiro ano destina-se a aprender a desenhar convenientemente. — O maître apontou para diversas peças de gesso da anatomia humana, obtidas de estátuas gregas dispersas pela sala. —

Desenharão isto. Se porventura lhes parece muito fácil, prestem atenção ao seguinte. Mais de metade de vocês serão eliminados antes do final do ano. No primeiro aprenderão anatomia. No segundo, os poucos que passarem trabalharão com modelos vivos e óleos. No terceiro, em que a frequência já será muito reduzida, pintarão comigo, segundo o meu estilo, aperfeiçoando-o largamente, bem entendido. No quarto e no quinto anos, procurarão o estilo próprio. E, agora, toca a trabalhar.

Não necessitou de repetir a ordem, pois todos se debruçaram sobre os cavaletes.

De vez em quando, ele descrevia um circuito pela sala, a fim de emitir comentários críticos. Quando chegou ao lugar de Tony, exclamou: — Isto não serve! O que vejo é o exterior de um braço. Interessa-me o interior. Os músculos,

os ossos e os ligamentos. Quero ver que há sangue a circular lá dentro.

Sabe como deve proceder? — Sim, maître. Pensa-se, vê-se, sente-se, e depois desenha-se. Quando não estava na aula, Tony costumava ficar no apartamento, entretido a fazer esboços. Podia manter-se a desenhar de manhã à noite. O fato incutia-lhe uma sensação de liberdade que nunca conhecera. O simples ato de se sentar diante de um cavalete com um pincel na mão fazia-o julgar-se um deus. Tinha possibilidade de criar mundos completos com uma das mãos. Formava uma árvore, uma flor, um ser humano, um universo. Era uma experiência arrebatadora.

Nascera para aquilo. Quando não pintava, achava-se nas ruas em exploração da fabulosa cidade. Agora, era a sua, o lugar onde nascia a sua arte. Havia duas Paris, divididas, pelo Sena, em margem esquerda e margem direita, que constituíam mundos separados. Esta última destinava-se às pessoas abastadas, estabelecidas na vida. A outra pertencia aos estudantes, aos artistas. Era Montparnasse, o Boulevard Raspail e Saint-Germain-des-Prés. O Café Flore, Henry Miller e Elliot Paul. Para Tony, tratava-se do lar. Sentava-se durante horas no Boule Blanche ou em La Coupole com outros estudantes e discutiam o seu mundo arcano.

— Ouvi dizer que o diretor de arte do Museu Guggenheim está em Paris e compra tudo o que lhe aparece.

— Manda-o esperar por mim! Liam todos as mesmas revistas, que compartilhavam, em virtude do seu preço elevado: Studio e Cahiers d'Art, Formes et Couleurs e Gazette dês Beaux-Arts.

Tony aprendera francês no Instituto Le Rosey e resultava-lhe fácil criar amizade com outros estudantes da sua classe, pois todos partilhavam uma paixão comum. Não faziam a mínima ideia de quem era a família dele e aceitavam-no como pertencente ao mesmo nível.

Artistas pobres que lutavam pela vida reuniam-se no Café Flore e no Les Deux Magots, no Boulevard Saint-Germain, e comiam em Le Pot d'Etian, na Rue dês Canettes ou na Rue del Université. Nenhum dos outros vira jamais o interior do Lassere ou do Maxim's.

Em 1946, gigantes praticavam a sua arte em Paris. Uma vez por outra, Tony vislumbrava Pablo Picasso, e, um dia, ele e um amigo avistaram Marc Chagall, um homem corpulento de cinquenta e poucos anos e cabelos revoltos que começavam a tornar-se grisalhos. Encontrava-se sentado à mesa de uma esplanada, imerso em animada conversa com um pequeno grupo.

— Tivemos sorte em o ver — murmurou o amigo de Tony. — É muito raro vir a Paris.

Vive em Vence, perto da costa do Mediterrâneo. Havia também Max Ernst,

saboreando um aperitivo noutra esplanada, e o insigne Alberto Giacometti, que percorria a Rue de Rivoli, parecido com uma das suas esculturas, alto, magro e ossudo. Tony conheceu Hans Belmer, que começava a tornar-se popular com as suas pinturas eróticas de raparigas que se convertiam em bonecas desmembradas.

No entanto, o seu momento mais excitante foi porventura aquele em que lhe apresentaram Braque. O artista mostrou-se cordial, mas a emoção quase privou Tony do uso da fala. Os futuros gênios invadiam as novas galerias de arte, estudando a sua competição. A Galeria Drousand-David exibia trabalhos de um jovem artista desconhecido chamado Bernard Buffet, que estudara na École dês Beaux-Arts, Soutine, Utril-lo e Dufy. Os estudantes afluíam ao Salão de Outono e à Galeria Charpentier, onde trocavam impressões sobre os seus rivais bem sucedidos. A primeira vez que visitou o apartamento do filho, Kate ficou abismada, e, embora tivesse a prudência de não emitir comentários refletiu: "Raios para isto! Como pode um membro da minha família viver num antro destes?" Em voz alta, todavia, declarou: — Tem um aspecto utilitário. Mas vejo que não há frigorífico. Onde conservas a comida? — No pa-parapeito da janela.

Aproximou-se da janela, abriu-a e estendeu a mão para uma maçã.

— Espero não te desfalcar de um dos teus assuntos. — Claro que não, m-mãe — replicou Tony, rindo.

— Agora — sugeriu ela, cravando os dentes no fruto —, fala-me dos teus estudos. — Por enquanto, pouco tenho para dizer. Este ano, só fa-fazemos desenhos.

— Gostas de Maitre Cantai?

— É maravilhoso. Mas parece-me mais importante saber se ele gosta de mim.

Só cerca da terça parte dos alunos passará ao ano seguinte.

E continuaram a conversar sem que Kate aludisse uma única vez à possibilidade de ele ingressar na companhia.

Maitre Cantai não era um homem que costumasse proferir encómios com facilidade. Assim, o melhor elogio com que Tony podia contar não ia além de "Já vi pior" ou "Quase começo a ver por baixo".

No final do período escolar, Tony figurava entre os oito aprovados para frequentar o segundo ano. Para comemorar o fato, ele e os outros sete visitaram um cabaré de Montmar-tre, embriagaram-se e passaram a noite com umas jovens inglesas que efetuavam uma digressão turística em França.

Quando as aulas recomeçaram, Tony passou a trabalhar com óleos e modelos vivos, o que lhe fez parecer que se libertara da escola pré-

primária. Depois de um ano de desenhos de partes da anatomia humana, afigurava-se-lhe que conhecia todos os músculos, nervos e glândulas do corpo.

Aquilo não era desenhar, mas copiar. Agora, com um pincel na mão e um modelo vivo na sua frente, principiava a criar, e o próprio Maitre Cantai se revelava impressionado.

— Tem o sentir — admitiu com relutância. — Agora, precisamos aperfeiçoar a técnica.

Havia cerca de uma dúzia de modelos que posavam nas aulas e os que Maitre Cantai utilizava com mais frequência eram Carlos, um rapaz que estudava medicina, Annette, uma morena de busto generoso e uma camada de acne nas costas, e Dominique Masson, uma loura de contornos harmoniosos, a qual também servia de modelo a vários pintores conhecidos, sendo a favorita de todos. Invariavelmente, após as aulas, os alunos assediavam-na numa tentativa para que aceitasse o convite para os acompanhar. — Nunca misturo o prazer com o trabalho — declarava ela. — De resto, não seria justo que saísse com algum de vocês — acrescentava., com um sorriso malicioso. — Viram o que tenho para oferecer, mas estou a zero quanto aos vossos atributos. Uma tarde, quando os outros já se haviam retirado e Tony terminava um retrato de Dominique, esta aproximou-se por detrás inesperadamente e comentou: — Tenho o nariz muito comprido.

— Achas? Vou modificá-lo.

— Não lhe mexas. Esse está ótimo. O comprido é o meu.

— Esse é que não posso alterar — observou ele, com um sorriso.

— Um francês teria dito: “O teu nariz é perfeito, chérie”. — Gosto dele, e não sou francês.

— Vê-se. Nunca me convidaste para sair. Confesso que não compreendo porquê. — Não... não sei. Talvez porque todos os outros o fazem e nunca aceitas.

— Toda a gente sai com alguém — concluiu ela, sorrindo, e afastou-se.

Tony notou que, sempre que ficava até mais tarde, Dominique ia vestir-se e depois se colocava atrás dele para o observar.

— És muito bom — anunciou, um dia. — Hás-de ser um pintor importante.

— Obrigado. Oxalá não te enganes.

— A pintura reveste-se de muita importância para ti, oui?

— Oui.

— Achas que alguém que se tornará um pintor importante me convidaria para jantar? — e apercebendo-se da expressão de surpresa no rosto dele, a rapariga advertiu: — Como pouco, para conservar a linha.

— Com o maior prazer — declarou Tony, rindo.

Jantaram num bistro próximo do Sacré-Coeur e discutiram pintores e a pintura em geral. Ele sentia-se fascinado com as histórias que Dominique lhe contava acerca de artistas conhecidos e, quando tomavam café au lait, ela afirmou: —

Considero-te tão bom como qualquer deles.

Embora extraordinariamente satisfeito, Tony apenas conseguiu articular: — Ainda tenho um longo caminho a percorrer. Quando abandonavam o bistro, ela perguntou: — Não me levas a ver o teu apartamento?

— Se quiseres. Mas olha que não é grande coisa.

Uma vez chegados, contemplou a desarrumação que imperava e admitiu: — Tens razão. Não é grande coisa. Quem se ocupa disto? — Vem uma mulher fazer a limpeza, uma vez por semana.

— Despede-a. Está tudo num verdadeiro caos. Não tens uma amiga?

— Não.

Observou Tony pensativamente por um momento e inquiriu: — És invertido, por acaso?

— De modo algum.

— Ainda bem, porque era uma pena. Arranja-me um balde com água e sabão. Dominique iniciou a limpeza e a arrumação do apartamento, até que lhe imprimiu um aspecto quase irreconhecível. Quando se considerou satisfeita, voltou-se para Tony e anunciou: — Por hoje, chega. Agora, preciso de me lavar — esclareceu, após o que entrou na casa de banho e abriu a torneira da minúscula banheira. — Como te ajeitas nisto?

— Dobro as pernas.

— Gostava de assistir.

Quinze minutos depois, reapareceu apenas com uma toalha em torno da cintura, e Tony refletiu que nunca tivera oportunidade de a admirar devidamente. Por estranho que parecesse, a presença da toalha tornava-a mais apetitosa.

— Gostavas de fazer amor comigo? — sugeriu ela, adivinhando-lhe a reação.

— Muito.

— Então, vamos a isso — condescendeu, libertando-se da toalha.

Tony nunca conhecera uma mulher como Dominique, que dava tudo e não exigia nada em troca. Aparecia quase todas as noites, a fim de cozinhar para ele, e quando comiam fora insistia em frequentar bistros pouco dispendiosos ou snack-bars. — Tens de economizar — recomendava. — Até os bons artistas sentem dificuldades nos primeiros tempos. E tu és bom, chéri. Visitavam Les Halles a altas horas da noite e saboreavam sopa de cebola no Pied de Cochon. Iam ao Musée Carnavalet e a locais que os turistas não frequentavam, como o Cimetière Père-Lachaise, onde repousavam Oscar Wilde, Chopin, Honoré de Balzac e Marcel Proust. Desciam às catacumbas e aproveitaram um fim-de—semana para percorrer o Sena numa barcaça pertencente a um amigo de Dominique.

Esta constituía uma companhia encantadora. Possuidora de notável sentido do

humor, animava Tony com as suas observações jocosas, quando o via deprimido.

Parecia conhecer toda a gente em Paris e levava-o a reuniões interessantes, onde lhe apresentava as figuras mais proeminentes do momento, como o poeta Paul Éluard e André Breton, responsável da prestigiosa Galeria Maeght.

Se Tony manifestava disposição para pintar à noite, ela apressava-se a posar para ele, embora tivesse trabalhado todo o dia. Era a primeira vez que podia estar certo de que alguém o estimava por si próprio, sem a mínima relação com os seus antecedentes familiares. Receava dizer à rapariga que era herdeiro de uma das maiores fortunas do mundo, pois poderia perder aquilo que obtivera com ela. Não obstante, no dia do seu aniversário, não resistiu à tentação de lhe oferecer um casaco de pele de lince.

— É a melhor prenda de anos de toda a minha vida! — exclamou Dominique, vestindo-o e rodopiando na sala. De súbito, porém, imobilizou-se e perguntou: — Onde arranjaste o dinheiro para o comprar? No entanto, ele achava-se preparado e explicou: — Foi roubado. Não por mim, acredita. Comprei-o a um receptador, perto do Museu Rodin. Não me custou muito mais que um bom casaco de algodão em Au Printemps.

A rapariga olhou-o em silêncio por uns instantes e rompeu numa gargalhada.

— Hei-de usá-lo, ainda que vamos ambos parar à cadeia! — rodeou-lhe o pescoço com os braços e bradou: — Grande pateta! Meu querido e fantástico pateta! Tony decidiu para consigo que merecera a pena mentir.

Uma noite, Dominique sugeriu que fosse viver com ela. Devido ao fato de trabalhar na École dês Beaux-Arts e servir de modelo a alguns dos artistas mais conhecidos de Paris, podia manter um apartamento moderno e espaçoso na Rua Prêtres-Saint Severin.

— Não deves continuar num lugar destes — acrescentou. — É horrível.

Instala-te comigo e não terás de pagar aluguer. Posso lavar-te a roupa, cozinhar para ti e...

— Nem pensar. Obrigado.

— Porquê? “Como poderia ele explicar-lhe?” Ao princípio, não haveria inconveniente de maior em lhe revelar que era rico, mas agora era demasiado tarde. Dominique suporia que se divertira à sua custa. Por conseguinte, declarou: — Era como se vivesse à tua custa. Já te devo muitos favores.

— Nesse caso, mudo-me eu para aqui. Quero viver a teu lado. E fê-lo no dia seguinte.

Existia uma intimidade simples e maravilhosa entre ambos. Passavam fins-de — semana no campo e alojavam-se em pequenas pousadas, onde Tony instalava o cavalete e pintava paisagens. Nunca se haviam sentido tão felizes.

Entretanto, o trabalho dele progredia admiravelmente. Uma manhã, Maitre

Cantai pegou numa das telas de Tony e mostrou-a aos alunos.

— Vejam este corpo. Apercebemo-nos da sua respiração. Tony aguardou com mal contida ansiedade o momento de poder informar Dominique, quando chegou ao apartamento.

— Sabes como consegui finalmente captar a respiração? Tendo o modelo nos braços, todas as noites.

— Não acredito que precises de mais três anos de aulas — redarguiu ela, depois de soltar uma gargalhada. — Toda a gente vê isso, na escola, incluindo Cantai.

O receio de Tony residia em que não fosse suficientemente bom, limitando-se a ser mais um pintor cujo trabalho se perderia na torrente de pinturas apresentadas por milhares de artistas de todo o mundo, diariamente. A perspectiva afigurava-se-lhe intolerável.

Ao mesmo tempo, acudia-lhe ao espírito a recomendação da mãe, segundo a qual o importante era vencer.

Por vezes, quando concluía um trabalho, invadia-o uma sensação de euforia e pensava: “Tenho talento. Tenho realmente talento!” Noutras ocasiões, contemplava o que acabava de executar e decidia: “Não passo de um amador.” Com o encorajamento de Dominique, adquiria confiança crescente naquilo que efetuava. Entretanto, completara cerca de duas dúzias de pinturas, em que predominavam as paisagens e as naturezas-mortas. Havia também uma de Dominique, estendida, desnuda, debaixo de uma árvore, o corpo acariciado pelo sol. Viam-se um casaco e uma camisa de homem em segundo plano, e o observador compreendia que ela aguardava o amante.

Quando contemplou o resultado, ela exclamou: — Tens de promover uma exposição! — Enlouqueceste. Ainda não reúno as condições necessárias.

— Enganaste, mon cher. Naquela tarde, quando chegou ao apartamento, Tony descobriu que a rapariga não se encontrava só.

Acompanhava-a Anton Goerg, um indivíduo magro, de estômago dilatado e olhos castanhos protuberantes, proprietário da Galeria Goerg, na Rue Dauphine. As telas de Tony achavam-se dispersas à sua volta.

— Que se passa? — quis saber o recém-chegado.

— Passa-se que, na minha opinião, o seu trabalho é brilhante, monsieur — e o homem desferiu-lhe uma palmada nas costas. — Terei o maior prazer em promover-lhe uma exposição na minha galeria.

Tony desviou os olhos para Dominique, que o fitava com um sorriso de alegria. — Não sei o que dizer.

— Já disse — redarguiu Goerg. — Nestas telas.

Tony e Dominique passaram metade da noite imersos na discussão do assunto.

— Penso que ainda não chegou o momento oportuno — alegava ele. — Os críticos crucificavam-me. — Não concordo, chéri. O ambiente é o ideal para ti.

Trata-se de uma pequena galeria, e só as pessoas do bairro poderão admirar os teus trabalhos e julgá-los. Não tens nada a perder. Goerg não sugeria a exposição se não te reconhecesse talento. Pensa, como eu, que serás um artista importante.

— Está bem — acabou por capitular. — Quem sabe? Até sou capaz de vender uma tela.

O telegrama era do seguinte teor: "CHEGO PARIS SÁBADO. JANTAREMOS JUNTOS. MÃE. " O primeiro pensamento de Tony quando viu Kate entrar no estúdio foi: "É uma bela mulher!" Na realidade, ela completara cinquenta e cinco anos e apenas exibia uns vestígios grisalhos nas têmporas, irradiando um ar de vitalidade impressionante. Uma ocasião, perguntara-lhe porque não voltara a casar e obtivera a resposta com prontidão: — Houve apenas dois homens importantes na minha vida. Teu pai e tu.

Agora, no pequeno apartamento de Paris, diante da mãe, Tony proferiu: — Tenho muito go-gosto em voltar a ver-te, mamãe.

— Estás com um aspecto absolutamente maravilhoso! A barba fica-te muito bem — e ela deu uma risada e acariciou-lha. — Lembras Abe Lincoln — olhou em volta com curiosidade. — Vejo que arranjaste uma mulher a dias competente. Dá a impressão de que te mudaste.

Em seguida, aproximou-se do cavalete e contemplou demoradamente a tela por concluir, enquanto Tony aguardava a reação com ansiedade.

Por fim, Kate exprimiu-se em voz pausada: — É brilhante. Realmente brilhante.

Consagraram as duas horas seguintes ao exame das outras pinturas, discutindo-as pormenorizadamente. Ao cabo de numerosas palavras encomiásticas intermitentes, ela anunciou: — Vou preparar uma exposição. Conheço alguns proprietários de galerias que... — Obrigado, m-mãe, mas não é ne-necessário. Tenho uma pre-prevista para sexta-feira.

— Estupendo! — abraçou o filho com entusiasmo. — Onde?

— Na Galeria Go-Goerg.

— Nunca ouvi falar dela.

— É pequena, mas ainda não es-estou em condições de apresentar os meus trabalhos na Hammer ou na Wil-wildenstein.

— Discordo — apontou para a pintura de Dominique debaixo da árvore. — Só esta...

Naquele momento, ouviu-se o som da porta de entrada e a voz de Dominique, ansiosa: — Estou com o cio, chéri! Despe-te já para... — nesse instante, avistou Kate. — Oh, merde! Não sabia que tinhas visitas.

Seguiu-se um breve silêncio embaraçoso, cortado finalmente por Tony: — Apresento-te minha m-mãe. M-mãe, esta é Do-domini-que Masson.

As duas mulheres observaram-se sem proferir palavra por alguns segundos, até que Dominique murmurou: — Tenho muito gosto em conhecê-la, Mrs. Blackwell.

— Estava a admirar o seu retrato pintado por meu filho — redarguiu Kate, à guisa de retribuição.

E estabeleceu-se novo silêncio carregado.

— Tony falou-lhe da sua próxima exposição, Mrs. Blackwell?

— Sim. Foi uma surpresa muito agradável para mim.

— Po-podes ficar para assistir, mãe?

— Daria tudo para estar presente, mas tenho uma reunião da administração em Joanesburgo, depois de amanhã, a que não posso de modo algum faltar. Se soubesse mais cedo, tomava providências para a adiar.

— Não faz m-mal — disse Tony. — Compreendo perfeitamente.

Receava que ela aludisse a mais pormenores sobre a companhia diante

de Dominique, mas o pensamento de Kate concentrava-se nas telas. —

É importante que as pessoas apropriadas compareçam na exposição.

— Quem são as pessoas apropriadas, Mrs. Blackwell?

— Os formadores de opinião, os críticos — replicou, virando-se para a rapariga. — Alguém como André d'Usseau deve estar presente.

Referia-se ao crítico mais respeitado em França, um leão feroz que guardava o templo da arte, cujas impressões podiam favorecer ou destruir um artista de um dia para o outro. Era convidado para assistir à inauguração de todas as exposições, mas só comparecia às de maior projeção.

Os proprietários de galerias e pintores tremiam enquanto a sua opinião não vinha a lume. Era um mestre do bon mot e as suas tiradas sarcásticas circulavam por Paris em asas envenenadas. André d'Usseau podia considerar-se o homem mais odiado nos círculos da arte e, ao mesmo tempo, o mais venerado. — Não vai às ga-galerias de importância secundária — esclareceu Tony.

— Mas tem de ir a essa! Pode tornar-te famoso num abrir e fechar de olhos.

— Ou reduzir-me a pó.

— Não acreditas em ti? — bradou Kate, olhando-o com assombro.

— Claro que acredita — interpôs Dominique. — Mas não se atreve a esperar que D'Usseau compareça.

— Posso procurar uns amigos que o devem conhecer.

— Isso era divinal! — e os olhos da rapariga iluminaram-se. Virando-se para Tony, acrescentou: — Já pensaste no que representaria a sua presença? — Ó esquecimento definitivo?

— Falo a sério. Sei do que ele gosta e estou certa de que adoraria os teus trabalhos.

— Não efetuarei qualquer diligência, a menos que o desejes — advertiu Kate.

— Sem dúvida que deseja, Mrs. Blackwell. — Te-tenho medo — Tony respirou fundo. — Mas, que diabo! Vamos a isso.

— Verei o que consigo — e Kate contemplou a tela no cavalete por um longo momento e voltou-se para o filho, com uma expressão de amargura no olhar. — Tenho de deixar Paris, amanhã. Podemos jantar juntos, esta noite?

— Sem dúvida. Estamos livres.

— Vamos ao Maxines ou prefere?... — começou, dirigindo-se a Dominique.

— Conhecemos um pequeno restaurante, perto daqui — acudiu Tony, com prontidão. Afinal, entraram num bistro da Place Victoire, onde a comida era boa e o vinho excelente. As duas mulheres pareciam entender-se satisfatoriamente e o rapaz orgulhava-se de ambas. “É uma das melhores noites da minha vida. Estou com a minha mãe e a mulher com quem casarei.” Na manhã seguinte, Kate telefonou do aeroporto: — Contatei com meia dúzia de pessoas, mas nenhuma me forneceu uma resposta concreta acerca de André d’Usseau. No entanto, qualquer que seja o resultado, orgulho-me de ti, querido. As telas são maravilhosas. Até breve.

— Até breve, m-mãe.

A Galeria Goerg era espaçosa apenas o suficiente para se furtar à classificação de intime. Duas dezenas de telas de Tony foram penduradas nas paredes, numa preparação de última hora para a abertura. Numa mesa de tampo de mármore, viam-se fatias de queijo, biscoitos e garrafas de Chablis. Os únicos ocupantes da sala eram Anton Goerg, Tony, Dominique e uma jovem assistente incumbida de pendurar os últimos quadros.

— O convite menciona as sete horas — disse o primeiro, consultando o relógio. — As pessoas devem começar a chegar a todo o momento.

Tony, que não esperara estar nervoso, refletia: “E não estou. Entrei em pânico!”

— E se não aparecer ninguém? — aventou. — Ficamos com todos estes aperitivos para nós — volveu Dominique, acariciando-lhe a face. Com efeito, principiaram a chegar pessoas. Isoladamente ao princípio, e depois em maior número, enquanto Goerg, postado à entrada, as saudava com efusão.

Por seu turno, Tony cogitava: “Não têm aspecto de compradores de objetos de arte.” O seu olhar arguto dividia-se em três categorias: os artistas e estudantes de arte, que compareciam a todas as exposições para tomar o pulso à concorrência, os negociantes, empenhados em difundir informações detratoras sobre os

aspirantes a pintores, e a multidão de curiosos, composta em larga medida por homossexuais e lésbicas, que pareciam passar a vida na periferia do mundo da arte.

"Não conseguirei vender uma única tela", acabou por pensar.

De súbito, apercebeu-se de que Goerg lhe fazia sinal para que se aproximasse e segredou a Dominique: — Não me apetece conhecer esta gente. Vieram todos para me reduzir a tiras.

— Não digas disparates. Vieram mas foi para te serem apresentados.

Trata-os com amabilidade. Nessa conformidade, mostrou-se amável.

Foi apresentado a todos, sorriu com abundância e pronunciou as frases apropriadas em resposta aos elogios que lhe dirigiam. "Mas tratar-se-á na verdade de elogios?" Ao longo dos anos, desenvolvera-se um vocabulário nos círculos da arte para abarcar as exposições de artistas desconhecidos. Frases que diziam tudo e nada. — Uma pessoa sente-se identificada com o assunto...

— Nunca tinha visto um estilo como o seu...

— A isto é que eu chamo pintar!...

— Trata-se de um tema arrebatador...

— Não acredito que alguém conseguisse fazer melhor... Entretanto, continuava a chegar gente, e Tony perguntava a si próprio se a atração residia na curiosidade pelos seus trabalhos ou nos aperitivos e no vinho gratuitos. Até àquele momento, não fora vendido um único quadro, mas o queijo e o vinho desapareciam a olhos vistos.

— Seja paciente — recomendava Goerg. — Eles estão interessados.

Primeiro, têm de captar o aroma das pinturas. Quando vêem uma que lhes agrada, começam a rondá-la, até que perguntam o preço. Nessa altura, mordem o anzol!

— Isto parece mais uma pescaria — disse Tony a Dominique.

Por fim, Goerg procurou-o, para anunciar: — Vendemos uma! A paisagem da Normandia, por quinhentos francos.

19

Foi um momento que Tony recordaria toda a vida. Alguém comprara um quadro seu! Alguém apreciara suficientemente o seu trabalho para dar dinheiro por ele, pendurá-lo em sua casa ou no escritório, viver com ele, mostrá-lo aos amigos. Tratava-se de um pequeno fragmento de imortalidade. Era uma maneira de viver mais de uma vida, de estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Um artista coroado de êxito encontrava-se em centenas de lares, escritórios e museus de todo o mundo, para proporcionar prazer a milhares, por vezes milhões, de

pessoas. Tony sentia-se como se tivesse entrado no panteão de Da Vinci, Miguel ngelo e Rembrandt. Deixara de ser um amador para se tornar um profissional.

Alguém dera dinheiro pelo seu trabalho... Pouco depois, Dominique acercou-se, excitada.

— Acabas de vender outra, chéri! — Qual? — quis saber ele, com ansiedade.

— A floral.

O ruído das conversas, que fora aumentando gradualmente, extinguiu-se de súbito, como que em obediência a um sinal, e todos os olhares se concentraram na entrada. André d'Usseau acabava de fazer a sua aparição. Aparentava uns cinquenta e cinco anos, mais alto que o francês médio, de expressão leonina e cabelos abundantes revoltos.

Usava uma capa sem mangas e chapéu estilo Borsalino e seguia-o uma comitiva de oportunistas. Automaticamente, todos começaram a desviar-se para que a importante personagem passasse. Com efeito, não havia um único dos presentes que não soubesse de quem se tratava.

— Afinal, veio! — sussurrou Dominique, apertando o braço de Tony.

Goerg nunca fora alvo de semelhante honra e, quase transtornado, curvava-se diante do insigne crítico.

— Que prazer inesperado, Monsieur D'Usseau — balbuciava. — Permita-me que lhe ofereça uma taça de vinho — e amaldiçoava-se intimamente por não ter adquirido bebidas de melhor qualidade. — Obrigado, mas vim apenas para satisfazer os meus olhos — replicou o grande crítico. —

Desejava conhecer o artista.

Tony sentia-se demasiado aturdido para dar um passo, e Dominique teve de o impelir para a frente.

— Ei-lo — anunciou Goerg. — Monsieur André d'Usseau, este é Tony Blackwell. — Muito prazer... — articulou Tony, a meia voz. — Agradeço a gentileza de ter comparecido.

D'Usseau inclinou a cabeça ligeiramente e aproximou-se das telas nas paredes, acompanhado pelos olhares curiosos e ávidos de todos.

Examinou cada uma demoradamente, antes de passar à seguinte, enquanto Tony desenvolvia esforços desesperados para lhe ler a expressão. No entanto, o crítico não enrugava a fronte nem sorria. Fez uma pausa mais longa diante do nu de Dominique e prosseguiu, até completar o circuito da sala. Por último, dirigiu-se a Tony e limitou-se a declarar: — Estou contente por ter vindo.

Escassos minutos depois de se retirar, todos os quadros expostos tinham sido vendidos. Acabava de nascer um grande artista e todos queriam participar no nascimento. — Nunca tinha assistido a nada assim — confessou Goerg. — André d'Usseau visitou a minha galeria. A minha galeria! Amanhã, toda cidade

lerá a notícia nos jornais. “Estou contente por ter vindo.” Ele não costuma desperdiçar palavras. O

momento exige champanhe. Celebremo-lo! Mais tarde, naquela noite, Tony e Dominique tiveram a sua celebração privada. Anichada nos braços dele, ela admitia: — Dormi com diversos pintores, mas com nenhum tão célebre como tu virás a ser. Amanhã, Paris em peso saberá quem és.

E não se equivocava. Às cinco horas da madrugada seguinte, vestiram-se apressadamente e saíram para comprar o matutino que acabava de chegar ao quiosque mais próximo. Tony abriu-o na seção artística e descobriu sem dificuldade a crítica que lhe interessava, assinada por André d’Usseau, a qual leu em voz alta: “A noite passada, foi inaugurada uma exposição de um jovem pintor americano, Anthony Blackwell, na Galeria Goerg, a qual constituiu uma experiência excepcional, para o autor destas linhas. Assisti a tantas mostras de pintores talentosos que já esquecera o aspecto de uma tela má. A memória foi-me avivada ontem à noite...”

— Não leias mais, por favor — murmurou Dominique, tentando arrancar o jornal das mãos de Tony, que se tornara lívido.

— Larga! — vociferou ele. E continuou a ler:

“Ao princípio, pensei que se tratava de uma brincadeira. Custava-me a crer que alguém tivesse o arrojo de exibir semelhantes trabalhos de amador e chamar-lhes arte. Esquadrinhei-os em busca de um indício de talento, mas debalde. Deviam pendurar o pintor em vez das telas. Recomendo a Mr. Blackwell que regresse à sua verdadeira profissão, a qual decerto consiste em pintar paredes.”

— Não acredito — disse Dominique. — É impossível que não visse o talento. O bastardo! — e rompeu em soluços.

Tony sentia a impressão de que tinha o peito cheio de chumbo e experimentava dificuldade em respirar.

— Ele viu-o — afirmou. — E reconheceu-o — a voz denunciava profunda amargura.

— É isso o que mais me magoa. Fui um imbecil!

— Aonde vais? — perguntou ela, vendo que se afastava.

— Não sei.

Tony vagueou pelas ruas, sem se aperceber das lágrimas que lhe deslizavam pelas faces. Dentro de poucas horas, todos os parisienses interessados pela arte teriam lido a crítica, e seria alvo de comentários jocosos. Mas o que mais lhe custava era que se iludira a si próprio. Chegara a acreditar realmente que tinha

um futuro brilhante à sua frente como pintor. Pelo menos, André d'Usseau impedira-o de cometer esse erro. Por fim, entrou num bar e embriagou-se metodicamente.

Quando regressou ao apartamento, eram cinco horas da madrugada seguinte e Dominique esperava-o com profunda ansiedade.

— Onde estiveste? Tua mãe tentou contatar contigo. Parecia preocupadíssima.

— Leste-lhe a crítica?

— Sim. Insistiu, mas...

Naquele momento, o telefone tocou, e a rapariga, depois de se entreolharem, levantou o telefone.

— Estou... Sim, Mrs. Blackwell. Acaba de chegar.

Estendeu-o a Tony, que o aceitou, após breve hesitação. — Sim, m-mãe?

— Escuta, querido — a voz de Kate achava-se alterada pela apreensão. — Posso obrigá-lo a retratar-se...

— Isto não é uma operação de negócios. Trata-se de um crí-crítico exprimindo uma opinião segundo a qual eu mereço que me en-enforquem.

— Custa-me que estejas tão amargurado. Não consigo... — interrompeu-se, dominada pela emoção.

— Não te preocupes, m-mãe. Foi um capricho que não resultou. Fiquei com ódio a D'Usseau, mas é o melhor crítico de arte do mundo. Devo reconhecê-lo. No fundo, impediu-me de cometer um erro grave.

— Gostava de poder dizer alguma coisa para te animar... — Ele já disse tudo. Foi preferível inteirar-me agora do que dentro de dez anos. Te-tenho de abandonar esta cidade.

— Espera aí por mim. Sigo amanhã para Joanesburgo e acompanhar-me-ás até Nova Iorque.

— Pois sim — Tony pousou o telefone e voltou-se para Dominique. — Tenho muita pena. Escolheste o homem errado.

Ela conservou-se silenciosa, limitando-se a contemplá-lo com os olhos dominados por uma amargura indizível.

Na tarde seguinte, Kate Blackwell preenchia um cheque no escritório da sucursal da Kruger-Brent, na Rue Matignon, enquanto o homem sentado na sua frente exalava um suspiro.

— É pena, porque o seu filho tem realmente talento, Mrs. Blackwell. Podia tornar-se um pintor importante.

— Há dezenas de milhares de pintores no mundo, Monsieur D'Usseau — replicou ela, glacialmente. — Meu filho não nasceu para se incorporar nessa multidão — e fez deslizar o cheque ao longo do tampo da secretária na direção do interlocutor. — Cumpriu a sua parte do acordo e eu acabo de cumprir a

minha. A Kruger-Brent patrocinará museus de arte em Joanesburgo, Londres e Nova Iorque e o senhor encarregar-se-á de escolher as telas... por uma comissão generosa, evidentemente.

No entanto, muito depois de o francês se haver retirado, Kate permanecia sentada sob o efeito de uma tristeza irreprimível. Amava o filho profundamente, e se alguma vez ele descobrisse... Reconhecia o risco a que se expusera, mas não podia permitir, de braços cruzados, que Tony voltasse as costas à herança.

Necessitava de o proteger por qualquer preço. Os interesses da companhia exigiam todos os meios para alcançar esse fim. Por fim, levantou-se, sentindo uma súbita e enorme fadiga. Eram horas de o ir buscar e levar para casa. Ajudá-lo-ia a recompor-se, para que pudesse cumprir a tarefa para a qual nascera: dirigir a companhia.

Nos dois anos que se seguiram, Tony Blackwell sentiu que se encontrava num instrumento de tortura gigantesco que não o conduzia a parte alguma. Era o herdeiro aparente de um império impressionante.

O império da Kruger-Brent expandira-se, para incluir fábricas de papel, uma companhia aérea, bancos e uma rede de hospitais. Ele aprendera que um nome constituía uma chave que abria todas as portas. Havia clubes, organizações e diques sociais onde a moeda corrente não era o dinheiro ou a influência, mas o nome apropriado.

Tony fora aceite como sócio do Union Club, do Brook e do Links Club.

Cumulavam-no de atenções aonde quer que se dirigisse, mas considerava-se um impostor, pois nada fizera para merecer tudo aquilo. Achava-se na sombra gigantesca do avô e assolava-o a impressão de que o comparavam constantemente com ele. Afigurava-se-lhe injusto, porque já não havia campos de minas para transpor rastejando, guardas que o alvejassem ou tubarões ameaçadores. As velhas histórias de heroicidade não tinham nada de comum com ele. Pertenciam a outro século, outra época, outro lugar, atos heróicos praticados por um desconhecido.

Tony trabalhava com afinco insuperável na Kruger-Brent, Ltd., numa tentativa para se libertar de recordações demasiado pungentes para suportar. Escreveu várias vezes a Dominique, mas as cartas foram devolvidas intactas. Telefonou a Maítre Cantai e obteve a informação de que ela já não trabalhava como modelo na escola. Desaparecera.

Tony executava a sua missão com perícia e método, sem paixão nem amor, e se sentia um vazio profundo no seu íntimo, ninguém o suspeitava. Nem sequer Kate, que recebia relatórios semanais dele e ficava satisfeita com o que lia. — Tem uma aptidão natural para os negócios — afirmou Brad Rogers.

Para ela, as longas horas que o filho consagrava ao trabalho provavam que

gostava do que fazia. Cada vez que pensava como estivera na iminência de comprometer o futuro, estremecia e congratulava-se por o ter salvo a tempo.

Em 1948, o Partido Nacionalista assumiu plenos poderes na África do Sul, com a segregação em todos os locais públicos. A migração era controlada rigorosamente, com a separação de famílias para satisfazer as conveniências governamentais. Cada negro tinha de se munir de um bewyshoek, o qual, mais do que um salvo-conduto, constituía o seu salva-vidas, certificado de nascimento, licença para trabalhar e recibo de impostos. Por outras palavras, regulava-lhe os movimentos na vida.

Registravam-se tumultos crescentes no país, reprimidos impiedosamente pela Polícia. De vez em quando, Kate lia nos jornais casos de sabotagem e agitação a que o nome de Banda se achava invariavelmente ligado. Continuava a desempenhar as funções de dirigente na resistência, apesar da idade. "Compreende-se que lute pelo seu povo", pensava ela. "É Banda!" Kate celebrou o seu quinquagésimo sétimo aniversário com Tony, na residência da Quinta Avenida, e pensou: "Este belo rapaz de vinte e quatro anos, sentado na mesa diante de mim, não pode ser meu filho. Sou demasiado jovem."

Entretanto, ele erguia a taça num brinde: — A m-minha fantástica m-mãe. Feliz aniversário! — Diz antes "à minha fantástica e velha mãe".

"Não tardarei a retirar-me da atividade, mas ele tomará o meu lugar. O meu filho!" Por insistência dela, Tony mudara-se para a mansão da Quinta Avenida, sob o pretexto de que era demasiado grande para viver só. Além disso, prometera reservar-lhe toda a ala leste e o isolamento de que necessitasse, e ele considerara mais fácil aceder do que argumentar.

Tomavam o pequeno-almoço juntos todas as manhãs e o tópico abordado era sempre a Kruger-Brent, Ltd. Tony surpreendia-se com o fato de a mãe se preocupar tão apaixonadamente com uma entidade sem rosto nem alma, uma coleção amorfa de edifícios, máquinas e números registrados em livros. "Onde residirá a magia?" Com toda a miríade de mistérios do mundo para explorar, porque desejaria alguém desperdiçar uma vida inteira acumulando riqueza para a juntar a outras riquezas, reunindo poder que se situava para além do poder? Via-se forçado a admitir que não a entendia. Não obstante, amava-a. E tentava corresponder às suas esperanças.

O voo da Pan American de Roma para Nova Iorque decorrera sem qualquer novidade. Tony gostava de viajar de avião, por o julgar um meio de transporte agradável e eficiente. Debruçara-se sobre os relatórios das aquisições no estrangeiro desde o momento da descolagem, ignorando o jantar e a hospedeira, que de vez em quando se aproximava para lhe oferecer bebidas, almofadas ou outra coisa susceptível de atrair o interesse do importante passageiro.

Uma mulher de meia-idade no assento ao lado dele lia uma revista e, no momento em que voltava a página, Tony lançou-Lhe uma olhadela e estremeceu ao ver um modelo que apresentava um vestido de baile.

Era Dominique. Não podia haver a mínima dúvida, e sentiu as pulsações acelerarem-se.

— Queira desculpar — proferiu, polidamente. — Empresta-me a revista, quando terminar de a ler? Na manhã seguinte, telefonou ao costureiro autor do vestido e obteve o nome da agência publicitária a que recorrera, com a qual se apressou a contatar.

— Tento localizar um dos vossos modelos — explicou à telefonista. — Pode?...

— Um momento, por favor.

No instante imediato, surgia uma voz masculina na linha: — Em que lhe posso ser útil?

— Trata-se de uma fotografia publicada no último número da Vogue. É

de um modelo que exibe um vestido do costureiro Rothman. Foram vocês que trataram disso?

— Sim. — Pode dar-me o nome da agência desse modelo?

— Deve tratar-se da Carleton Blessing — e o homem mencionou um número de telefone.

Transcorrido menos de um minuto, Tony falava com uma mulher da agência. — Interessa-me localizar um dos vossos modelos. Dominique Masson. — Lamento, mas não fornecemos informações de natureza pessoal.

E a ligação foi cortada, antes que ele pudesse acrescentar algo. Tinha de haver uma maneira de entrar em contacto com Dominique. Por fim, dirigiu-se ao gabinete de Brad Rogers e perguntou: — Conhece a agência Carleton Blessing?

— Sem dúvida. Pertence-nos.

— O quê?

— Encontra-se à sombra de uma das nossas subsidiárias.

— Quando a adquirimos? — Há uns dois anos. Mais ou menos na altura em que você ingressou na companhia. Qual é o seu interesse nela? —

Queria localizar um dos seus modelos. Trata-se de uma velha amiga.

— Nada mais fácil. Vou ligar para lá e... — Não. Eu encarrego-me disso.

Obrigado, Brad. Entretanto, Tony sentia-se invadido por uma agradável sensação de antecipação.

À tarde, visitou os escritórios da agência Carleton Blessing, sessenta segundos depois de se identificar, encontrava-se sentado no gabinete de um tal Tilton, o presidente.

— É uma honra inesperada, Mr. Blackwell. Espero que não haja nenhum

problema. Os nossos lucros do último trimestre...

— Não venho em missão oficial. Interessa-me um dos vossos modelos. Dominique Masson.

— É uma das melhores — a expressão do homem iluminou-se. — Sua mãe sabe escolher o pessoal.

— Desculpe... — articulou Tony, julgando ter ouvido mal.

— Sua mãe insistiu pessoalmente em que contratássemos Dominique. Foi uma condição implícita na aquisição da nossa firma pela Kruger-Brent. Está tudo mencionado nos arquivos. Se lhe interessa consultar o processo...

— Não é necessário — não conseguia encontrar uma explicação para o que escutava. “Que motivo levaria a mãe?...”

— Pode dar-me o endereço de Dominique?

— Decerto, Mr. Blackwell. Hoje, teve de se deslocar a Vermont, em serviço — informou Tilton, consultando uma agenda —, mas deve regressar amanhã à tarde.

Tony aguardava à entrada do prédio de apartamentos, quando um sedan negro se imobilizou e a rapariga desceu. Acompanhava-a um homem de porte atlético, com a mala dela na mão.

Dominique estacou abruptamente no momento em que avistou Tony e exclamou: — Meu Deus! Que... que fazes aqui?

— Preciso falar contigo.

— Fica para outra vez, amigo — interveio o atleta. — Temos uma tarde muito atarefada.

— Manda-o embora — indicou Tony, sem o olhar.

— Quem diabo se julga, para?...

— Deixa-nos, por favor — rogou ela. — Telefono-te à noite. O outro hesitou por um momento e acabou por encolher os ombros.

— Está bem — e afastou-se, após uma mirada incendiária a Tony.

— É melhor entrarmos — sugeriu Dominique, voltando-se de novo para Tony.

O apartamento era um duplex espaçoso, com decoração moderna, que decerto custara uma pequena fortuna.

— Não se pode dizer que vivas mal — comentou ele.

— Sim, tive sorte — e os dedos dela moviam-se nos botões da blusa com nervosismo. — Queres uma bebida?

— Não, obrigado. Tentei contatar contigo, depois de deixar Paris.

— Mudei-me.

— Para a América?

— Sim.

— Como conseguiste trabalho na Carleton Blessing?

— Bem... respondi a um anúncio — explicou, cada vez mais embaraçada.

— Quando viste a minha mãe pela primeira vez?

— No teu apartamento, em Paris. Não te lembras que?...

— Basta de mentiras! — Tony sentia uma cólera surda propagar-se a todas as fibras do corpo. — Terminou a comédia. Nunca bati numa mulher, mas se insistes em dizer falsidades, palavra de honra que ficas com a cara imprópria para ser fotografada por uns tempos.

Agora, não houve hesitação na resposta: — Quando foste admitido na École des Beaux-Arts. Ela conseguiu que me aceitassem como modelo. Experimentou uma sensação pungente no estômago, mas desenvolveu esforços para prosseguir.

— Para que nos conhecêssemos?

— Sim, mas...

— E pagou-te para que te tornasses minha amante e fingisses amar-me?

— Exato. A guerra tinha acabado pouco antes e eu estava sem dinheiro. Procura compreender a situação. Mas acredita que o meu amor por ti não era fingido...

— Limita-te a responder às minhas perguntas, sem comentários desnecessários. Qual a finalidade de tudo isso?

— Tua mãe queria que te vigiasse.

Tony recordou-se da ternura dela... — proporcionada pelo dinheiro da mãe — e sentiu-se dominado pela vergonha. Não passara de um títere, controlado e manipulado pela mãe, que nunca se preocupara com ele. Não era seu filho, mas o seu príncipe coroado, o herdeiro natural. A única coisa que contava para ela era a companhia. Com um derradeiro olhar a Dominique, rodou nos calcanhares e afastou-se, enquanto ela o acompanhava com o olhar ofuscado pelas lágrimas.

“Não menti quando disse que te amava. Nisso, fui sincera.”

Kate encontrava-se na biblioteca, quando Tony surgiu, extremamente embriagado.

— Fa-falei com Dominique. Vocês duas devem ter rido como loucas à mi-minha custa.

— Tony... — começou ela, alarmada.

— A partir de agora, não quero que te tor-tornes a imiscuir na mi-minha vida pessoal, ouviste?

Viu-o retirar-se em passos incertos e acudiu-lhe um presságio desagradável.

20

No dia seguinte, Tony alugou um apartamento em Greenwich Village e pôs

termo aos jantares sociais com a mãe, mantendo as suas relações a um nível rigorosamente impessoal, de negócios. De vez em quando, Kate efetuava uma tentativa de reconciliação, que o filho ignorava.

Apesar de assolada por profunda amargura, estava convencida de que procedera da melhor maneira para Tony, tal como acontecera numa ocasião em relação a David. Não podia permitir que abandonassem a companhia. O filho era o único ser humano do mundo que ela amava, e observava com pesar que se tornava cada vez mais insular, refugiando-se no seu íntimo e rejeitando os outros. Não tinha amigos e, em contraste com a cordialidade e comunicabilidade do passado, mostrava-se frio e reservado. Erguera uma muralha à sua volta que ninguém lograva transpor. “Precisa de uma esposa que se preocupe com ele. E de um filho que continue a herança. Tenho de o ajudar.”

Brad Rogers entrou precipitadamente no gabinete de Kate e anunciou: — Vai haver mais problemas.

— Que aconteceu?

— O Parlamento da África do Sul ilegalizou o Conselho Representativo dos Nativos e aprovou a Lei Comunista — explicou, pousando um cabograma na secretária.

— Meu Deus! — o diploma nada tinha a ver com o comunismo. Referia simplesmente que quem discordasse de qualquer medida governamental e tentasse alterá-la incorria em transgressão da Lei Comunista e podia ser detido. — É a sua maneira de enfraquecer a resistência dos negros. Se... — foi interrompida pela recepcionista, através do intercomunicador.

— Há uma chamada do estrangeiro para si. Trata-se de Mr. Pierce, de Joanesburgo.

Jonathan Pierce era o gerente da sucursal da firma na capital sul-africana, e Kate apressou-se a pegar no telefone.

— Olá, Johnny! Como vai?

— Eu bem, mas lamento não poder dizer o mesmo da situação por cá. — Que aconteceu?

— Acabo de ser informado pela Polícia de que capturaram Banda. Kate encontrava-se a bordo do primeiro voo para Joanesburgo, depois de recomendar aos advogados da companhia que vissem o que podiam fazer por Banda. No entanto, receava que nem o poder e o prestígio da Kruger-Brent fossem suficientes para o auxiliar. Com efeito, fora considerado inimigo do Estado, e ela não se atrevia a pensar no que consistiria o castigo aplicado. Em todo o caso, impunha-se que pelo menos lhe falasse e oferecesse todo o apoio ao seu alcance. Assim que o avião aterrou em solo sul-africano, Kate dirigiu-se aos escritórios da firma e telefonou ao diretor das prisões, que informou: — Ele

encontra-se num bloco de isolamento e não pode receber visitas.

No seu caso, porém, vou ver o que consigo.

Na manhã imediata, ela achava-se na prisão de Joanesburgo, sentada diante de Banda, que estava algemado, e havia uma espessa chapa de vidro entre ambos.

Kate não sabia bem o que esperava ver, todavia ele não apresentava um ar desesperado e sorriu ao dizer: — Tinha a certeza de que viria. É como seu pai. Não consegue estar longe do barulho, hem?

— Olha quem fala — redarguiu ela. — Raios para isto! Como te vamos tirar daqui?

— Num caixão. É a única maneira de me deixarem sair.

— Disponho de um batalhão de bons advogados que... — Não merece a pena. Desta vez, apanharam-me com as mãos na massa. Agora, tenho de me resignar.

— Não compreendo.

— Sempre fui alérgico às prisões. Ainda não construíram uma capaz de me conter.

— Não cometas loucuras, Banda. Eles não hesitavam em matar-te. — Lembre-se que fala com um homem que sobreviveu a tubarões, a um campo de minas e a cães de guarda — ele deixou transparecer uma ponta de nostalgia no olhar. — Sabe uma coisa? Creio que foi o melhor período da minha vida.

Quando Kate se apresentou para nova visita, no dia seguinte, o diretor da prisão declarou: — Sinto muito, Mrs. Blackwell, mas Banda foi transferido, por razões de segurança.

— Para onde?

— Não estou autorizado a revelá-lo.

No outro dia, quando se levantou, pegou no jornal e leu a notícia que figurava na primeira página: “Chefe rebelde abatido na tentativa de fuga da prisão”. Uma hora mais tarde, encontrava-se no gabinete do diretor da prisão, que explicou: — Banda perdeu a vida nas circunstâncias reveladas pela Imprensa. Não há nada a acrescentar.

“Enganaste. Há mais. Muito mais!” Banda morrera, mas ter-se-ia porventura extinguido o sonho de liberdade do seu povo? Dois dias depois, Kate regressava a Nova Iorque, não sem antes se ter ocupado de todos os preparativos para o funeral. A bordo do avião, voltou-se para a janela, a fim de contemplar a sua terra amada pela última vez. O solo era vermelho e fértil e encerrava nas suas entranhas tesouros que excediam os sonhos dos homens mais ambiciosos. No entanto, dir-se-ia que fora lançada uma maldição sobre o território. “Não tornarei a pôr cá os pés”, prometeu a si própria. “Nunca!” Uma das responsabilidades de Brad Rogers consistia em orientar o Departamento de Planejamento de Longo Alcance da Kruger-Brent.

Na realidade, tinha uma propensão especial para descobrir firmas que constituíam aquisições lucrativas.

Um dia do princípio de Maio, entrou no gabinete de Kate e depositou duas pastas de cartolina sobre a secretária.

— Deparou-se-me uma coisa interessante. Duas companhias. Se conseguíssemos ficar com qualquer delas, seria uma proeza.

— Obrigada, Brad. Darei uma olhadela nisto, esta noite. Assim, ela jantou só e analisou os relatórios confidenciais sobre as duas firmas: Wyatt Oil & Tool e International Technology. Os elementos eram extensos e pormenorizados e terminavam com as iniciais NIV, que, segundo o código da companhia, significavam "Não Interessada na Venda" e exigiriam diligências excepcionais para conseguir a sua aquisição. Cada uma delas era dirigida por um indivíduo abastado e competente, o que eliminava qualquer tentativa para empregar os processos normais. Tratava-se de um desafio, situação que não se deparava a Kate desde longa data. Quanto mais pensava no assunto, maior a excitação que as possibilidades lhe suscitavam. A Wyatt Oil & Tool pertencia a um texano chamado Charlie Wyatt e as suas atividades incluíam poços de petróleo, uma empresa de utilidade pública e dezenas de outros ramos lucrativos. Não subsistia a mínima dúvida: representaria uma aquisição excelente para a Kruger-Brent, Ltd. Quanto à International Techonology, tinha à testa o conde alemão Frederick Hoffmann. A companhia principiara com uma pequena fundição de aço, em Essen, e com o passar dos anos expandira-se num vasto grupo que abarcava estaleiros navais, fábricas de petroquímica, uma frota de petroleiros e uma divisão de computadores.

Apesar da sua vasta envergadura, a Kruger-Brent só podia digerir um dos dois gigantes, e Kate sabia qual lhe interessava. No entanto, no final do relatório figurava a ominosa advertência: NIV.

"Veremos", refletiu com determinação.

Na manhã imediata, mal entrou no gabinete mandou chamar Brad Rogers. — Gostava de saber como conseguiu estas folhas de balanço confidenciais, mas respeito o segredo profissional — começou, com um sorriso malicioso. — Fale-me de Charlie Wyatt e de Frederick Hoffmann. — Wyatt nasceu em Dállas. É um homem de temperamento autoritário e impetuoso, arguto como poucos. Principiou do zero, teve sorte em alguns empreendimentos arriscados, foi-se expandindo e hoje metade do Texas pertence-lhe.

— Que idade tem? — Quarenta e sete. — Filhos?

— Uma rapariga, de vinte e cinco, que, segundo as minhas informações, é uma autêntica brasa.

— Casada? — Divorciada.

— E Frederick Hoffmann?

— E dois anos mais novo que Wyatt. Ostenta o título de conde e pertence a uma família distinta que remonta à Idade Média. Enviuvou há algum tempo e o avô começou com uma modesta fundição de aço.

Hoffmann herdou-a do pai e transformou-a num império. Foi um dos primeiros a enveredar pelo ramo dos computadores e possui numerosas patentes de miniprocessadores. Cada vez que utilizamos uma dessas máquinas, o nosso conde recebe direitos de exploração.

— Tem filhos?

— Também uma rapariga, de vinte e três anos. — Como é ela?

— Não consegui averiguar. Trata-se de uma família muito fechada, que só se move dentro dos seus círculos restritos — Brad hesitou. — Talvez estejamos a perder tempo neste caso. Tomei umas bebidas com dois dirigentes de ambas as companhias e apurei que tanto Wyatt como Hoffmann não estão interessados na venda, fusão ou trabalho em conjunto. Como pode verificar pela sua posição financeira, só um louco pensaria o contrário. No entanto, a sensação de desafio achava-se presente uma vez mais, estimulando Kate de forma irresistível.

Dez dias depois, foi convidada pelo presidente dos Estados Unidos para participar numa conferência de industriais em Washington, a fim de discutirem as possibilidades de auxílio a países subdesenvolvidos.

Ato contínuo, Kate fez uma chamada telefónica, e, transcorrido pouco tempo, Charlie Wyatt e o conde Frederick Hoffmann recebiam convites idênticos. Ela formara uma impressão mental do texano e do alemão e verificou que não se equivocara muito. Nunca conhecera um habitante do Texas tímido, e Charlie Wyatt não constituía uma excepção. Era um homem quase gigantesco, com corpo de praticante de râguebi, que o deixara engordar em excesso. Kate compreendeu que ele não construíra o seu império em resultado de mera sorte nas operações que empreendera. Tratava-se de um gênio no campo dos negócios. Dez minutos de conversa bastaram para a convencer de que aquele homem não faria coisa alguma que não desejasse. Ninguém lograria levá-lo a desfazer-se da sua companhia. Não obstante, descobriu-lhe o calcanhar de Aquiles, o que bastava para os seus desígnios. Frederick Hoffmann era a antítese de Wyatt, um indivíduo bem-parecido, de ar aristocrático e maneiras irrepreensíveis.

Superficialmente, deixava transparecer cordialidade e deferência. No íntimo, porém, Kate pressentiu um núcleo de aço.

A conferência em Washington prolongou-se por três dias e decorreu o melhor possível. As reuniões desenrolavam-se sob as vistas do vice-presidente, e o presidente efetuou uma breve aparição. Todos os presentes se sentiram impressionados com Kate Blackwell, uma mulher atraente e carismática, chefe

de um império industrial que construíra, e, sobretudo, fascinados, como ela pretendia.

Quando conseguiu achar-se a sós com Charlie Wyatt por um momento, perguntou: — A sua família acompanhou-o?

— Vim com minha filha, que necessitava fazer umas compras .

— Ah, sim? — ninguém teria suspeitado de que Kate até se encontrava ao corrente do gênero de vestido que a rapariga comprara naquela manhã.

— Promovo um pequeno jantar, na sexta-feira, em Dark Harbor, e gostaria que comparecesse com ela, para passarem o fim-de-semana. —

Ouvi falar na importância da sua organização, Mrs. Blackwell — o texano não hesitou um segundo. — Teremos muito gosto. — Ótimo.

Providenciarei para que sigam para lá de avião, amanhã à noite.

Dez minutos depois, ela conversava com Frederick Hoffmann.

— Encontra-se só em Washington, Mr. Hoffmann, ou veio com sua esposa?

— Enviuvei há vários anos — esclareceu o alemão. — No entanto, trouxe minha filha.

— Promovo uma recepção em Dark Harbor — Kate sabia que eles se alojavam na suite quatrocentos e dezoito do Hotel Hay Adams. — Teria o maior prazer em contar com a vossa presença para o fim-de-semana.

— Convém-me regressar à Alemanha sem demora — Hoffmann fez uma pausa e observou a interlocutora por uns instantes, até que esboçou um sorriso. — Mas mais dois ou três dias nos Estados Unidos não me levarão à bancarrota. — Esplêndido. Ocupar-me-ei do vosso transporte.

Era costume de Kate realizar uma pequena festa em Dark Harbor cada dois meses, a que compareciam as pessoas mais interessantes e poderosas do mundo. Agora, estava empenhada em que fosse uma reunião de cariz especial e o único problema consistia em que Tony estivesse presente. Nos últimos meses, ele raramente se preocupava em assistir e, nas escassas excepções, retirava-se na primeira oportunidade. Agora, porém, era imperioso que não faltasse e protelasse a partida para o mais tarde possível.

Quando lhe mencionou a festa, ele apressou-se a declarar secamente: — Não po-posso ir. Sigo para o Ca-Canadá, segunda-feira, e tenho muitos assuntos a tratar até lá. — É importante — insistiu Kate. — Charlie Wyatt e Frederick Hoffmann prometeram comparecer e... — Sei de quem se trata. Fa-falei com Brad Rogers. Não existe a mí-mínima hipótese de adquirir qualquer de-dessas companhias.

— Em todo o caso, quero tentar. — Qual te in-interessa mais?

— A Wyatt Oil & Tool, que podia contribuir para aumentar os nossos lucros em quinze por cento, pelo menos. Quando os países árabes compreenderem que

têm o mundo entre a espada e a parede, formarão um cartel e os preços do petróleo subirão às nuvens.

— E a In-International Techonology? — É uma boa companhia, mas a outra reveste-se de mais interesse — declarou ela, com um encolher de ombros. — Preciso de ti lá, Tony. O Canadá pode esperar uns dias.

Ele detestava as reuniões daquela natureza, com as conversas fúteis intermináveis, homens fanfarrões e mulheres predatórias. No entanto, desta vez tratava-se de uma diligência de negócios.

— Está bem — acabou por capitular. Todas as pedras se achavam nos seus lugares do tabuleiro.

Os Wyatt seguiram para o Maine num Cessna da companhia e, à chegada doferryboat, havia uma limusina que os conduziu a Cedar Hill, onde Kate os aguardava à entrada. Brad Rogers não se equivocara. A filha, Lucy, era uma autêntica “brasa”, alta, de cabelos pretos e olhos castanhos num rosto perfeito. O vestido, saído das mãos de um costureiro dispendioso, moldava um corpo de linhas deslumbrantes. Kate apresentou-a a Tony e observou a reação deste último. Todavia ele conservou-se impávido. Saudou os Wyatt com deferência formal e acompanhou-os ao bar.

— Que bela sala! — exclamou Lucy. — Passa muito tempo nesta mansão?

— Não — foi a resposta seca de Tony. Apercebendo-se do perigo iminente de a reserva do filho comprometer os seus interesses, Kate tratou de intervir.

— As suas recordações mais agradáveis referem-se a esta casa. O

trabalho absorve-o tanto, coitado, que raramente tem oportunidade de saborear esta atmosfera aprazível. Não é verdade?

— Sem dúvida — assentiu ele, com uma expressão glacial. — Neste momento, por exemplo, devia estar no Canadá...

— Mas adiou a viagem para os conhecer.

— Sinto-me honrado — declarou Charlie Wyatt. — Tenho ouvido falar de seu filho, Mrs. Blackwell — com um sorriso, acrescentou: —

Suponho que não lhe interessa vir trabalhar para o Texas.

— Não creio que isso seja exatamente o que minha mãe tem em vista para mim — alegou Tony.

— Acredito — o texano soltou uma gargalhada e virou-se de novo para Kate. — Sua mãe é uma mulher incomparável. Gostava que visse enrodilhar toda a gente na reunião da Casa Branca e...

Interrompeu-se no instante em que Frederick Hoffmann e a filha, Marianne, entravam na sala. A rapariga era uma versão pálida do pai, com o mesmo semblante aristocrático. Tinha cabelos louros que se prolongavam até aos ombros e usava um vestido de chiffon branco. Ao lado de Lucy Wyatt, quase

passava despercebida. — Queiram desculpar o atraso — proferiu o alemão. — O avião ficou retido em La Guardiã.

— Que pena! — exclamou Kate, que providenciara para que tal acontecesse, a fim de os Wyatt chegarem em primeiro lugar. — Que tomam?

— Um scoth, por favor — pediu o conde Hoffmann. — E você? — perguntou ela a Marianne.

— Nada, obrigada.

Os outros convidados começaram a surgir pouco depois e Tony passou a circular entre eles, em obediência às suas funções de anfitrião atencioso. Ninguém, à parte a mãe, suspeitava do reduzido significado que aquelas reuniões tinham para ele. Não era que estivesse enfastiado. Achava-se simplesmente isolado de tudo o que ocorria à sua volta. Perdera o prazer proporcionado pelo convívio, circunstância que preocupava Kate profundamente.

Tinham sido preparadas duas mesas na vasta sala de jantar. Ela instalou Marianne Hoffmann entre um magistrado do Supremo Tribunal e um senador, numa, e Lucy Wyatt à direita de Tony, na outra. Todos os homens presentes — solteiros e casados — concentravam os olhares na filha do texano. Kate apercebia-se dos esforços da rapariga para conversar com o filho, deixando transparecer que simpatizava com ele, o que representava um bom começo.

Na manhã seguinte, sábado, durante o pequeno-almoço, Wyatt disse a Kate: — Tem um iate estupendo, Mrs. Blackwell. Quanto mede?

— Não sei bem — ela voltou-se para Tony. — Que comprimento tem o Corsair?

— Vinte e cinco metros — informou o interpelado, refletindo que a mãe estava perfeitamente ao corrente. — No Texas, não ligamos aos barcos.

Estamos sempre com muita pressa.

Viajamos quase sempre de avião.

— Gostava que me deixasse mostrar-lhe a ilha, do mar — observou Kate.

— Podemos fazê-lo no iate, amanhã.

— Excelente ideia! — aprovou o texano.

Entretanto, Tony assistia aos manejos da mãe sem se pronunciar.

Acabava de efetuar uma das primeiras jogadas importantes, e perguntava a si próprio se Wyatt se teria apercebido. Talvez não.

Apesar de ser um homem de negócios arguto, nunca enfrentara ninguém como Kate Blackwell.

Pouco depois, esta virou-se para o filho e para Lucy e sugeriu: — Porque não aproveitam o tempo estupendo que faz para dar uma volta na lancha?

— Agradava-me imenso — afirmou a rapariga, antes que Tony tivesse ensejo de abrir a boca.

Todavia, ele advertiu: — Não posso, porque espero um telefonema importante. Esforçando-se por dissimular o desagrado, Kate voltou-se para Marianne Hoffmann. — Ainda não vi o seu pai, esta manhã.

— Foi explorar a ilha. Costuma levantar-se muito cedo. — Ouvi dizer que gosta de montar a cavalo. Temos uma coudelaria muito satisfatória.

— Agradeço-lhe, Mrs. Blackwell, mas prefiro andar por aí, se não vê inconveniente.

— Claro que não. Esteja à sua vontade — concentrou-se de novo no filho. — Não queres mesmo levar Miss Wyatt a dar um passeio? — inquiriu numa inflexão áspera.

— Não posso, como já expliquei.

Embora pequena, tratava-se de uma vitória. A batalha fora travada, e Tony não fazia tenção de a perder. A mãe já não dispunha do poder de o iludir. Utilizara-o como peão outrora e ele estava bem ciente de que pretendia fazê-lo de novo, mas desta vez os seus esforços não resultariam. Desejava adquirir a Wyatt Oil & Tool, que o texano não pretendia vender, mas Kate julgara encontrar uma maneira de o vencer por intermédio do seu único ponto fraco: a filha. Se Lucy ingressasse na família Blackwell, tornar-se-ia inevitável a fusão das duas firmas.

No final do pequeno-almoço, Kate levantou-se e propôs ao filho: — Enquanto o teu telefonema não chega, porque não mostras os jardins a Miss Wyatt? Eíle reconheceu que não existia possibilidade de se esquivar graciosamente, pelo que assentiu, decidido a abreviar a visita.

Por seu turno, a mãe virou-se para Charlie Wyatt e perguntou: — Interessa-se por livros raros? Temos uma vasta coleção, na biblioteca.

— Interessa-me tudo o que quiser mostrar-me — redarguiu ele, com um largo sorriso.

Como que obedecendo a uma inspiração de última hora, ela voltou-se para Marianne Hoffmann.

— Quer acompanhar-nos?

— Obrigada, mas prefiro dar uma volta por aí, como disse. Não se preocupe comigo.

— Claro que não.

Tony refletiu que estas palavras da mãe se revestiam da maior sinceridade. A alemã não figurava nos seus projetos, pelo que tratava de a marginalizar. Fazia-o numa atitude amável, sorridente, que encobria uma firmeza implacável que ele detestava.

— Vamos, Tony? — sugeriu Lucy.

— Com certeza. Encaminharam-se para a porta, e preparavam-se para a transpor, quando ele ouviu a mãe dizer aos outros: — Fazem um par admirável.

Dirigiram-se para o molhe onde o Corsair se encontrava acostado, percorrendo uma extensa área repleta de flores e árvores. — É um lugar celestial — murmurou Lucy.

— Pois é. — Não temos flores destas, no Texas.

— Não? — É um ambiente tranquilo e pacífico. — Tem razão.

De súbito, deteve-se e fitou o companheiro, com uma expressão agastada. — Disse alguma coisa que a ofendesse? — viu-se ele na necessidade de perguntar.

— Não disse absolutamente nada. É isso que considero ofensivo. Não consigo arrancar-lhe mais do que monossílabos ou palavras secas. Faz-me ficar com a impressão de que pretendo caçá-lo. — E pretende?

— Adivinhou — a rapariga soltou uma risada. — Se pudesse ensiná-lo a falar, talvez nos entendêssemos — e vendo-o esboçar um sorriso, inquiriu. — Em que pensa?

— Em nada de especial.

Na realidade, Tony pensava na mãe e no que lhe custava perder.

Entretanto, Kate acompanhava Charlie Wyatt na visita à biblioteca, em cujas estantes se viam primeiras edições de Oliver Goldsmith, Laurence Sterne, Tobias Smollett e John Donne, juntamente com um in-fólio de bem Johnson. O texano percorria com a vista os tesouros que o rodeavam, até que se imobilizou diante de um volume encadernado do Endymion, de John Keats.

— É um exemplar da Roseberg — afirmou, voltando-se para Kate.

— Exato — confirmou ela, surpreendida. — Há apenas dois conhecidos. — O outro encontra-se na minha biblioteca.

— Era de prever — articulou, rindo. — Os seus ares de texano do petróleo conseguiram iludir-me.

— Sim? São uma camuflagem excelente.

— Onde estudou? — Primeiro na Escola de Minas do Colorado e depois em Oxford como bolseiro — e Wyatt contemplou Kate em silêncio, por um momento. — Constou-me que foi você que sugeriu a minha presença na conferência da Casa Branca.

— Limitei-me a mencionar o seu nome.

— Foi um gesto que não posso deixar de agradecer. E, agora que estamos sós, porque não me explica exatamente o que tem em mente?

Tony encontrava-se no seu gabinete de trabalho, uma pequena dependência a meio do corredor do rés-do-chão, afundado numa poltrona de espaldar elevado, examinando uns documentos, quando sentiu a porta abrir-se e entrar alguém.

Era Marianne Hoffmann, e antes que ele pudesse revelar a sua presença, ouviu-a soltar uma exclamação abafada.

Acabava de ver os quadros na parede. Tratava-se de trabalhos de Tony, os

poucos que trouxera do apartamento de Paris, e só permitira que estivessem expostos naquela saleta. Viu a rapariga mover-se em redor para os contemplar, mas era demasiado tarde para o poder evitar.

— Não acredito — murmurou ela, finalmente. Assolou-o uma irritação repentina, pois sabia que não eram maus a esse ponto. De súbito, fez um movimento na poltrona e o couro rangeu, obrigando Marianne a voltar-se.

— Peço desculpa — balbuciou. — Não sabia que estava aqui alguém. — Não tem importância — retorquiu Tony, com certa brusquidão, pois desagradava-lhe que invadissem o seu santuário. — Procurava alguma coisa? — Não. Vagueava simplesmente. A sua coleção de quadros devia encontrar-se num museu.

— Exceto estes.

Intrigada, a rapariga voltou a observá-los e distinguiu a assinatura.

— São seus! — Lamento que não lhe agradem.

— Acho-os fantásticos! Não compreendo. Se sabe pintar tão bem, porque decidiu fazer outra coisa? Considero os seus trabalhos, não bons, mas maravilhosos! — calou-se por um momento, mas ele não reagiu visivelmente. — Em tempos, quis ser pintora e cheguei a estudar com Oskar Kokoschka durante um ano. Finalmente, desisti, porque reconheci que nunca atingiria o nível que pretendia. Mas você! — virou-se de novo para os quadros. — Esteve em Paris?

— Sim.

— Que pena...

— Ah, estão aqui? — Kate acabava de assomar à entrada e olhava-os com curiosidade. Por fim, aproximou-se de Marianne e prosseguiu: — Procurei-a por toda a parte. Seu pai diz que adora as orquídeas e quero que visite a nossa estufa.

— Obrigada, Mrs. Blackwell, mas...

— Ocupa-te dos outros convidados, Tony — indicou, sem prestar atenção às objeções da rapariga.

Ele experimentava uma fascinação especial pela maneira como a mãe manobrava as pessoas. Na realidade, agia com uma suavidade admirável, sem desperdiçar um único movimento. A operação principiara com a chegada dos Wyatt antes dos Hoffmann e continuara com a colocação de Lucy ao lado dele a todas as refeições e as conferências a sós com Charlie Wyatt. A filha deste era uma moça atraente e constituiria a esposa ideal para o futuro chefe da Kruger-Brent.

Meneando a cabeça num gesto de amargura, Tony perguntava-se qual seria o movimento seguinte de Kate. Na verdade, não necessitou de esperar muito tempo para se inteirar.

Encontravam-se no terraço, tomando cocktails, quando ela revelou ao filho: — Mr. Wyatt convidou-nos para passar o próximo fim-de-semana no seu rancho.

Não achas uma ideia maravilhosa? — acrescentou, com uma expressão de prazer. — Nunca estive num rancho do Texas.

Ora, a Kruger-Brent possuía um rancho no Texas que tinha provavelmente o dobro da superfície do dos Wyatt.

— Espero que também vá — interpôs o texano, dirigindo-se a Tony.

— Por favor... — sussurrou Lucy. Parecia uma conspiração. Ao mesmo tempo, porém, era um desafio. Por conseguinte, ele decidiu enfrentá-lo.

— Com o maior prazer. "Se Lucy tem em mente seduzir-me, perde o seu tempo", pensou. A mágoa provocada pela mãe e por Dominique haviam-Lhe implantado uma desconfiança tão profunda nas mulheres, que a sua única associação com elas passara a manifestar-se através das prostitutas dispendiosas, sem dúvida as mais sinceras, pois só desejavam o dinheiro e mencionavam a quantia desde o princípio.

Tony esportulava o preço pedido e obtinha aquilo que pagava. Sem complicações, lágrimas ou embustes. Lucy Wyatt teria uma surpresa.

Domingo de manhã, Tony dirigiu-se à piscina para nadar um pouco e verificou que Marianne Hoffmann já se encontrava na água, com um fato de banho branco que lhe acentuava os contornos do corpo esbelto.

Quando o avistou, acercou-se em braçadas graciosas e sorriu-lhe. — Bom dia.

— Bom dia. Nada muito bem.

— Adoro praticar desportos. Herdei-o de meu pai. Ergueu-se para a borda da piscina e ele estendeu-lhe uma toalha, ao mesmo tempo que perguntava: — Já tomou o pequeno-almoço?

— Não. Pensei que a cozinheira não se levantava tão cedo.

— Isto é um hotel com serviço de copa permanente.

— Um sistema muito útil — Marianne voltou a sorrir. — Onde vive?

— Na maior parte do tempo, em Munique. Possuímos um schloss, um castelo, nos arredores.

— Onde se criou?

— Isso já é mais complicado. Durante a guerra, mandaram-me para um colégio na Suíça. Depois, fui para Oxford, estudei na Sorbonne e vivi alguns anos em Londres — olhou-o sem pestanejar.

— E você?

— Bem, saltitei entre Nova Iorque, Maine, Suíça, África do Sul, uns anos no Pacífico durante a guerra, Paris... — Tony interrompeu-se, como se decidisse que falara demais.

— Desculpe se me intrometo no que não devo, mas não compreendo por que desistiu de pintar.

— Contos largos — replicou secamente. — Vamos ao pequeno-almoço.

Comeram sós, no terraço sobranceiro à baía, ao mesmo tempo que conversavam despreocupadamente. Marianne parecia interessada no que lhe dizia respeito e Tony experimentava uma atração estranha por ela. — Quando regressa à Alemanha? — perguntou em dado momento.

— Para a semana. Vou casar. — Ah! — a revelação apanhou-o desprevenido. — Quem é ele?

— Um médico que conheço desde criança. Obedecendo a um impulso irresistível, aventurou: — Quer jantar comigo, em Nova Iorque?

Ela observou-o por instantes e ponderou a resposta antes de aquiescer: — Com todo o gosto.

— Então, fica combinado — concluiu Tony, sorrindo.

Jantaram num pequeno restaurante à beira-mar, em Long Island. Ele desejava Marianne só para si, fora do raio de ação da mãe. Embora se tratasse de um serão inofensivo, se ela o descobrisse não hesitaria em envenená-lo. Era um assunto privado entre os dois e, durante o breve lapso de tempo que perdurasse, ninguém o perturbaria. A companhia de Marianne agradava-lhe ainda mais do que previra. “Quando regressa à Alemanha?” “Para a semana. Vou casar.” Nos cinco dias que se seguiram, viram-se com frequência. Tony cancelou a viagem ao Canadá, conquanto não soubesse explicar claramente porquê.

Supusera que se tratava de uma forma de rebelião contra o plano da mãe, uma vingança mesquinha, mas se isso correspondera à verdade, no início, tudo se alterara depois. Cada vez se sentia mais atraído pela rapariga. Admirava-lhe a sinceridade, qualidade que desesperara de voltar a encontrar.

Como ela era uma turista em Nova Iorque, ele acompanhava-a a toda a parte. Os dias sucediam-se quase sem que se apercebessem, até que chegou sexta-feira, quando Tony devia partir para o rancho dos Wyatt.

— Quando regressa à Alemanha?

— Segunda-feira de manhã — informou Marianne, sem a mínima alegria na voz.

Ele seguiu para Houston naquela tarde. Podia ter ido com a mãe num dos aviões da companhia, mas preferira evitar todas as situações que o obrigassem a ficar a sós com ela. Pela parte que lhe dizia respeito, Kate não passava de uma associada na firma: brilhante, poderosa, simulada e perigosa.

No Aeroporto William P. Hobby de Houston, aguardava-o um Rolls Royce que o conduziu ao rancho, guiado por um motorista de calça Levi’s e camisa de meia-manga.

— A maior parte dos convidados prefere voar diretamente para o rancho — explicou o homem. — Mr. Wyatt possui um aeródromo excelente.

Daqui, é cerca de uma hora até ao portão da propriedade e mais meia até à

residência.

Tony pensava que ele exagerava, mas não tardou a mudar de opinião, pois o território dos Wyatt parecia mais uma cidade que um rancho.

22

Transpuseram o portão principal por uma estrada privativa e, transcorridos trinta minutos, começaram a passar por edifícios de geradores, celeiros, currais, casas de hóspedes e bangalós do pessoal.

A residência era uma construção imponente de um único piso, e Tony considerou-a deprimentemente hedionda. Kate já chegara e encontrava-se sentada no terraço sobranceiro a uma piscina do tamanho de um pequeno lago, parecendo imersa em animada conversa com Charlie Wyatt. Quando avistou o recém-chegado, o texano interrompeu-se abruptamente a meio de uma frase, e Tony pressentiu que era o tópico abordado.

— Vem aí o seu rapaz! Fez boa viagem, Tony?

— Ótima, obrigado.

— Lucy esperava que viesse mais cedo. — Ah, sim? — articulou, com um olhar de través à mãe.

— Vai haver um churrasco em vossa honra — volveu Wyatt. — Convidei praticamente todas as pessoas importantes da região.

Naquele momento, Lucy surgiu à entrada, de calça jeans e blusa branca cingidas, que lhe realçavam os inequívocos atributos físicos, como Tony não pôde deixar de admitir para consigo.

— Julgava que nunca mais aparecia! — exclamou, pegando-lhe no braço.

— Peço desculpa pelo atraso, mas tive de ultimar uns assuntos.

— Não tem importância, agora que chegou — a rapariga exibiu um sorriso cativante.

— Que lhe apetece fazer, esta tarde?

— Que tem para oferecer?

— Tudo o que quiser — proferiu num murmúrio. Entretanto, Kate e Wyatt observavam-nos com sorrisos de satisfação.

O churrasco atingiu um nível espetacular, mesmo atendendo aos padrões texanos. Apresentaram-se cerca de duzentos convidados, que se faziam transportar em aviões particulares, Mercedes ou Rolls Royce. Duas orquestras tocavam simultaneamente em diferentes áreas do recinto. Meia dúzia de bartenders serviam champanhe, uísque, refrigerantes e cerveja, enquanto quatro “chefes” preparavam a comida ao ar livre. Além disso, havia várias longas mesas

repletas de sobremesas de quase todas as qualidades concebíveis.

Cada vez que se voltava, Tony esbarrava num empregado da casa que lhe oferecia bebidas ou aperitivos. Dava a impressão de que o pessoal doméstico igualava os convidados em número. Ao mesmo tempo, acudiam-lhe aos ouvidos fragmentos de conversas.

— O tipo veio propositadamente de Nova Iorque para me levar à certa, mas tratei de o prevenir: "Tenho muita pena, amigo. Não entro em acordos referentes a petróleo com firmas a leste de Houston..."

— É preciso cuidado com os fulanos de falas mansas. Se não nos precavemos, enrolam-nos...

Em dado momento, Lucy acercou-se dele e comentou: — Não o vejo comer — olhou-o com apreensão. — Sente-se mal?

— De modo algum. É uma reunião impressionante.

— Ainda não viu nada. Espere até à hora do fogo-de-artifício.

— Fogo-de-artifício?

— Exato. Desculpe este ajuntamento, mas meu pai quis impressionar sua mãe. Amanhã, já cá não estão.

"Nem eu", pensou Tony, cada vez mais convencido de que a sua comparência no rancho constituíra um erro. Se a mãe estava tão empenhada em absorver a Wyatt Oil & Tool, que arranjasse outra maneira de o conseguir. Esquadrinhou a multidão com a vista e localizou-a no meio de um grupo de admiradores. Não havia dúvida de que continuava atraente, apesar de estar quase com sessenta anos. Na realidade, Kate Blackwell parecia muito divertida, mas Tony sabia que ela detestava solenemente tudo o que a circundava. "Mas não hesita em fazer todos os sacrifícios para alcançar aquilo que pretende." Pensou em Marianne e na aversão que experimentaria por semelhante orgia insensata. Ao lembrar-se dela, todavia, sentiu um profundo desconforto. "Vou casar com um médico que conheço desde criança." Meia hora depois, quando Lucy voltou a procurá-lo, já ia caminho de Nova Iorque.

Telefonou a Marianne de uma cabina do aeroporto. — Preciso falar-lhe.

— Muito bem — foi a resposta, sem a mínima hesitação. Tony não conseguira afastá-la do pensamento por um único instante. Separado dela, assolava-o a solidão, a sensação de que lhe faltava uma parte de si mesmo.

Tinha o pressentimento aterrador de que, se a deixasse partir, ficaria perdido para sempre. Necessitava-a como a ninguém em toda a sua vida.

Encontraram-se no apartamento dele, e quando a viu entrar, Tony sentiu um desejo que julgava extinto para sempre. Ao contemplá-la, compreendeu que a sensação era compartilhada, e não havia palavras capazes de exprimir o milagre operado.

Ela anichou-se-lhe nos braços, e a emoção de ambos assemelhava-se a uma torrente que os arrastava numa explosão gloriosa, uma erupção e um contentamento para além de qualquer descrição. Flutuavam juntos numa suavidade aveludada que não conhecia tempo nem lugar, perdidos numa glória e numa magia maravilhosas e mútuas. Mais tarde, esgotados, permaneceram deitados, mantendo-se num amplexo de profunda ternura.

— Vou casar contigo, Marianne.

— Tens a certeza? — murmurou ela, olhando-o atentamente. — Há um problema, querido.

— O teu compromisso?

— Não. Posso desfazê-lo, sem dificuldade. Refiro-me a tua mãe.

— Ela não tem nada a ver...

— Deixa-me acabar. Pretende que cases com Lucy Wyatt. — Isso é o plano dela. O meu encontra-se aqui.

— Ficava a odiar-me. Não quero que tal aconteça. — Não te interessa saber o que eu quero? E o milagre recomeçou.

Escoaram-se quarenta e oito horas antes de Kate Blackwell voltar a ter notícias de Tony, que desaparecera do rancho Wyatt sem se despedir, para regressar a Nova Iorque, deixando o texano perplexo e a filha furiosa. Depois de apresentar desculpas, aceites com relutância, Kate partiu igualmente e, uma vez em casa, ligou ao apartamento de Tony.

No entanto, não obteve resposta em todo esse dia nem no seguinte. Ela encontrava-se no seu gabinete, quando o telefone tocou, e adivinhou quem era mesmo antes de levantar o telefone.

— Estás bem, Tony?

— Perfeitamente, mãe.

— De onde falas?

— Ando em lua-de-mel. Casei com Marianne Hoffman, ontem — registrou-se um longo silêncio. — Mãe?

— Sim?

— Podias dar-me os parabéns ou pronunciar uma das frases habituais nestas ocasiões — articulou Tony, com uma ponta de amargura.

— Com certeza. Desejo-te as maiores felicidades, filho.

— Obrigado — e a ligação foi cortada.

Kate conservou o aparelho na mão por um momento e acabou por pousá-lo, após o que premiu um botão do intercomunicador. — Pode chegar aqui, Brad? — e assim que este entrou no gabinete, anunciou: — Tony telefonou agora mesmo.

— Com a breca! — bradou ele, ao observar-lhe a expressão de triunfo. —

Não me diga que conseguiu!

— O trabalho foi todo dele — declarou Kate, modestamente. — Temos o império Hoffmann servido numa bandeja.

— Custa-me a crer! — Brad afundou-se numa poltrona. — Como o convenceu a casar com Marianne Hofmann?

— Foi muito simples. Empurrei-o na direção que não me convinha.

No fundo, porém, ela sabia que se tratava da direção acertada, pois Marianne seria uma esposa maravilhosa para o filho. Dissiparia as trevas que o consumiam.

Lucy sofrera uma histerectomia.

Marianne, por seu turno, dar-lhe-ia um filho.

Seis meses após o casamento de Tony e Marianne, a companhia Hoffmann foi absorvida pela Kruger-Brent, Ltd. A assinatura formal dos contratos realizou-se em Munique, num gesto de consideração para com Frederick Hoffmann, que ficaria à testa da subsidiária na Alemanha. Tony não pudera dissimular a surpresa causada pela passividade com que a mãe aceitara o enlace. Apesar de não costumar perder com graciosidade, mostrara-se cordial para com a nora, quando ela e Tony regressaram da lua-de— mel nas Baamas, e até se confessara encantada com a união. E o que mais o intrigava era a circunstância de a atitude parecer sincera. No fundo, talvez não a compreendesse como sempre supusera.

O matrimónio constituiu um êxito brilhante desde o princípio.

Marianne satisfazia uma necessidade de longa data do marido, e todos os que o rodeavam se apercebiam da mudança operada nele, em particular Kate.

Quando Tony efetuava viagens de negócios, ela acompanhava-o.

Observando-lhes a felicidade, Kate reconhecia: “Procedi o melhor possível no interesse de meu filho.” Foi Marianne quem se encarregou de eliminar o fosso que se cavara entre Tony e a mãe. Quando regressaram da lua-de-mel, anunciou o desejo de convidar Kate para jantar, mas ele tentou opor-se: — Não a conheces. É capaz...

— Quero precisamente conhecê-la. Por favor, querido. Tony acabou por ceder e preparou-se para um serão difícil e mesmo tenso, mas verificou com admiração que a mãe se mostrava feliz entre eles. Na semana seguinte, foi a sua vez de os convidar e a partir de então os jantares converteram-se num ritual.

Kate e a nora tornaram-se amigas. Conversavam ao telefone diversas vezes por semana e almoçavam juntas com frequência.

Tinham combinado encontrar-se num restaurante, no dia em que Kate pressentiu algo de anormal em Marianne, ao vê-la entrar.

— Um uísque duplo — pediu esta última ao empregado. — Sem gelo.

— Que aconteceu? — inquiriu Kate, ciente de que a outra raramente

consumia bebidas alcoólicas.

— Fui consultar o doutor Harley. — Suponho que não está doente? — articulou, com uma sensação de alarme.

— Não. Simplesmente...

A verdade surgiu entrecortada por hesitações. Tudo principiara uns dias antes.

Sentira-se indisposta e procurara o médico...

— Acho-lhe um aspecto saudável — declarou o dr. Harley. — Que idade tem, Mrs. Blackwell?

— Vinte e três.

— Há algum caso de perturbação cardíaca na família? — Não.

— Cancro? — continuou, inscrevendo anotações numa ficha.

— Tão-pouco.

— Seus pais são vivos?

— Apenas o meu pai. Minha mãe morreu num acidente. — Teve papeira?

— Não. — Sarampo?

— Sim, aos dez anos.

— Tosse convulsa? — Não.

— Sofreu alguma intervenção cirúrgica? — Apenas para extrair as amígdalas, aos nove anos.

— À parte isso, nunca esteve hospitalizada? — Não. Ou, melhor, uma vez. Mas por pouco tempo. — Qual o motivo?

— Pertencia à equipa feminina de hóquei do colégio e, durante uma partida, perdi os sentidos, só acordando no hospital. Estive internada dois dias. Não foi nada de importância. — Magoou-se durante o jogo?

— Não. Fiquei inconsciente, sem motivo aparente.

— Que idade tinha?

— Dezesseis. O médico disse que devia tratar-se de alguma perturbação glandular própria da adolescência. O dr. Harley inclinou-se para a frente e perguntou: — Quando recuperou os sentidos, sentiu alguma impressão em qualquer dos lados do corpo? Marianne refletiu por um momento e inclinou a cabeça.

— Sim, no direito. Mas desapareceu passados poucos dias. Não me voltou a incomodar.

— Teve dores de cabeça? Visão enevoada?

— Sim, mas também passou — começou a sentir-se alarmada. — Parece-lhe que tenho alguma coisa grave, doutor?

— Antes de me pronunciar, gostava de proceder a uns testes... para jogar pelo seguro.

— De que gênero?

— Um agiograma cerebral, por exemplo. Não é nada de especial.

Podemos tratar disso imediatamente. Três dias mais tarde, ela recebia um telefonema da enfermeira do médico, que a convocou para uma consulta.

— Solucionámos o mistério — anunciou o dr. Harley, mal a viu.

— É de fato grave?

— Nem por isso. O agiograma indica que sofreu um pequeno colapso.

Tecnicamente, chama-se aneurisma e é muito comum nas mulheres, sobretudo nas adolescentes. Um pequeno vaso do cérebro rebentou e derramou pequenas quantidades de sangue. Foi a pressão daí resultante a responsável pelas dores de cabeça e a visão enevoada. Por sorte, essas coisas curam-se espontaneamente.

Marianne escutava com apreensão crescente, até que perguntou: — Que quer dizer, com exatidão? Pode repetir-se?

— É pouco provável — o dr. Harley esboçou um sorriso. — A menos que tencione voltar a praticar o hóquei, pode fazer uma vida absolutamente normal.

— Eu e Tony costumamos andar a cavalo e jogar o ténis. Acha que?...

— Desde que não exagere, não corre perigo. Pode entregar-se a desportos dessa natureza, assim como ao sexo, sem problemas. — Graças a Deus — e Marianne soltou um suspiro de alívio.

No entanto, quando se levantava para sair, o médico acrescentou: — Há só uma coisa, Mrs. Blackwell. Se planeja ter filhos, sugiro que recorra a adotivos.

— Disse que podia fazer uma vida normal — argumentou ela, estremecendo.

— Dá-se, porém, o caso de a gravidez aumentar o volume vascular enormemente e, durante as últimas seis a oito semanas, verifica-se uma elevação suplementar da tensão arterial. Ora, em virtude do aneurisma, o risco atingiria um ponto inaceitável. Podia tornar-se não só perigoso como fatal. As adopções são fáceis, nos tempos atuais. Posso encarregar-me...

Todavia, Marianne deixara de escutar o que ele dizia. Tinha apenas presentes as palavras de Tony: “Havemos de ter uma filha. Uma rapariga exatamente como tu.” — ... Não consegui ouvir mais — explicou Marianne. — Saí a correr do consultório e vim para aqui diretamente.

Kate desenvolvia esforços prodigiosos para não deixar transparecer o que sentia. Era um abalo demolidor, mas devia haver uma saída. Havia sempre solução para tudo. — Bem! — exclamou com um sorriso. — Esperava muito pior.

— Mas eu e Tony desejamos tanto ter um filho!

— O doutor Harley é um alarmista. Você teve pequenos problemas, há anos, e ele pretende envolvê-los de uma importância inexistente — pegou na mão da nora. — Sente-se bem, suponho?

— Sentia, até...

— Não voltou a ter desmaios?

— Decerto que não.

— Isso significa que tudo passou. Pertence ao passado. Aliás, ele próprio afirmou que essas coisas se curavam espontaneamente. —

Também mencionou os riscos.

— Os riscos existem sempre que uma mulher engravida. Aliás, a vida está cheia deles. O essencial é decidir quais merece a pena correr, não acha?

— Talvez — admitiu Marianne, pensativamente. De súbito tomou uma decisão. — Tem razão. Não diremos nada a Tony, para lhe evitar preocupações desnecessárias. O segredo fica entre nós. — Sem dúvida — assentiu Kate, ao mesmo tempo que refletia: “Apetecia-me matar John Harley por a ter assustado.” Três meses depois, Marianne engravidou, enquanto Tony ficava encantado, Kate silenciosamente triunfante e o dr. Harley horrorizado.

— Vou tomar as medidas convenientes para o aborto imediato — anunciou este último.

— Não, doutor — redarguiu ela. — Sinto-me bem e vou ter a criança.

Quando informou a sogra da sugestão do médico, esta última dirigiu-se ao consultório para o increpar: Que ideia foi essa de recomendar o aborto a minha nora? — Expliquei-lhe que, se leva a gravidez até ao fim, corre o risco de morrer. — É uma conjectura. Não pode ter a certeza. Há-de correr tudo bem. Portanto, evite alarmá-la. Oito meses mais tarde, às quatro da madrugada de princípios de Fevereiro, Marianne entrou em parto prematuramente. Os seus gemidos acordaram Tony, que começou a vestir-se com rapidez, enquanto recomendava: — Não te preocupes, querida. Levo-te ao hospital num instante.

— Depressa, por favor — murmurou ela, cujas dores se tornavam excruciantes.

Ao mesmo tempo, perguntava a si própria se não devia ter comunicado ao marido a natureza da conversa que tivera com o dr. Harley. Mas não. Como Kate afirmara, a decisão competia-lhe exclusivamente. A vida era tão maravilhosa que Deus não permitiria que lhe acontecesse alguma coisa. Quando Marianne e Tony chegaram ao hospital, encontrava-se tudo preparado.

Ele acompanhou-a a uma sala de espera, de onde a levaram para os exames preliminares. O obstetra, dr. Mattson, mediu-lhe a tensão arterial, enrugou a fronte e repetiu a operação. Em seguida, voltou-se para a enfermeira a seu lado e indicou: — Mande levá-la para a sala de partos, sem demora! Tony acabava de recorrer à máquina que se achava no corredor, para obter um maço de tabaco, quando uma voz áspera proferiu atrás dele: — Mas é o nosso Rembrandt! Reconheceu o homem que vira com Dominique à entrada do apartamento desta. Como lhe chamara? Sim, bem. De momento, fitava-o com uma expressão de

antagonismo.

Ciúme? Que lhe teria ela dito? Nesse instante Dominique fez a sua aparição e comunicou a bem: — A enfermeira diz que Micheline não pode receber visitas.

Voltaremos... — de súbito, avistou Tony e interrompeu-se. — Que fazes aqui? — Minha mulher entrou em parto.

— Foi sua mãe que preparou a situação? — interpôs bem.

— Que quer dizer? — Dominique explicou-me que ela trata de todos os seus assuntos.

— Pára com isso, bem!

— Porquê? Não é verdade? Não foi o que disseste?

— De que está ele a falar? — inquiriu Tony, virando-se para Dominique.

— Não faças caso. Vamos, bem. No entanto, este parecia divertir-se com a perplexidade de Tony e prosseguiu: — Quem me dera ter uma mãe assim. Se quer um modelo atraente para a cama, ela compra-lho. Se deseja promover uma exposição de quadros em Paris, trata disso num ápice.

— Endoideceu. — Parece-lhe? — dirigiu-se à rapariga. — Ele não sabe?

— Não sei o quê? — bradou Tony. — Nada.

— Ele afirma que minha mãe preparou a minha exposição em Paris. É

verdade? — e vendo a expressão de Dominique, insistiu: — Responde!

— Pagou a Goerg para que me deixasse expor as telas? — Mas gostou realmente delas.

— Explica-lhe aquilo do crítico — sugeriu bem. — Basta! Dominique rodou nos calcanhares para se afastar, porém, Tony segurou-a pelo braço.

— Espera! Foi também minha mãe que providenciou para que ele aparecesse na exposição?

— Foi — e a voz dela convertera-se num murmúrio quase inaudível.

— Mas considerou os meus trabalhos horríveis.

— Não, Tony. André d'Usseau disse a tua mãe que te podias ter tornado um artista.

— Ela pagou-lhe para que me destruísse?! — vociferou ele, incrédulo.

— Estava convencida de que agia em conformidade com o teu interesse futuro.

A enormidade do ato da mãe afigurava-se-lhe esmagadora.

"Tudo o que me disse era mentira. Nunca teve em mente permitir que vivesse a minha vida". E André d'Usseau! Como podia deixar-se comprar um homem daqueles? Mas evidentemente que Kate conhecia o preço de toda a gente. Oscar Wilde referia-se a pessoas como ela quando descrevera alguém que estava ao corrente do preço de tudo e do valor de nada. Todos os seus manejos tinham sempre a Kruger-Brent como alvo. E a Kruger-Brent era Kate Blackwell. Por

fim, Tony voltou as costas a Dominique e a bem e afastou-se com ar desvairado.

Na sala de operações, os médicos lutavam desesperadamente para salvar a vida de Marianne, cuja tensão arterial baixara de forma alarmante, ao mesmo que as palpitações do coração se tornavam desordenadas. Administraram-lhe oxigênio e uma transfusão de sangue, mas não obtiveram o mínimo efeito. Ela estava inconsciente, em virtude de uma hemorragia cerebral, quando nasceu o primeiro bebê, e morta três minutos depois, no momento em que veio ao mundo o segundo.

Tony ouviu uma voz distante chamá-lo e voltou-se. Era o dr. Mattson, que anunciou: — Tem duas belas e saudáveis filhas, Mr. Blackwell.

— E Marianne? — a expressão do médico fê-lo estremecer. — Está bem?

O dr. Mattson respirou fundo e meneou a cabeça com lentidão.

— Lastimo, mas os nossos esforços resultaram infrutíferos. Faleceu na...

— O quê? — Tony segurou o interlocutor pelas bandas do casaco e sacudiu-o com violência. — Mente! Minha mulher não morreu!

— Mr. Blackwell...

— Onde está ela? Quero vê-la!

— De momento, não é possível. Estão a prepará-la para...

— Matou-a, bastardo!

Principiou a agredir o obstetra, o que obrigou dois internos a intervir e a segurar-lhe os braços com firmeza. — Acalme-se, Mr. Blackwell.

— Quero ver minha mulher! — rugia Tony, debatendo-se como um louco.

— Larguem-no — ordenou o dr. Harley, aproximando-se. — Deixem-nos sós.

O dr. Mattson e os dois internos retiraram-se, enquanto Tony chorava como uma criança.

Mataram Marianne, John! Assassinaram-na!

— Ela morreu, Tony, e lamento-o profundamente, mas ninguém a matou. Preveni-a há meses de que, se deixasse a gravidez prosseguir, arriscaria a vida. — Não... não compreendo.

— Marianne não lhe explicou? Sua mãe não disse nada?

— Minha mãe? — balbuciou Tony, estupefacto. — Considerou-me alarmista e aconselhou Marianne a não fazer caso das minhas recomendações — o médico calou-se por uns segundos. — Vi as gême as. São admiráveis. Quer que?...

Todavia, Tony afastava-se sem lhe prestar atenção.

— Bom dia, Mr. Blackwell — saudou o mordomo, abrindo a porta a Tony.

— Bom dia, Lester.

— Há alguma novidade? — perguntou, apercebendo-se do aspecto desgrenhado do recém-chegado.

— Não. Está tudo em ordem. Importa-se de me trazer um café?

— Imediatamente.

Tony aguardou que o mordomo se encaminhasse para a cozinha e obedeceu à voz na sua cabeça que lhe comandava os movimentos.

Entrou na sala dos trofeus, abriu a vitrina que continha a coleção de armas de fogo e contemplou os numerosos instrumentos de morte.

Continuando a obedecer à voz íntima, pegou num revólver e examinou o tambor, para se certificar de que estava carregado.

“Ela deve estar lá em cima, Tony.” Dirigiu-se para a escada e principiou a subi-la em passos firmes. Agora, sabia que a mãe não era culpada do mal que espalhava à sua volta. Estava possessa e ele tencionava curá-la. A Kruger-Brent arrebatara-lhe a alma e Kate não tinha a mínima responsabilidade dos seus atos. Ela e a companhia haviam-se convertido num corpo único e quando a matasse, a firma também morreria.

Fez uma pausa diante da porta e abriu-a. A mãe vestia-se diante do espelho, quando o ouviu entrar.

— Tony! Quê?...

Ele apertou o revólver e, meticulosamente, começou a puxar o gatilho.

O direito de primogenitura — a pretensão daquele que nasce primeiro a um título ou propriedade da família — acha-se profundamente enraizado na História. Entre as famílias reais na Europa, uma entidade oficial de patente elevada encontra-se presente em cada nascimento de um possível herdeiro de uma rainha ou princesa, para que, na eventualidade de surgirem gêmeos, o direito de sucessão não constitua motivo de controvérsia. Nessa conformidade, o dr. Mattson tomou a precaução de anotar qual das gême as viera ao mundo em primeiro lugar.

Todos concordavam em que as gême as Blackwell eram os bebês mais belos jamais vistos. Saudáveis e invulgarmente vivas, as enfermeiras do hospital invocavam o mínimo pretexto para entrar na sala e contemplá-las. Parte da fascinação, embora nenhuma delas o admitisse, residia nas histórias misteriosas que circulavam acerca da família das recém-nascidas. A mãe morrera durante o parto, o pai desaparecera e constava à boca pequena que tentara assassinar sua própria mãe, conquanto ninguém estivesse em condições de o confirmar. Os jornais guardavam silêncio sobre o assunto, à parte a breve referência ao colapso nervoso sofrido por Tony Blackwell em resultado da morte da esposa, o que motivara o seu internamento numa clínica não mencionada. Os últimos dias tinham sido infernais para John Harley. Nunca esqueceria a cena que se lhe deparara, quando entrara no quarto de Kate Blackwell, após o telefonema histérico do mordomo. Ela encontrava-se estendida no chão, em estado de coma, com ferimentos de bala no pescoço e no peito, no meio de um charco de sangue,

enquanto Tony, empunhando uma tesoura, reduzia a farrapos todos os vestidos e agasalhos da mãe contidos no roupeiro.

O médico lançou uma simples olhadela a Kate e apressou-se a chamar uma ambulância. Em seguida, ajoelhou ao lado do corpo e tomou-lhe o pulso, que era fraco e irregular, além de que as faces adquiriam uma tonalidade azulada, fato indicativo de que entrava em estado de choque. Sem perda de um segundo, deu-lhe uma injeção de adrenalina e bicarbonato de sódio.

— Que aconteceu? — perguntou, por fim, ao mordomo, alagado em transpiração glacial.

— Não sei ao certo. Mr. Blackwell pediu-me um café, e estava na cozinha quando ouvi tiros. Corri cá acima e encontrei a senhora no chão, enquanto ele, de revólver em punho, dizia: "Já não te incomodará mais, mãe. Acabo de a matar." Depois, abriu o roupeiro e começou a retalhar os vestidos.

Com um suspiro de desolação, o dr. Harley voltou-se para Tony.

— Que está a fazer?

— Ajudo a mãe — foi a reposta, com uma expressão feroz. — Destruo a companhia que matou Marianne.

Kate foi transportada para a enfermaria de emergência de um hospital particular do centro da cidade pertencente à Kruger-Brent, Ltd., onde recebeu quatro transfusões de sangue durante a operação para extrair as balas.

Foram necessários três enfermeiros para arrastar Tony até à ambulância, e só depois de o dr. Harley lhe dar uma injeção principiou a acalmar um pouco.

No dia em que o médico visitou Kate pela primeira vez, ela apressou-se a perguntar num murmúrio: — Onde está o meu filho?

— Cuidamos dele. Não se preocupe. Na realidade, Tony fora levado para um sanatório particular em Connecticut.

— Por que tentou matar-me?

— Atribui-lhe a culpa da morte de Marianne.

— Mas isso é uma loucura!

O dr. Harley não comentou esta afirmação.

"Atribui-lhe a culpa da morte de Marianne."

Muito depois de ele se haver retirado, Kate continuava empenhada em rejeitar estas palavras.

Estimava a nora, porque tornara o filho feliz. "Tudo o que fiz foi por ti, Tony. Todos os meus sonhos tinham-te por alvo. Como é possível que não o soubesses?"

Não obstante, odiava-a tanto que tentara matá-la. Assolava-a uma angústia tão profunda que desejava morrer. Mas não sucumbiria. Procedera como devia. Os

outros laboravam num erro. Tony era um fraco. Todos o tinham sido. O pai fora demasiado fraco para enfrentar a morte do filho e a mãe para, só, fazer face à vida. “Eu não o sou. Posso enfrentar isto e resistir. Viverei. Sobreviverei. A companhia há-de sobreviver.”

LIVRO CINCO

Eva e Alexandra

1950-1975

23

Kate convalescia em Dark Harbor, permitindo que o sol e o ar do mar a curassem. Tony encontrava-se numa clínica de alienados particular, onde podia receber os melhores cuidados possíveis.Ela mandara chamar psiquiatras de Paris, Viena e Berlim, mas todos os diagnósticos indicavam a mesma conclusão: o filho era um esquizofrénico e paranóico homicida.

— Não reage às drogas ou ao tratamento psiquiátrico e é violento. Temos de o conservar isolado.

— De que modo? — perguntou Kate.

— Mantemo-lo numa cela almofadada. A maior parte do tempo, vemo-nos obrigados a vestir-lhe a camisa-de-forças.

— É indispensável?

— Sem ela, mataria todas as pessoas ao seu alcance. Fechou os olhos, com uma expressão de dor. Não era do seu dócil e afável Tony que falavam. Tratava-se de um estranho, um possesso. Por fim, descerrou as pálpebras e murmurou: — Não se pode fazer nada?

— Sem estabelecermos contato com a mente, não. Administramos-lhe drogas, mas quando o efeito se atenua, torna a enfurecer-se. Não podemos manter o tratamento indefinidamente.

— Que sugere?

— Em casos similares, verificámos que a remoção de uma pequena porção do cérebro produziu resultados notáveis.

— Uma lobotomia?

— Exato. Seu filho continuaria a funcionar em todos os aspectos, com a diferença de que não voltariam a registrar-se manifestações de violência.

Kate conservou-se silenciosa por longos momentos, ponderando a situação, que ainda se lhe afigurava incrível. Por último, o dr. Morris, um jovem interno da Clínica Menninger, volveu: — Compreendo como a decisão lhe deve ser difícil, Mrs. Blackwell. Se deseja refletir uns dias...

— Se é a única coisa que porá termo ao seu tormento, tem a minha autorização — declarou ela com firmeza.

Frederick Hoffmann desejava ficar com as netas e levá-las para a Alemanha. Ao observá-lo, Kate tinha a impressão de que envelhecera vinte anos desde a morte da filha e compadecia-se dele, mas não estava disposta a abdicar das gême as de Tony.

— Precisam das atenções de uma mulher. Marianne gostaria que se criassem aqui. Pode vir vê-las sempre que queira.

E ele acabou por se deixar convencer.

As gêmeas foram transferidas para a residência de Kate, a qual entrevistou várias preceptoras, até que admitiu uma jovem francesa chamada Solange Dunas.

A que nascera primeiro recebeu o nome de Eva e, a outra, Alexandra.

Eram idênticas, impossíveis de distinguir. Quem as via juntas ficava com a impressão de que tinha na sua frente uma imagem num espelho, e Kate maravilhava-se com o duplo milagre criado pelo filho e Marianne. Apesar de vivas e possuidoras de reflexos rápidos, transcorridas poucas semanas Eva principiou a revelar-se mais madura do que a irmã. Foi a primeira a gatinhar, a falar e a andar, conquanto Alexandra não tardasse a seguir-lhe o exemplo. Esta última adorava-a e tentava imitá-la em tudo. Kate passava com elas tanto tempo quanto as ocupações lhe permitiam. Faziam-na sentir-se mais jovem e em breve recomeçou a sonhar. “Um dia, quando for velha e decidir afastar-me dos negócios...” No primeiro aniversário das netas, promoveu uma festa. Mandou confeccionar dois bolos idênticos e houve dezenas de prendas de amigos, empregados da companhia e pessoal doméstico. O segundo pareceu seguir-se quase imediatamente.

Kate tinha dificuldade em acreditar que o tempo passava tão depressa e as gême as cresciam com tanta rapidez. Ao mesmo tempo, começava a distinguir claramente as diferenças nas suas personalidades. Eva, a mais forte, revelava maior arrojo, enquanto Alexandra, mais recatada, se contentava em acompanhar as iniciativas da irmã. “Sem mãe nem pai, é extraordinário que se estimem tanto”, pensava Kate com frequência.

Na véspera do seu quinto aniversário, Eva tentou assassinar Alexandra.

Está escrito no Génese 25, 22-23: “E as crianças labutaram juntas com ela... E o Senhor disse-lhe: Duas (nações) estão no ventre, e duas maneiras de povos serão separadas das tuas entranhas; e um (povo) será mais forte que o outro (povo); e o mais velho servirá o mais jovem.” No caso de Eva e Alexandra, porém, a primeira não tinha a mínima intenção de servir a irmã mais nova.

Na verdade, odiava-a desde que se conhecia e enfurecia-se em silêncio, quando alguém pegava em Alexandra, a acariciava ou lhe oferecia um presente.

Afigurava-se-lhe que era ludibriada. Queria tudo para si — o afeto e as coisas

bonitas que as rodeavam. Não podia sequer ter um aniversário só dela. Detestava a irmã porque se parecia com ela, vestia da mesma maneira e absorvia a parte da estima da avó que lhe pertencia.

Alexandra adorava-a e Eva desprezava-a por isso. O que tinha era apenas dela, mas resultava insuficiente. À noite, sob as vistas de Solange Dunas, as duas garotas pronunciavam as suas orações juntas, mas Eva acrescentava sempre uma prece silenciosa para que Deus fulminasse Alexandra. No entanto, à medida que o tempo passava sem que fosse escutada, decidiu que devia agir por suas próprias mãos. O quinto aniversário achava-se próximo e custava-lhe aceitar a ideia de que o compartilhariam, mais uma vez.

Impunha-se que matasse Alexandra, e sem demora.

Na véspera do aniversário, Eva encontrava-se deitada, mas bem acordada, e, quando se certificou de que todos dormiam, acercou-se da cama da irmã e despertou-a.

— Vamos à cozinha ver os bolos para amanhã.

— Está toda a gente a dormir — argumentou Alexandra, esfregando os olhos.

— Não acordamos ninguém.

— Mademoiselle Dunas é capaz de não gostar. Porque não os vemos antes de manhã?

— Porque quero que seja agora. Vens ou não? Tentou afastar o sono, refletindo que, embora não desejasse vê-los, convinha não contrariar Eva.

— Está bem — assentiu, por fim.

Saltou da cama, enfiou o roupão de nylon, igual ao da irmã, e calçou as pantufas.

— Não faças barulho — recomendou Eva, encaminhando-se para a porta.

Atravessaram o longo corredor, desceram a escada e entraram na ampla cozinha, que continha dois enormes fogões de gás, seis fogareiros elétricos, três frigoríficos e uma arca congeladora. Eva descobriu num dos frigoríficos os bolos de aniversário confeccionados pela cozinheira, Mrs. Tyler. Num deles, lia-se Parabéns, Alexandra e no outro Parabéns Eva. “Para o ano, só haverá um”, pensou esta.

Em seguida, pegou no da irmã e colocou-o sobre o tampo de mármore da mesa, após o que abriu uma gaveta e extraiu uma embalagem de velas coloridas.

— Que vais fazer? — quis saber Alexandra. — Quero ver como fica com as velas acesas — murmurou Eva, começando a dispô— las no bolo.

— Ainda dás cabo dele e Mrs. Tyler fica fula. — Não se importa — abriu outra gaveta e puxou de duas caixas de fósforos de cozinha. — Ajuda-me. — Quero voltar para a cama.

— Então, volta, gata medrosa. Desenrasco-me sozinha.

— Que queres que faça? — perguntou Alexandra, depois de breve hesitação.

— Vai acendendo as velas — indicou a irmã, passando-lhe uma das caixas.

Alexandra tinha medo do fogo, em resultado das advertências da preceptora sobre os perigos de brincar com fósforos. Aliás, ambas conheciam as histórias horríveis que circulavam acerca das crianças que infringiam essa regra. Todavia, Alexandra não queria desapontar a irmã, pelo que principiou obedientemente a acender as velas.

Eva observou-a por um momento e disse: — Esqueces as do outro lado, pateta.

Alexandra inclinou-se para a frente, a fim de chegar lá, de costas para a outra, que se apressou a acender um fósforo, aproximando-o da caixa que tinha na mão. No instante em que esta irrompeu em chamas, largou-a aos pés de Alexandra e a ponta do roupão começou a arder.

Escoaram-se uns segundos, primeiro que Alexandra se apercebesse do que acontecia, e, ao experimentar a sensação de queimadura, soltou um grito de dor.

Eva contemplou o roupão em chamas por um momento, impressionada com a extensão do seu êxito, e acabou por exclamar: — Não te mexas, que vou buscar um balde de água! E precipitou-se para a copa, o coração inundado de alegria.

Foi uma película de terror que salvou a vida a Alexandra. Mrs. Tyler fora ao cinema com um sargento da Polícia, cuja cama compartilhava de vez em quando, mas o écran achava-se sulcado de tantos cadáveres e corpos mutilados, que não conseguiu suportar o suplício até ao fim e desabafou: — Isto talvez sejam ossos do ofício para ti, Richard, mas já não aguento mais.

O sargento seguiu-a com relutância em direção à saída e chegaram à mansão Blackwell uma hora mais cedo. No instante em que abriu a porta, a cozinheira ouviu os gritos de Alexandra e correram ambos para a cozinha. Após breves segundos de hesitação para abarcar a cena, ele arrancou o roupão do corpo da garota e verificou que apresentava queimaduras nas pernas e nas coxas, mas as chamas não haviam atingido os cabelos ou qualquer área vital. Não obstante, ela caiu, inconsciente.

— Chama uma ambulância — disse o sargento. — Mrs. Blackwell está em casa?

— Suponho que sim. — Vai preveni-la.

Quando Mrs. Tyler pousava o telefone, depois de chamar a ambulância, soou um grito na copa e Eva surgiu com um balde na mão, chorando convulsivamente.

— Alexandra morreu? — balbuciou. — Está morta?

— Não, minha filha, salvou-se — e a cozinheira tomou-a nos braços, para a serenar. — Há-de ficar boa.

— A culpa foi minha! Ela quis acender as velas do bolo de aniversário, mas eu não a devia ter deixado.

— Não se preocupe — murmurou, acariciando-lhe a cabeça. — Tudo se há-de compor.

— Os fósforos caíram-me da mão e o roupão dela começou a arder.

— Pobre criança — articulou o sargento, olhando Eva com uma expressão de pesar.

— Tem queimaduras de segundo e terceiro graus, nas pernas e na parte inferior das costas — informou o dr. Harley. — No entanto, ficará como nova, embora pudesse registrar-se uma tragédia.

— Acredito — aquiesceu Kate, horrorizada com o aspecto do corpo da neta. Após uns segundos de hesitação, acrescentou: — Mas ainda estou mais preocupada com Eva. — Também foi atingida?

— Fisicamente não, mas atribui-se a culpa do acidente. Tem pesadelos medonhos.

Nas últimas três noites, precisei de a conservar nos braços para que voltasse a adormecer. Não quero que isto se torne mais traumático. É uma garota muito sensível. — As crianças recompõem-se depressa de tudo. Se surgir algum problema, previna-me, para que lhe recomende um pediatra.

— Obrigada — murmurou Kate, pensativamente.

Eva sentia-se profundamente indignada, pois a festa de aniversário fora cancelada. “Alexandra privou-me deste prazer”, refletiu com amargura. A irmã restabeleceu-se com prontidão e as marcas das queimaduras acabaram por desaparecer. Por seu turno, Eva libertou-se da remota sensação de culpa com notável facilidade. Aliás, Kate assegurava-lhe com frequência: “Um acidente pode acontecer a qualquer pessoa. Não te consideres culpada”.

Na realidade, a garota atribuía a culpa a Mrs. Tyler. Porque regressara mais cedo do cinema, para estragar tudo? No fundo, tratava-se de um plano perfeito. A clínica em que Tony se encontrava situava-se numa tranquila área arborizada de Connecticut e Kate visitava-o uma vez por mês. A lobotomia fora coroada de êxito, originando o desaparecimento da agressividade. Ele reconhecia a mãe e perguntava sempre polidamente por Eva e Alexandra, sem todavia manifestar o menor interesse em vê-las. Aliás, deixava transparecer escasso interesse por coisa alguma, conquanto parecesse feliz. “Feliz, não satisfeito”, cogitava Kate.

“Mas satisfeito com quê?” Numa das visitas, procurou o diretor da clínica, antes de sair, e perguntou: — Meu filho não faz nada em todo o dia? — Entretém-se a pintar.

Tony, que podia ter possuído virtualmente o mundo, passava os dias a pintar! Esforçando-se por dissimular a desolação que a percorria, insistiu: — O quê?

— Ninguém consegue compreendê-lo.

Durante os dois anos seguintes, Kate preocupou-se seriamente com Alexandra.

Não restavam dúvidas de que a garota revelava marcada tendência para os acidentes. Nas férias de Verão passadas na propriedade das Baamas, quase pereceu afogada, quando brincava com a irmã na piscina, valendo-lhe a intervenção oportuna de um jardineiro. No ano imediato, quando efetuavam um piquenique numa área acidentada, Alexandra resvalou à beira de uma ravina e conseguiu salvar-se porque teve a presença de espírito de se agarrar a uns arbustos que se destacavam do declive.

— Deves vigiar melhor tua irmã — indicou Kate a Eva. — Parece incapaz de tomar conta dela, como tu.

— Pois é — assentiu a interpelada, com uma expressão grave. — Não a perderei de vista.

Kate estimava ambas as netas, mas de maneiras diferentes. Contavam agora sete anos e eram igualmente bonitas, com cabelos louros compridos, semblantes exóticos e olhos dos McGregor. Apesar de idênticas, possuíam personalidades muito distintas. Para Kate, a afabilidade de Alexandra recordava-lhe Tony, enquanto Eva se parecia mais com ela, em determinação e auto-suficiência.

Um motorista conduzia-as ao colégio no Rolls Royce da família, e Alexandra sentia-se embaraçada por as colegas a verem rodeada de semelhante aparato, ao passo que a irmã ficava encantada. Kate dava, a cada uma, sua mesada, com a recomendação de que mantivessem um registro de como a despendiam. Eva costumava ficar sem dinheiro no final da primeira quinzena e pedia emprestado a Alexandra, conseguindo depois falsear os dados inscritos no livro, para que a avó não se apercebesse. Contudo, Kate descobria a artimanha e esboçava um sorriso. Com apenas sete anos de idade e já se revelava uma contabilista criativa! Ao princípio acalentara o sonho secreto de que Tony acabasse por se recompor e regressar à Kruger-Brent, mas à medida que o tempo se escoava, as esperanças dissipavam-se. Foi informada de que, embora ele pudesse ausentar-se da clínica para breves visitas ao lar materno, acompanhado por um enfermeiro, jamais conseguiria voltar a participar nas atividades do mundo exterior.

Decorria o ano de 1962 e a companhia continuava a prosperar e a expandir-se, pelo que as exigências de uma direção nova se avolumavam. Kate acabava de celebrar o septuagésimo aniversário.

Tinha agora os cabelos completamente brancos, mas conservava um porte ereto e firme, pleno de vitalidade. No entanto, sabia que a ação inexorável do tempo terminaria por a dominar e achava-se preparada para enfrentar esse dia. Impunha-se que a Kruger-Brent fosse preservada para a família. Brad Rogers,

embora um gerente de excelente qualidade, não era um Blackwell. “Tenho de resistir até que as gême as possam ocupar o meu lugar.” E Kate evocava as derradeiras palavras de Cecil Rhodes: “Tão pouco feito e tanto para fazer!” As duas irmãs completaram doze anos, no limiar da adolescência. A avó, que lhes consagrara todo o tempo humanamente possível, redobrava de esforços para as acompanhar de perto.

Aproximava-se o momento de tomar uma decisão importante.

24

Durante a semana da Páscoa, ela e as netas seguiram para Dark Harbor num avião da companhia. As gême as haviam visitado todas as propriedades da família, à excepção da de Joanesburgo, e, de entre todas, Cedar Hill era a sua favorita. Apreciavam em particular a liberdade de movimentos e o isolamento da ilha, juntamente com as oportunidades para nadar e praticar esqui aquático. Eva perguntou se podia levar umas colegas, como acontecera no passado, mas desta vez Kate não concordou. A avó, aquela figura poderosa e imponente, desejava achar-se a sós com elas. As duas irmãs pressentiam que se iria passar algo de diferente.

Entretanto, Eva e Alexandra continuavam surpreendentemente parecidas, duas beldades de cabelos dourados; contudo, Kate sentia-se menos interessada nas suas similaridades que nas diferenças. Sentada no terraço, observando-as no final de uma partida de ténis, analisava-as mentalmente. Eva era a chefe e Alexandra a seguidora. A primeira possuía um temperamento voluntarioso, enquanto a segunda se revelava flexível. Uma podia considerar-se atleta natural, ao passo que a outra continuava a sofrer acidentes. Poucos dias antes, por exemplo, quando se encontravam num pequeno barco à vela, com Kate ao leme, levantara-se um golpe de vento súbito e Alexandra fora projetada no mar, escapando de perecer afogada por um triz. A tripulação de uma embarcação que se achava nas proximidades auxiliara Eva a salvar a irmã. Kate perguntava a si própria se tudo aquilo teria alguma relação com o fato de Alexandra haver nascido três minutos depois de Eva, mas as razões careciam de importância. A decisão fora tomada. Já não lhe subsistia a mínima dúvida no espírito. Apostava o seu dinheiro em Eva e tratava-se de uma aposta de dez biliões de dólares.

Encontraria o marido apropriado para ela e, na altura devida, ascenderia à direção suprema da Kruger-Brent. Quanto a Alexandra, teria uma vida de abundância e conforto e poderia gerir alguns dos estabelecimentos de caridade que Kate fundara. O primeiro passo para que o plano de Kate arrancasse consistia em providenciar para que Eva frequentasse o colégio conveniente. —

As minhas netas são ambas encantadoras, mas descobrirá que Eva possui mais inteligência. Posso mesmo afirmar que se trata de uma rapariga extraordinária e espero que possa apurar as suas faculdades devidamente neste estabelecimento. — Todas as nossas alunas dispõem de meios apropriados para se aperfeiçoar.

Referiu-se apenas a Eva. E a irmã? — Alexandra? É uma moça bonita — e a apreciação parecia pejorativa, nos lábios dela. — Inteirar-me-ei dos seus progressos com regularidade. E a diretora ficou com a impressão de que estas palavras constituíam uma advertência.

As duas gême as adoravam o colégio, em particular Eva, que apreciava a liberdade de se encontrar longe de casa e não ter de prestar contas dos seus atos à avó e a Solange Dunas. O regulamento em Briarcrest era rigoroso, mas isso não a apoquentava, pois estava habituada a furtar-se às regras. A única coisa que a preocupava era a presença de Alexandra, e chegara a rogar à avó que a matriculasse apenas a ela, mas deparara-se-lhe uma negativa firme e irrevogável. Manifestava sempre prontidão em acatar as disposições dela, pois sabia onde se situava o poder. O pai era um louco, internado numa clínica, e a mãe morrera. Por conseguinte, o controlo do dinheiro encontrava-se nas mãos da avó. Eva sabia que a família dispunha de larga fortuna e, conquanto ignorasse o quantitativo exato, ou mesmo aproximado, compreendia que bastava para lhe proporcionar tudo o que ambicionava. Subsistia unicamente um problema: Alexandra.

Uma das atividades favoritas das gême as em Briarcrest consistia na aula matinal de equitação. A maior parte das raparigas possuíam calção de montar, e Kate não descurara esse pormenor quando lhes fornecera o equipamento para o colégio. O instrutor, Jerome Davis, observava as evoluções das suas pupilas, e reconhecia que uma das novas, Eva Blackwell, reunia as condições para se tornar perita na matéria. Não necessitava pensar no que fazia, na maneira de pegar nas rédeas ou na posição a adotar na sela. Ela e a montada constituíam um bloco único admirável de contemplar.

Por seu turno, o moço de estrebaria, Tommy, inclinava-se para Alexandra. Naquela manhã, Davis aguardava que ela iniciasse a sua atuação, e via-a selar o cavalo. Sabia que se tratava de Alexandra e não da irmã, porque usavam fitas de cores diferentes na manga da blusa. Em dado momento, Eva acudiu para a auxiliar, enquanto Tommy se ocupava com outra aluna e o instrutor era chamado ao edifício principal do colégio, a fim de atender um telefonema.

O que aconteceu a seguir revestiu-se de grande confusão. Segundo Davis conseguiu apurar mais tarde, em face das versões escutadas das testemunhas, Alexandra subiu para a montada, descreveu uma volta no picadeiro e partiu em direção ao primeiro obstáculo. Todavia, o cavalo estacou imediatamente e

principiou a erguer-se nas patas anteriores, atirando-a contra a parede. A rapariga perdeu os sentidos e foi por escassos centímetros que os cascos do animal excitado não lhe atingiram o rosto. Tommy apressou-se a transportá-la à enfermaria, onde o médico diagnosticou uma simples concussão.

— Não há nada partido, nem grave — declarou. — Amanhã, estará capaz de outra.. — Mas podia ter morrido! — exclamou Eva, a qual se recusava a sair de junto da irmã, numa manifestação de devoção como Mrs.

Chandler, a diretora, nunca observara. Quando finalmente Davis conseguiu serenar o cavalo e retirar-lhe a sela, descobriu a manta manchada de sangue. Ergueu-a e deparou-se-lhe um fragmento de lata de cerveja que emergia do dorso, onde fora comprimido pela sela.

Apressou-se a comunicar o fato a Mrs. Chandler, que mandou promover um inquérito, em resultado do qual foram interrogadas todas as raparigas que se encontravam nas proximidades do estábulo.

— Estou certa de que a culpada pensou que se tratava de uma brincadeira inofensiva, mas podia ter consequências funestas — declarou com firmeza. — Quero conhecer o nome da responsável. Em face da inutilidade da advertência, interrogou-as individualmente no seu gabinete, mas todas afirmaram ignorância absoluta do assunto.

Todavia, quando foi a vez de Eva, mostrou-se curiosamente embaraçada.

— Tens alguma suspeita de quem fez aquilo à tua irmã?

— Prefiro não dizer — murmurou, com os olhos fixos na carpeta. — Então, viste alguma coisa!

— Por favor, Mrs. Chandler... — Alexandra podia ter sofrido ferimentos graves. A autora da brincadeira, chamemos-lhe assim, deve ser castigada, para que o incidente não se repita.

— Não foi nenhuma das minhas colegas.

— Que queres dizer?

— Foi Tommy.

— O moço?

— Sim. Eu vi-o e, na altura, pensei que apertava a cilha. Mas tenho a certeza de que não o fez por mal. Alexandra costuma embirrar com ele e calculo que pretendeu dar-lhe uma lição. Mas preferia que não me obrigasse a dizer isto, Mrs. Chandler! — balbuciou a pobre moça, dominada pelo pavor. — Não quero prejudicar ninguém.

— Não te apoquentes, minha filha — e a diretora contornou a secretária, pousando o braço nos ombros da aluna. — Procedeste como devias.

Esquece o assunto. O resto é comigo.

Na manhã seguinte, quando entraram no picadeiro, as raparigas viram que o

moço fora substituído.

25

Alguns meses depois, registrou-se novo incidente desagradável. Várias alunas foram surpreendidas a fumar marijuana e uma delas acusou Eva de lhes vender a droga. Esta mostrou-se profundamente indignada, e a busca mandada efetuar por Mrs. Chandler descobriu marijuana oculta no compartimento de Alexandra, no vestiário.

— Não acredito que seja a culpada — proclamou Eva, corajosamente. — Tenho a certeza de que alguém a colocou lá. Kate recebeu um relatório do ocorrido e admirou a lealdade de Eva ao proteger a irmã. Não havia dúvida de que se tratava de uma McGregor. No décimo quinto aniversário das netas, Kate levou-as à propriedade da Carolina do Sul, onde promoveu uma festa em sua honra. Não se lhe afigurava prematuro providenciar para que Eva começasse a conviver com os jovens apropriados. Embora os rapazes convidados se achassem na idade ingrata em que ainda não se interessavam prioritariamente pelas raparigas, ela desenvolveu os esforços necessários para que se estabelecessem os contatos convenientes. Um dos presentes podia ser o homem do futuro da neta, o futuro da Kruger-Brent, Ltd. Alexandra não apreciava as festas, mas fingia sempre que se divertia, para não desapontar a avó. Na realidade, preferia a leitura e a pintura e passava horas na contemplação das telas do pai em Dark Harbor, lamentando não o ter conhecido antes de adoecer. Aparecia em casa aos domingos, acompanhado por um enfermeiro, mas ela não conseguia estabelecer comunicação. Era um estranho amável e dócil, sem nada de especial para dizer. O avô, Frederick Hoffmann, vivia na Alemanha, mas estava adoentado e as gêmeas raramente o viam. No seu segundo ano no colégio, Eva engravidou. Durante várias semanas, apresentara-se pálida e abatida, tendo faltado a algumas aulas da manhã, e quando começou a sofrer de frequentes acessos de náuseas foi enviada à enfermaria e examinada. Em resultado disso, o médico contatou imediatamente Mrs. Chandler.

— Eva está grávida.

— Mas... é impossível! Como pode ter acontecido uma coisa dessas? —

Da maneira habitual, sem dúvida — foi o comentário cáustico.

— Não passa de uma criança.

— Pois essa criança vai ser mãe.

Interrogada, a rapariga principiou por se negar a falar, alegando que não queria comprometer ninguém. — Tens de me contar o que se passou — insistiu Mrs. Chandler, enternecida com o habitual estoicismo de Eva.

Por fim, surgiu a revelação entre soluços: — Fui violada.

A diretora ficou positivamente petrificada e, após a perturbação inicial, ordenou: — Quero saber o nome dele! — Mr. Parkinson.

Era o professor de inglês.

Se a confissão proviesse de outros lábios, Mrs. Chandler não acreditaria, pois Joseph Parkinson era um homem pacato, casado, com três filhos, que leccionava em Briarcrest há oito anos e parecia a pessoa menos indicada para praticar um ato tão ignóbil. No entanto, quando o convocou ao seu gabinete, compreendeu instantaneamente que a rapariga não mentira, pois ele enfrentava-a com inequívoco nervosismo.

— Sabe porque o mandei chamar, Mr. Parkinson?

— Creio... creio que sim. — Trata-se de Eva.

— Calculava isso mesmo. — Diz que a violou.

— O quê? — ele arqueou as sobrancelhas, numa expressão de incredulidade. — Santo Deus! Se houve alguém violado, fui eu! —

Avalia a gravidade do que afirma? Esta criança...

— Não é uma criança, mas um demónio! — fez uma pausa para limpar a transpiração da fronte. — Passou todo o período sentada na primeira fila da aula, com a saia levantada. Depois das aulas, procurava-me para fazer uma infinidade de perguntas despropositadas, ao mesmo tempo que se roçava por mim. Ao princípio, não a tomei a sério, até que, numa altura em que estava só... — interrompeu-se com um gemido. —

Não o pude evitar! Em seguida, Mrs. Chandler mandou entrar Eva.

Achavam-se igualmente presentes a subdiretora e o chefe da Polícia da pequena localidade onde o colégio se situava. — Quer explicar-nos o que aconteceu? — perguntou este último, com brandura.

— Sim, senhor — ela exprimia-se com serenidade. — Mr. Parkinson disse que queria trocar impressões comigo sobre o meu ponto de inglês e sugeriu que aparecesse em sua casa, um domingo à tarde. Quando entrei, vi que estava só.

Passado pouco tempo, atraiu-me ao quarto, a pretexto de me mostrar uma coisa interessante, empurrou-me para a cama e...

— É falso! — bradou Parkinson. — Não foi assim que as coisas se passaram! A diretora mandou chamar Kate e explicou-lhe a situação, ficando decidido que, no interesse de todos, convinha manter o incidente em segredo. Parkinson foi despedido, com a determinação de abandonar o estado dentro de quarenta e oito horas. Em seguida, Eva teve um aborto discreto.

Por seu turno, Kate adquiriu a hipoteca do colégio, em poder de um banco local, e mandou executá-la.

Quando se inteirou, Eva soltou um suspiro.

— Tenho muita pena, avó. Gostava realmente do colégio.

Algumas semanas mais tarde, recuperada da operação, ela e Alexandra eram matriculadas no Instituto Fernwood, um colégio suíço nas proximidades de Lausana.

O fogo que ardia no íntimo de Eva era tão intenso que não o conseguia dominar.

Não estava apenas envolvido o sexo, mas uma fúria de viver, uma

necessidade de fazer tudo, ser tudo. Encarava a vida como um amante que pretendia possuir desesperadamente. Invejava toda a gente. Se assistia a um espetáculo de bailado, desejava encontrar-se no lugar da bailarina principal, para conquistar as aclamações da assistência.

Queria ser uma cientista, uma cantora, uma cirurgiã, uma atriz de renome. Numa palavra, ambicionava tudo neste mundo e não podia esperar para o obter. Do outro lado do vale em que se situava o Instituto Fernwood, havia um colégio militar e, quando Eva completou os dezessete anos, virtualmente todos os alunos e grande parte dos instrutores estavam envolvidos com ela. Agora, porém, tomava as precauções apropriadas, pois não lhe interessava voltar a engravidar.

Desfrutava com a prática sexual, mas não em virtude do ato em si.

Incutia-lhe um poder extraordinário, já que só cedia aos rogos dos parceiros depois de os obrigar às atitudes e, mesmo, às situações mais vexatórias. A experiência acabou por a levar a decidir que todos os homens eram imbecis.

Eva era atraente, inteligente e herdeira de uma das maiores fortunas do Globo, pelo que não surpreendia que tivesse recebido diversas propostas de casamento. No entanto, não se achava interessada. Os únicos rapazes que a atraíam eram aqueles de quem Alexandra gostava. Num baile de sábado à noite, esta última conheceu um jovem francês chamado René Mallot, inteligente e sensível, embora sem atrativos físicos especiais, com o qual simpatizou profundamente, e combinaram encontrar-se na cidade, na semana seguinte.

— Às sete — indicou ele. — Serei pontual.

No quarto que compartilhavam, Alexandra referiu-se ao rapaz na presença de Eva.

— Não é como os outros. No sábado, vamos ao teatro.

— Parece que te caiu no goto. — Acabo de o conhecer — alegou, corando.

— Em todo o caso... bem, tu compreendes...

— Confesso que não — Eva reclinou-se numa poltrona, as mãos unidas sob a nuca. — Tentou levar-te para a cama?

— Não é desses! Pelo contrário, acho-o até um pouco tímido. —

Desconfio que a minha irmãzinha está apaixonada.

— Não estou nada! Já me arrependi de te ter contado.

— Penso que fizeste muito bem — declarou com sinceridade. Quando se apresentou à entrada do teatro, no sábado seguinte, Alexandra não vislumbrou René. Depois de esperar durante mais de uma hora, consciente dos olhares de curiosidade que os transeuntes lhe lançavam, jantou num pequeno restaurante e regressou ao instituto, desolada e decepcionada. Eva não se encontrava no quarto e ela leu até à hora do recolher, após o que apagou a luz. Quando a irmã entrou, cerca das duas horas da madrugada, Alexandra comentou a meia voz: —

Começava a apoquentar-me contigo.

— Encontrei umas pessoas amigas. Como te correu o serão?

— Ele não se deu ao incômodo de aparecer. — Tens de aprender a não confiar nos homens, mana.

— Só se lhe aconteceu alguma coisa... — Que ideia! — Eva abanou a cabeça com veemência. — Deve ter-lhe surgido outra mais do seu agrado. “Não me custa a crer”, pensou Alexandra. Na realidade, não fazia a mínima ideia de como era bonita e admirável, pois vivera sempre à sombra da irmã. Adorava-a e afigurava-se-Lhe natural que toda a gente se sentisse atraída por ela. Julgava-se-lhe inferior, mas nunca lhe passara pela cabeça que Eva encorajava subtilmente essa convicção desde a infância. Houve outros encontros que não se concretizaram. Alguns rapazes dos quais Alexandra gostava pareciam reagir favoravelmente, para depois não voltarem a aparecer. Um fim-de-semana, avistou René inesperadamente numa rua de Lausana e ele aproximou-se com uma expressão ansiosa.

— Que aconteceu? Prometeste telefonar. — Eu? Não entendo...

— Não és Eva? — perguntou, subitamente perturbado. — Não, sou Alexandra.

— Desculpa, mas estou atrasado.

E afastou-se apressadamente, deixando-a petrificada, imersa em confusão. Naquela noite, quando descreveu o episódio a Eva, esta encolheu os ombros e articulou com desprendimento: — Deve estar fou.

Não perdeste nada, Alex.

Apesar da sua sensação de experiência com os homens, existia um ponto fraco no elemento masculino que ia resultando fatal para Eva.

Desde o início da Humanidade que os homens gostam de se vangloriar

das suas conquistas e os alunos do colégio militar não constituíam uma exceção, trocando impressões sobre Eva Blackwell com entusiasmo e admiração.

— Quando acabámos de nos rebolar, eu estava esgotado... — Nunca pensei possuir um corpo como aquele...

— Tem um sexo que fala...

— É uma autêntica pantera na cama!...

Como pelo menos duas dezenas de rapazes e meia dúzia de professores enalteciam os talentos libidinosos dela, o assunto não tardou a tornar-se no segredo mais guardado da região. Por fim, um dos instrutores mencionou o caso a uma professora do Instituto Fernwood, que não hesitou em informar a diretora, Mrs. Collins. Esta mandou promover um inquérito discreto, em resultado do qual Eva foi chamada à sua presença.

— No interesse da reputação do instituto, parece-me conveniente que o abandone imediatamente — foram as palavras introdutórias. Eva olhou-a, como se se achasse na presença de uma demente.

— Não compreendo. — Refiro-me ao fato de exerceres as funções de estação de serviço de metade dos alunos e instrutores do colégio militar. A outra metade deve formar bicha à espera de vez. — É uma calúnia inconcebível! — e a voz da rapariga tremia de indignação. —

Garanto-lhe que vou comunicar isto a minha avó e... — Posso poupar-te o incômodo — atalhou Mrs. Collins. — Preferia evitar embaraços ao Instituto Fernwood, mas se não partires sem provocar escândalo, enviarei a Mrs. Blackwell uma lista de nomes que me forneceram.

— Gostava de a ver! Entregou-a a Eva, sem uma palavra. Era extensa e, depois de a examinar, a rapariga verificou que faltavam pelo menos sete nomes. Por último, ergueu os olhos e afirmou com serenidade: —

Tudo indica que se trata de um conluio contra a minha família.

Alguém pretende embaraçar minha avó por meu intermédio. Portanto, para que isso não aconteça, partirei.

— É uma decisão muito sensata — aprovou a diretora, secamente. — Um carro conduzir-te-á ao aeroporto, de manhã. Entretanto, telegrafarei a tua avó, prevenindo-a do teu regresso. Podes retirar-te.

Eva moveu-se em direção à porta, e de súbito, antes de a abrir, virou-se para trás e perguntou: — E minha irmã? — Alexandra pode ficar, se quiser.

Quando recolheu ao quarto, após a última aula, Alexandra encontrou a irmã atarefada com a bagagem.

— Que estás a fazer?

— Vou para casa. — A meio do período?

— Ainda não chegaste à conclusão de que perdemos o nosso tempo aqui? Não aprendemos nada de novo. Limitamo-nos a gastar o dinheiro da avó, sem proveito.

— Não sabia que pensavas assim — balbuciou Alexandra, surpreendida.

— Ficaste a saber. E garanto-te que aguentei até agora só por tua causa, pois pareces satisfeita.

— Realmente, mas...

— Lamento, Alex, mas não aguento mais. Quero voltar para Nova Iorque, para o meio a que pertencemos.

— Falaste com Mrs. Collins? — Há momentos.

— Como reagiu?

— Como querias que reagisse? Ficou apavorada, com receio de que a minha saída provoque uma imagem indesejável ao instituto. Suplicou-me mesmo que ficasse.

— Confesso que não sei o que dizer — murmurou Alexandra, sentando-se na borda da cama.

— Não precisas de dizer nada. O assunto não é contigo. — Claro que é!

Se te sentes tão mal aqui... — interrompeu-se e assumiu uma expressão voluntariosa. — Talvez tenhas razão. Limitamo-nos a perder tempo. Para que precisamos de conjugar verbos latinos? — Exato. Ou que nos interessam as campanhas de Aníbal ou do raio do irmão Asdrúbal? — Eva fez uma pausa e sorriu dissimuladamente ao ver a irmã pegar na sua mala e abri-la em cima da cama. — Não queria pedir-te que me acompanhasses, mas alegra-me que venhas comigo. — Não me interessa ficar sem ti.

— Já agora, enquanto acabo de fazer a mala, telefona à avó e previne-a de que seguimos para casa de avião, amanhã. Diz-lhe que não suportamos isto.

Importas-te?

— De modo algum — Alexandra hesitou. — Mas desconfio de que não vai ficar contente.

— Não te preocupes com a velhota. Eu trato de a tranquilizar. Kate Blackwell tinha amigos, inimigos e associados de negócios em posições elevadas, pelo que, nos últimos meses, lhe haviam acudido aos ouvidos rumores singulares. Ao princípio, tomara-os por meras manifestações de inveja mesquinha.

Não obstante, persistiam: Eva tinha encontros de natureza inconfessável com alunos de um colégio militar na Suíça, praticara um aborto, recebera tratamento por contrair uma doença venérea...

Assim, foi com profundo alívio que se inteirou de que as netas regressavam a casa, pois tencionava aprofundar o assunto.

No dia em que as gêmeas chegaram, Kate aguardava-as em casa e levou imediatamente Eva para a saleta contígua ao seu quarto.

— Contaram-me coisas desagradáveis — principiou. — Para já, quero saber porque foram expulsas. — Não nos expulsaram — replicou a rapariga. — Decidimos vir-nos embora.

— Por causa de certos incidentes com rapazes?

— Por favor, avó — murmurou, embaraçada. — Preferia não falar nisso.

— Mas vais ter de falar. Que andaste a fazer?

— Eu, nada. Foi Alex que... — interrompeu-se e levou a mão à boca. — Continua — insistiu Kate, implacável.

— Não lho devemos levar a mal. Deve ser mais forte que ela. Gosta de fingir que é irresistível. Eu não fazia a mínima ideia do que sucedia, até que as colegas começaram a tecer comentários. Parece que se... encontrava com muitos rapazes.

— Porque não a convenceste a pôr termo a isso?

— Bem tentei, mas ela ameaçou matar-se. Oh, avó, penso que é um pouco... instável. Se aludisses ao assunto na sua frente, era capaz de cometer um disparate — e os olhos de Eva umedeceram-se de lágrimas.

— Não chores — recomendou Kate, comovida. — Não lhe direi nada. Fica tudo entre nós.

— Não queria que soubesses — soluçou a rapariga. — Sabia que te desgostava.

Mais tarde, durante o chá, Kate observou Alexandra dissimuladamente. "É bonita por fora e corrupta por dentro", pensou.

O reconhecimento do fato apavorava-a.

26

Nos dois anos seguintes, enquanto completavam os estudos num colégio americano, Eva revelou-se particularmente discreta. O alarme registrado na Suíça obrigara-a a rodear-se das maiores precauções.

Impunha-se que nada afetasse as suas relações com a avó. Aliás, a velhota não podia durar muito mais — já completara setenta e nove anos! — e ela tencionava desenvolver todos os esforços para ser a sua herdeira. Quando as gêmeas fizeram vinte e um anos, Kate levou-as a Paris e comprou-lhes guarda-roupas completos no Coco Chanel.

Numa pequena reunião no Restaurante Le Petit Bedouin, Eva e Alexandra foram apresentadas ao conde Alfred Maurier e esposa, Vivien. Ele era um homem de cinquenta e poucos anos, aspecto distinto, cabelos grisalhos e corpo disciplinado de atleta e a companheira ainda atraente, apesar da idade, com reputação firmada como anfitriã internacional. Eva não lhes teria prestado atenção especial se não se apercebesse do comentário que uma componente do grupo dirigiu à condessa. — Confesso que os invejo. São o casal mais feliz que conheço. Há quantos anos casaram? Vinte e cinco, salvo erro.

— Vinte e seis, no próximo mês — interpôs Alfred. — E talvez me possa considerar o único francês da História que nunca foi infiel à esposa.

Soou uma gargalhada geral em que Eva não participou e, durante o resto do serão, preocupou-se em observar o conde Maurier e a mulher.

Não conseguia compreender o que ele via nela. Provavelmente, nunca tivera ensejo de fazer amor como mandavam as regras do prazer supremo. Na realidade, considerava-o um desafio que a estimulava particularmente.

No dia seguinte, Eva telefonou a Maurier, que se encontrava no gabinete de trabalho. — Fala Eva Blackwell. Provavelmente nem reparou em mim, mas...

— Que ideia! É uma das atraentes netas da minha amiga, Kate.

— A sua boa memória lisonjeia-me. Desculpe incomodá-lo, mas dizem que é uma autoridade em vinhos. Ora, tenciono promover uma festa-surpresa em honra de minha avó e, embora tenha ideias bem definidas sobre a ementa, gostava que me aconselhasse acerca das bebidas. —

Com o maior prazer. Depende do que for servido, claro. Se principiar

com peixe, um Chablis pouco encorpado...

— Tenho uma memória horrível. Não nos podíamos reunir para trocar impressões? Se estiver livre para o almoço, por exemplo...

— Em atenção à velha amizade com sua avó, abro uma excepção. —

Ótimo.

Eva pousou o telefone com lentidão. Seria um almoço que o conde recordaria toda a vida.

Encontraram-se no Lasserre e a discussão respeitante aos vinhos foi breve. Ela escutou com resignação as opiniões de Maurier, até que perdeu a paciência e o interrompeu: — Amo-o, Alfred. Ele calou-se abruptamente a meio de uma frase.

— Perdão... — Estou apaixonada por si. Levou o copo aos lábios e declarou: — Excelente néctar — dando uma palmada amável na mão dela, acrescentou: —

Todos os bons amigos se devem estimar. — Não me refiro a essa espécie de afeto, Alfred.

Este fitou os olhos flamejantes de Eva e compreendeu a que espécie se referia, o que o enervou visivelmente. Ela tinha vinte e um anos e ele já ultrapassara a meia-idade e amava a esposa. Não entendia o que se passava com as moças atuais. Por fim, incapaz de descobrir as palavras apropriadas para manter as devidas distâncias, balbuciou: — Nem... nem sequer me conhece.

— Sonho consigo desde a infância. Imaginava um homem de armadura reluzente, alto, bem-parecido... — Receio que a minha armadura esteja um pouco enferrujada.

— Não troce de mim, por favor — suplicou Eva. — Quando o vi, ontem à noite, não consegui desviar mais os olhos de si. Não fui capaz de pregar olho.

— Não sei o que dizer-lhe. Sou casado, amo minha mulher e...

— Nem faz uma ideia de como a invejo! Talvez nem imagine a sorte que tem.

— Sem dúvida que imagina — e ele esboçou um sorriso amarelo, empenhado em mudar de assunto. — Lembro-lho a cada momento. —

Mas aprecia-o realmente? Compreende a sua sensibilidade? Preocupa-se com a sua felicidade?

— É uma mulher muito atraente, Eva, e um dia encontrará o seu cavaleiro de armadura reluzente... sem ferrugem.

— Já o encontrei e quero ir para a cama com ele. O conde lançou um olhar apavorado em volta, para verificar se alguém das mesas próximas ouvira.

— Por favor!

— É a única coisa que lhe peço — volveu ela, baixando a voz e inclinando-se para a frente. — A recordação perdurará até ao fim da minha vida.

— É impossível — articulou ele com firmeza. — Tem-me nessa conta?

Julga que ando por aí a engatar?...

— Conheci apenas um homem que me interessou. Estávamos para casar, quando morreu num acidente de alpinismo, a que assisti. Foi horrível.

— Lastimo profundamente.

— Parece-se tanto com ele! Quando o vi pela primeira vez, cheguei a pensar que Bill tinha ressuscitado. Se me conceder uma hora, não tornarei a importuná-lo. Por favor, Alfred! O conde olhou a interlocutora demoradamente, ponderando os prós e os contras.

No fundo, porém, era francês. Passaram toda a tarde num pequeno hotel da Rue Sainte-Anne, e ele viu-se forçado a admitir que, em toda a sua experiência pré-matrimonial, nunca fora para a cama com uma mulher como Eva. Na verdade, era um furacão, uma ninfa, um demónio. Sabia demasiado. Ao anoitecer, sentia-se totalmente exausto.

— Quando nos voltamos a ver, querido? — perguntou ela, no momento em que se vestiam.

— Eu telefono-te. Na realidade, não tencionava dar azo a que a situação se repetisse. Havia naquela rapariga algo de assustador, quase diabólico.

O assunto teria terminado aí, se não fossem vistos à saída do hotel por Alicia Vanderlake, que fizera parte de uma comissão de caridade com Kate, no ano anterior. Tratava-se de uma trepadora social e aquilo constituía uma escada fornecida pelo céu. Observara nos jornais fotografias do conde Maurier e esposa, assim como das gêmeas Blackwell. Ignorava qual das duas acabava de ver, mas o pormenor carecia de importância. Por conseguinte, consultou a agenda e marcou o número do telefone de Kate.

— Bonjour — proferiu o mordomo, do outro lado do fio. — Desejava falar com Mrs. Blackwell.

— Da parte de quem? — Alicia Vanderlake. É para um assunto de natureza

pessoal. Momentos depois, a voz de Kate vibrava no telefone.

— Estou...

— Penso que se recorda de mim, Mrs. Blackwell. Participámos numa comissão, o ano passado, e... — Se é para um donativo, contate com o meu...

— Não se trata disso. Diz respeito a sua neta.

— Sim? — articulou, na expectativa.

— Considero meu dever revelar-lhe que acabo de a ver sair de um hotel com o conde Alfred Maurier. O motivo por que o visitaram, parece-me óbvio. — Custa-me a crer — afirmou em tom glacial. — A qual das minhas netas se refere?

— Bem... não sei — Alicia Vanderlake soltou uma risada de nervosismo.

— Não sou capaz de as distinguir.

— Obrigada pela informação — e Kate cortou a ligação. Conservou-se imóvel por um momento, assimilando o que acabava de escutar.

Conhecia Maurier de longa data e a acusação de Alicia Vanderlake afigurava-se-lhe em discordância absoluta com o seu caráter, impensável mesmo. Não obstante, os homens deixavam-se impressionar. Se Alexandra lhe preparara uma armadilha...

Por fim, voltou a pegar no telefone e indicou à telefonista: — Quero falar para o Instituto Fernwood, em Lausana, Suíça.

Quando regressou a casa, naquela tarde, Eva sentia-se dominada por intensa satisfação. Não por ter experimentado prazer especial com o conde Maurier, mas em virtude da vitória sobre ele. “Se o conquistei com tanta facilidade, posso repetir a proeza com qualquer homem.

Posso até dominar o mundo.” Em seguida, entrou na biblioteca, onde se lhe deparou Kate.

— Olá, avó. Tiveste um bom dia? — Nem por isso — foi a resposta seca. —

E tu? — Fui comprar umas coisas, mas...

— Fecha a porta e senta-te. O tom que ouviu indicou a Eva que se devia preparar para uma situação delicada.

No entanto, esforçou-se por deixar transparecer serenidade, quando indagou: — Há alguma novidade?

— É o que espero escutar da tua boca. Pensei em convidar Alfred Maurier para assistir a esta conversa, mas decidi poupar-nos a humilhação.

O cérebro da rapariga começou a rodopiar, ao mesmo tempo que refletia: “É impossível! Ninguém está ao corrente do meu encontro com ele.” — Não... não compreendo o que queres dizer.

— Nesse caso, permite-me que te elucide sem rodeios. Estiveste na cama com ele, esta tarde.

— Esperava que não descobrisse o que me fez, porque é teu amigo — as lágrimas assomaram com prontidão. — Foi horrível. Convidou-me para almoçar, embriagou-me e...

— Cala-te! — a voz de Kate possuía a inflexão cortante de um chicote. — És desprezível.

Conhecera a hora mais pungente da sua vida ao abarcar a verdade acerca da neta. Ainda conservava bem nítidas no espírito as palavras da diretora do colégio suíço: “Sabemos o que é a juventude, Mrs. Blackwell, e se uma das raparigas tem uma ligação secreta, não me imiscuo. Mas Eva revelava-se tão promíscua, que, no interesse da reputação deste estabelecimento...” E Eva atribuíra a culpa a Alexandra. Em seguida, Kate começou a evocar os acidentes. O roupão em chamas, que quase provocara a morte de Alexandra. A queda desta na ravina. O incidente na embarcação à vela, que estivera prestes a terminar no afogamento. Recordou a descrição dos pormenores da “violação” de Eva pelo professor de inglês: “Mr.

Parkinson disse que queria trocar impressões comigo sobre o meu ponto de inglês e sugeriu que aparecesse em sua casa, um domingo à tarde. Quando entrei, vi que estava só. Passado pouco tempo, atraiu-me ao quarto, a pretexto de me mostrar uma coisa interessante, empurrou-me para a cama e...” Houve igualmente o caso de marijuana em Briarcrest, cuja responsabilidade Eva atribuíra à irmã, simulando defendê-la. Era essa a sua técnica: ser a vilã e apresentar-se como heroína. Inteligência não lhe faltava, sem dúvida. Agora, Kate estudava o monstro de rosto de anjo na sua frente. “Construí todos os meus planos para o futuro à tua volta. Serias tu que um dia dirigirias a Kruger-Brent.”

Com um suspiro de pesar, anunciou pausadamente: — Quero que saias desta casa. Espero jamais voltar a pôr-te a vista em cima — fez uma pausa, enquanto Eva adquiria uma lividez cadavérica. — És uma prostituta, mas suponho que poderia fechar os olhos a isso. Infelizmente, és também falsa, ardilosa e uma mentirosa psicopata, o que de modo algum desejo tolerar.

Os acontecimentos desenrolavam-se com demasiada rapidez, e a rapariga ainda tentou estender a mão para uma tábua de salvação: — Se Alexandra te mentiu a meu respeito...

— Ela não sabe de nada. Limitei-me a ter uma longa conversa com Mrs. Collins. — Foi só isso? — tentou incutir um tom de alívio à voz.

— Detesta-me, porque...

— Não percas tempo — murmurou Kate, que parecia repentinamente fatigada. — Terminou tudo. Já mandei chamar o meu advogado. Vou deserdar-te.

— Não é possível! — Eva sentiu o seu mundo desmoronar-se. — De que viverei?

— Receberás uma pequena mesada. Doravante, viverás a tua própria vida. Podes dar-lhe o rumo que entenderes. No entanto, presta atenção ao seguinte — e Kate reassumiu a inflexão autoritária. — Se me chegar aos ouvidos ou ler uma palavra de escândalo a teu respeito ou manchares o nome dos Blackwell de algum modo, ficarás sem um cêntimo. Entendido? A rapariga viu a expressão firme da avó e compreendeu que desta vez não havia saída possível. Acudiram-lhe aos lábios várias explicações, mas não passaram daí.

— Talvez te interesse saber — acrescentou Kate, agora em voz trémula —, mas é a decisão mais penosa que tive de tomar em toda a vida.

E afastou-se em passos firmes e cabeça bem erguida. Kate permanecia sentada no quarto às escuras, tentando determinar o motivo por que tudo correra mal.

Se David não morresse no acidente na mina e Tony tivesse conhecido o pai...

Se Tony não quisesse ser um artista...

Se Marianne tivesse vivido... “Se. Uma palavra de duas letras, símbolo de futilidade.” O futuro era barro, a ser moldado dia a dia, mas o passado consistia em rocha granítica, imutável. “Todos os que amava me traíram. Tony. Marianne. Eva. Sartre tinha razão: “O inferno são os outros”.” Ao mesmo tempo, perguntava-se quando se extinguiria a dor.

27

Se Kate era assolada pela dor, Eva não conseguia dominar a fúria.

Limitara-se a estar na cama por umas horas com um homem, e a avó agira como se tivesse praticado um crime hediondo. “A cadela antiquada!” Antiquada, não. Senil. Isso mesmo. Estava senil. Havia de recorrer a um bom advogado, para que o novo testamento fosse contestado nos tribunais. O pai e a mãe não possuíam o funcionamento normal das faculdades mentais. Ninguém a deserdaria. A Kruger-Brent era a sua companhia. Aliás, a avó repetira numerosas vezes que um dia lhe pertenceria. E Alexandra! Consagrara todos aqueles anos a manobras para a caluniar e desacreditar definitivamente. Ambicionava a companhia para ela e, por ironia e crueldade do destino, tudo indicava que a irmã a conseguiria. O que acontecera naquela tarde era horrível, mas a ideia de a irmã dirigir um império quase incomensurável era-lhe insuportável. “Não posso consentir que isso aconteça. Descobrirei uma maneira de o impedir!” Por fim, parou de fazer a mala e foi procurá-la.

Alexandra encontrava-se no jardim, com um livro na mão, e ergueu os olhos quando ouviu Eva aproximar-se.

— Resolvi voltar para Nova Iorque, Alex. — Já? A avó projeta um cruzeiro à costa da Dalmácia, na próxima semana.

— Quero lá saber disso! Refleti maduramente e cheguei à conclusão de que é a altura de possuir um apartamento só meu — Eva exibiu um sorriso. — Procurarei um a meu gosto e, se te portares bem, deixo-te visitar-me, uma vez por outra.

"É este o tom exato", pensou. "Cordial, mas não aduladora, para que não desconfie de nada..." Entretanto, Alexandra observava-a com apreensão crescente. — A avó já sabe?

— Disse-lhe esta tarde. Ficou desolada, claro, mas compreende. Eu queria arranjar um emprego, mas insistiu em conceder-me uma mesada. — Queres que vá contigo? "A descarada cadela de duas caras!"

Primeiro, obrigava-a a sair de casa e agora fingia que desejava acompanhá-la. "Ninguém se livra de mim com essa facilidade.

Verão como elas mordem!" Encontraria um apartamento satisfatório (procuraria um decorador fabuloso para lho arranjar) e disporia de inteira liberdade de movimentos. Poderia convidar homens a passar a noite com ela. Seria verdadeiramente livre pela primeira vez na vida.

A perspectiva era a todos os títulos inebriante.

Todavia, replicou: — Agradeço a atenção, Alex, mas quero estar só por uma temporada.

Alexandra continuava a olhá-la com ar desolado. Seria a primeira vez que se separariam. — Havemos de nos ver com frequência, hem?

— Sem dúvida — prometeu Eva. — Muito mais do que imaginas.

Quando regressou a Nova Iorque, Eva alojou-se num hotel do centro da cidade, em conformidade com as instruções recebidas. Uma hora mais tarde, Brad Rogers telefonava-lhe.

— Sua avó contatou comigo de Paris. Parece que houve qualquer problema entre as duas.

— Nada de importância — e ela soltou uma gargalhada. — Uma pequena divergência familiar.

Preparava-se para apresentar uma defesa pormenorizada, mas apercebeu-se a tempo do perigo existente em algo do gênero. A partir de agora, necessitava de usar da maior prudência. Nunca tivera de se preocupar com o dinheiro. Achava-o sempre disponível. De futuro, precisava de o conservar bem presente no pensamento. Não fazia a mínima ideia do quantitativo da mesada e, pela primeira vez na vida, invadia-a um temor irresistível. — Explicou-lhe que vai redigir novo testamento? — perguntou Brad.

— Sim, acho que tocou no assunto. — Parece-me preferível trocarmos impressões pessoalmente. Segunda-feira às três da tarde, está bem?

— Sem dúvida. — No meu gabinete.

— Não faltarei. Eva entrou no edifício da Kruger-Brent, Ltd., às 15.55 e foi saudada com deferência pelo guarda de segurança, o porteiro e o ascensorista. “Todos me conhecem”, pensou. “Sou uma Blackwell.” O elevador conduziu-a ao piso da administração e, momentos depois, encontrava-se sentada no gabinete de Brad Rogers. Este ficara surpreendido, quando Kate lhe telefonara para comunicar que ia deserdar Eva, pois sabia que ela manifestava predileção especial pela neta e a incluía em planos de grande envergadura. Não fazia a mínima ideia do motivo e, no fundo, admitia que não era de sua conta. Se Kate quisesse revelar-lho mais tarde, muito bem. Para já, o seu dever consistia em cumprir as ordens dela. Sentiu compaixão momentânea pela atraente jovem na sua frente. A avó não era muito mais velha quando ele a vira pela primeira vez. E o mesmo se passava consigo próprio. Agora, convertera-se num velho de cabelos grisalhos, ainda esperançado em que Kate reconhecesse que alguém a amava profundamente. — Tenho aqui uns documentos para você assinar — informou. — Leia-os primeiro e...

— Não é necessário.— Tem de compreender a situação. Segundo o testamento de sua avó, é beneficiária de um fundo calculado em mais de cinco milhões de dólares, de que ela é a executora. Por sua determinação, o dinheiro pode ser-lhe entregue em qualquer altura entre os vinte e um e os trinta e cinco anos de idade — aclarou a voz. —

Decidiu fazê-lo aos trinta e cinco. A partir de hoje, receberá duzentos e cinquenta dólares semanais.

Era impossível, uma autêntica bofetada sem mão! Um vestido decente custava mais do que isso. Nunca conseguiria manter-se com semelhante quantia. Aquele bastardo devia achar-se de conivência com a chanfrada da avó e desfrutava intimamente, refastelado atrás da secretária. Eva sentia o desejo quase irreprimível de pegar no pesa-papéis de bronze e utilizá-lo para lhe esmagar o crânio.

Entretanto, Brad prosseguia: — Não disporá de qualquer espécie de crédito no comércio, nem deverá mencionar o nome Blackwell para o obter. Tudo o que adquirir será pago com dinheiro à vista.

O pesadelo tornava-se cada vez mais tenebroso. — Se houver alguma notícia desagradável nos jornais ligada ao seu nome, a mesada será suspensa. Entendeu?

— Sim — foi a resposta, num murmúrio quase inaudível. — Você e sua irmã Alexandra eram beneficiárias de um seguro de vida de vossa avó no valor de cinco milhões de dólares cada uma. A apólice em seu nome foi cancelada esta manhã. Decorrido um ano, se Mrs. Balckwell estiver satisfeita com o seu comportamento, duplicará o quantitativo da mesada — e Brad hesitou, antes de acrescentar: — Existe uma estipulação final. —

Qual? — perguntou ela, ao mesmo tempo que pensava: “Quer mandar-me suspender pelos polegares em público.” — Sua avó não quer voltar a vê-la.

“Mas quero vê-la eu. Na agonia da morte.” — Se tiver algum problema, deve telefonar-me — continuou ele — Ela não deseja que torne a aparecer neste edifício ou visite qualquer das propriedades da família.

Enquanto pronunciava estas palavras, recordava que tentara dissuadir Kate de tomar uma medida tão drástica.

— É sua neta, que diabo! Corre-lhe o seu sangue nas veias, e trata-a como uma leprosa. — Ela é uma leprosa.

E a discussão terminara. Agora, proferiu, levemente embaraçado: .-

penso que abordei todos os pormenores. Ocorre-lhe alguma pergunta?

— Não — articulou Eva, quase em estado de choque.

— Nesse caso, queira assinar os documentos. Dez minutos mais tarde, encontrava-se de novo na rua, com um cheque de duzentos e cinquenta dólares na bolsa.

Na manhã seguinte, Eva telefonou a uma agência e principiou a procurar casa.

Nas suas fantasias, imaginara um belo apartamento sobranceiro ao Central Park, com decoração moderna e confortável, um ambiente próprio para receber convidados. A realidade, porém, produziu-lhe um abalo demolidor. Parecia não haver habitações disponíveis naquela área para quem possuísse o rendimento semanal de duzentos e cinquenta dólares. Subsistia apenas um apartamento-estúdio de uma assoalhada, com um sofá-cama, um recanto que a boa vontade do funcionário da agência considerava “escritório”, uma reduzida kitchenette e uma minúscula casa de banho; — É o melhor que me pode oferecer? — perguntou Eva, desolada.

— Não — replicou o homem, secamente. — Tenho uma casa de vinte divisões em Sutton Place por meio milhão de dólares.

”Bastardo”, pensou ela, com amargura. No entanto, o desespero só a invadiu verdadeiramente na tarde seguinte, quando se mudou. O

quarto de vestir na residência anterior era maior que todo o apartamento, e ela não pôde deixar de configurar Alexandra na vasta moradia da Quinta Avenida. “Porque não teria morrido queimada?

Faltara tão pouco!” Se a irmã perdesse a vida e Eva fosse a única herdeira, tudo se desenrolaria de maneira diferente, pois a vó não a deserdaria. No entanto, se Kate Blackwell supunha que ela tencionava renunciar à herança com tanta facilidade, não a conhecia. Não fazia a mínima tenção de viver com duzentos e cinquenta dólares por semana.

Havia cinco milhões que lhe pertenciam, depositados no banco, e aquela mulher senil impedia-a de lhes pôr as mãos. “Tem de haver um meio de me

apoderar desse dinheiro. Descobri-lo-ei, por muito que custe.” A solução do problema apresentou-se-lhe no dia seguinte. — Em que lhe posso ser útil, Miss Blackwell? — perguntou com deferência Alvin Seagram, vice-presidente do National Union Bank, disposto na verdade a fazer praticamente tudo para a comprazer. Que boa fada teria conduzido a jovem à sua presença? Se conseguisse assegurar a conta da Kruger-Brent, ou parte, nos seus cofres, veria a carreira descrever uma curva ascensional veloz. — Há uma determinada quantia depositada em meu nome — principiou Eva. — Cinco milhões de dólares, mais concretamente. No entanto, em virtude das condições envolvidas, só o poderei utilizar quando completar trinta e cinco anos — esboçou um sorriso ingénuo. — Parece uma data tão distante!

— É natural que pareça, na sua idade — o banqueiro sorriu igualmente. — Tem dezenove anos, talvez?

— Vinte e um.

— E é bonita, se me permite que lho diga.

— Obrigada, Mr. Seagram — e o sorriso dela acentuou-se. Afinal, tudo se desenrolaria muito mais facilmente do que supusera, pois o homem era um imbecil.

— De que modo lhe posso valer?

— Bem, gostava de saber se posso contrair um empréstimo sobre o fundo depositado em meu nome e, por assim dizer, congelado. É que preciso mais do dinheiro agora do que aos trinta e cinco anos. Tenciono casar em breve e o meu noivo trabalha na construção civil em Israel, só regressando dentro de três anos.

— Compreendo perfeitamente — afirmou Alvin Seagram, compadecido com a situação. Nada mais fácil do que satisfazer o pedido da bela moça. Os bancos concediam empréstimos sobre fundos congelados quase todos os dias. Ao mesmo tempo, comprazeria um membro da família Blackwell, o que decerto se refletiria em operações financeiras futuras. — Não vejo problema algum — acrescentou com firmeza. —¨Trata-se de uma transação muito simples. É claro que o banco não lhe pode emprestar a totalidade da quantia depositada, mas fornecer-lhe-á pelo menos um milhão. Acha satisfatório?

— Absolutamente — assentiu Eva, esforçando-se por dissimular a alegria. — Nesse caso, queira revelar-me os pormenores desse fundo.

— Pode contatar com Brad Rogers, na Kruger-Brent, que lhe dará todos os elementos necessários.

— Muito bem. Telefonar-lhe-ei em seguida. — Quanto tempo calcula que demorará? — perguntou, levantando-se. — Um ou dois dias, no máximo. Farei pressão para que as formalidades sejam reduzidas tanto quanto possível. — É muito amável — murmurou, estendendo a mão.

No instante em que Eva saiu do gabinete, Alvin Seagram pegou no telefone e indicou: — Ligue-me a Brad Rogers, da Kruger-Brent, Limited. Só de pronunciar o nome da firma sentia um estremecimento de emoção por todo o corpo.

Dois dias depois, Eva apresentou-se no banco e foi imediatamente conduzida à presença de Seagram, que anunciou sem rodeios: —

Lamento, mas o banco não lhe pode ser útil, Miss Blackwell.

— Não compreendo — ela tinha dificuldade em acreditar no que ouvia. — Disse que se tratava de uma transação muito simples.

— Nessa altura, não conhecia todos os fatos.

Ao mesmo tempo que proferia estas palavras, o banqueiro recordava o que Brad Rogers lhe revelara: — Sim, existe um depósito de cinco milhões de dólares em nome de Eva Blackwell e o seu banco pode adiantar-lhe o dinheiro que quiser. No entanto, quero preveni-lo de que Kate Blackwell encararia semelhante atitude com profundo desagrado.

Não havia necessidade de pormenorizar as consequências, pois a Kruger-Brent contava com amigos poderosos em todos os setores.

E, se esses amigos começassem a retirar os seus depósitos do National Union Bank, Seagram não necessitava entregar-se a conjecturas minuciosas para saber como isso se refletiria na sua carreira. — Lamento, mas nada posso fazer — reiterou a Eva. Esta encarava-o, frustrada.

Todavia, estava decidida a não permitir que aquele homem se apercebesse do abalo que acabava de sofrer.

— Desculpe o incômodo — articulou, friamente. — Há mais bancos em Nova Iorque. Passe muito bem.

— Devo preveni-la de que nenhum dos meus colegas lhe emprestará um cêntimo.

Alexandra estava perplexa. No passado, a avó tornara óbvio, por uma infinidade de atitudes, que se inclinava para Eva. Agora, de um dia para o outro, tudo se modificara. Devia ter ocorrido algo de terrível entre as duas, embora não fizesse a mínima ideia de que se tratava.

Quando tentava abordar o assunto, Kate replicava em tom peremptório: — Não há mistério nenhum nisso. Eva decidiu seguir a sua vida.

E também não conseguia extrair nada da irmã. Entretanto, Kate principiou a consagrar mais tempo a Alexandra, a qual se sentia particularmente intrigada. Dir-se-ia que a avó se apercebia da sua presença pela primeira vez, e assolava-a a desconfortável sensação de que era estudada. Na verdade, Kate via a neta pela primeira vez, e em virtude da decepção que sofrera, ponderava tudo demoradamente antes de formar uma opinião definitiva acerca de Alexandra. Por

fim, considerou-se satisfeita.

Não era fácil conhecer a gémea de Eva, muito mais reservada que esta última. Possuía uma inteligência viva, e a sua inocência, combinada com a beleza, tornava-a ainda mais atraente. Sempre recebera inúmeros convites para festas, bailes ou teatros, mas agora era a avó quem decidia quais devia aceitar ou recusar. O fato de um pretendente dispor de fortuna não bastava. Kate procurava um homem capaz de ajudar a neta a dirigir a dinastia da família. Entretanto, abstinha-se de revelar ou denunciar as suas intenções a Alexandra. Haveria muito tempo para o fazer, quando surgisse o companheiro que se lhe afigurasse ideal.

Por seu turno, Eva singrava num mar de rosas. O episódio com a avó afetara-lhe o ego tão profundamente que, por uns tempos, esquecera um fato de importância capital: o efeito que exercia nos homens.

Durante a primeira festa para a qual foi convidada, depois de se instalar no apartamento, deu o número do telefone a seis — quatro dos quais casados — e, em menos de vinte e quatro horas, fora para a cama com todos. A partir de então, compreendeu que não necessitaria de se preocupar com o dinheiro, pois inundavam-na de ofertas: jóias dispendiosas, quadros valiosos e, na maioria dos casos, quantias avultadas.

— Acabo de ver umas credencias ótimas para a minha sala, mas ainda não recebi o cheque da mesada. Importas-te, querido?...

E eles nunca se importavam. Sempre que se apresentava em público, Eva provindenciava para que a acompanhassem homens solteiros. Os casados recebia-os discretamente, à tarde, no seu apartamento. Aliás, revelava a máxima prudência em todos os seus atos.

Desenvolvia os maiores esforços, coroados de êxito, para que o seu nome não figurasse nas colunas de mexericos dos jornais, não porque se preocupasse com o perigo de lhe suspenderem a mesada, mas por estar convencida de que a avó ainda se lhe arrojaria aos pés. Kate Blackwell necessitava de um herdeiro para dirigir a Kruger-Brent e Alexandra só se achava preparada para não passar de uma dona de casa estúpida.

Uma tarde, quando folheava o último número de Town and Country, deparou-se— lhe uma fotografia da irmã dançando com um homem atraente. O fato suscitou-lhe reflexões tenebrosas. Se Alexandra casasse e tivesse um filho, os seus planos desmoronar-se-iam irremediável e definitivamente.

Durante quase um ano, a irmã telefonara-lhe com regularidade, a fim de a convidar para almoçar ou jantar, mas Eva esquivara-se sempre com uma ou outra desculpa. Agora, reconheceu que chegara o momento de terem uma conversa e

sugeriu que se encontrassem no seu apartamento.

Alexandra nunca lá estivera e Eva preparou-se para assistir a uma manifestação de pesar. Ao invés, porém, ouviu-a exclamar: — É encantador! Muito funcional, não achas? — Para as minhas necessidades, chega — replicou Eva, com um sorriso de resignação. — Interessa-me uma coisa intime. Como está a avó? — Ótima — Alexandra hesitou. — Não sei o que se passou entre as duas, mas se vires que te posso ajudar...

— Ela não te disse? — Não. Recusa-se a abordar o assunto.

— É natural. A pobrezinha deve sentir-se culpada. Aconteceu o seguinte. Conheci um rapaz médico, com o qual tencionava casar, e fomos para a cama. A avó descobriu e pôs-me fora de casa. Nunca vi uma mulher tão antiquada...

— Mas isso é horrível! — proferiu, com uma expressão desolada. — Têm de a procurar os dois e...

— Infelizmente, ele morreu num acidente de aviação.

— Meu Deus! Por que não me contaste isto antes?

— Estava demasiado envergonhada para o revelar a alguém, mesmo a ti. Costumava dizer-te tudo, como sabes.

— Deixa-me falar à avó. Explico-lhe...

— Não! O amor-próprio não mo permite. Promete que nunca lhe dirás nada. — Mas estou certa de que ela...

— Promete! — Está bem — acedeu Alexandra, com um suspiro.

— Acredita que me sinto feliz aqui. Gozo de plena liberdade de movimentos. É estupendo! — Eva colocou o braço em torno da cintura da irmã. — Mas basta de falar de mim. Conta-me a tua vida. Já encontraste o teu príncipe encantado? Aposto que sim! — Não.

— Hás-de encontrar — asseverou, olhando-a pensativamente. Era a sua imagem, mas estava decidida a destruí-la.

— Não tenho pressa. Resolvi começar a ganhar a vida e falei nisso à avó. Para a semana, sou recebida pelo diretor de uma agência publicitária, com vista a um emprego.

Almoçaram num pequeno restaurante perto do apartamento e Eva insistiu em pagar a conta, pois não queria nada da irmã. Quando se despediram, esta última aventurou: — Se precisares de dinheiro...

— Que ideia! Tenho mais do que o suficiente.

— Em todo o caso, se te escassear, podes contar com tudo o que tenho.

— Eu sei — dclarou Eva, com um sorriso enigmático. — Mas na verdade não me falta nada.

Não lhe interessavam migalhas. Estava empenhada em obter todo o bolo. A questão consistia em descobrir um meio.

Havia uma reunião de fim-de-semana em Nassau, e Eva recebeu um telefonema de Nita Ludwig, sua antiga colega no colégio da Suíça: —

Sem a tua presença, não tem graça. Estarão lá todas as nossas amigas.

— Talvez seja divertido — admitiu. — Não faltarei. Naquela tarde, foi empenhar uma pulseira de esmeraldas, oferta de um presunçoso funcionário superior de uma companhia de seguros com esposa e cinco filhos, e comprou vestuário de Verão na Lord & Taylor e uma passagem de ida e volta para Nassau, embarcando na manhã seguinte.

A propriedade dos Ludwig situava-se nas proximidades da praia e incluía uma vasta mansão, com trinta divisões, a menor das quais excedia as dimensões do apartamento de Eva. Esta foi conduzida ao quarto que lhe estava destinado por uma empregada uniformizada, após o que desceu à sala para se reunir aos outros convidados.

Depararam-se-lhe dezesseis pessoas possuidoras de um fator comum: eram abastadas. Nita Ludwig perfilhava a filosofia de “cartas do mesmo naipe”. Um jornalista que assinava colunas de mexericos denominava o grupo de “conjunto jato”, expressão que os visados enjeitavam publicamente e apreciavam na intimidade. Eram os privilegiados, os poucos eleitos, separados de todos os restantes seres humanos por um deus discriminativo. Os outros, que continuassem convencidos de que não se comprava tudo com o dinheiro. Eles sabiam que isso não correspondia à verdade. O dinheiro proporcionava-lhes beleza, amor, luxo e um lugar no céu. E Eva vira-se excluída de tudo aquilo pelo capricho de uma velha de vistas estreitas. “Mas não por muito tempo”, decidiu para consigo.

No momento em que entrou na sala, as conversas interromperam-se.

Num ambiente cheio de mulheres atraentes, tornou-se subitamente o foco das atenções gerais. Nita pegou-lhe no braço, a fim de proceder às apresentações daqueles que ela não conhecia. Eva mostrava-se cordial e comunicativa, ao mesmo tempo que observava os homens com ares de entendida, para seleccionar os alvos. Na sua maioria eram casados, mas isso só servia para lhe facilitar os projetos.

Em dado momento, um indivíduo de calça enxadrezada e camisa havaiana acercou-se dela e observou: — Aposto que está farta de ouvir dizer que é bonita.

— Nunca me farto de uma coisa dessas, Mr.?...

— Peterson, mas pode tratar-me por Dan. Devia ser estrela de Hollywood. — Receio não ter talento para representar.

— Mas estou convencido de que possui muitos outros.

— É uma coisa que só se pode saber depois de os experimentar, Dan — sussurrou Eva, com um sorriso malicioso.

— Veio só? — perguntou ele, umedecendo os lábios. — Vim.

— Tenho o iate ancorado na baía. Que diz a efetuarmos um pequeno cruzeiro, amanhã?

— É uma ideia excelente. .

— Não compreendo porque nunca nos encontrámos. Conheço sua avó, Kate, há muitos anos.

— A avó é uma jóia — articulou ela, esforçando-se por manter o sorriso.

— Acho conveniente juntarmo-nos aos outros.

— Não se esqueça do que combinámos. O homem não voltou a ter oportunidade de lhe falar a sós. Eva evitou-o durante o almoço e à tarde meteu-se num dos carros destinados aos convidados e seguiu em direção à cidade. No cais, deteve-se para observar o movimento dos pesqueiros que descarregavam o abundante produto da faina, no qual abundava o marisco de numerosas espécies. Soprava uma brisa agradável e a superfície do mar sereno brilhava como se estivesse coberta de diamantes. Eva avistava, do outro lado da água, a curva crescente da praia de Para-dise Island. Uma lancha motorizada partiu naquele momento e, no instante imediato, ergueu-se a figura de um homem na sua esteira.

Ela contemplou-o, fascinada, equilibrado nos esquis, e, no momento em que deslizou nas proximidades, vislumbrou um atraente rosto bronzeado.

Ele entrou na sala de Nita Ludwig, cinco horas mais tarde, e Eva foi assolada pela impressão de que acudia à sua chamada. De perto, era ainda mais atraente. De um metro e noventa de altura, com feições bronzeadas perfeitamente modeladas, olhos negros e corpo escultural, quando sorriu revelou dentes brancos e regulares.

— George Mellis. Eva Blackwell — apresentou Nita.

— Você devia estar no Museu do Louvre — afirmou ele em voz grave e levemente rouca em que se notava um sotaque remoto.

— Anda daí, rapaz — volveu a dona da casa. — Vou apresentar-te aos outros.
— Não merece a pena. Acabo de conhecer a única pessoa que me interessa.

— Estou a ver — e ela fez uma pausa, olhando-os com curiosidade. — Bem, se precisarem de alguma coisa, chamem.

— Não acha que foi um pouco brusco? — observou Eva.

— Deixei de ser responsável pelas minhas palavras ou atos. Apaixonei-me — e vendo-a rir, Mellis acrescentou: — A sério. É a mulher mais bonita que conheci até hoje.

— Tem piada que a minha opinião a seu respeito é mais ou menos da mesma natureza.

Ela refletia que lhe era indiferente que aquele homem possuísse ou não

dinheiro.

Sentia-se absolutamente fascinada. Não se tratava apenas do seu aspecto. Irradiava um magnetismo, uma sensação de poder que a excitava como jamais acontecera.

— Quem é você?

— Nita já lhe disse. George Mellis.

— Mas quem? — Ah, no sentido filosófico! O eu real. Nada de extraordinário, lamento confessar.

Sou grego. A minha família cultiva azeitonas e coisas do gênero. Esse Mellis! Os produtos alimentares Mellis podiam encontrar-se em qualquer mercearia ou supermercado dos Estados Unidos.

— Casado? — Costuma ser sempre tão direta nas perguntas? — quis saber ele, com novo sorriso deslumbrante. — Não.

— Sou solteiro.

A revelação deixou Eva extasiada. Só de o olhar, desejava possuí-lo e que a possuísse.

— Porque não apareceu ao jantar?

— Quer a verdade?

— Sim.

— É muito pessoal. Entretive-me a impedir que uma jovem pusesse termo à vida — explicou ele, como se aludisse a uma ocorrência banal.

— Espero que tenha sido bem sucedido.

— De momento. Suponho que você não manifesta propensão para o suicídio? — De modo algum.

— Amo-a a valer — declarou sem reservas.

No momento em que lhe pegou no braço, Eva não pôde evitar um estremecimento de emoção.

28

Conservou-se ao lado dela durante todo o serão, cumulando-a de atenções, indiferente aos outros. Tinha mãos alongadas e delicadas, aparentemente empenhadas em ser prestáveis a Eva por qualquer meio: oferecia-lhe uma bebida, acendia-Lhe o cigarro, tocava-lhe discretamente. A sua proximidade produzia-lhe um ardor quase irresistível, e ansiava pelo momento em que se encontrariam sós.

Pouco depois da meia-noite, quando os convidados principiaram a recolher aos quartos, George Mellis perguntou: — Onde está instalada?

— Ao fundo do corredor da ala norte.

Inclinou a cabeça num gesto de entendimento, ao mesmo tempo que a fitava com uma expressão de inteligência. Eva despiu-se, tomou banho e enfiou um negligée preto que lhe aderia ao corpo.

À uma hora, registrou-se uma pancada discreta na porta e apressou-se a abri-la.

George Mellis entrou e deteve-se para a contemplar com admiração.

— Matia mou, faz com que a Vénus de Milo pareça um lastro detestável.

— Pelo menos, há um pormenor a meu favor. Tenho os dois braços completos.

E, porventura para o demonstrar, ela utilizou-os para lhe rodear o pescoço. O beijo que se seguiu provocou-lhe como que uma explosão íntima. Os lábios dele pareciam querer esmagar os seus e sentiu-lhe a língua em ávida exploração. Achavam-se completamente despidos em escassos segundos e encaminharam-se para a cama, o pénis de Mellis ereto como um poste.

— Vira-te! — disse. — Quero o teu traseiro!

— Não estou a per... — começou Eva, perplexa. Uma bofetada brutal impediu-a de prosseguir.

— Vira-te!

— Não!

Ele agrediu-a de novo e ela viu os objetos principiarem a oscilar à sua volta. Como num sonho, sentiu-o erguer-lhe os hemisférios posteriores e, no momento em que iniciou a penetração, uma dor excruciante. Descerrou os lábios para gritar, mas conteve-se ao pensar nas consequências. — Por favor... — gemeu. — Magoas-me...

Contudo, ele continuou a introduzir-lhe o pénis enorme e Eva acabou por perder o conhecimento.

Quando recuperou os sentidos, George Mellis sentava-se numa cadeira, vestido, com um cigarro entre os lábios. Ao ver que voltara a si, aproximou-se da cama e acariciou-lhe a cabeça, murmurando: — Como te sentes, querida? Ela tentou soerguer-se, mas a dor era demasiado intensa, como se a tivesse rasgado ao meio. — Animal infame!... — articulou entre dentes.

— Tratei-te com o maior carinho — asseverou ele, com uma risada. — Se quisesse, podia ter sido brutal. Não o fiz porque te amo. Hás-de habituar-te, podes crer, Hree-se’e-moo.

— És louco! — bradou Eva, refletindo que, se dispusesse de uma arma, não hesitaria em o matar.

Ato contínuo, viu-o assumir uma expressão glacial e a mão cerrar-se num punho ameaçador, e compreendeu que era mesmo louco.

— Não faças caso — apressou-se a retificar. — Como foi a primeira vez, estranhei. Agora, queria dormir, se não te importas. George Mellis contemplou-a

em silêncio, por um longo momento, e descontraiu-se. Em seguida, dirigiu-se ao toucador onde Eva colocara as jóias e apoderou-se de um colar de brilhantes.

— Vou levá-lo como recordação. Boa noite, querida.

Beijou-a formalmente e saiu. Eva deixou transcorrer uns segundos e levantou-se, esforçando-se por ignorar as dores. Só depois de fechar a porta à chave se sentiu em segurança. Custava-lhe aceitar a enormidade da cólera que a assolava. Fora vítima de sodomia, horrível e brutal. O fato levou-a a especular na forma como decerto tratara a rapariga que tentara pôr termo à vida.

Após demorada visita à casa de banho, voltou para a cama, mas permaneceu acordada o resto da noite, aterrorizada pela ideia de ele reaparecer.

De manhã, quando acordou, depois de duas horas de sono já ao alvorecer, verificou que os lençóis apresentavam manchas de sangue.

Ele havia de pagar o que fizera, de uma maneira ou de outra. Dirigiu-se de novo à casa de banho e imergiu na banheira cheia de água quente. O espelho indicou-lhe que tinha as faces inchadas e um dos olhos violáceo. Hesitou por uns momentos e aplicou uma toalha embebida em água fria nos locais atingidos. Por fim, conservou-se na banheira, pensando em George Mellis. Havia algo de estranho no seu comportamento que não tinha nada a ver com o sadismo. De súbito, fez-se-lhe luz no espírito. O colar! Porque o levara? Duas horas mais tarde, desceu à sala de jantar, para se juntar aos outros convidados em torno da mesa do pequeno-almoço, embora não sentisse apetite. —

Santo Deus! — exclamou Nita Ludwig. — Que te aconteceu? — A coisa mais estúpida deste mundo — explicou Eva, com um sorriso de embaraço.

— Levantei-me a meio da noite para ir à casa de banho, sem acender a luz, e colidi com a porta.

— Queres que chame o médico para te examinar? — Não é necessário.

São escoriações superficiais — olhou em volta. — Onde está George Mellis?

— Foi jogar ténis. Pediu-me que te dissesse que falaria contigo à hora do almoço.

Desconfio que engraçou contigo.

— Fala-me dele.

— Pertence a uma família de gregos abastados. É o oitavo filho e podre de rico.

Trabalha numa firma de corretagem de Nova Iorque, a Hanson and Hanson. — Não se interessa pelo negócio da família?

— Suponho que detesta as azeitonas. De resto, com a fortuna dos Mellis, não precisa de trabalhar. Deve fazê-lo apenas para ocupar o tempo — Nita esboçou um sorriso malicioso. — O trabalho não lhe falta, à noite.

— Parece-te?

— É o melhor partido destas redondezes. As moças anseiam pela oportunidade de despir as cuecas na sua frente, na esperança de o levar ao altar. Aqui para nós, se o meu marido não fosse tão ciumento, também não me importava de uma pequena experiência com ele. É um animal deslumbrante!

— Sim — aquiesceu Eva, amargurada. — Deslumbrante.

George Mellis surgiu no terraço onde Eva se sentava, só, e esta

experimentou um estremecimento de medo. — Bom dia, Eva! — saudou ele, acercando-se. — Sentes-te bem? — perguntou com uma expressão apreensiva, ao mesmo tempo que pousava os dedos no rosto maltratado. — Como és bonita! — puxou de uma cadeira, sentou-se voltado para o espaldar, e, abarcando o mar com um gesto largo, declarou: — Que espetáculo tão belo! Dir-se-ia que os acontecimentos da véspera não tinham ocorrido. Ela escutava-o enquanto perorava sobre as belezas da Natureza e apercebeu-se uma vez mais do magnetismo que irradiava. Conseguia senti-lo, apesar do pesadelo que experimentara, o que se lhe afigurava incrível. “Parece um deus grego.

Pertence a um museu. Não, a uma clínica de loucos!”

— Tenho de regressar a Nova Iorque esta noite — anunciou ele, em dado momento. — Como posso contatar contigo?

— Mudei-me recentemente — apressou-se Eva a alegar. — Ainda não tenho telefone. Ligarei para ti.

— Pois sim, querida. Desfrutaste esta noite, hem? — e baixando a voz, Mellis acrescentou: — Tenho muitas variantes para te ensinar.

“Também hás-de aprender alguma coisa comigo!”, pensou ela.

Assim que se encontrou de regresso a Nova Iorque, Eva telefonou a Dorothy Hollister, uma verdadeira fonte de informações sobre a “gente bela”, como gostava de chamar a determinado estrato da sociedade.

Fora casada com um indivíduo de posição elevada e, quando ele a trocara pela secretária de vinte e um anos, vira-se forçada a procurar uma atividade remuneradora, acabando por enveredar pela que melhor se adaptava aos seus talentos: autora de uma coluna de inconfidências sociais num jornal.

Portanto, se alguém podia elucidar Eva a respeito de Geor-ge Mellis, era, sem dúvida, Dorothy Hollister.

Encontraram-se para almoçar e, depois de escolherem a ementa, Eva informou com naturalidade: — Passei o fim-de-semana nas Baamas. Aquilo é realmente encantador.

— Já sabia — replicou Dorothy. — Tenho a lista dos convidados de Nita Ludwig. Foi divertido?

— Voltei a ver algumas velhas amigas. Por sinal, conheci um homem interessante chamado... como era?... George qualquer coisa. Miller, salvo erro.

Um grego.

— Mellis — soltou uma risada que se propagou a todos os cantos da sala.

— George Mellis.

— Isso. Conhece-o?

— Vi-o, uma vez ou duas. Pensei que se transformaria numa coluna de sal.

Realmente, tem um aspecto fantástico.

— Quais são os seus antecedentes? Olhou em redor e inclinou-se para a frente numa atitude conspiratória.

— Ninguém sabe isto, mas espero que não passe daqui. É a ovelha ranhosa da família. Devia ficar à testa do negócio paterno, que produz lucros fabulosos, mas envolveu-se em tantos escândalos com raparigas, rapazes e provavelmente até cabras, que o pai e os irmãos acabaram por perder a paciência e mandá-lo para fora do país. Cortaram-lhe todos os rendimentos, o que obrigou o pobre rapaz a procurar um emprego para se sustentar.

"Estava explicado o roubo do colar!"

— No fundo, não precisa de se preocupar — continuou Dorothy. — Mais dia menos dia, casa com uma mulher rica. Porquê esta curiosidade? Estás interessada?

— Nem por isso.

Todavia, Eva estava mais do que interessada. George Mellis podia ser a chave que procurava. A chave da sua fortuna. Na manhã seguinte, telefonou-lhe para o emprego e verificou que Mellis reconhecia a sua voz imediatamente. — Aguardava o teu telefonema com ansiedade louca. Jantamos juntos esta noite e...

— Não, almoçamos amanhã.

Ele hesitou, surpreendido. — Muito bem. Tinha de almoçar com um cliente, mas arranjo uma desculpa.

— No meu apartamento — advertiu Eva, custando-lhe a crer que falava com o alucinado de poucos dias antes. Indicou o endereço e concluiu: — Ao meio-dia e meia. — Combinado. Cortou a ligação, cogitando que George Mellis encontraria uma surpresa imprevista. Ele apresentou-se com meia hora de atraso, e Eva compreendeu que isso obedecia à sua maneira de proceder. Não se tratava de falta de deferência deliberada, mas de uma indiferença, a certeza de que os outros esperariam o tempo que fosse necessário. Com a sua aparência irresistível e maneiras cativantes, o mundo pertencia-lhe. Existia apenas um óbice: a falta de dinheiro.

Era esse o seu único ponto vulnerável.

Mellis olhou em volta e admitiu, depois de calcular o valor do recheio: — Muito agradável — aproximou-se de Eva, estendendo os braços. — Tenho pensado em ti constantemente.

— Mais devagar — recomendou ela, esquivando-se. — Primeiro, quero dizer-te uma coisa.

— Conversamos depois.

— Não, agora — articulou pausada e distintamente. — Se tornas a me tocar, mato-te.

— Que brincadeira é esta? — rosnou ele, com um leve sorriso de incredulidade.

— Falo a sério. Quero apresentar-te uma proposta de negócios.

— Mandaste-me vir para discutir negócios? — estranhou, arqueando as sobrancelhas.

— Exato. Não sei quanto ganhas com as diligências para convencer velhotas crédulas a adquirir ações e títulos da Bolsa, mas penso que não é muito.

— Endoideceste? — rugiu, assumindo uma expressão irada. — A minha família...

— A tua família é rica e tu não. A minha é rica e eu também não. Encontramo-nos no mesmo barco cheio de buracos, meu amigo, mas conheço uma maneira de o transformarmos num luxuoso iate.

Eva fez uma pausa para observar o efeito do que acabava de dizer e verificou que a irritação do interlocutor era substituída gradualmente por curiosidade.

— Troca lá isso por miúdos, antes que perca a paciência. — É muito simples. Fui deserdada de uma vasta fortuna e minha irmã Alexandra não.

— Em que me pode isso interessar?

— Se casasses com ela, essa fortuna seria tua... nossa.

— Lamento, mas nunca consegui aceitar a ideia de me amarrar a alguém.

— Neste caso, não correrias o menor perigo — declarou ela, sem pestanejar. — Minha irmã sempre teve propensão para sofrer acidentes.

29

A agência publicitária Berkley and Mathews fora sempre o diadema no estendal de firmas do gênero existentes na Avenida Madison. O seu volume de negócios excedia os dos dois concorrentes mais próximos juntos, fundamentalmente porque um dos seus melhores clientes era a Kruger-Brent, Ltd. E as suas dezenas de subsidiárias dispersas pelo mundo. Por conseguinte, quando Kate Blackwell telefonou a Aaron Berkley, a fim de lhe solicitar um lugar para Alexandra, o pedido foi satisfeito com prontidão. Na realidade, se ela desejasse, talvez nomeassem a rapariga presidente da agência.

— Creio que minha neta está interessada em ser autora de textos — informou Kate. Berkley assegurou-lhe que havia precisamente uma vaga nesse

departamento e Alexandra podia principiar quando quisesse.

Assim, ela apresentou-se ao trabalho na segunda-feira imediata.

A agência situava-se em oito pisos do moderno edifício que possuía na Avenida Madison e tinha os restantes alugados a diversas firmas. No intuito de economizar um salário, Aaron Berkley e o sócio, Norman Mathews, decidiram que Alexandra Blackwell ocuparia o lugar de um jovem empregado admitido seis meses antes. O fato tornou-se conhecido rapidamente, e quando o pessoal se inteirou de que o rapaz despedido seria substituído pela neta da maior cliente da casa, gerou-se uma indignação geral. Mesmo sem a conhecerem, o consenso geral era de que se tratava de uma cadela mimada, provavelmente enviada para espiar os funcionários.

Na manhã em que a rapariga se apresentou, foi escoltada ao vasto gabinete de Berkley, onde este e Mathews a aguardavam para lhe dar as boas-vindas. Os dois sócios eram aquilo que se podia considerar patrões tiranos, e o único motivo porque os empregados os suportavam cifrava-se em que quem tinha trabalhado naquela firma estava em perfeitas condições para ingressar em qualquer agência publicitária do mundo. Constituía uma espécie de campo de treino.

Também se achava presente no gabinete Lucas Pinkerton, vice-presidente da firma, um homem sorridente de modos untuosos e olhos frios, o qual tão-pouco se podia considerar um patrão-modelo.

— Que deseja tomar, Miss Blackwell? — perguntou Berkley, indicando a Alexandra uma poltrona confortável. — Café, chá?

— Nada, obrigada.

— Com que então, vai trabalhar connosco como autora de textos! —

Agradeço a oportunidade que me proporcionaram. Sei que tenho muito que aprender, mas prometo trabalhar com afinco.

— Não necessita de se esforçar — interpôs Mathews. No entanto, apercebeu-se do deslize com prontidão e acrescentou: — Quero dizer que não convém que se precipite. São coisas que se aprendem com lentidão. — Estou certo de que se sentirá bem entre nós — volveu Berkley. — Vai trabalhar com as maiores autoridades no campo da publicidade.

Uma hora mais tarde, Alexandra ponderava: “Talvez sejam os melhores do mundo, mas não os mais cordiais.” Lucas pinkerton conduzira-a aos diversos apartamentos, para que conhecesse os novos colegas, e a recepção fora glacial em toda a parte. Ela pressentiu a animosidade e ficou intrigada, sobretudo porque não compreendia o motivo. Por fim, entraram numa sala de conferências saturada de fumo de tabaco, em torno de cuja mesa se viam uma mulher e dois homens, que fumavam em cadeia. Ela era baixa e forte, com cabelos cor de ferrugem, e os companheiros, que aparentavam trinta e cinco anos, pálidos e

compenetrados.

— Esta é a equipa criadora com a qual vai trabalhar — informou Pinkerton. — Alice Koppel, Vince Barnes e Marty Bergheimer, apresento-lhes Miss Blackwell — fez uma pausa, enquanto o trio a olhava com semblantes inexpressivos.

— Bem, vou deixá-la, para que se familiarize com o ambiente — e voltando-se para Barnes: — Quero o texto referente ao novo perfume em cima da minha secretária, amanhã, ao abrir da porta. Providencie para que Miss Blackwell receba tudo o necessário — e retirou-se.

— De que precisa? — inquiriu Barnes. — Eu... — a pergunta colheu Alexandra desprevenida. — Preciso de aprender tudo.

— Veio ao lugar apropriado — observou Alice Koppel, em tom melífluo.

— Adoramos fazer de professores. — Não comece — advertiu Bergheimer.

— Fiz alguma coisa que os ofendesse? — balbuciou a rapariga, intrigada.

— Não, Miss Blackwell — assegurou Bergheimer. — Simplesmente, atravessamos uma fase de grande pressão. Trabalhamos no lançamento de um perfume e, até agora, os chefes não se mostraram impressionados com o material fornecido.

— Procurarei não os estorvar.

— Isso era ótimo — não pôde deixar de tornar a comentar Alice Koppel.

O resto do dia escoou-se no mesmo clima. Não havia um único sorriso visível. Um colega fora despedido sumariamente por causa daquela cadela rica, e estavam dispostos a fazer-Lhe espiar o arrojo.

Pouco antes da hora da saída, Berkley e Mathews entraram no pequeno gabinete atribuído a Alexandra, para se certificarem de que não lhe faltava nada, gesto que não passou despercebido ao resto do pessoal.

Todos os funcionários da agência se tratavam por tu, mas Alexandra era uma excepção à regra, sendo “Miss Blackwell” para todos. —

Chamo-me Alexandra — lembrava ela.

— Tem razão.

E na próxima vez que se lhe dirigiam, era de novo por “Miss Blackwell”.

Alexandra ansiava por aprender e participar na produção da firma.

Para tal, assistia às reuniões em que os autores de textos apresentavam ideias, observava o pessoal artístico que construía maquetas e via Lucas Pinkerton rasgar o material que lhe expunham para aprovação.

Entretanto, guardava um silêncio respeitoso e esforçava-se por assimilar tudo o que se lhe deparava. No termo da primeira semana, afigurava-se-lhe que pertencia à casa há mais de um mês.

Quando Kate lhe perguntava como se adaptava ao trabalho, respondia: — O

melhor possível, avó. É muito interessante.

— Tenho a certeza de que não tardarás a produzir tanto e tão bem como os melhores funcionários da firma. Se surgir algum problema, procura Berkley ou Mathews. Era exatamente isso que Alexandra desejava evitar. Na segunda-feira seguinte, apresentou-se ao trabalho disposta a resolver o seu problema. Havia pausas de manhã e à tarde para tomar café, ocasiões em que se trocavam impressões com cordialidade.

— Sabes o que aconteceu na National Media? Um gênio qualquer pretendeu chamar a atenção para o ano excepcional que tiveram e mandou publicar o seu relatório financeiro no New York Times, a vermelho! Naquele momento, Alexandra fez a sua aparição e as conversas interromperam-se de modo abrupto.

— Deseja um café, Miss Blackwell? — Obrigada. Eu vou buscá-lo.

Estabeleceu-se silêncio enquanto ela introduzia uma moeda na máquina e pegava no copo fumegante. Assim que saiu, as conversas foram reatadas.

— Ouviram a última acerca do Sabão Puro? O modelo de expressão angelical dos anúncios era uma intérprete de filmes pornográficos!

Ao meio-dia, Alexandra sugeriu a Alice Koppel: — Lembrei-me que podíamos almoçar...

— Lamento, mas tenho um compromisso.

Virou-se para Vince Barnes, que se apressou a declarar: — Eu também.

— E eu — acudiu Marty Bergheimer, por sua vez. Alexandra sentia-se demasiado apreensiva para comer. Os colegas procediam como se ela fosse uma pária, fato que começava a irritá-la.

No entanto, não tencionava permitir que a situação se mantivesse.

Descobriria uma maneira de estabelecer comunicação, de lhes fazer compreender que, por debaixo do nome Blackwell, era uma deles.

Continuava a assistir a reuniões e ouvia Aaron Berkley, Norman Mathews e Lucas Pinkerton incentivarem os criadores, que se limitavam a executar o seu trabalho o melhor que podiam.

Alexandra condoía-se deles, que todavia não queriam a sua compaixão. Nem a sua companhia. Deixou transcorrer três dias antes de efetuar nova tentativa junto de Alice Koppel.

— Falaram-me de um estupendo restaurante italiano perto daqui...

— Não gosto de comida italiana. Voltou-se para Vince Barnes, que esclareceu: — Estou a dieta.

— Prefiro a chinesa — anunciou Marty Bergheimer, quando foi interpelado. Alexandra sentia as faces em brasa. Não queriam ser vistos com ela. “Então, que vão para o inferno”! Estava farta.

Desenvolvera todos os esforços para estabelecer relações cordiais e tinham-

lhe dado sempre com os pés. Cometera um erro ao pretender trabalhar ali. Procuraria emprego numa firma sem a mínima ligação com a avó. No final da semana corrente, despedir-se-ia. “Mas hão-de lembrar-se todos de que passei por cá”, decidiu com amargura.

Às 13 horas de quinta-feira, tinham ido todos almoçar, exceto a operadora do PBX, e Alexandra deixara-se ficar. Observara que nos gabinetes do pessoal superior havia intercomunicadores para os vários departamentos, pelo que, se um chefe pretendia contatar com um subordinado, necessitava apenas de premir o botão do aparelho em que o nome deste último se achava escrito num cartão. Ela introduziu-se nos domínios desertos de Berkley, Mathews e Pinkerton e consagrou os sessenta minutos imediatos à troca de todos os cartões.

Assim, ao princípio da tarde, Pinkerton carregou num botão que julgava pô-lo em contato com um autor de textos e ordenou: — Trote para aqui. Já! Seguiu-se um momento de silêncio, e a voz indignada de Mathews rugiu: — Que disse? — É Mr. Mathews? — balbuciou o outro, cravando o olhar estupefato no aparelho.

— Com certeza que sou! Trote você para aqui! Já! Momentos depois, um autor de textos premiu um botão e informou: — Tenho aqui material para você levar lá abaixo.

— Tem o quê? — vociferou Berkley.

Era o início do pandemónio. Foram necessárias quatro horas para retificar a confusão que Alexandra criara, e os funcionários da agência nunca tinham passado um período tão divertido no local de trabalho.

Cada vez que se registrava um novo incidente, soltavam exclamações de gáudio. Os chefes recebiam ordens para ir comprar tabaco ou mandar desentupir uma bacia sanitária. Berkley, Mathews e Pinkerton resolveram tudo para tentarem descobrir o culpado, mas ninguém sabia explicar o que se passara.

A única pessoa que vira Alexandra entrar nos diversos gabinetes fora Fran, a recepcionista, mas detestava mais os chefes do que a rapariga, pelo que se limitou a declarar: — Não dei por nada.

Naquela noite, quando se encontrava na cama com Vince Barnes, revelou-lhe o que acontecera e ele soergueu-se de um salto.

— A neta da velha Blackwell? Quem diria! Na manhã seguinte, quando entrou no seu gabinete, Alexandra verificou que Vince Barnes, Alice Koppel e Marty gergheimer a aguardavam. Vendo que a observavam em silêncio, perguntou: — Há alguma novidade? — Não — replicou Alice Koppel, com um sorriso. — Queríamos convidá-la para almoçar connosco. Falaram-nos num restaurante italiano estupendo, perto daqui...

Desde criança que Eva Blackwell se apercebera da sua habilidade para manipular pessoas. No passado, tratava-se de um mero jogo, mas agora o

assunto revestia-se de gravidade. Fora tratada abominavelmente, despojada de uma vasta fortuna, que lhe pertencia por direito, por uma irmã maldosa e uma avó vingativa. Haviam de lhe pagar inteiramente o mal ocasionado, e a perspectiva provocava-lhe um prazer tão intenso que quase a conduzia ao orgasmo. A vida delas encontrava-se agora nas suas mãos. Eva elaborou o plano cuidadosa e meticulosamente, orquestrando cada movimento. Ao princípio, George Mellis revelara-se um conspirador relutante, alegando: — É muito perigoso. Não preciso de me envolver em complicações dessas. Posso obter todo o dinheiro que quiser. — Como? — retorquiu ela, em tom de desdém. — Levando para a cama uma infinidade de mulheres nutridas de cabelos azuis? É assim que queres passar o resto da vida? Que acontecerá quando começares a criar estômago e te surgirem rugas em volta dos olhos? Crê que nunca tornarás a ter uma oportunidade como esta. Se me escutares, poderemos possuir um dos maiores impérios financeiros do mundo. Possuir, ouviste?

— Como sabes que o plano funcionará? — Sou a maior perita viva acerca de minha avó e Alexandra. Não tenhas a mínima dúvida a esse respeito.

Embora se exprimisse com confiança, assolavam-na algumas reservas, sobretudo quanto ao cúmplice. Eva estava convencida de que executaria a sua parte do plano, mas não tinha a certeza de como ele agiria. Era um indivíduo instável e não havia o menor espaço para erros. Bastaria um para que tudo se desmoronasse. — Decide-te de uma vez — indicou. — Entras ou não? Mellis olhou-a por um longo momento, sem proferir palavra, e acabou por inclinar a cabeça.

— Entro — aproximou-se dela e pousou-lhe as mãos nos ombros. — Mas quero entrar todo.

— Desta vez, vai ser à minha maneira — advertiu Eva, em voz rouca.

Encontravam-se deitados. Despido, ele era o animal mais extraordinário que ela jamais vira. E o mais perigoso, mas isso só servia para acentuar a excitação.

Agora, dispunha da arma para o dominar.

— Monta-me, George — pediu, com voracidade.

— Vira-te para lá.

— Não. À minha maneira. — Assim, não me dá prazer.

— Eu sei. Preferias fazê-lo com um rapaz de cu apertado, hem? Infelizmente, para ti, estás com uma mulher. Portanto, trepa para cima de mim.

— Está bem — capitulou ele, obedecendo. — Mas olha que não fico satisfeito.

— É-me indiferente — redarguiu Eva, com uma risada. — Fico eu.

No final da operação, Mellis fê-la deslizar para o seu lado e estendeu as mãos para os seios. — Agora, é a minha vez.

— Veste-te — ordenou ela, abruptamente. Ele levantou-se da cama, tremendo de frustração e cólera, enquanto ela o contemplava com um sorriso divertido.

— Portaste-te muito bem, George. Mereces a recompensa. Vou entregar-te Alexandra.

30

De um dia para o outro, tudo se alterara para Alexandra.

Transformara-se de pária em heroína, e a partida que pregara aos chefes tornou-se conhecida em toda a Avenida Madison.

— É uma lenda em vida — afirmou Vince Barnes. Agora, convertera-se numa deles.

Ao mesmo tempo, gostava do trabalho que executava, em particular as sessões criativas que se desenrolavam todas as manhãs. Embora reconhecesse que não correspondiam ao que desejava para o resto da vida, não estava bem certa do que pretendia. Recebera pelo menos uma dúzia de propostas de casamento e sentira-se tentada por uma ou duas, mas faltava qualquer coisa.

Ainda não surgira o homem ideal. Sexta-feira de manhã, Eva telefonou, a fim de a convidar para almoçar.

— Conheço um restaurante francês inaugurado recentemente, cuja comida é excelente.

Ficou contente com o telefonema, pois agradava-lhe sempre contatar com a irmã, e apressou-se a aceitar. O restaurante era requintado e dispendioso e o bar achava-se cheio de clientes à espera de mesas livres, pelo que Eva necessitara de recorrer ao nome da avó para que lhe reservassem uma.

Saudaram-se com um beijo na face e ela declarou: — Estás maravilhosa, Alex. Segundo parece, o trabalho faz-te bem — interrompeu-se para escolher a ementa, após o que prosseguiu: — Conta lá em que consiste a tua missão na firma.

Alexandra descreveu tudo minuciosamente e em seguida a irmã procedeu a uma descrição cautelosa das suas atividades. De súbito, Eva ergueu os olhos e fez uma pausa. George Mellis contemplava-as diante da mesa, momentaneamente confuso. “Valha-me Deus! Não sabe qual das duas sou.” Por conseguinte, tratou de proferir: — George!

— Eva! — ele dissimulou a sensação de alívio. — Que agradável surpresa.

— De fato... Creio que não conheces minha irmã. Alex, apresento-te George Mellis. — Encantado — murmurou ele, apertando a mão da rapariga, ao mesmo tempo que refletia que Eva lhe falara na irmã gémea, mas nunca supusera que fossem idênticas.

— Almoças connosco? — perguntou ela.

— Infelizmente, já estou atrasado para uma entrevista. Fica para outra ocasião — Mellis voltou-se para Alexandra. — Em breve, espero.

— Com a breca! — exclamou Alexandra, quando se encontraram de novo sós. — Quem é?

— Um amigo de Nita Ludwig. Conheci-o numa reunião em casa dela. —

Sofro da vista ou é tão atraente como me pareceu?

— Embora não seja o meu tipo, as mulheres acham-no irresistível. — Não me admira nada. É casado?

— Penso que não, mas não deve ser por falta de interessadas. Além disso, tem dinheiro às montanhas. Pode mesmo dizer-se que não lhe falta nada, atrativos físicos, fortuna e posição social.

No final da refeição, quando Eva pediu a conta, o empregado informou que fora paga por Mr. Mellis.

Alexandra não conseguia parar de pensar em George Mellis. Segunda-feira à tarde, Eva telefonou-lhe para anunciar: — Parece que obtiveste êxito. George Mellis ligou para cá, a fim de me pedir o teu número. Posso dar-lho? — Se tens a certeza de que não te interessa... — articulou Alexandra, surpreendida ao verificar que sorria de satisfação. — Já te disse que não é o meu tipo.

— Então, podes dar-lhe o número do meu telefone.

Trocaram impressões por mais uns minutos e quando pousou o telefone, Eva voltou-se para Mellis, deitado na cama a seu lado.

— A senhora disse que sim. — Quando telefono?

— Quando eu te indicar.

Alexandra esforçava-se por esquecer que George Mellis lhe telefonaria, mas obtinha um resultado contraproducente, pois ainda pensava mais nisso. Nunca se sentira particularmente atraída por jovens bem-parecidos, porque descobrira que, na sua maioria, não passavam de presunçosos. No entanto, este parecia diferente. Irradiava uma qualidade dominadora. O mero contato da mão bastara para a excitar. “És parva. Só viste o homem durante dois minutos!” Mellis não telefonou naquela semana, e as emoções dela passaram da impaciência à frustração e depois à cólera. “Que vá para o diabo! Deve ter encontrado outra. Melhor!” Quando o telefone tocou finalmente, na semana seguinte, e escutou a voz grave e rouca, a irritação dissipou-se como que por artes mágicas. — Fala George Mellis. Vimo-nos o outro dia em que você almoçava com sua irmã.

Ela disse que não se importava que eu lhe telefonasse. — De fato, referiu-se a essa possibilidade — admitiu Alexandra, com simulada naturalidade. — Antes que me esqueça: obrigada pelo almoço.

— Você merece um autêntico festim. Merece mesmo um monumento.

Aceitava, se a convidasse para jantar, uma noite destas?

— Bem... acho que sim. Com todo o gosto. — Ótimo. Se recusasse, matava-me.

— Não faça isso, por favor. Detesto comer só. — Eu também. Conheço um restaurante discreto na Mul-berry Street chamado Matoon's.

— É o meu favorito! Mellis lançou um olhadela a Eva e sorriu, admirando a sua perícia na preparação do cenário. Com efeito, revelara-lhe todas as predileções e antipatias da irmã. Quando ele pousou o telefone, pensou: "Começou!" Foi o serão mais encantador na vida de Alexandra. Uma hora antes de Mellis se apresentar, recebeu uma dúzia de pequenos balões cor-de-rosa presos a uma orquídea. Ela receava que a imaginação a levasse a esperar demasiado, mas quando o voltou a ver sentiu todas as dúvidas esfumarem-se. O poderoso magnetismo tornou a dominá-la.

Uma vez no restaurante, ele perguntou: — Quer consultar a ementa, ou não se importa que eu escolha?

— Confio no seu gosto.

Mandou servir uma das iguarias preferidas dela, que ficou com a estranha sensação de que lhe lia o pensamento. Quando apareceu a salada e o viu proceder à mistura com notável perícia, inquiriu: — Você cozinha?

— É uma das grandes paixões da minha vida. Ensinou-me minha mãe, uma cozinheira excepcional.

— Mantém relações estreitas com a família? Ele esboçou um sorriso, e Alexandra refletiu que era o mais deslumbrante que jamais observara nos lábios de um homem.

— Sou grego — declarou Mellis, com simplicidade. — Tenho três irmãos e duas irmãs mais novos e constituímos um bloco muito unido — o olhar enevoou-se com uma expressão de nostalgia. — Quando me separei deles, senti uma das maiores tristezas de sempre. Pediram-me que ficasse, para continuar à testa do negócio, mas teve de ser.

— Porquê?

— Talvez lhe pareça parvoíce de minha parte, mas prefiro singrar pelos meus próprios meios. Sempre experimentei dificuldade em aceitar dádivas, e o negócio constitui uma dádiva legada por meu avô a meu pai. Cedi a minha parte à família.

De resto — acrescentou baixando a voz —, se continuasse na Grécia, não nos tínhamos conhecido.

— Nunca foi casado? — quis saber Alexandra, sentindo-se corar. — Não.

Costumava ficar noivo uma vez por dia, mas mudava sempre de ideias.

Chame-me bota-de-elástico, se quiser, mas quando me unir a uma mulher será

para sempre. Uma basta para mim, desde que seja a que me convém.

— E uma maneira de pensar admirável.

— E você, alguma vez esteve apaixonada? — Não.

— Que infelicidade para alguém! Mas que sorte para... Naquele momento, o empregado apareceu com a sobremesa. Alexandra ansiava por que Mellis completasse a frase, mas receou insistir. Nunca se sentira tão à vontade com um homem. George Mellis parecia tão profundamente interessado nela que a levou a falar-lhe da infância e da vida em geral, com as preferências e aversões.

Entretanto, ele orgulhava-se da forma experiente como enfrentava as mulheres. Sabia que as atraentes eram as mais inseguras, pois os homens concentravam-se na sua beleza e faziam com que se sentissem mais objetos do que seres humanos. Quando se encontrava com uma delas, nunca aludia aos seus atrativos físicos. Assim, fazia com que se julgasse admirada pelo seu espírito e diante de alguém que compartilhava dos seus sonhos. Tudo isto constituía uma experiência extraordinária para Alexandra, que se referiu a Kate e a Eva.

— Sua irmã não vive convosco?

— Não. Quis instalar-se num apartamento independente.

E ela perguntava a si própria por que razão Mellis não sentira atração por Eva. No entanto, qualquer que fosse a causa, congratulava-se com a reação dele.

Enquanto jantavam, apercebeu-se de que todas as mulheres presentes lançavam olhares furtivos ao seu companheiro, sem que este parecesse preocupar-se com o fato.

Quando tomavam café ele sugeriu: — Há um clube noturno em St. Marks Place, chamado Five Spot, e se gosta de jazz...

— É onde toca Cecil Taylor!

— Já esteve lá? — exclamou, fingindo-se surpreendido.

— Diversas vezes — Alexandra sorriu, divertida. — Adoro ouvi-lo. É incrível como partilhamos os mesmos gostos!

— Parece milagre...

Depois de escutarem várias interpretações ao piano de Cecil Taylor, seguiram para um bar na Bleecker Street, onde os clientes bebiam, comiam pipocas, lançavam dardos e ouviam boa música interpretada por um pianista anónimo.

Mellis aceitou o desafio de um desconhecido para uma partida de dados e suplantou-o sem dificuldade. “É um homem que nasceu para vencer...”, pensou Alexandra.

Passava das duas da madrugada quando abandonaram o bar, e ela reconheceu com pesar que o serão se aproximava do fim.

No Rolls Royce com motorista que alugara, Mellis conservava-se silencioso, limitando-se a contemplar a companheira. A semelhança entre as duas irmãs era

invulgar. “Gostava de saber se os corpos também se parecem tanto.” E imaginava Alexandra na cama com ele, contorcendo-se e uivando de dor.

— Em que pensa? — acabou ela por perguntar.

— Se lhe disser, ri-se — murmurou Mellis, desviando os olhos. — Prometo que não.

— No fundo, não a censurava. Devo ser considerado uma espécie deplayboy. Conhece o gênero: sempre metido em festas, passeios de iate, *etc.* — voltou a fitá-la. — É a única mulher que podia modificar tudo isso. Para sempre. — Não... não sei o que dizer — sussurrou Alexandra, sentindo as pulsações acelerarem-se.

— Não diga nada, por favor.

Os seus lábios achavam-se muito próximos e ela estava preparada para o que se pudesse seguir. Todavia, ele não deixou transparecer a mínima intenção de passar à ofensiva, pois Eva advertira-o com veemência. “Não te aventures de mais, na primeira noite. Se o fizeres, convertes-te em mais um dos numerosos Romeus ansiosos por se apoderar de Alexandra e da fortuna. A iniciativa tem de partir dela.”

Por conseguinte, limitou-se a pegar-lhe na mão até que o carro se imobilizou com suavidade diante da mansão Blackwell.

Apearam-se e, antes de se despedirem à entrada, Alexandra declarou: — Não tenho palavras para exprimir o prazer que estas poucas horas juntos me proporcionaram. — Para mim, foram mágicas.

— Boa noite, George.

E ela desapareceu no interior da vasta residência, com um sorriso radioso capaz de iluminar toda a rua.

Quinze minutos mais tarde, o telefone à cabeceira de Alexandra tocou.

— Sabe o que acabo de fazer? Telefonei à família para lhe comunicar que passei o serão com uma mulher deslumbrante. Sonhos felizes, minha bela Alexandra.

Quando pousou o telefone, George Mellis refletiu: “Depois de casarmos é que telefonarei à família. Dir-lhe-ei então que se pode lixar com o seu dinheiro!”

Alexandra não voltou a ter notícias dele em toda a semana. Cada vez que o telefone tocava, apressava-se a atender, para ficar invariavelmente decepcionada. Não conseguia imaginar o que sucedera, e revia o memorável serão com um prazer ofuscado pela nostalgia e a frustração. “É a única mulher que podia modificar tudo isso. Para sempre. Telefonei à família para lhe comunicar que passei o serão com uma mulher deslumbrante..” E concebia uma série de explicações para o silêncio.

Ofendera-o involuntária e inconscientemente. Ele gostava demasiado dela,

receava apaixonar-se e decidira não a tornar ver.

Chegara à conclusão de que não era o seu tipo.

Sofrera um acidente horrível e jazia em coma num hospital. Morrera.

Por fim, incapaz de conter a impaciência, telefonou a Eva e começou por abordar temas banais, antes de perguntar com ansiedade mal dissimulada: — Soubeste alguma coisa de George Mellis, ultimamente?

— Não. Julgava que te ia telefonar para jantarem juntos.

— Sim, fomos jantar... a semana passada.

— E não voltaste a saber dele?

— Não.

— Deve estar muito ocupado.

— É provável — admitiu Alexandra, ao mesmo tempo que pensava: "Ninguém está ocupado a esse ponto."

— Não lhe ligues — volveu Eva. — Gostava que conhecesses um canadiano muito atraente que me apresentaram há dias. É dono de uma companhia de aviação e...

Quando finalmente cortou a ligação, reclinou-se na poltrona com um sorriso de satisfação. Lamentava que a avó não pudesse ver como planejara tudo de forma impecável.

— Que mosca lhe mordeu? — perguntou Alice Koppel.

— Desculpe — replicou Alexandra.

De fato dirigia-se a todos com brusquidão, naquela manhã. Haviam-se escoado duas semanas desde que jantara com George Mellis e sentia-se furiosa. Não com ele, mas consigo própria, por não conseguir esquecê-lo. No fundo, o rapaz não lhe devia nada. Eram praticamente dois estranhos que haviam passado um serão juntos, e ela comportava-se como se contasse com o casamento como corolário lógico. George Mellis podia obter qualquer mulher que quisesse. Por que se preocuparia com ela?

A própria avó notou a fase de irritabilidade que atravessava e terminou por perguntar: — Que tens, minha filha? Obrigam-te a trabalhar de mais na agência?

— Não, avó. É que... não tenho dormido bem ultimamente.

E quando dormia acudiam-lhe sonhos eróticos com ele. "Demónios o levem!" Lamentava que Eva os tivesse apresentado.

O telefonema foi recebido no escritório na tarde seguinte: — Alex? Fala George Mellis — informou ele desnecessariamente, pois a voz grave e rouca era inconfundível aos ouvidos de Alexandra. — Desculpe não ter falado antes, mas acabo de regressar de Atenas.

— Esteve em Atenas? — articulou ela, sentindo as esperanças reacenderem-

se.

— Recorda-se da noite em que jantámos juntos? Na manhã seguinte, Steve, um dos meus irmãos, telefonou-me para comunicar uma notícia desagradável. Meu pai sofreu um ataque cardíaco.

— Meu Deus! — acudia-lhe um remorso quase insustentável, por haver duvidado dele. — Como se encontra?

— Vai recompor-se, felizmente. Pediu-me que regressasse à Grécia, para dirigir o negócio da família.

— Tenciona fazê-lo? — perguntou, contendo o alento.

— Não. Compreendi que o meu lugar é aqui. Não passa um dia ou uma hora sem que pense em si. Quando a posso ver?

— Não tenho qualquer compromisso para esta noite.

Mellis sentiu-se quase tentado a indicar outro dos restaurantes preferidos de Alexandra, mas conteve-se a tempo e proferiu: — Ótimo. Onde quer ir jantar?

— É-me indiferente. E se for em minha casa?

— Isso, não — ele ainda não se considerava preparado para enfrentar Kate. "Evita encontrar-te com minha avó, por enquanto. É o teu maior obstáculo."

— Irei buscá-la às oito.

Ela pousou o telefone, beijou Alice Koppel, Vince Barnes e Marty Bergheimer e anunciou: — Vou ao cabeleireiro. Até amanhã. Acompanharam-na com a vista, perplexos, e Alice Koppel afirmou: — É um homem. Jantaram no MaxwelTs Plum, onde um empregado de ar solene os conduziu à sala no primeiro piso, depois de atravessarem o concorrido bar em forma de ferradura.

— Pensou em mim na minha ausência? — perguntou Mellis, depois de escolherem a ementa.

— Sim — Alexandra decidira que tinha de usar da máxima sinceridade com aquele homem tão aberto e vulnerável. — Cheguei a recear que lhe tivesse acontecido alguma coisa. Se não telefonasse, duvido que resistisse mais um dia à incerteza.

"Eva acertou em cheio. Recomendou-me calma e para não telefonar até que ela dissesse." Invadia-o pela primeira vez a convicção de que o plano resultaria. Até então, deixara-o pairar na periferia do espírito, acarinhando a ideia de vir a controlar a incrível fortuna Blackwell, sem se atrever a aceitá-la como um fato inevitável. Agora, porém, contemplando Alexandra sentada na sua frente, os olhos inundados de adoração, reconhecia que tudo se desenrolava no sentido do êxito final. A rapariga achava-se praticamente em seu poder, o que completava a primeira etapa do plano. Os que se seguiam podiam revestir-se de perigo, mas, com a ajuda de Eva, havia de os superar.

"Estamos metidos nisto juntos, até ao fim, George, e partilharemos tudo em

partes iguais.” No entanto, Mellis não acreditava em sociedades. Quando obtivesse o que lhe interessava e eliminasse Alexandra, ocupar-se-ia de Eva, perspectiva que lhe infundia um prazer especial.

— De que sorri? — quis saber ela.

— Pensava em como é agradável estarmos aqui juntos — murmurou ele, acariciando-lhe a mão sobre a mesa. Em seguida, procurou na algibeira e extraiu uma pequena caixa oblonga. — Trouxe-lhe uma recordação da Grécia.

— Oh, George...

— Veja o que é...

— Que maravilha! — murmurou Alexandra, contemplando o colar de brilhantes que ele roubara a Eva.

“É um objeto que não oferece perigo”, afirmara esta última. “Ela nunca o viu.” Mellis interpretou corretamente a expressão que lhe observou no olhar. Com efeito, vira-a nos de muitas mulheres: bonitas e feias, ricas e pobres. Utilizara-as para os seus fins, e de uma maneira ou de outra, haviam-lhe dado alguma coisa. Todavia Alexandra proporcionar-lhe-ia muito mais do que todas as outras juntas.

— Que quer fazer, após o jantar? — perguntou, numa inflexão que constituía uma sugestão inequívoca.

— Estar consigo — foi a resposta sem a mínima hesitação. George Mellis tinha todos os motivos para se orgulhar do seu apartamento, decorado luxuosamente por amantes gratos — homens e mulheres —, que haviam tentado comprar-lhe o afeto com ofertas dispendiosas, e conseguido, sempre temporariamente.

— É encantador — admitiu Alexandra, olhando em volta. Ele beijou-a com suavidade e depois com maior sofreguidão, enquanto ela quase não se dava conta de que a conduzia para o quarto, no centro do qual se erguia uma ampla cama de casal.

— Não estejas nervosa — sussurrou, principiando a despi-la.

Entretanto, conservava bem presentes as advertências de Eva.

“Domina-te. Se a magoares e ela descobre o porco que és, não a voltas a ver. Reserva os punhos para as tuas prostitutas e rapazinhos bonitos.” Nessa conformidade, terminou de a despir, desembaraçou-se por seu turno da roupa apressadamente e deitaram-se.

31

Os minutos que se seguiram foram verdadeiramente celestiais para Alexandra e um fardo quase insustentável para Mellis, o qual continha a custo o desejo de a

obrigar a voltar-se para lhe introduzir o pénis no ânus. Em todas as ligações amorosas há mal-entendidos, cenas de ciúme e pequenas desavenças, mas não no romance entre eles. Graças aos conselhos meticulosos de Eva, Mellis conseguia explorar todas as emoções de Alexandra da melhor maneira.

Havia determinadas áreas do corpo dela que lhe interessavam mais, mas necessitava de usar das maiores precauções. A altas horas da noite, visitava bares suspeitos e discotecas, onde se lhe deparavam viúvas famintas de amor, prostitutas ávidas de dinheiro e rapazes condescendentes, que conduzia a hotéis sombrios. Nunca praticava os seus atos sórdidos duas vezes no mesmo lugar, nem seria acolhido com satisfação, pois os seus parceiros sexuais costumavam aparecer inconscientes, com os corpos maltratados e por vezes cobertos de queimaduras de cigarro.

Mellis evitava os masochistas. Esses gozavam com a dor, o que o privava de sentir prazer. Ao invés, gostava de os ouvir gritar e implorar misericórdia, como fora obrigado a fazer pelo pai, em criança. O castigo pelas infrações mais insignificantes consistia em espancamentos que lhe provocavam a inconsciência. Aos oito anos, o progenitor surpreendera-o com um garoto da vizinhança, ambos desnudos, e, depois de lhe bater até que o sangue lhe brotara do nariz e dos ouvidos, aproximara-lhe a ponta de um cigarro aceso do pénis. A queimadura sarara com o tempo, mas a cicatriz íntima perdurara.

George Mellis possuía a natureza selvagem e arrebatada dos seus antepassados helénicos. Não suportava a ideia de ser dominado por alguém, e sujeitava-se à pungente humilhação que Eva Blackwell lhe infligia apenas porque necessitava dela. Quando tivesse a fortuna em seu poder, tencionava castigá-la até que suplicasse que a matasse.

Conhecê-la fora a ocorrência mais afortunada que se lhe poderia deparar. “Afortunada para mim”, cismava ele. “Para ela, foi infortunada.” Alexandra nunca parava de se surpreender com a facilidade com que Mellis lhe adivinhava as preferências em matérias tão diferentes como flores, discos e livros.

Quando visitavam um museu, ele entusiasmava-se com as mesmas telas de que ela gostava. Por mais que se esforçasse em procurar-lhe um ponto fraco, um defeito, não conseguia. Era perfeito. O fato obrigava-a a ansiar cada vez mais pelo momento em que o apresentaria à avó. Não obstante, Mellis encontrava sempre um pretexto para se esquivar à confrontação.

— Mas estou certa de que gostarás dela, querido! — insistia. — Quero que conheça o homem que amo.

— Não duvido de que se trata de uma excelente senhora — argumentava ele —, mas receio que pense que não sirvo para ti.

— Que patetice! — a modéstia do amante enternecia-a. — A avó vai adorar-

te!

— Em breve. Quando eu reunir a coragem suficiente.

Mellis discutiu o assunto com Eva, que refletiu por uns momentos e decidiu: — Está bem. De qualquer modo, o momento crucial é inevitável, mais cedo ou mais tarde. Mas presta a maior atenção às tuas palavras e gestos. Ela é uma cadela muito esperta. Não lhe subestimes as faculdades por um segundo que seja. Se desconfia de que te animam intenções materiais, retalha-te o coração e dá-o de comer aos cães.

— Por que precisamos dela?

— Porque, se fizeres alguma coisa que provoque o antagonismo entre as duas, estamos arrumados.

Alexandra nunca o vira tão nervoso como na noite em que se preparavam para jantar com Kate. Entretanto, rezava intimamente para que nada corresse mal, pois desejava, mais que qualquer outra coisa no mundo, que a avó e Mellis simpatizassem mutuamente.

Por seu turno, Kate nunca vira a neta tão feliz. Alexandra conhecera os jovens mais atraentes e abastados e jamais manifestara interesse por eles. Por conseguinte, impunha-se que observasse com atenção o homem que conseguira conquistar o coração da rapariga. Kate dispunha de um faro.especial para detectar caçadores de fortunas e estava firmemente decidida a evitar que a neta fosse apanhada pela rede de algum.

Ansiava conhecer George Mellis, porque tinha a vaga impressão de que ele sentia relutância em a enfrentar e gostava de descobrir o motivo.

Ouviu a campainha da porta e, no minuto seguinte, Alexandra entrou na sala, dando a mão a um desconhecido classicamente bem-parecido.

— Avó, apresento-te George Mellis.

— Até que enfim — disse Kate. — Começava a pensar que me evitava, Mr. Mellis. — Pelo contrário, Mrs. Blackwell; nem imagina como aguardava este momento.

Ele preparava-se para acrescentar: “Ainda é mais bonita do que Alex dizia”, mas conteve-se. “Tem cautela. Nada de adulações, que são como uma bandeira vermelha para a velhota.” Nesse momento, surgiu um empregado, que preparou bebidas e se retirou discretamente.

— Sente-se, Mr. Mellis.

— Obrigado.

Alexandra instalou-se ao lado dele no sofá, diante da avó, enquanto esta prosseguia: — Sei que vocês se encontram com frequência. — Para profundo prazer meu. — Minha neta diz que trabalha numa firma de corretagem — volveu, sem o perder de vista por um instante. É exato.

— Para ser franca, parece-me estranho que esteja empregado, quando podia dirigir uma empresa lucrativa.

— Já te expliquei, avó...

— Quero ouvi-lo dos lábios de Mr. Mellis. “Acima de tudo, sê delicado. Não a antagonizes. Se deixares transparecer o menor sinal de fraqueza, ela reduz-te a farripas.”

— Não tenho o hábito de discutir a minha vida particular... — e ele hesitou, como se procurasse tomar uma decisão. — No entanto, dadas as circunstâncias... — encarou Kate com firmeza e continuou: — Sou um homem muito independente. Nunca aceito caridade. Se tivesse fundado a Mellis and Company, dirigia-a com a maior satisfação. Mas o fundador foi o meu avô, que a converteu num negócio muito lucrativo para meu pai. A minha colaboração não é necessária. Meus três irmãos possuem competência suficiente para orientar as operações. Prefiro trabalhar por conta de outrem, até encontrar algo que possa construir e proporcionar-me orgulho. Kate inclinou a cabeça com lentidão. O homem não correspondia de modo algum às suas previsões mais tenebrosas. Esperara que se lhe deparasse umplayboy, um caçador de fortunas daqueles que lhe perseguiam as netas desde a adolescência. O que se encontrava na sua frente parecia diferente. Não obstante, existia nele qualquer coisa de inquietante que não conseguia definir. Na realidade, era quase demasiado perfeito.

— Sei que a sua família é abastada — observou, após uma pausa. “Basta que acredite que és podre de rico e amas Alex com loucura. Sê simpático.

Domina o temperamento turbulento, e podemos cantar vitória.”

— O dinheiro representa uma necessidade, sem dúvida. Em todo o caso, há centenas de outras coisas que me interessam mais.

Kate informara-se acerca da situação da Mellis and Company e, segundo o relatório da Dun & Bradstreet, o seu ativo excedia os trinta milhões de dólares.

— Mantém relações estreitas com a família, Mr. Mellis? — Talvez de mais — e o semblante dele iluminou-se. — Segundo um velho adágio, quando um de nós se corta num dedo, todos sangramos. Mantemo-nos em contato permanentemente.

Na verdade, havia mais de três anos que não trocava uma palavra com qualquer familiar.

— Sou partidária das famílias unidas — disse Kate, com um movimento de cabeça de aprovação. Desviou os olhos para a neta e descortinou-lhe uma expressão de veneração no olhar. Por um instante fugaz, pensou nela própria e em David nos tempos remotos em que se amavam profundamente.

Interrompeu-lhe as reflexões momentâneas a entrada do mordomo, que anunciou: — O jantar está pronto, Mrs. Blackwell. A conversa à mesa pareceu

mais informal, mas as perguntas de Kate eram incisivas, e Mellis achava-se preparado para a mais importante, quando surgiu. — Gosta de crianças? “Ela está desesperada por um neto... Deseja-o mais do que tudo o resto no mundo”

— Se gosto de crianças? — e o interpelado exibiu um ar surpreendido. —

Que é um homem sem filhos ou filhas? Quando casar, manterei a minha pobre esposa muito ocupada. Na Grécia, o valor de um indivíduo mede-se pelo número de descendentes.

“Parece sincero”, pensou Kate. “Mas todo o cuidado é pouco.

Amanhã, incumbirei Brad Rogers de lhe investigar as finanças pessoais.” Antes de se deitar, Alexandra telefonou à irmã, a quem prevenira da visita de George Mellis.

— Fico ansiosa por saber o que se passou — declarara Eva. — Liga para cá assim que ele sair. Quero um relatório minucioso.

E agora Alexandra informava!

— Penso que a avó gostou muito dele.

— Que disse? — insistiu a outra, experimentando umfris-son de triunfo.

— Fez-lhe uma infinidade de perguntas, mas George portou-se admiravelmente.

“Então, sempre prestara atenção às recomendações dela.” — Vão casar?

— Bem, ele ainda não falou nisso, mas creio que o fará. — Achas que a avó não se oporá?

— Estou quase certa disso. Vai investigar as finanças pessoais dele, mas por aí não haverá problema. Eva sentiu um abalo inesperado, enquanto a irmã acrescentava: — Sabes como ela gosta de tomar todas as precauções. — É verdade — assentiu distraidamente. Estavam perdidos, a menos que lhe ocorresse uma solução sem demora. — Vai-me informando do que houver. — Está descansada. Boa noite. Pousou o telefone e voltou a levantá-lo com prontidão, a fim de marcar o número de George Mellis, mas ainda não chegara a casa. Efetuou tentativas cada dez minutos, até que ele atendeu finalmente.

— Podes arranjar um milhão de dólares rapidamente? — perguntou ela. —

De que estás para aí a falar?

— Kate vai investigar as tuas finanças.

— Sabe o que a minha família possui.

— Refiro-me à tua pessoa e não à família.

Seguiu-se um silêncio momentâneo, até que Mellis articulou: — Onde queres que vá buscar uma quantia dessas?

— Tenho uma ideia — murmurou Eva. Quando entrou no seu gabinete, na manhã seguinte, Kate indicou à recepcionista: — Diga a Brad Rogers que investigue as finanças pessoais de George Mellis, empregado na Hanson and

Hanson. — Mr. Rogers teve de se ausentar da cidade e só regressa amanhã, Mrs. Blackwell. Pode aguardar ou?... — Não é sangria desatada. Fica para amanhã.

George Mellis encontrava-se sentado à sua secretária, nos escritórios da firma de corretagem Hanson and Hanson. A Bolsa achava-se em plena atividade e a vasta sala era um pandemónio de vozes. A sede contava com duzentos e vinte e cinco funcionários: corretores, analistas, contabilistas e representantes de clientes, os quais trabalhavam a uma velocidade febril. Exceto Mellis, petrificado na secretária, dominado pelo pânico. O que se preparava para fazer valer-lhe-ia longa permanência na prisão, se falhasse.

— Não atende o telefone? Um dos sócios da firma surgira na sua frente e ele apercebeu-se de que a campainha tocava com insistência.

Impunha-se que agisse com naturalidade e não fizesse coisa alguma susceptível de despertar suspeitas.

— George Mellis — proferiu para o bocal, ao mesmo tempo que dirigia um sorriso tranquilizador ao homem.

Passou o resto da manhã recebendo indicações para comprar e vender ações, mas o seu espírito concentrava-se no plano de Eva para roubar um milhão de dólares. “É muito simples, George. Basta apoderares-te de alguns certificados de títulos por uma noite. Poderás restituí-los de manhã, sem que alguém se aperceba”.

Todas as firmas de corretagem possuem ações e títulos no valor de milhões de dólares guardados em cofres-fortes, como uma medida de conveniência para os clientes. Alguns dos certificados de ações ostentam o nome do detentor, mas a esmagadora maioria contém um número em código da CMISU — Comissão dos Métodos de Identificação de Segurança Uniforme —, que identifica o proprietário.

Esses certificados não são negociáveis, mas George Mellis não pretendia trocá — los pelo seu valor. Na Hanson and Hanson, as ações eram guardadas num cofre-forte situado no sétimo piso, numa área de segurança vigiada por um polícia armado diante de uma porta que só se podia abrir por meio de um retângulo de acesso de plástico codificado. Ora, embora Mellis não possuísse um desses retângulos, conhecia alguém que lho poderia “emprestar”. Helen Thatcher era uma viúva solitária que já singrava na casa dos quarenta. No entanto, tinha feições atraentes e corpo razoavelmente torneado, além do que se podia considerar uma cozinheira excelente. Estivera casada vinte e três anos e a morte do marido deixara um vazio na sua vida. Por outras palavras, necessitava de um homem que lhe prestasse assistência.

Todavia, o seu problema consistia em que a maioria dos que trabalhavam na

Hanson and Hanson eram mais novos, pelo que ninguém a convidava para sair.

O seu local de trabalho situava-se no departamento de contabilidade, no piso superior ao de George Mellis, que ela classificara como o melhor substituto para o extinto companheiro, desde a primeira vez que o vira. Convidara-o algumas vezes para um jantar caseiro e deixara transparecer que as suas atenções não se cingiriam ao campo da culinária, se ele estivesse interessado. Contudo, até agora, Mellis arranjara sempre uma desculpa para se esquivar às atividades de alcova com a colega.

Naquela manhã, quando o telefone tocou e Helen levantou o telefone, escutou a voz que lhe provocava vibrações especiais. — Fala George.

— Olá, George! Em que lhe posso ser útil?

— Tenho uma pequena surpresa para si. Pode chegar cá abaixo?

— Agora?

— Sim. — É que estou a meio de...

— Se tem muito que fazer, fica para outra ocasião.

— Não, não. Desço já.

Ignorando o telefone, que voltou a tocar mal cortou a ligação, ele pegou num maço de papéis e encaminhou-se para o setor dos elevadores. Uma vez aí, olhou em volta, para se certificar de que ninguém o observava, e enveredou pela escada. Quando alcançou o piso de cima, espreitou para verificar se Helen já saíra e entrou na sala, como se tivesse assuntos a tratar lá. Se o interceptassem... Mas não podia perder tempo a pensar nisso e apressou-se a abrir a gaveta do meio da secretária, onde sabia que ela guardava o ambicioso retângulo de plástico. Fê-lo desaparecer na algibeira com prontidão e regressou apressadamente ao ponto de partida.

— Desculpe — proferiu, ao ver que Helen o esperava, como previra. — O chefe chamou-me para um assunto urgente.

— Não tem importância. Qual é a surpresa?

— Um passarinho segredou-me que faz anos hoje, e queria levá-la a almoçar. — É muito gentil — e Mellis viu que ela travava breve luta íntima para decidir se devia ou não esclarecer que não era o dia do seu aniversário. — Aceito com o maior prazer.

— Nesse caso, encontramo-nos no Tony’s, à uma. O convite podia perfeitamente ter sido formulado pelo telefone, mas Helen Thatcher estava demasiado excitada para se preocupar com semelhante pormenor.

Mellis entrou em ação no momento em que ela se afastou, pois tinha muito que fazer antes de repor o retângulo de plástico no lugar donde o tirara. Meteu-se no elevador, até ao sétimo piso, e dirigiu-se à área de segurança, onde se encontrava o guarda diante da porta gradeada.

Com a maior naturalidade, introduziu o retângulo na ranhura e abriu.

No instante em que entrava, o polícia observou: — Não me recordo de o ver antes.

— É natural — e o coração de Mellis começou a palpitar mais depressa. — Não costumo frequentar estas paragens. Um dos meus clientes decidiu de repente que queria ver os seus certificados de ações e obrigou-me a vir buscá-los. Oxalá a operação não me tome toda a tarde.

— Felicidades — replicou o outro, com um sorriso. O interior do cofre-forte era de betão armado e media dez metros por cinco. Sem hesitar, Mellis aproximou-se das gavetas à prova de fogo que continham as ações e abriu uma. O número de títulos que cada certificado representava achava-se inscrito na parte anterior e variava de um a cem mil. Ele esquadrinhou-as com rapidez e eficiência, escolhendo várias, de diferentes companhias, até perfazer o valor de um milhão de dólares. Em seguida, guardou-as na algibeira interior do casaco e moveu-se para a saída.

— Afinal, foi rápido — comentou o guarda.

— Os computadores forneceram-me números errados. Vou ter de desfazer a confusão amanhã.

— Desconfio que os computadores atrapalham mais do que ajudam.

Quando regressou à sua secretária, Mellis descobriu que transpirava abundantemente. “Até aqui, tudo bem”, pensou, pegando no telefone, a fim de contatar Alexandra.

— Precisava de falar contigo e tua avó, esta noite, querida.

— Julgava que tinhas uma reunião de trabalho.

— Pois tinha, mas cancelei-a. O que pretendo comunicar-lhes reveste-se da maior importância.

Às treze horas em ponto, ele voltava a colocar o retângulo de plástico na gaveta da secretária de Helen Thatcher, enquanto esta aguardava no restaurante. Por sua vontade, tê-lo-ia conservado em seu poder, mas sabia que todos os que não fossem entregues no final de cada dia de trabalho perderiam a validade na manhã seguinte e o computador não os aceitaria. Às 13.10 horas, sentava-se à mesa do restaurante. A meio da refeição pegou na mão de Helen e murmurou: — Havemos de fazer isto mais vezes. Está livre amanhã? — Sem dúvida, George! Quando abandonou o escritório, naquela tarde, George Mellis levava consigo certificados de ações no valor de um milhão de dólares. Apresentou-se na mansão Blackwell às sete exatas e o mordomo conduziu-o à sala, onde Kate e Alexandra o aguardavam. — Boa noite — principiou. —

Espero não vir incomodar, mas precisava de falar com ambas. — e voltando-se para Kate. — O meu gesto poderá parecer fora de moda, Mrs. Blackwell, mas

peço-lhe autorização para desposar sua neta.

Amo Alexandra e creio que ela também me tem afeto. Apesar disso, gostaríamos de contar com a sua aprovação — levou a mão à algibeira do casaco, extraiu os certificados de ações e colocou-os em cima da mesa diante dela. — Ofereço-lhe um milhão de dólares como prenda de casamento. Assim, não necessitaremos do seu dinheiro. Apenas carecemos da sua bênção.

Kate baixou os olhos para os certificados e reconheceu os nomes de todas as companhias neles mencionados. Entretanto, Alexandra acercou-se de Mellis, devorando-o com os olhos brilhantes de alegria.

— Que dizes, avó? Esta contemplou-os em silêncio por um momento e reconheceu que não se devia opor aos seus desígnios. — Têm a minha bênção — declarou por fim, refletindo que não podia deixar de os invejar.

Ele exibiu um sorriso cativante e aproximou-se dela.

— Permite-me? — perguntou, e beijou-a na face.

Durante as duas horas imediatas, trocaram impressões sobre o casamento, e Alexandra advertiu: — Não quero uma cerimônia pomposa, avó. Não concordas, George? I — Sem dúvida. O amor é um assunto privado. I Por último, decidiram que a união se realizaria na maior intimidade, presidida por um magistrado.

— Seu pai virá? — quis saber Kate.

— Ninguém o conseguiria impedir — afirmou Mellis. — Ele e os meus cinco irmãos e irmãs. — Estou ansiosa por conhecê-los.

— Creio que gostarás deles.

Ela sentia-se impressionada com a situação e congratulava-se sobretudo pela visível felicidade da neta, que encontrara um homem profundamente apaixonado.

“Tenho de me lembrar de recomendar a Brad que já não precisa investigar as finanças do rapaz.” Quando se preparava para sair, e numa altura em que Kate já recolhera ao quarto, Mellis observou com aparente naturalidade: — Não me parece conveniente deixar aqui ações no valor de um milhão de dólares. Vou levá-las para o meu cofre, até ver.

— Boa ideia — aprovou Alexandra. Assim, ele voltou a guardá-las na algibeira e retirou-se.

Na manhã seguinte, repetiu o processo com Helen Thatcher. Enquanto ela descia ao seu encontro (“Tenho uma coisa para si”), ele tornava a apoderar-se do retângulo de plástico. Depois, ofereceu-lhe um cachecol de seda (“uma prenda de anos atrasada”), e confirmou o encontro para almoçar. Desta vez, o ingresso no cofre-forte pareceu mais fácil. Restituiu os certificados ao lugar primitivo, voltou a colocar o retângulo de plástico na gaveta da secretária e reuniu-se a Helen num restaurante das proximidades.

— Porque não jantamos em minha casa, esta noite? — sugeriu ela, antes de se separarem.

— Receio que seja impossível. Vou casar.

Três dias depois do casamento, Mellis apresentou-se na mansão Blackwell, o rosto alterado por uma expressão de pesar.

— Acabo de receber uma notícia terrível. Meu pai sofreu novo ataque cardíaco.

— Lastimo muito! — exclamou Kate. — Vai-se recompor? Contatei a família pelo telefone, várias vezes, durante a noite. A conclusão a que se chegou é que se há-de restabelecer, mas não poderá assistir, ao casamento.

— Podíamos ir a Atenas na lua-de-mel e visitá-lo — aventou Alexandra.

— Tenho outros planos, matia mou — murmurou Mellis, acariciando-lhe a cabeça. — A família não intervém neles.

A cerimônia nupcial foi celebrada na ampla sala da mansão Blackwell, com a presença de cerca de uma dezena de convidados, entre os quais Vince Barnes, Alice Koppel e Marty Bergheimer. Alexandra suplicara à avó que permitisse a comparência de Eva, mas Kate mostrara-se intransigente.

— Tua irmã jamais será bem-vinda a esta casa.

— És cruel, avó — volveu a rapariga, de olhos úmidos. — Estimo as duas.

Não lhe podes perdoar? Por um instante, Kate sentiu-se tentada a esquecer a deslealdade da neta, mas conteve-se a tempo.

— Procedo como me parece melhor para todos.

Um fotógrafo registrou o acontecimento para a posteridade, e ela ouviu Mellis recomendar ao homem que tirasse mais algumas cópias para enviar à família. “Vê-se que sente profundo afeto pelos pais e pelos irmãos”, pensou com satisfação.

Após o tradicional corte do bolo, Mellis murmurou ao ouvido de Alexandra: — Vou ter de me ausentar por um par de horas.

— Aconteceu alguma coisa? — Que ideia! Simplesmente, a única maneira de convencer os meus chefes a dispensarem-me para casar foi com a promessa de terminar um trabalho que deixei em suspenso.

Regressarei muito a tempo de seguirmos no avião. Só parte às cinco, como sabes.

— Está bem, mas despacha-te, por favor — e ela esboçou um pálido sorriso. — Não quero ter uma lua-de-mel sem ti.

Quando ele entrou no apartamento de Eva, viu-a envolta num negligée translúcido.

— Divertiste-te muito no teu casamento, querido? — Sim, obrigado. Foi uma cerimônia íntima, mas elegante. Decorreu tudo na perfeição.

— Sabes porquê? Por minha causa. Nunca te esqueças disto Mellis olhou-a pensativamente por um momento e assentiu — Não te preocupes.

— Somos cúmplices até ao fim.

— Com certeza. — Com que então estás casado com a minha irmãzinha!

— Pois estou, e tenho de regressar — : anunciou, consultando o relógio.

— Ainda não.

— Por quê?

— Porque primeiro vais fazer amor comigo. Quero fornicar com o meu cunhado.

Eva planejara a lua-de-mel minuciosamente e comentara: — É dispendiosa, mas deves armar em mãos largas.

Para o efeito, vendeu três jóias oferecidas por um admirador ardente e entregou o dinheiro a Mellis, que se mostrou reconhecido. — Agradeço-te a atenção.

— Hei-de recuperar tudo isso com largos juros.

32

A lua-de-mel atingiu quase a perfeição. Instalaram-se num hotel sobranceiro à baía Montego, na parte norte da Jamaica, de onde partiam para numerosas excursões. Alexandra fazia tudo o que lhe ocorria para agradar ao marido e congratulava-se profundamente quando o ouvia soltar gemidos de prazer no clímax das suas relações entre os lençóis.

No quinto dia, Mellis informou: — Tenho de me deslocar a Kingston, para tratar de um assunto de serviço. A firma possui lá uma delegação, e pediram-me que fosse recolher uns documentos.

— Muito bem. Vou contigo. — Era ótimo, querida, mas espero uma chamada da sede. Tens de ficar para tomar nota da mensagem.

— A telefonista não se pode encarregar disso? — argumentou ela, desapontada.

— É um assunto importante e podia cometer algum erro. — Nesse caso, que remédio — capitulou, com um suspiro. .— Fico.

Mellis alugou um carro e seguiu para Kingston, onde chegou ao fim da tarde.

Assolava-o um desejo excruciante, acumulado ao longo de semanas, que necessitava de satisfazer com urgência. Assim, entrou no primeiro bar que avistou e trocou algumas palavras com o empregado atrás do balcão. Transcorridos cinco minutos, acompanhava uma prostituta negra de quinze anos a um hotel de má nota. Duas horas mais tarde, retirou-se só, subiu para o carro, e regressou à baía Montego, onde Alexandra lhe comunicou que ninguém

telefonara. Na manhã seguinte, os jornais de Kingston informavam que um turista espancara e mutilara uma prostituta, a qual se encontrava entre a vida e a morte.

Na Hanson and Hanson, os membros da direção trocavam impressões sobre George Mellis, pois haviam-se registrado queixas de vários clientes relacionadas com o modo como se ocupava dos seus títulos confiados à firma. Fora decidido despedi-lo, mas alguém levantou uma objeção importante: — É casado com uma das netas de Kate Blackwell.

— Isso confere um aspecto novo à situação. Se conseguíssemos que ela nos confiasse parte das suas ações... A avidez que pairava na atmosfera podia considerar-se quase palpável e acabou por ficar assente que George Mellis merecia que lhe concedessem uma segunda oportunidade.

Quando Alexandra e Mellis regressaram da lua-de-mel, Kate declarou: — Gostava que passassem a viver comigo. A casa é enorme e não tropeçaríamos uns nos outros.

— É uma grande gentileza de sua parte, Mrs. Blackwell — redarguiu ele —, mas julgo preferível que nos instalemos num apartamento só nosso.

Ao mesmo tempo, refletia que não fazia a mínima tenção de permanecer sob o mesmo teto que a velha, a qual, decerto, não perderia o ensejo de lhes vigiar todos os movimentos.

— Compreendo — aquiesceu Kate. — Nesse caso, deixem-me comprar-lhes uma casa. Será a minha prenda de casamento.

— A sua generosidade não tem limites — asseverou Mellis, abraçando-a.

— Aceitamos com gratidão.

— Obrigada, avó — interpôs Alexandra. — Procuraremos uma perto daqui.

— Exato — volveu ele. — Queremos estar nas proximidades, para não a perder de vista. É uma mulher muito atraente, sabe! Dias depois, descobriram uma casa de três pisos a meia dúzia de quarteirões da mansão Blackwell, e Mellis preveniu Alexandra: — A decoração fica a teu cargo, porque estarei muito ocupado com clientes.

A verdade era que raramente comparecia no escritório e consagrava pouco tempo à clientela, pois preenchia os dias com assuntos mais interessantes. A Polícia recebia uma série de relatórios de assaltos a prostitutas, homossexuais e mulheres solitárias que frequentavam bares. As vítimas descreviam o misterioso indivíduo como sendo atraente e culto, de origem estrangeira, possivelmente latina. No entanto, aquelas que se achavam em condições de consultar as fotografias de cadastrados em poder das autoridades não conseguiam proporcionar uma identificação.

Eva e Mellis almoçavam num pequeno restaurante do centro da cidade, onde

não corriam o risco de ser reconhecidos.

— Tens de convencer Alex a redigir um novo testamento, sem o conhecimento de Kate — indicou ela.

— Como diabo queres que consiga isso?

— Vou-te explicar, querido...

Na noite imediata, ele encontrou-se com Alexandra em Le Plaisir, um dos locais mais requintados de Nova Iorque, onde apareceu com meia hora de atraso. — Desculpa, anjo. Estive no escritório do meu advogado, e sabes como eles complicam as coisas mais simples. — Que foste lá fazer?

— Decidi alterar o testamento. Se me acontecer alguma fatalidade, tudo o que possuo será teu.

— Não quero que...

— É pouco, comparado com a fortuna Blackwell, mas chega para que vivas confortavelmente.

— Não fales nisso, por favor. — Às vezes, o Destino prega-nos partidas inesperadas. Embora não seja agradável admiti-lo, convém estarmos preparados para semelhantes emergências. Ela conservou-se silenciosa por um momento, imersa em reflexões, e perguntou: — Não te parece que também devia alterar o meu?

— Para quê? — redarguiu Mellis, mostrando-se surpreendido.

— És o meu marido. Tudo o que tenho pertence-te.

— O teu dinheiro não me interessa, Alex.

— Acredito, querido, mas tens razão. Convém estarmos preparados — e os olhos de Alexandra marejaram-se. — Sinto-me tão feliz que não suporto a possibilidade de acontecer alguma coisa a qualquer de nós. Amanhã mesmo falarei com Brad Rogers.

— Se preferes assim — e ele encolheu os ombros num gesto de aparente indiferença. — No entanto, julgo conveniente que seja o meu advogado a tratar disso. Está familiarizado com a natureza dos meus bens e pode coordenar tudo.

— Pois sim. A avó pensa...

— Não a envolvamos nisto — propôs com ternura. — Adoro-a, mas penso que devemos manter os nossos assuntos pessoais só para nós.

— Tens razão, como sempre. Não lhe direi nada. Entendes-te com o advogado, para que me receba amanhã?

— Lembra-me para lhe telefonar. E, agora, vamos comer. Que dizes a uns mariscos, como começo?...

Uma semana mais tarde, Mellis procurou Eva no seu apartamento.

— Alex já assinou o novo testamento? — perguntou ela, com ansiedade. —

Esta manhã. Herda a sua parte da companhia dentro de oito dias, no aniversário.

Transcorrida mais uma semana, quarenta e nove por cento das ações da Kruger-Brent, Ltd., eram transferidos para Alexandra. Mellis telefonou a Eva para lhe comunicar a excelente notícia e ela exclamou: — Estupendo! Passa por cá logo, para celebrarmos.

— Não posso. Kate promove uma festa em honra de Alex. Seguiram-se uns segundos de silêncio, antes da pergunta de Eva: — Que servem? — Como diabo queres que saiba?

— Trata de averiguar — e cortou a ligação. Quarenta e cinco minutos depois, Mellis voltou a contatá-la pelo telefone.

— Não percebo porque te interessa a ementa, uma vez que não foste convidada, mas compõe-se de Coquille Saint-Jacques, Chateaubriand, saladas de alface e mista, Brie, cappuccino e um bolo de aniversário, com o gelado favorito de Alex.

Ficaste satisfeita? — Muito. Até logo à noite.

— Nem pensar. Não posso ausentar-me a meio da... — Há-de ocorrer-te um pretexto — foi a advertência ameaçadora.

"Raios partam a cadela!" Ele pousou o telefone e consultou o relógio.

Tinha uma entrevista com um cliente importante, ao qual não comparecera por duas vezes num lapso de poucos dias, e atrasara-se de novo. Sabia que a direção da Hanson and Hanson não o despedia unicamente em virtude do seu ingresso na família Blackwell, mas impunha-se que não agravasse demasiado a sua posição.

Criara uma imagem para impressionar Alexandra e Kate e impunha-se que nada a destruísse. Aliás, em breve deixaria de necessitar delas.

Enviara um convite ao pai, mas o velho nem se dera ao incômodo de responder ou enviar uma palavra de felicitações. "Não quero tornar a ver-te!", afirmara no seu último encontro. "Para mim, morreste, ouviste? Morreste!" Pois, aguardava-o uma surpresa. O filho pródigo voltaria a dar sinais de vida.

33

A festa do vigésimo segundo aniversário de Alexandra constituiu um êxito extraordinário. Havia quarenta convidados, e enfrentara uma negativa quando sugerira ao marido que chamasse alguns dos seus amigos. — A homenageada és tu, querida. Portanto, devem comparecer apenas as pessoas das tuas relações.

A realidade era que ele não tinha amigos, na sua qualidade de solitário, como gostava de se intitular. Aqueles que dependiam de outros não passavam de fracos. Quando viu Alexandra apagar as velas do bolo, compreendeu que formulava um desejo íntimo que o envolvia, e refletiu: "Devias desejar antes uma vida mais longa, minha menina."

No fundo, era forçado a admitir que ela apresentava um aspecto deslumbrante. Usava um vestido de

chiffon comprido, com sandálias prateadas e um colar de brilhantes, oferta da avó.

As pedras longas, em forma de pêra, achavam-se unidas por meio de um cordão de platina e refulgiam à luz das velas.

Kate contemplava-as e cismava: “Recordo-me do nosso primeiro aniversário, quando David mo colocou ao pescoço e murmurou como me amava.” Mellis, por seu turno, pensava: “Aquele colar não deve valer menos de cento e cinquenta mil dólares!” Entretanto, apercebia-se de que muitas das convidadas lhe sorriam convidativamente e, noutras circunstâncias, não hesitaria em tirar partido do fato. Tratava-se, contudo, de amigas de Alexandra, que, conquanto talvez não se lhe fossem queixar, decerto recorreriam à Polícia. Não, as coisas desenrolavam-se com demasiada suavidade para que se expusesse a riscos desnecessários. Quando faltava um minuto para a uma da madrugada, postou-se nas proximidades do telefone e, no momento que tocou, apressou-se a levantar o telefone.

— Estou...

— Mr. Mellis?

— O próprio.

— Fala do seu serviço informativo. Pediu que lhe telefonasse à uma.

Como Alexandra se achava perto, ele olhou-a, enrugando a fronte numa atitude de apreensão. — A que horas ligou ele?

— É Mr. Mellis?

— Sim. — Pediu que...

— Está bem — assentiu, com resignação. — Diga-lhe que sigo já para o clube Pan Am Clipper — e cortou a ligação com um gesto de enfado.

— Que se passa, querido? — perguntou Alexandra.

— Um dos sócios da firma segue para Singapura e esqueceu-se de uns documentos importantes em cima da secretária. Tenho de os ir buscar e entregar-lhos, antes da partida do avião.

— Agora? Não podem mandar outro?

— Sou o único em quem confiam plenamente — e ele suspirou. — Até parece que todos os meus colegas são uma corja de incompetentes — e pousando-lhe as mãos nos ombros: — Lamento imenso, querida. Não estragues a festa por minha causa.

Prometo voltar o mais depressa possível.

Eva abriu a porta a Mellis e proferiu em tom de aprovação: — Sempre conseguiste. Arranjas solução para tudo.

— Não me posso demorar. Alex... — Tenho uma surpresa para ti.

Conduziu-o à pequena sala de jantar, cuja mesa se achava posta para dois, com velas no centro.

— A que propósito vem isto?

— É o meu aniversário. — Claro — ele sentiu-se embaraçado. — Não me lembrei de te trazer uma prenda.

— Mas trouxeste, querido. Vais entregar-ma, mais tarde. Senta-te. —

Obrigado, mas não sou capaz de comer nada. Acabo de encher o estômago lá em casa.

— Senta-te — insistiu Eva, em inflexão átona. Mellis olhou-a em silêncio, por um momento, e obedeceu. A refeição consistia exatamente nas mesmas iguarias das do aniversário de Alexandra, e ela sentou-se diante do cúmplice, observando-o enquanto impelia a comida, estoicamente, para a garganta. — Partilhámos sempre tudo — explicou Eva. — Esta noite, celebramos a mesma data, mas para o ano só uma de nós o fará. Chegou a altura de minha irmã sofrer um acidente. Depois, a avozinha morrerá de desgosto. Será tudo nosso, Geor-ge. E, agora, se saciaste o apetite, passemos ao quarto, para me dares a prenda de aniversário. Ele receara aquele momento. Apesar de forte e vigoroso, ela dominava-o e fazia-o sentir-se impotente.

Obrigou-o a despi-la com lentidão e depois retribuiu-lhe a gentileza, antes de o excitar com perícia, até provocar a ereção.

— Pronto — e encavalitando-se-lhe em cima, começou a mover os quadris com lentidão. — Que bom... Não podes ter um orgasmo, hem?

Sabes porquê? Porque és um anormal. Não gostas de mulheres. Só te apetece torturá-las. Adoravas maltratar-me, aposto. Dize que adoravas maltratar-me. — Adorava matar-te.

— Mas não podes, porque te interessa ficar com a Kruger-Brent tanto como a mim. Nunca me farás mal, porque, se me acontecer alguma coisa, uma pessoa amiga entregará à Polícia uma carta que lhe confiei.

— Isso é bluff.

— Há uma maneira de te certificares.

De súbito, Mellis compreendeu que ela falava verdade. Nunca conseguiria fazê-la desaparecer da sua existência! Estaria sempre presente para o atormentar, escravizar. Não podia suportar a ideia de permanecer à mercê daquela cadela até ao fim dos seus dias.

Inesperadamente, algo explodiu no seu íntimo. Uma película vermelha ofuscou-lhe a visão e a partir desse momento deixou de ter consciência do que fazia. Tudo se desenrolou como que ao retardador. Mais tarde, recordou-se apenas de afastar Eva de cima dele, abrir-lhe as pernas e obrigá-la a soltar gritos de dor. Por fim, a película atenuou-se gradualmente e verificou que ela jazia na cama, coberta de sangue.

Tinha o nariz esmagado, o corpo sulcado de escoriações e queimaduras de cigarro e as pálpebras inchadas.

Mellis sacudiu a cabeça para desanuviar o espírito e, no momento em que a realidade da situação se lhe apresentou com clareza, foi assolado por pânico intenso. Não existia explicação possível para o que acabava de fazer.

Comprometera tudo. Tudo!

— Eva? — proferiu receosamente, inclinando-se para ela.

— Médico... — balbuciou a rapariga, entreabrindo uma das pálpebras com dificuldade. — Chama... um... médico — cada palavra constituía uma gota de dor adicional. — John... Harley...

George Mellis limitou-se a pronunciar para o bocal: — Pode vir imediatamente? Eva Blackwell sofreu um acidente.

Quando entrou no quarto, o dr. Harley lançou uma olhadela a Eva, à cama e às paredes manchadas de sangue e balbuciou: — Meu Deus! — tomou-lhe o pulso e virou-se para Mellis. — Telefone à Polícia. Diga que precisamos de uma ambulância. — Doutor... —

sussurrou ela, por entre a névoa de dor.

— Vai ficar boa, não se preocupe — asseverou o médico, | debruçando-se sobre a cama. — Assim que der entrada no hospital...

— Polícia... não... — Tenho de comunicar a ocorrência às autoridades.

— Polícia... não... — repetiu Eva, pegando-lhe na mão e segurando-a com firmeza.

— Não tente falar — recomendou ele, examinando o malar e o queixo fraturados e as queimaduras de cigarro dispersas pelo corpo.

No entanto, mau grado as dores excruciantes, ela lutava pela vida. —

Por favor... Avó nunca... perdoaria... Polícia, não... Acidente...

Atropelamento e fuga... condutor... Não havia tempo para discutir, pelo que o dr. Harley se dirigiu ao telefone e discou um número.

Quando atenderam, identificou-se, comunicou o endereço de Eva e acrescentou: — Preciso de uma ambulância imediatamente. Localizem o doutor Keith Webster e peçam-lhe que me espere no hospital. Trata-se de uma emergência. Preparem a sala de operações para utilização imediata — escutou por uns instantes e concluiu: — Atropelamento, com fuga do condutor — e pousou o telefone.

— Obrigado, doutor — articulou Mellis.

Harley encarou-o com uma expressão de desdém. Apesar de se ter vestido apressadamente, o marido de Alexandra apresentava os nós dos dedos esfolados e as mãos e rosto com manchas de sangue.

— Não me agradeça. Faço-o pelos Blackwell. Mas com uma condição.

Que você prometa consultar um psiquiatra.

— Não necessito de...

— Nesse caso, vou telefonar à Polícia — e o médico estendeu a mão para o aparelho. — Não pode andar à solta.

— Um momento! — Mellis hesitou, imerso em reflexões. Deitara tudo a perder, mas agora, miraculosamente, proporcionavam-lhe uma saída possível. — Está bem.

Procurarei um psiquiatra.

O som de uma sereia de ambulância começou a ouvir-se ao longe.

Impeliam-na ao longo de um túnel e luzes coloridas brilhavam com intermitências.

Sentia o corpo leve e pensava: "Posso voar, se quiser." Tentou mover os braços, mas uma força invisível opunha-se. Abriu os olhos e verificou que se encontrava numa maca, transportada por dois homens ao longo de um corredor branco. "Faço parte de uma peça da televisão, mas não me recordo do texto. Onde está o guião?" Quando tornou a descerrar as pálpebras, achava-se numa sala espaçosa, rodeada por vultos de bata branca e máscara. — Chamo-me Keith Webster — informou um deles, inclinando-se para ela. — Vou operá-la. — Não quero ficar feia — murmurou Eva, em tom quase inaudível. — Não me deixe ficar... feia. — Nem por sombras — prometeu o cirurgião. — Agora, prepare-se para dormir. Descontraia-se.

E fez sinal ao anestesista. Mellis conseguiu lavar o sangue que o cobria, na casa de banho de Eva, mas soltou uma imprecação quando consultou o relógio e viu que eram três da madrugada. Acalentava a esperança de que Alexandra estivesse a dormir, mas descobriu que o aguardava na sala.

— Estava tão preocupada, querido! Houve algum contratempo?

— Não.

— Um pouco mais e telefonava à Polícia — e ela abraçou-o com ternura.

— Receava que te tivesse acontecido alguma coisa horrível.

"E não te enganaste", pensou ele. — Levaste-lhe os documentos?

— Documentos? — perguntou, mas, de súbito, compreendeu ao que Alexandra se referia. — Levei, mas foi por um triz. — Porque tardaste tanto?

— A partida do avião foi atrasada e ele reteve-me para trocarmos impressões. Lastimo profundamente, querida.

— O essencial é não te ter acontecido nada.

Pensou em Eva, conduzida ao hospital, com várias fraturas, e ponderou no que sucederia se ela morresse. Prendiam-no por homicídio, sem dúvida. Por outro lado, todavia, se vivesse, tudo regressaria à situação anterior, e perdoar-Lhe-ia, porque necessitava dele.

Conservou-se acordado o resto da noite, evocando os gritos de Eva, quando lhe suplicara misericórdia. Voltou a sentir-lhe os ossos esmagando-se sob os seus punhos e a notar o odor de carne queimada, e nesse momento quase a amou.

Constituiu um fato afortunado o dr. Harley ter conseguido obter os serviços de Keith Webster, pois tratava-se de um dos maiores cirurgiões plásticos do mundo.

As pessoas que acudiam à sua clínica, em Manhattan, pagavam apenas aquilo de que podiam dispor, conscientes de que recebiam uma assistência igual à de qualquer milionário. Apesar de habituado a enfrentar vítimas de acidentes, ao observar o rosto desfigurado de Eva Blackwell não pôde evitar um estremecimento de horror.

— Quem é o responsável disto, John?

— Foi um caso de atropelamento, com fuga do condutor. — E, antes de fugir, o homem deteve-se a decorar-lhe o corpo com queimaduras de cigarro? — redarguiu Webster com uma expressão de incredulidade. —

Preferia não discutir os pormenores. Pode restituir-lhe a forma primitiva?

— É essa a minha missão. Restituir a forma primitiva.

Era quase meio-dia quando o cirurgião anunciou finalmente aos seus assistentes: — Chegámos ao fim. Levem-na para os cuidados intensivos.

À mínima anormalidade, chamem-me. A operação prolongara-se por nove horas.

Eva foi retirada dos cuidados intensivos quarenta e oito horas depois.

Mellis não tardou a comparecer no hospital. Precisava de a ver, conversar com ela, para se certificar de que não planejava qualquer vingança terrível contra ele.

— Sou o advogado de Miss Blackwell — explicou à enfermeira de

serviço. — Ela pediu-me que viesse. É só um momento.

— Não está autorizada a receber visitas — declarou a mulher.

Mas observou aquele rapaz tão atraente e acrescentou: — Em todo o caso, não vejo inconveniente, desde que seja rápido. Eva encontrava-se deitada de costas, envolta em ligaduras, com tubos presos ao corpo como excrescências obscenas. As únicas áreas visíveis eram os olhos e lábios.

— Olá, Eva...

— George... — a sua voz não passava de um vago murmúrio, obrigando-o a aproximar-se para ouvir. — Disseste... alguma coisa... a Alex?

— Claro que não — e Mellis sentou-se na borda da cama. — Vim porque...

— Eu sei... Continua tudo... como dantes.

— Lamento o que aconteceu — e experimentou um alívio indescritível. —

Palavra de honra que...

— Manda alguém telefonar a Alex... Que lhe diga que me... ausentei por umas semanas. — Está bem.

— Faz-me um favor... — volveu ela, olhando-o fixamente.

— Os que quiseres.

— Morre dolorosamente.

Pouco depois adormeceu. Quando acordou, o dr. Keith Webster encontrava-se à cabeceira da cama.

— Como se sente? — perguntou com brandura.

— Muito cansada... Que me encontraram? Hesitou antes de responder.

As radiografias haviam revelado numerosas fraturas, não só do rosto como por todo o corpo. Por fim, enumerou com simulado desprendimento: — Fratura de um malar e do nariz e queixo deslocado, além de queimaduras de cigarro. Mas não se preocupe, porque compusemos tudo.

— Queria um espelho.

— Lamento, mas não há nenhum disponível.

Eva só formulou a interrogação seguinte graças a um prodigioso esforço de vontade.

— Que aspecto terei, quando me tirarem as ligaduras? — O mesmo de antes do acidente.

— Não acredito.

— Verá. Agora, gostava que me descrevesse o que aconteceu. Tenho de enviar um relatório à Polícia.

— Fui atropelada por um caminhão — declarou, após um silêncio prolongado.

O dr. Webster perguntava a si próprio como pudera alguém tentar destruir aquela frágil beldade, mas há muito que renun-’ ciara a ponderar as aberrações da raça humana e a sua capacidade para a crueldade.

— Preciso de um nome — esclareceu. — Quem foi o autor? — Mack.

— E o apelido.

— Truck.

Ao mesmo tempo, sentia-se perplexo com a conspiração de silêncio.

Primeiro John Harley, agora Eva Blackwell. — Nos casos de assalto criminoso, a lei obriga-me a apresentar um relatório às autoridades.

Ela pegou-lhe na mão e apertou-a, antes de replicar: — Se minha avó ou a minha irmã soubessem, morriam de desgosto. Se informar a polícia, os jornais publicarão a notícia. — Não posso declarar que se trata de um caso de atropelamento, com fuga do condutor. As senhoras não costumam percorrer as ruas sem a mínima peça de vestuário.

— Por favor!

— Bem... — o cirurgião contemplou-a, tomado de profunda compaixão. —

Pode ter escorregado e caído na escada de sua casa.

— Foi exatamente o que aconteceu — murmurou ela, com um pálido sorriso. — Bem me parecia... — suspirou ele, encolhendo os ombros, resignado.

O dr. Webster passou a visitá-la diariamente, levando-lhe flores e pequenos presentes da loja existente no hospital, e Eva protestava com insistência: — Passo os dias aqui deitada, sem me mexer. Como se explica que ninguém faça nada por mim? — Tenho a minha colega a trabalhar em si.

— Qual colega?

— A Natureza. Debaixo dessas ligaduras assustadoras, está a recuperar admiravelmente.

Caminhão.

O médico era a sua única companhia e ela passou a ansiar pelas suas visitas.

Apercebia-se do acanhamento que o invadia na sua presença, o que a divertia. — Nunca casou? — perguntou, um dia.

— Não. — Porquê?

— Não sei. Talvez porque não daria um marido famoso. Chamam-me para emergências com regularidade. — Mas deve ter uma amiguinha...

— Bem, a verdade... — desta vez, o doutor Webster deixou transparecer embaraço. — Conte lá — insistiu ela, com uma ponta de malícia.

— Não, não tenho. — Aposto que as enfermeiras estão loucas por si. —

Engana-se. Aliás, não sou uma pessoa muito romântica.

"Isso é modéstia", pensou. Não obstante, sempre que aludia ao cirurgião diante das enfermeiras e internos, referiam-se-lhe como se fosse pouco menos que um deus. — É um obreiro de milagres — afirmou um deles. — Não há nada que não consiga fazer num rosto humano.

Mencionou a sua obra junto das crianças e de criminosos deformados, mas quando Eva solicitou informações mais pormenorizadas a Webster, este limitou-se a observar: — Infelizmente, o mundo avalia as pessoas pelo seu aspecto. Tento valer àquelas que nasceram com deficiências físicas. Isso pode provocar alterações radicais nas suas vidas.

Ela sentia-se profundamente intrigada. Era óbvio que ele não agia assim com os olhos postos no dinheiro ou glória. Podia considerar-se um altruísta absoluto. Nunca conhecera um homem assim, e perguntava a si própria o que o motivaria.

Todavia, tratava-se de uma curiosidade ociosa, pois não acalentava o menor interesse por Keith Webster, além daquilo que podia fazer por ela.

Quinze dias depois de dar entrada no hospital, Eva foi transferida para uma clínica particular nos arredores de Nova Iorque.

— Estará mais confortável — assegurou-lhe o cirurgião.

Ela sabia que o local ficava muito afastado do percurso habitual dele, apesar do que a visitava todos os dias.

— Não tem outros pacientes? — Como você, não.

Acabou por perguntar.

Cinco semanas após o ingresso na clínica, o dr. Webster retirou as ligaduras e, depois de mover a cabeça de Eva para ambos os lados, inquiriu: — Sente alguma dor?

— Não. — E tensão?

— Tão-pouco.

— Traga um espelho — indicou à enfermeira.

Eva foi assolada por um pavor irresistível. Ao longo de semanas aparentemente intermináveis, desejara ver-se ao espelho e agora, que chegara o momento, hesitava.

— Tenho medo — confessou, quando o cirurgião lho estendeu. — Encha-se de coragem — foi a recomendação ambígua. Ela respirou fundo e ergueu o espelho à altura do rosto.

Dera-se um milagre! O semblante não sofrera a mínima alteração. Era exatamente o mesmo. Procurou, em vão, sinais de cicatrizes. Por fim, sentiu os olhos umedecerem-se-lhe. — Obrigada — sussurrou.

Inclinou a cabeça para dar um beijo no dr. Webster, mas notou os lábios famintos pousados nos seus. No entanto, ele endireitou-se com prontidão, mais embaraçado do que nunca.

— Alegra-me que esteja satisfeita. — Satisfeita! O seu pessoal tem razão.

É um obreiro de milagres.

— Não esqueça que o material era excelente.

George Mellis ficara profundamente abalado com o sucedido. Na verdade, estivera prestes a destruir tudo o que ambicionava. Até então não se apercebera do que significava para ele assumir o comando da Kruger-Brent, Ltd. Contentara-se em viver de ofertas de damas solitárias, mas agora casara com uma Blackwell e

achava-se na iminência de possuir uma empresa muito mais importante e poderosa do que o pai jamais concebera. Tudo se convertera subitamente numa aspiração irreversível, pela qual não hesitaria em matar.

Entretanto, empenhava-se em criar a imagem do marido perfeito, passando todo o tempo possível ao lado de Alexandra. Tomavam o pequeno-almoço juntos, levava-a a almoçar fora e esforçava-se por chegar cedo a casa, todas as noites. Nos fins-de-semana, dirigiam-se à casa de praia que Kate Blackwell possuía em Long Island ou seguiam para Dark Harbor no Cessna da companhia. Na realidade, Cedar Hill era o lugar favorito dele e, enquanto percorria as amplas salas e admirava as antiguidades e as telas valiosas, refletia que em breve tudo aquilo lhe pertenceria.

Também se revelava respeitador e admirador da avó de Alexandra, que completara oitenta e um anos, era presidente da administração de Kruger-Brent, Ltd., e continuava possuidora de notável vitalidade.

Mellis providenciava para que ambas almoçassem com ele uma vez por semana, e telefonava à anciã com frequência, para trocarem impressões sobre temas banais. Criava assim uma imagem que esperava vir-lhe a ser extremamente útil.

Ninguém suspeitaria de que tencionava assassinar duas pessoas que lhe eram tão queridas.

A satisfação que o assolava nas últimas semanas foi abalada abruptamente por um telefonema do dr. John Harley: — Está tudo preparado para a sua visita ao psiquiatra, o doutor Peter Templeton.

— Já não é necessário, doutor — Mellis procurou incutir à voz um tom amável e insinuante. — Penso...

— Estou-me nas tintas para o que você pensa. Estabelecemos um acordo: não o denuncio à Polícia, se consultar um psiquiatra. Se pretende faltar ao prometido...

— De modo algum — apressou-se a afirmar. — Se insiste, não me oponho.

— O número do telefone do doutor Templeton é cinco-cin-co-cinco-três-um-seis-um. Ele espera a sua chamada. Hoje — e o dr. Harley cortou a ligação bruscamente.

"O maldito intrometido", refletiu Mellis, enfurecido. A última coisa que lhe interessava e convinha no mundo era perder tempo com um psiquiatra, mas não se podia arriscar a que Harley falasse. Telefonaria a Templeton, procurá-lo-ia uma ou duas vezes e não voltaria a aparecer-lhe. Eva telefonou a Mellis para o escritório.

— Estou em casa.

— Ficaste... bem? — perguntou ele, receosamente.

— Vem ver. Esta noite.

— Vai ser difícil ausentar-me. Eu e Alex... — Às oito.

Mellis encontrava dificuldade em acreditar no que se lhe deparava.

Eva achava-se na sua frente, tão bonita e atraente como sempre. Por mais que lhe examinasse o rosto, não descobria o mínimo vestígio dos maus tratos que lhe infligira.

— É incrível! — acabou por exclamar. — Estás exatamente na mesma. — Sim, continuo bela, hem? Ela exibia um sorriso malicioso, provocado pela evocação do que lhe preparava. Era um animal doente, que não merecia viver. Pagaria com juros o que lhe fizera, mas não por enquanto. Ainda necessitava dele.

— Não tenho palavras para exprimir o pesar...

— Deixemos isso. São coisas do passado. Nada se modificou.

Nesse momento, Mellis recordou-se de que algo se modificara e anunciou: — Recebi um telefonema de Harley. Tomou providências para que eu procurasse um psiquiatra qualquer.

— Diz que não tens tempo.

— Foi o que fiz, mas ameaçou-me com a Polícia.

— Gaita! — Eva fez uma pausa, imersa em reflexões. — Quem é ele? — O psiquiatra? Chama-se Peter Templeton, salvo erro.

— Conheço-o de nome. Goza de boa reputação.

— Não te preocupes. Posso deitar-me no sofá durante quinze minutos sem revelar coisa alguma.

Todavia, ela não o escutava, pois acabava de lhe acudir uma ideia.

— Talvez seja o melhor que nos podia acontecer — articulou pausadamente.

Peter Templeton, de trinta e cinco anos, media mais de um metro e oitenta de altura, com ombros largos, fisionomia granítica e olhos azuis perscrutadores que o faziam parecer mais um avançado-centro do tipo

aríete do que um médico.

Naquele momento, enrugava a fronte para a anotação na agenda: “George Mellis. Marido da neta de Kate Blackwell.”

Os problemas dos ricos não lhe suscitavam o menor interesse, embora a maioria dos seus colegas ficassem encantados com os pacientes socialmente proeminentes. Quando iniciara a carreira, Templeton enfrentara uma percentagem apreciável daquela fauna, mas em breve descobrira que não conseguia simpatizar com os temas que lhe apresentavam. Tivera no seu consultório viúvas abastadas desvairadas porque não as haviam convidado para determinado evento social, financeiros empenhados em pôr termo à vida porque tinham perdido dinheiro da Bolsa, *etc.* O mundo estava cheio de problemas, e ele decidira há muito que não eram esses que lhe interessavam. George Mellis. Templeton acedera em o receber apenas em virtude do respeito que o dr. John Harley lhe merecia. — Preferia que o mandasse a outro, John — objetara. — Tenho uma agenda sobrecarregada.

— É um favor que me faz, Peter.

— Qual é o problema?

— Espero que você o determine. Não passo de um médico de aldeia. — Está bem. Vejamos quando há-de ser...

E agora encontrava-se na sala de espera. Com um suspiro de resignação, premiu o botão do intercomunicador e indicou: — Diga a Mr. Mellis que entre.

O psiquiatra vira fotografias do paciente em jornais e revistas, mas apesar disso não se achava preparado para a vitalidade esmagadora que irradiava e conferia um aspecto novo ao termo “carisma”. — Queira sentar-se, Mr. Mellis — convidou, depois de apertarem a mão.

— Ali? — perguntou o recém-chegado, apontando para o sofá.

— Onde se sentir mais confortável.

Mellis optou pela cadeira diante da secretária e exibiu um sorriso.

Pensava que ficaria perturbado com a situação, mas Eva preparara-o devidamente. Na realidade, o dr. Templeton seria o seu aliado, a sua testemunha. Entretanto, este último observava-o com curiosidade. Os pacientes que o procuravam pela primeira vez costumavam deixar transparecer nervosismo, que uns tentavam encobrir com bravatas e outros com uma atitude defensiva ou um mutismo persistente. Ora, não detectava qualquer indício de semelhante natureza no homem sentado na sua frente. Ao invés, parecia satisfeito consigo próprio.

— O doutor Harley falou-me num problema. — Receio que sejam dois — articulou Mellis, com um suspiro.

— Importa-se de mós descrever?

— Confesso que me sinto embaraçado. Foi por isso que insisti em consultá-lo — inclinou-se para a frente e acrescentou com uma expressão grave: — Fiz uma coisa que nunca tinha feito na minha vida.

Bati numa mulher — e calou-se por um momento, mas o psiquiatra conservou-se silencioso, na expectativa. — No meio de uma discussão, foi como se mergulhasse num poço escuro. Quando voltei à realidade, descobri que a tinha agredido — meneou a cabeça, acabrunhado: — Bati numa mulher! Templeton julgou ter descoberto em que consistia o problema de George Mellis. Sentia prazer em espancar mulheres.

— Foi em sua esposa que bateu? — Não, na minha cunhada.

Recordava-se de ler alusões às gêmeas Blackwell nos ecos da sociedade dos jornais, por vezes acompanhadas de fotografias. Na verdade, eram idênticas e particularmente atraentes. Com que então, aquele homem agredira a cunhada! O fato afigurava-se-lhe razoavelmente interessante. Também considerava digna de interesse a circunstância de ele falar como se se tivesse limitado a aplicar-lhe um ou dois tabefes. Se fosse esse o caso, John Harley não insistiria em que o recebesse.

— Magoou-a?

— Sim, muito. Como referi, doutor, pareceu-me que mergulhava num poço escuro.

Quando voltei a mim, não acreditei no que via.

“Quando voltei a mim. A defesa clássica. Foi o meu subconsciente o responsável e não eu.”

— Faz alguma ideia do que provocou essa reação? — Ultimamente, tenho estado sob uma tensão horrível. Meu pai sofreu vários ataques cardíacos consecutivos, que me abalaram. Somos uma família muito unida.

— Seu pai encontra-se nos Estados Unidos?

— Não, na Grécia.

Ah, é esse Mellis!"

— Falou em dois problemas. — Pois. O outro é Alexandra, minha mulher...

— Têm dificuldades maritais?

— Não no sentido que pensa. Amamo-nos profundamente, mas... — Mellis hesitou. — Ela não tem passado bem nos últimos tempos.

— Fisicamente? — Emocionalmente. Está deprimida quase sempre e fala

em se suicidar.

— Consultou um psiquiatra?

— Não quer — murmurou, com um sorriso amargurado. "É pena", pensou Templeton.

"Impede um médico de clientes ricos de ganhar uma fortuna."

— Discutiu o assunto com o doutor Harley? — Não.

— Como é o médico assistente da família, sugiro que o faça. Se lhe parecer necessário, ele recomendará um psiquiatra.

— Não quero que Alexandra fique com a impressão de que falo dela nas suas costas. — Isso é o menos. Eu próprio telefonarei ao meu colega.

— Estamos tramados, Eva! — bradou Mellis. — Que aconteceu?

— Fiz exatamente o que me indicaste. Disse que me preocupava com a possibilidade de Alexandra manifestar propensão para o suicídio. — E então?

— O filho da mãe vai contatar com Harley, para discutirem o assunto! — Diabo! Não podemos permitir que isso aconteça — ela começou a mover-se em excitado vaivém, até que se imobilizou repentinamente.

Harley fica por minha conta. Tens de voltar ao consultório de Templeton? — Sim.

— Nesse caso, não faltes.

Na manhã seguinte, Eva procurou o dr. Harley. Este manifestava simpatia especial pela família Blackwell. Assistira ao crescimento das crianças, à tragédia da morte de Marianne, à| tentativa de homicídio perpetrada sobre Kate e ao internamento; de Tony numa clínica de alienados. Na realidade, Kate atravessara numerosas atribulações, a menor das quais decerto não fora a que culminara com a expulsão de Eva. Não fazia a mínima ideia do que a motivara, mas não era de sua conta. A sua missão consistia em manter a família fisicamente saudável.

Quando a rapariga entrou no consultório, Harley contemplou-a com admiração e declarou: — Keith Webster executou um trabalho fantástico.

Com efeito, o único vestígio limitava-se a uma minúscula cicatriz na fronte, quase invisível.

— Ele prometeu fazer desaparecer esta marca dentro de cerca de um mês — explicou ela.

— Serve para a tornar mais bonita — o médico indicou uma cadeira. —

Em que lhe posso ser útil? — Não venho por minha causa. Trata-se de Alex.

— Tem algum problema? — estranhou, arqueando as sobrancelhas. — Relaciona-se com o marido?

— De modo algum! — apressou-se Eva a replicar. — Ele comporta-se sem margem para reparos. Na realidade, é o contrário. George preocupa-se com ela. Minha irmã procede de forma estranha, ultimamente. Está muito deprimida. Até revela tendências suicidas.

— Custa-me a crer. Isso não parece próprio de Alexandra.

— Pois não. Também não acreditei e fui vê-la. Confesso que fiquei chocada com o que se me deparou. Encontra-se de fato num estado de profunda depressão.

Estou preocupadíssima, doutor. Como não posso avistar-me com a avó, pelas razões que conhece, vim ter consigo. Precisa de fazer alguma coisa — e os olhos enevoaram-se-lhe. — Perdi minha avó e não queria ficar também sem minha irmã.

— Há quanto tempo dura isso?

— Não sei ao certo. Começou por recusar, quando sugeri que o procurasse, mas finalmente convenci-a. Tem de a ajudar, doutor. — Sem dúvida. Diga-lhe que venha amanhã. E não se apoquente, Eva. Há medicamentos novos que produzem milagres.

Harley acompanhou a rapariga à porta, refletindo que Kate não perderia nada em se mostrar um pouco menos irredutível, pois Eva necessitava de carinho. Quando regressou ao apartamento, Eva dissimulou meticulosamente a cicatriz na fronte com um creme especial. Às dez horas da manhã seguinte, a recepcionista do dr. Harley anunciou: — Está aqui Mrs. Mellis, doutor.

— Mande-a entrar. Ela surgiu em passos lentos e incertos, como se não estivesse totalmente decidida a sujeitar-se ao que se seguiria. Além disso, apresentava palidez intensa e círculos violáceos em torno dos olhos.

— Tenho muito gosto em vê-la, Alexandra — e o médico estendeu-lhe a mão. — Que história é essa de problemas que a afligem?

— Sinto-me embaraçada por o incomodar, doutor — a voz dela era quase

inaudível. — Estou certa de que não tenho nada, e se Eva não insistisse, não vinha. Estou ótima, do ponto de vista físico.

— E emocionalmente? — Bem... — hesitou. — Não durmo muito bem.

— Que mais?

— Vai julgar-me hipocondríaca... — Conheço-a o suficiente para não pensar isso.

— Sinto-me constantemente deprimida. Uma espécie de ansiedade e...

cansaço. George excede-se nos seus esforços para me fazer feliz, mas não me apetece nada do que sugere. Parece-me tudo tão... desesperado.

— Mais alguma coisa? — perguntou ele, que a escutava com a máxima atenção e observava pensativamente.

— Chego a admitir a hipótese de... pôr termo à vida. Estarei a enlouquecer? — Não. Alguma vez ouviu falar em anedonia? — fez uma pausa, enquanto ela abanava a cabeça. — É uma perturbação biológica que apresenta os sintomas que acaba de descrever. Declara-se com frequência, mas existem drogas novas que facilitam o tratamento. Não têm efeitos secundários e são eficientes.

Vou examiná-la, para descargo de consciência, pois estou certo de que não lhe encontrarei nada de anormal.

No final do exame, declarou: — Vou receitar-lhe Wellbuírin. Pertence à nova geração de antidepressivos, uma das novas drogas miraculosas que mencionei — tornou a sentar-se à secretária e começou a escrever, enquanto ela se vestia. — Volte cá dentro de uma semana.

Entretanto, se surgir algum problema, telefone-me, dia ou noite — advertiu, entregando-lhe a receita.

— Obrigada, doutor. Oxalá que isto produza efeito para terminar com o sonho. — Qual sonho?

— Ah, é verdade, não cheguei a dizer-lhe. Sonho a mesma coisa, todas as noites. Estou num navio, faz muito vento e oiço o mar chamar-me.

Aproximo-me da amurada, olho para baixo e vejo-me na água, a afogar... .

Ela abandonou o consultório e, uma vez na rua, encostou-se à parede, aliviada, respirando fundo. “Consegui”, refletiu, exultante. “Safei-me, como esperava. Tomou-me por Alexandra.” E rasgou a receita.

34

Kate Blackwell sentia-se cansada. A reunião prolongara-se demasiado.

Com um suspiro, volveu o olhar para os três homens e as três mulheres em torno da mesa de conferências da sala da administração, os quais pareciam descontraídos. “Não foi a reunião que se prolongou demasiado. Eu é que duro demasiado. Vou fazer oitenta e dois anos.

Estou a ficar velha.” A ideia deprimia-a, não porque receasse a morte, mas em virtude de considerar que ainda não chegara o momento conveniente. Recusava-se a morrer até que a Kruger-Brent tivesse um membro da família Blackwell à testa dos seus destinos. Após o desapontamento amargo com Eva, esforçara-se por construir os projetos para o futuro em volta de Alexandra. “— Sabes que faria tudo por ti,

avó, mas não estou interessada em me envolver na companhia.

George será um ótimo dirigente...” — Concorda, Rate? — perguntou Brad Rogers.

— O quê? — ela emergiu dos devaneios. — Desculpe. Importa-se de repetir?

— Discutíamos a fusão com a Deleco — explicou ele, pacientemente.

Na realidade, sentia-se preocupado com Kate Blackwell, que, nos últimos meses, se alheava do que a rodeava nas reuniões da administração. No entanto, quando Brad principiava a admitir que se tratava de sintomas de senilidade, ela surgia repentinamente com uma sugestão que deixava todos boquiabertos por não lhes haver ocorrido.

Sim, era uma mulher surpreendente. Ele evocou por momentos a breve ligação do passado e perguntou a si próprio porque teria terminado tão abruptamente.

Na segunda visita de George Mellis a Peter Templeton, este inquiriu: —

Houve muita violência no seu passado?

— Não — e o interpelado sacudiu a cabeça com veemência. — Detesto-a.

“Toma nota disto, filho da mãe, pois o médico legistra há-de interrogar-te nesse sentido.”

— Disse que seus pais nunca o castigavam fisicamente.

— É exato. — Pensa que foi um filho obediente? “Cuidado. A pergunta encerra ratoeira.”

— Como a média, suponho.

— A criança média costuma ser castigada, numa ou noutra ocasião, por

infringir regras do mundo dos adultos.

— Creio que não infringi nenhuma — articulou Mellis, com um sorriso.

“Mente”, ponderou o psiquiatra. “Resta saber porquê. Que encobrirá?”

Ao mesmo tempo, recordava-se da conversa que tivera com o dr.

Harley, após a primeira sessão com Mellis.

“— Confessou que tinha batido na cunhada e...

“— Batido! — a voz de Harley achava-se dominada pela indignação. —

Foi uma autêntica carnificina. Esmagou-lhe um dos malares, fraturou-lhe o nariz e três costelas e sulcou o corpo de queimaduras de cigarro.

“— Não me referiu isso — murmurou Templeton, assolado por uma onda de repugnância. “— Acredito. Adverti-o de que, se não o procurasse, o denunciava à Polícia.” Recordou as palavras de Mellis: “Confesso que me sinto embaraçado. Foi por isso que insisti em consultá-lo.” “— Disse que a mulher sofre de depressão e fala em se suicidar.

“— Sim, posso confirmá-lo. Alexandra apareceu no consultório, há dias, e receitei-lhe Wellbutrin. Fiquei muito preocupado com ela. Qual é a sua impressão acerca de George Mellis? “— Ainda não sei ao certo, mas pressinto que é perigoso.” O dr. Keith Webster não conseguia afastar Eva Blackwell do pensamento. Era como uma deusa de beleza deslumbrante, irreal e intangível. Ele não casara porque nunca encontrara uma mulher que lhe parecesse suficientemente desinteressante para unir o destino a um sensaborão. Criara-se sob a influência de uma mãe dominadora e de um pai sem personalidade. Os seus impulsos sexuais podiam considerar-se modestos e os que existiam eram sublimados pelo seu trabalho. Agora, porém, começava a sonhar com Eva Blackwell, e quando, de manhã, recordava as fantasias que o haviam invadido durante o sono, sentia-se embaraçado.

Embora ela estivesse completamente curada e não se justificasse que a visse, necessitava de a procurar.

Por fim, vencendo longas hesitações, ligou para o apartamento dela. —

Eva? Fala Keith Webster. Desculpe incomodá-la, mas o outro dia lembrei-me de si e resolvi indagar como se encontrava.

— Bem, obrigada. E você? — havia uma ponta de provocação na pergunta.

— Bem, bem — seguiu-se um silêncio, durante o qual ele tentou reunir coragem. — Provavelmente está muito ocupada para almoçar comigo.

Eva esboçou um sorriso malicioso e refletiu que resultaria divertido

encontrar-se com um homem tão tímido.

— De modo algum. Quando?

— Pode ser amanhã?

— Combinado.

Eva apreciou Devidamente o almoço. O dr. Keith Webster comportava-se como um colegial apaixonado. Deixou cair o guardanapo, verteu o vinho do copo e derrubou as flores no centro da mesa. Ao observá-lo, cogitava: “Ninguém diria que se trata de um brilhante cirurgião.” Quando acabaram de comer, ele aventurou receosamente: — Podemos repetir isto, um dia?

— É melhor não — replicou Eva, com uma expressão grave. — Receio vir a apaixonar-me por si — e vendo-o corar, sem saber o que dizer, acrescentou: — Nunca o esquecerei.

Webster voltou a derrubar as flores. John Harley almoçava no refeitório do hospital, quando Keith Webster se lhe reuniu. — Prometi guardar segredo, mas dormia mais descansado se me explicasse o que aconteceu a Eva Blackwell.

Harley hesitou por um momento e acabou por encolher os ombros. —

Muito bem. Foi o cunhado, George Mellis.

E o cirurgião. Sentiu que passava a compartilhar de uma faceta do mundo secreto da rapariga.

George Mellis principiava a impacientar-se.

— O testamento foi alterado. De que diabo estamos à espera? Eva sentava-se no sofá, as longas pernas dobradas sob o corpo, enquanto ele passeava pela sala. “Começa a perder a coragem...” Lembrava-lhe uma serpente venenosa, prestes a lançar-se sobre a vítima de entre o matagal. Ela cometera uma imprudência com ele, uma vez, ao provocá-lo demasiado, o que estivera prestes a custar-lhe a vida.

O erro não se repetiria.

— Concordo — declarou finalmente. — Penso que chegou o momento. —

Quando? — inquiriu Mellis, estacando.

— Na próxima semana. A sessão achava-se quase no termo e George Mellis não mencionara a esposa uma única vez. De súbito, porém, disse: — Estou preocupado com Alexandra, doutor Templeton. As depressões parecem agravar-se. A noite passada, falou em afogamento. Confesso que não sei o que fazer.

— Falei com o doutor Harley. Receitou-lhe determinado medicamento que a deve aliviar. — Oxalá que sim — e Mellis exalou um suspiro. — Se lhe acontecesse alguma coisa, não resistia. .

E o psiquiatra, o ouvido sintonizado para as palavras não proferidas, teve a estranha sensação de que presenciava uma charada. Havia uma violência mortal naquele homem.

— Como descreveria as suas relações com as mulheres? — Normais.

— Nunca se irritou com nenhuma?

— Não — asseverou Mellis, consciente do rumo visado. “Não me levas com essa, rapaz”. — Como lhe referi, detesto a violência.

“Foi uma autêntica carnificina. Esmagou-lhe um dos malares, fraturou-lhe o nariz e três costelas e sulcou o corpo de queimaduras de cigarro.”

— Às vezes, para certas pessoas, a violência proporciona uma válvula de escape necessária — observou Templeton. — Uma evasão emocional.

— Compreendo ao que se refere. Tenho um amigo que gosta de espancar prostitutas. “Tenho um amigo”. Um sinal alarmante.

— Fale-me dele. — Odeia-as. Por conseguinte, após o... serviço, aplica-Lhes uns tabefes, só para lhes dar uma lição — não detetando qualquer sinal de reprovação no semblante do psiquiatra, Mellis prosseguiu: —

Recordo-me de uma ocasião em que visitámos a Jamaica juntos. Uma prostituta levou-o a um hotel e, depois de se despir, disse que queria mais dinheiro — exibiu um sorriso divertido. — O meu amigo arreou-lhe a valer. Aposto que ela não se mete noutra tão cedo.

“É psicopata!”, decidiu Templeton. Não existia amigo algum, evidentemente. Vangloriava-se de atos praticados por ele próprio e ocultava-se atrás de um alter ego. Tratava-se, sem margem para dúvidas, de um megalomaníaco, e dos perigosos.

Por fim, decidiu que se impunha nova conversa com John Harley, o mais depressa possível. Os dois médicos encontraram-se para almoçar no Clube Harvard. Peter Templeton achava-se numa situação difícil.

Precisava de obter toda a informação que pudesse sobre George Mellis, sem infringir o código de sigilo

médico-paciente. — Que me pode dizer da mulher de Mellis? — principiou.

— Alexandra? É encantadora. Cuido dela e da irmã, Eva, desde garotas — e soltou uma risada seca. — São as minhas únicas clientes gêmeas.

— Idênticas? — Ninguém consegue distingui-las. Quando miúdas, divertiam-se a pregar toda a espécie de partidas. Lembro-me de que, numa ocasião em que Eva precisava de uma injeção, quem a levou foi Alexandra. Agora que cresceram, continuo a não as diferenciar.

O psiquiatra refletiu por uns instante e observou: — Disse que Alexandra o procurou, porque notava tendências suicidas.

— Exato.

— Como sabe que era ela?

— Eva conserva uma pequena cicatriz na fronte, recordação da tareia que o cunhado lhe aplicou — Harley fez uma pausa. — Como vão as sessões com ele?

— Ainda não estabeleci contato com o seu íntimo. Oculta-se por detrás de uma fachada que tento derrubar.

— Tenha cautela, Peter — evocou a cena que se lhe deparara: Eva imersa num charco de sangue. — O homem é perigoso.

— As duas irmãs são herdeiras de uma fortuna avultada, salvo erro.

Hesitou por um momento, antes de declarar: — Trata-se de um assunto de família, mas não é como pensa. A avó deserdou Eva.

Alexandra receberá tudo. “Estou preocupado com Alexandra, doutor Templeton. As depressões parecem agravar-se. A noite passada falou em afogamento... Se lhe acontecesse alguma coisa, não resistia.” Tudo aquilo soara ao psiquiatra como os preparativos clássicos de um homicídio...

com a diferença de que George Mellis era herdeiro de uma fortuna apreciável da sua própria família. Por conseguinte, não o podiam animar motivos para matar alguém por dinheiro. “Estás a deixar-te arrastar pela imaginação”, terminou por decidir.

Uma mulher afogava-se no mar glacial e ele tentava aproximar-se, mas as vagas eram demasiado alterosas. Procurou nadar mais depressa, mas os braços e as pernas pareciam de chumbo. Quando chegou ao local em que a vira debater-se, avistou um tubarão enorme que se preparava para o atacar. Nesse momento, Peter Templeton acordou, acendeu a luz e sentou-se na cama, para analisar o pesadelo. De manhã, telefonou ao tenente-detetive Nick Pappas.

Nick Pappas era um homem quase gigantesco, que não pesava menos de cento e vinte quilos, mas, como numerosos criminosos podiam testemunhar, não havia um grama de gordura supérflua no seu corpo.

Pertencia à brigada de choque do Departamento de Homicídios do bairro das “meias de seda” de Manhattan. Templeton conhecera-o, vários anos antes, quando tivera de colaborar nas investigações relacionadas com um assassino psicopata, e os dois homens haviam ficado amigos. A paixão de Pappas era o xadrez e encontravam-se uma vez por mês para disputarem uma partida.

— Homicídio. Tenente Pappas — anunciou este pelo telefone.

— É Peter, Nick.

— Viva! Como vão os mistérios da mente? — Continuo empenhado em deslindá-los. Tina está bem?

— Fantástica. Em que o posso servir?

— Precisava de informações. Ainda mantém ligações com a Grécia?

— E de que maneira! Tenho lá uma centena de parentes, todos necessitados de dinheiro. Para vergonha da minha inteligência, costumo satisfazer-lhes os pedidos regulares. Talvez precise de uma sessão no sofá do seu consultório.

— Já não adiantava nada — afirmou Templeton. — O seu caso é incurável.

— Tina afirma a mesma coisa, por outras palavras. Que pretende saber?

— Ouviu falar de George Mellis?

— Da família dos produtos alimentares?

— Esse mesmo. — Não frequentamos os mesmos círculos, mas sei de quem se trata. Porquê?

— Interessa-me conhecer a sua situação financeira.

— Deixe-se de brincadeiras, a família é...

— Refiro-me a fortuna própria. — Posso indagar, mas receio que seja pura perda de tempo. Os Mellis são ultra-ricos.

— Se mandar alguém contatar com o pai dele, recomende-lhe cuidados especiais, pois sofreu vários ataques cardíacos.

— Entendido. Mencionarei o fato no telegrama. De súbito, Templeton recordou-se do sonho e solicitou: — Não podia antes telefonar? Hoje mesmo. — Há alguma coisa que não me revelasse, Peter? — a voz de Pappas mudou repentinamente de tom.

— Não, nada. Quero apenas satisfazer a curiosidade. Debite-me o telefonema. — Disso, pode estar certo. Prepare-se também para pagar a conta do jantar, quando nos reunirmos para me explicar de que se trata. — Combinado.

O psiquiatra pousou o telefone, um pouco mais aliviado.

Kate Blackwell não se sentia bem. Encontrava-se ao telefone, sentada à secretária, quando se apercebeu do ataque súbito. Os móveis começaram a oscilar à sua volta e ela pousou as mãos no tampo com firmeza, até que tudo regressou à normalidade.

Brad Rogers entrou no gabinete pouco depois e enrugou a fronte ao ver-lhe as faces lívidas.

— Não se sente bem?

— Foi apenas uma tontura. Nada de especial. — Quando fez o último checkup?

— Não tenho tempo para esses disparates. — Arranje-o. Vou dizer a Annette que lhe marque consulta com John Harley.

— Nem pensar nisso! Deixe-se de pieguices, sim?

— Vai à consulta?

— Só irei para que você me não seringue a paciência.

Na manhã seguinte, a recepcionista de Peter Templeton informou: —

Está o detetive Pappas na linha um.

O psiquiatra apressou-se a levantar o telefone. — Olá, Nick.

— Acho conveniente termos uma conversa.

— Contatou alguém acerca de Mellis? — perguntou, dominado por repentina ansiedade.

— Com o pai. Para já, nunca teve ataques cardíacos e declarou que, para ele, o filho morreu. Deserdou-o há anos. Quando pretendi averiguar o motivo, desligou-me o telefone na cara. A seguir, conversei com um dos meus colegas de Atenas e apurei que o seu George Mellis é uma delícia de rapaz. A Polícia conhece-o bem.

Manifesta um prazer especial em espancar jovens de ambos os sexos.

A sua última vítima, antes de abandonar a Grécia, foi um prostituto de quinze anos.

Encontraram o seu corpo num hotel de má nota e houve quem os tivesse visto juntos antes. O velho untou as mãos das autoridades e o filho foi expulso do país.

Para sempre. Estes elementos satisfazem-no? Refletiu que não só o satisfaziam como o aterrorizavam.

— Obrigado, Nick. Fico em dívida para consigo.

— Se o nosso homem volta a fazer das suas, deve informar-me. — Sem dúvida, assim que tiver a certeza.

Cortou a ligação e embrenhou-se em reflexões. Necessitava tomar uma resolução sem demora, pois George Mellis tinha consulta marcada para o meio-dia.

O dr. John Harley examinava umas radiografias, quando a recepcionista anunciou: — Mrs. Mellis pede para lhe falar, doutor.

Não marcou consulta e expliquei-lhe que estava muito atarefado..

— Mande-a entrar para a sala ao lado. Quando se lhe reuniu, o médico verificou que apresentava maior palidez que na visita anterior e os círculos violáceos em torno dos olhos mais carregados. — Desculpe aparecer sem prevenir...

— Não tem importância, Alexandra. De que se trata?

— Sinto-me... horrivelmente.

— Tem tomado o Wellbutrin com regularidade?

— Sim. — E continua deprimida?

— É pior do que depressão — ela torcia as mãos com nervosismo. —

Sinto-me desesperada. Tenho a impressão de que perdi o domínio dos meus atos. Receio cometer uma loucura. — Fisicamente, não tem nada — asseverou ele, em tom tranquilizador. — É tudo emocional. Vou receitar-lhe outro medicamento, em vez desse, Nomifensina, muito mais eficiente. Deve notar melhoras dentro de poucos dias — preencheu uma receita e estendeu-lha. — Se tal não acontecer até sexta-feira, telefone-me. Talvez haja conveniência em consultar um psiquiatra. Meia hora mais tarde, de regresso ao apartamento, Eva removeu a camada de creme que lhe empalidecia as faces e fez desaparecer os círculos violáceos de junto dos olhos.

O ritmo da operação começava a acelerar-se.

George Mellis sentava-se diante de Peter Templeton, sorridente e confiante. — Como se sente hoje?

— Muito melhor, doutor. As sessões que tivemos, embora poucas, beneficiaram-me mais do que possa imaginar.

— Sim? Em que sentido?

— Só pela possibilidade de conversar com alguém. É o princípio em que se fundamenta a Igreja Católica: a confissão. — Congratulo-me com isso. E sua mulher?

— Receio que não apresente melhoras — admitiu Mellis, enrugando a fronte. — Tornou a visitar o doutor Harley, mas cada vez fala mais no suicídio. Talvez a leve para fora da cidade ou mesmo do país. Precisa de uma mudança de ambiente.

O psiquiatra julgou detetar um presságio ominoso nestas palavras e desejou ardentemente que não passasse de um produto da sua imaginação.

— A Grécia é um país tranquilo — observou com naturalidade. — Levou-a lá para conhecer a sua família?

— Ainda não, embora todos anseiem por esse momento — Mellis voltou a sorrir. — O único problema consiste em que, sempre que eu e meu pai nos encontramos, ele insiste em me convencer a assumir a direção dos negócios.

Nesse instante, Templeton ficou sem a mínima dúvida de que Alexandra corria perigo de vida.

Longos minutos depois de Mellis se retirar, o psiquiatra continuava sentado à secretária, debruçado sobre os seus apontamentos. Por último, levantou o telefone e marcou] um número. — Queria que me fizesse um favor, John. Pode averiguar onde George Mellis levou a mulher na lua-de-mel?

— Posso dizer-lhe já. Tive de os vacinar antes da partida. Estiveram na Jamaica.

“Tenho um amigo que gosta de espancar prostitutas... Recordo-me de uma ocasião em que visitámos a Jamaica juntos. Uma prostituta levou-o a um hotel de má nota e, depois de se despir, disse que queria mais dinheiro... O meu amigo arreou-lhe a valer. Aposto que ela não se mete noutra tão cedo...” No entanto, continuava a não haver provas de que George Mellis planejava matar a esposa. Por outro lado, John Harley confirmara que Alexandra revelava inclinações suicidas. “O

problema não me diz respeito”, tentou Templeton convencer-se. Não obstante, no fundo, sabia que tinha de o aprofundar.

Peter Templeton tivera de trabalhar para custear os estudos. O pai fora vigilante de uma escola de uma pequena povoação no Nebrasca e, mesmo com uma bolsa, ele não pudera frequentar um dos estabelecimentos de primeiro plano.

Assim, formara-se na Universidade de Nebrasca com classificação elevada e especializara-se depois em psiquiatria, carreira em que triunfara desde o início. O seu segredo consistia em que gostava sinceramente dos seres humanos e sentia preocupação pelo que lhes acontecia. Alexandra Mellis, apesar de não figurar entre os seus pacientes, inspirava-lhe interesse. Constituía a peça do puzzle que faltava e uns minutos frente a frente poderiam contribuir para que o completasse.

Pegou na ficha de George Mellis, procurou o número do telefone de casa e marcou-o. Quando se achou em contato com Alexandra, explicou: — Chamo-me Peter Templeton e sou..

— Sei perfeitamente quem é, doutor. George falou-me de si.

Ficou surpreendido, pois supunha que Mellis não mencionara o assunto à mulher.

— Gostava de trocar impressões consigo, Mrs. Mellis. Durante o almoço, se não vir inconveniente.

— Acerca de meu marido? Há alguma novidade?

— Não. Pensei simplesmente que convinha que conversássemos um pouco a esse respeito. — De acordo, doutor Templeton.

E combinaram encontrar-se no dia seguinte. Ocuparam uma mesa a um canto discreto de La Grenouille. Templeton não conseguia desviar os olhos de Alexandra desde o momento em que esta entrara.

Procurou atentamente vestígios da fadiga e da depressão a que o dr.

Harley se referira, mas não os encontrou.

— Suponho que não há nada de especial sobre o estado de meu marido?

— principiou ela.

— Decerto que não. A entrevista desenrolar-se-ia com maior dificuldade do que ele previra. Ao mesmo tempo, reconhecia que pisava terreno escorregadio. Não lhe assistia o mínimo direito de violar o sigilo da relação médico-paciente, mas, por outro lado, pensava que Alexandra devia ser advertida.

Depois de escolherem o que queriam comer, perguntou: — Ele explicou-lhe porque me procurou?

— Sem dúvida. Atravessa um período de tensão invulgar. Os chefes da firma de corretagem onde trabalha colocam a maior responsabilidade sobre os seus ombros. É uma pessoa muito consciente dos seus deveres, como deve ter notado.

Era incrível. Desconhecia por completo o ataque de que a irmã fora vítima. “Porque não a terão informado?”

— George mostra-se muito mais aliviado por poder discutir os seus problemas com alguém — prosseguiu ela, com um sorriso de gratidão. —

Alegra-me que lhe preste assistência, doutor.

“Que inocente!” Era óbvio que idolatrava o marido, e o que Templeton tinha para lhe dizer poderia destruí-la. Como lhe revelaria que casara com um psicopata que assassinara um jovem prostituto, fora banido da família e espancara brutalmente Eva? Não obstante, deveria assumir a responsabilidade de guardar silêncio?

— A profissão de psiquiatra deve ser compensadora — volveu Alexandra. — Tem oportunidade de ajudar muita gente.

— Bem, há ocasiões em que o fazemos — admitiu ele. Noutras, é impossível.

O almoço começou a ser servido e abordaram assuntos banais enquanto comiam.

Templeton descobriu-se encantado! Com a companhia e assolou-o certo desconforto quando chegou à conclusão de que invejava George Mellis. — Tenho muito prazer em almoçar consigo — acabou Alexandra por dizer —, mas creio que me convidou por algum] motivo.

— Na realidade... — ele hesitou, reconhecendo que chegara o momento da verdade.

As palavras que proferiria a seguir poderiam desmoronar toda a existência dela.

Convidara-a para almoçar, disposto a revelar as suas suspeitas e a sugerir que o marido fosse internado numa clínica de enfermos mentais. Todavia, agora que a conhecia, a missão afigurava-se-lhe difícil. Evocou de novo palavras de George Mellis: “Estou preocupado com Alexandra, doutor. A noite passada falou em afogamento”. Ora, a mulher que se achava na sua frente parecia disposta a tudo menos a pôr termo à vida. Resultaria do medicamento que tomava? Podia, pelo menos, interrogá-la a esse respeito. — John Harley diz que está a tomar...

Foi interrompido pela voz grave de George Mellis: — Ah, estás aqui, querida! Liguei para casa e comunicaram-me que vinhas a este restaurante — virou-se para o psiquiatra. — Tenho muito prazer em vê-

lo, doutor Templeton. Posso fazer-lhes companhia? E a oportunidade perdeu-se.

— Porque queria ele falar com Alex? — murmurou Eva, com uma expressão pensativa.

— Não faço a mínima ideia — replicou Mellis. — Por sorte, ela deixou dito onde estava, para o caso de eu telefonar. Segui para lá como se tivesse asas nos pés! — Confesso que me cheira a esturro.

— Não houve novidade. Ela garantiu-me que não tinham discutido nada em particular.

— Temos de acelerar as coisas. — Para quando? — e ele sentiu uma excitação quase sexual ao formular a pergunta, pois aguardava o momento com impaciência cada vez mais difícil de conter.

— Imediatamente.

As tonturas agravavam-se e os assuntos começavam a enevoar-se na mente de Kate. Por vezes, ponderava as conveniências e as desvantagens de concretizar determinada fusão e, de súbito, descobria que se efetuara vários anos antes.

Começava a sentir-se preocupada e, por último, resolveu aceitar o conselho de Brad Rogers e visitou John Harley.

Havia muito tempo que o médico não lograva persuadi-la a sujeitar-se a um checkup, pelo que decidiu tirar o máximo partido da sua presença no consultório. Examinou-a minuciosamente e, no final, pediu-lhe que aguardasse uns momentos.

Na realidade, sentia-se apreensivo. Kate Blackwell mostrava-se invulgarmente lúcida para a idade, mas havia alguns indícios menos tranquilizantes. registrava-se um endurecimento nítido das artérias, o que poderia explicar as tonturas ocasionais e o enfraquecimento da memória. Conquanto devesse ter abandonado os negócios há anos, persistia empenhada em não ceder as rédeas a ninguém.

“Quem sou eu para a criticar? Já ultrapassei a idade da aposentação.”

Mais tarde, com os resultados dos testes na sua frente, Harley admitiu: — Quem me dera ter a sua condição, Kate.

— Dispenso a graxa! Limite-se a explicar em que consiste o meu problema.

— Na idade, quase totalmente. Há um pequeno endurecimento das artérias e... — Arteriosclerose?

— É assim que os médicos lhe chamam? — ironizou. — Seja como for, padece disso.

— É grave?

— Para a sua idade, considero normal. Estas coisas são todas relativas.

— Pode receitar-me uma mistela qualquer para acabar com o raio das tonturas? Desagradava-me desmaiar numa cheia de homens. Era deprimente para o meu sexo. — Não creio que isso venha a acontecer.

Quando tenciona abandonar a atividade?

— Quando tiver um bisneto que ocupe o meu lugar. Os dois velhos amigos, que se conheciam de longa data, olharam-se em silêncio por cima da secretária. Embora nem sempre concordasse com ela, Harley admirava-lhe a coragem. Como se lhe adivinhasse o pensamento, Kate suspirou e acrescentou: — Sabe qual foi uma das maiores desilusões da minha vida? Eva.

Gostava dela a valer. Quis entregar-lhe o mundo mas nunca se preocupou com nada, além dela própria. — Engana-se. Tem profundo afeto por si.

— Deixe-se de lérias!

— Estou em condições de o poder afirmar — o médico fez uma pausa para escolher as palavras cautelosamente — Há pouco, sofreu um acidente horrível que quase lhe provocou a morte. — Porque?... — balbuciou ela, sentindo as palpitações do coração acelerarem-se. — Porque não me informou? — Ela não consentiu. Apoquentava-se tanto com a possibilidade de vir a saber, que me obrigou a prometer que guardaria silêncio.

— Valha-me Deus! Como está agora? — Recompôs-se por completo.

— Obrigado por me ter dito, John — murmurou, com o olhar perdido no espaço. — Obrigado.

— Vou receitar-lhe uns comprimidos.

Quando ergueu os olhos do papel, Harley descobriu que ela desaparecera.

Eva abriu a porta e arregalou os olhos de incredulidade. A avó encontrava-se na sua frente, empertigada e altiva como sempre, sem deixar transparecer o mínimo indício de fragilidade.

— Posso entrar?

— Com certeza — e a rapariga desviou-se, incapaz de compreender o que sucedia.

Kate deu alguns passos, olhou em volta sem proferir qualquer comentário, e perguntou: — Posso sentar-me?

— Desculpa. Sem dúvida. Estou tão... Tomas alguma coisa? Chá, café?

— Não, obrigada. Estás bem? — Sim, obrigada. Sinto-me ótima.

— Venho do consultório do doutor Harley. Disse-me que sofreste um acidente grave.

— É verdade — Eva observava a avó com desconfiança, sem saber com exatidão o que se seguiria. —

Parece que estiveste... às portas da morte.

E não consentiste que me informasse, para não me preocupar. “Então, era isso”. Assim, sentia-se em terreno mais seguro.

— De fato...

— Isso indica que continuas a apoquentar-te comigo. — Nunca deixei de te estimar, avó — afirmou, com lágrimas de alívio, que, no entanto, Kate interpretou como de emoção. No instante imediato, Kate admitiu, ao mesmo tempo que acariciava a cabeça loura da neta: — Fui uma velha tonta. Perdoa-me — puxou de um lenço de linho e assoou-se ruidosamente. — Não te devia tratar com tanta severidade.

— Não falemos mais nisso — sussurrou Eva, em voz devidamente embargada. — Agora, ficou tudo esclarecido.

— Mostrei-me casmurra e inflexível, como meu pai, mas quero compensar-te do mal que sofreste. Para já, vou reintegrar-te no testamento.

— O dinheiro não me interessa — afirmou, ao mesmo tempo que cogitava: “É demasiado agradável para corresponder à verdade!” — Só me preocupo contigo, avó.

— És minha herdeira... tu e Alexandra. São a única família que me resta.

— Tenho-me governado satisfatoriamente, mas se isso te dá prazer...

— Dá-me, e muito. Quando podes mudar-te lá para casa? Eva hesitou apenas por uns segundos.

— Julgo preferível continuar aqui, mas irei visitar-te as vezes que desejares — meneou a cabeça com lentidão e conteve um soluço. — Nem fazes uma ideia de como me tenho sentido só!

— Perdoas-me? — perguntou Kate, pegando-lhe na mão.

— Com certeza — foi a resposta, com uma expressão solene.

Assim que a avó saiu, Eva preparou um scotch duplo e afundou-se no sofá para recapitular a cena incrível em que acabava de participar.

Apetecia-lhe soltar gritos de alegria. Ela e Alexandra eram agora as herdeiras únicas da fortuna Blackwell.

Não se lhe depariariam dificuldades para fazer desaparecer a irmã. Era George Mellis que a preocupava, pois tornara-se subitamente um empecilho.

— Houve alteração de planos — anunciou Eva a Mellis. — Kate reintegrou-me no seu testamento.

— Não me digas! — ele imobilizou a mão com que se preparava para acender um cigarro. — Parabéns!

— Se acontecesse alguma coisa agora a Alexandra, pareceria suspeito.

Portanto, havemos de nos ocupar dela mais tarde, quando...

— Não concordo. — Que queres dizer?

— Não sou estúpido, querida. Se lhe acontecesse alguma coisa, a parte dela vinha-me parar às mãos. Queres fazer-me desaparecer do meio, hem?

— Digamos que és uma complicação desnecessária — concedeu ela, com um encolher de ombros. — Estou disposta a estabelecer um acordo contigo. Divorcia-te e, quando eu herdar o dinheiro, dou-te...

— Não me faças rir. Não mudou nada. Eu e Alex encontramo-nos em Dark Harbor, sexta-feira à noite, como estava previsto.

Alexandra ficou extasiada, quando se inteirou da reconciliação da avó com Eva e afirmou: — Voltamos a ser uma família unida.

O telefone tocou e Eva levantou o telefone. — Desculpe incomodá-la.

Fala Keith Webster.

O cirurgião adquirira o hábito de telefonar duas ou três vezes por semana. Ao princípio, o seu ardor incoerente divertira-a, mas acabara por se enfastiar. — Agora não tenho tempo. Preparava-me para sair.

— Nesse caso, não a retenho — articulou ele, em tom de desculpa. — Queria apenas dizer que arranjei duas entradas para a corrida de cavalos da próxima semana. Como sei que é apreciadora, pensei...

— Lamento, mas talvez tenha de me ausentar da cidade nessa altura.

— Bem — o desapontamento era bem nítido na inflexão da voz. — Então, saímos para a outra semana. Comprarei bilhetes para o teatro. O que lhe apetece ver?

— Já vi tudo o que está em exibição. Desculpe, mas não posso demorar-me. Eva cortou a ligação com

um gesto de enfado. Necessitava vestir-se rapidamente, pois combinara encontrar-se com Rory Mckenna, um jovem ator da Broadway que conhecera recentemente, cinco anos mais novo do que ela e mais insaciável que um garanhão selvagem.

Quando regressava a casa, George Mellis efetuou uma paragem, a fim de comprar flores para Alexandra. Experimentava uma euforia invulgar. Afigurava-se— lhe uma deliciosa ironia o fato de Kate haver reintegrado Eva no testamento, mas não alterava coisa alguma.

Consumado o "acidente" de Alexandra, ocupar-se-ia da cúmplice. Os preparativos achavam-se concluídos. Sexta-feira, a esposa aguardá-lo-ia em Dark Harbor.

— Só nós os dois — recomendara-lhe, beijando-a. — Dispensa todo o pessoal.

Peter Templeton não conseguia afastar Alexandra Mellis do pensamento e não parava de ouvir as palavras do marido, como um eco persistente: "Talvez a leve para fora da cidade ou mesmo do país.

Precisa de uma mudança de ambiente." O instinto assegurava-lhe que ela corria perigo, mas encontrava-se impossibilitado de intervir. Não podia procurar Nick Pappas baseado em meras suspeitas.

Necessitava de provas.

Do outro lado da cidade, no seu gabinete da Kruger-Brent, Ltd., Kate

Blackwell assinava um novo testamento, em que legava tudo o que possuía às duas netas.

Algures no distrito de Nova Iorque, Tony Blackwell encontrava-se diante do seu cavalete, no jardim da clínica. A tela; constituía uma confusão de cores, semelhante à produzida por uma criança destituída de talento. Não obstante, ele contemplava-a com uma expressão de prazer.

Sexta-feira, 10.57 horas. No aeroporto La Guardiã, um táxi imobilizou-se à entrada do terminal das carreiras internas e Eva Blackwell estendeu uma nota de cem dólares ao motorista, que exibiu uma expressão de contrariedade.

— Não tem mais pequeno? — Não. — Nesse caso, vai ter de trocar lá dentro.

— Estou com pressa. Preciso de apanhar o próximo avião para Washington — ela consultou o relógio de pulso e tomou uma decisão. —

Fique com os cem dólares.

Entrou no edifício, correu para o guiché dos voos domésticos e pediu: — Uma passagem de ida para Washington.

— Perdeu este voo por dois minutos — informou o empregado. — Está a descolar.

— Mas tenho de seguir nele! Vou encontrar-me... — Eva parecia na iminência de se deixar dominar pelo pânico. — Não pode fazer nada?

— Acalme-se. Dentro de uma hora há outro. — Já não... Abóbora! — tentou dominar-se. — Bem, que remédio senão esperar.

Entretanto, vou tomar um café. O homem acompanhou-a com a vista enquanto se afastava, ao mesmo tempo que refletia: "Que beldade!

Invejo o tipo com quem vai encontrar-se com tanta pressa." Sexta-feira, 14.00 horas. "Vai ser uma segunda lua-de-mel", pensava Alexandra. A ideia excitava-a.

"Dispensa o pessoal, para ficarmos sós, querida. Passaremos um fim-de-semana estupendo." E agora ela abandonava a confortável residência a caminho de Dark Harbor, a fim de se encontrar com George. Estava um pouco atrasada, porque almoçara com uma amiga e separara-se dela mais tarde do que previra. Por fim, comunicou à empregada: — Estou de volta segunda de manhã. O telefone tocou quando transpunha a porta, mas resolveu ignorá-lo, para não perder mais tempo.

35

Sexta-feira, 19.00 horas.

George Mellis estudara o plano de Eva meticulosamente e reconhecera que não apresentava o mínimo ponto vulnerável. "Haverá uma lancha a motor à tua espera em Philbrook Cove. Segue nela para Dark Harbor, tomando a precaução de que não te vejam. Amarra-a à popa do Corsair. Depois, levas Alexandra a dar um passeio no iate, ao luar.

Uma vez ao largo, podes fazer aquilo que tanto te agrada, mas não deixes vestígios de sangue. Lanças o corpo ao mar, meteste na lancha, deixas o Corsair à deriva e regressas a Philbrook Cove, onde apanhas o ferryboat de Lincolnville para Dark Harbor. Mete-te num táxi para alcançar a mansão.

Arranja um pretexto qualquer para que o motorista entre e note que o Corsair não se encontra no molhe. Depois de verificares que Alexandra não está, telefonas à Polícia. O corpo não será encontrado, porque a corrente o arrastará para o largo.

Dois médicos eminentes confirmarão que se deve tratar de suicídio...”

A lancha encontrava-se em Philbrook, conforme o plano exigia. Mellis cruzou a baía sem acender qualquer luz, orientando-se apenas com o auxílio do luar, passou nas proximidades de várias embarcações ancoradas sem ser detetado e atingiu a doca da propriedade Blackwell, onde desligou o motor e prendeu a amarra à popa do Corsair. Ela falava ao telefone na sala, quando ele entrou. Ao vê-lo, acenou-lhe, cobriu o bocal com a mão e articulou a meia voz que era a irmã.

Escutou por um momento e replicou: — Tenho de desligar, Eva. Almoçamos juntas para a semana. Pousou o telefone e estendeu os braços para o recém-chegado.

— Vieste cedo. Ainda bem.

— Tinha tantas saudades tuas que larguei tudo o que estava a fazer.

— Amo-te — murmurou e beijou-a.

— E eu adoro-te, matia mou. Livraste-te do pessoal?

— Estamos só nós.

Sabes uma coisa? Fiz moussaka para ti.

— Tive uma ideia pelo caminho. Porque não vamos dar uma volta no iate?

— Pois sim, mas a moussaka...

— O jantar pode esperar — proferiu Mellis, pousando-lhe a mão num dos seios. — Eu não.

— Muito bem — e ela soltou uma risada. — Vou mudar de roupa. Não demoro nada.

— Vejamos quem o faz primeiro.

Ele subiu ao primeiro piso e enfiou rapidamente uma camisola de lã, calça de ganga e botas de borracha. Agora que o momento se acercava, dominava-o uma excitação prestes a explodir.

— Ganhei! Voltou-se e viu-a à entrada do quarto, envergando uma camisola de gola alta, calça de belbutina e sapatos de lona, os longos cabelos louros presos sobre a nuca por uma fita azul. “Como é bonita!

Quase faz pena desperdiçar tanta beleza!” — Também estou pronto — declarou, dando-lhe a mão e puxando-a para o corredor.

— Para que é aquilo, querido? — quis saber ela, quando viu a lancha presa à popa do iate.

— Há uma ilhota na extremidade da baía que sempre desejei explorar.

Com uma embarcação mais pequena, não temos de nos preocupar com possíveis rochas à flor da água. Içou a vela, e o vento não tardou a impelir o Corsair suavemente em direção ao largo. Quando ultrapassaram a rebentação, a velocidade aumentou, assim como as oscilações do iate.

— É estupendo! — exclamou ela. — Sinto-me muito feliz, querido.

— Eu também. Por razões que não conseguia definir com clareza, Mellis experimentava prazer com a felicidade de Alexandra, com a circunstância de morrer feliz. Esquadrinhou o horizonte para se certificar de que não havia embarcações nas proximidades e verificou a existência de pontos luminosos a uma distância confortável. Chegara o momento. Fixou o leme para evitar que uma súbita rajada de vento voltasse o Corsair e aproximou-se da amurada. — Anda cá ver uma coisa, Alex.

Ela obedeceu e abraçou-a por um momento, antes de a beijar com intensidade. — Ah, era isso que querias! — articulou Alexandra, quando finalmente descolaram os lábios. Todavia ele continuou a segurá-la e principiou a erguer-lhe o corpo para a amurada, enquanto ela, passados os instantes iniciais de estupefação, se debatia desesperadamente.

De repente, Mellis sentiu uma dor excruciante no peito e pensou: “É um ataque cardíaco!” Abriu a boca para dizer algo, mas uma golfada de sangue abafou-lhe a voz. Soltou a presa e baixou os olhos para o peito, com uma expressão de incredulidade. Tinha um largo rasgão que sangrava abundantemente. Ergueu o olhar e viu que ela empunhava uma faca, com um sorriso de triunfo.

O seu derradeiro pensamento antes de expirar foi: “Eva...”

Eram dez horas da noite, quando Alexandra chegou à mansão de Dark Harbor.

Tentara telefonar ao marido por diversas vezes, mas não obtivera resposta. Agora, acalentava a esperança de que não estivesse zangado com a sua demora. Na realidade, houvera uma confusão estúpida. Ao princípio da tarde, quando se preparava para sair de casa, o telefone tocara e ela não fizera caso, a fim de não perder mais tempo. No entanto, a empregada fora chamá-la ao carro, que se preparava para pôr em movimento.

— É sua irmã, Mrs. Mellis. Diz que precisa de lhe falar com urgência.

Quando Alexandra pegou no telefone, Eva explicou: — Estou em Washington a contas com um problema horrível. Temos de nos encontrar.

— Muito bem. Agora, sigo para Dark Harbor, onde George me espera, mas regressamos segunda-feira e...

— Isto não pode esperar — Eva parecia desesperada. — Queres ir esperar-me ao Aeroporto La Guardiã? Chego no avião das cinco.

— Mas prometi a George...

— Trata-se de uma emergência, Alex. No entanto, se não pode ser...

— Espera! Está bem. Espero lá por ti. — Obrigada, querida. Sabia que podia contar contigo. Alexandra reconheceu que a irmã lhe pedia um favor tão raramente que não reuniu coragem para recusar. Seguiria noutro avião para a ilha.

Tentou contatar o marido, mas do escritório informaram que já saíra, pelo que deixou um recado à secretária dele. Uma hora mais tarde, apeava-se de um táxi no Aeroporto La Guardiã, onde verificou que Eva não viajara no avião das cinco.

Aguardou mais duas horas, e como a irmã continuasse a não aparecer,

seguiu finalmente para a ilha. Agora, ao aproximar-se de Cedar Hill, observou que não havia uma única luz acesa. Todavia, o marido já devia ter chegado. Percorreu todos os aposentos, ao mesmo tempo que o chamava, sem resultado. Por último, ligou para a residência em Manhattan, e perguntou à empregada: — Mr. Mellis está aí? — Não, Mrs. Mellis. Disse que se ausentavam ambos durante o fim-de-semana.

— Obrigada, Marie. Deve ter ficado retido algures. Tinha de haver uma razão lógica para a sua ausência. Decerto surgira alguma coisa inesperada relacionada com o trabalho e, como sempre, os chefes tinham-no encarregado de lhe dar andamento. De qualquer modo, apareceria a todo o momento. Em seguida, Alexandra marcou o número da irmã, que atendeu com prontidão.

— Eva! Que te aconteceu?

— Isso pergunto eu! Fartei-me de esperar no Aeroporto Kennedy e acabei... — Kennedy? Disseste que era no La Guardiã.

— Não, querida. Kennedy.

— Mas... — Alexandra interrompeu-se, reconhecendo que o pormenor deixara de se revestir de importância. — Devo ter sido eu que fiz confusão. Estás bem?

— Agora, estou, mas passei um mau bocado. Envolvime com um fulano, uma figura grada da polícia em Washington, e... — Eva soltou uma risada seca. — Prefiro não falar no assunto pelo telefone. Segunda-feira explico-te tudo.

— Pois sim — assentiu Alexandra, profundamente aliviada.

— Bom fim-de-semana. Como está George?

— Ainda não chegou — esforçou-se por dominar a preocupação que começava a assolá-la. — Suponho que surgiu algum assunto de última hora no emprego e não teve oportunidade de me prevenir. Enquanto pousava o telefone, pensava: “Era ótimo que ela encontrasse alguém realmente maravilhoso. Um homem como George, por exemplo.”

Consultou o relógio, que indicava quase onze horas, e ponderou que ele já devia ter dito alguma coisa. Por fim, discou o número da Hanson and Han-son, mas não obteve resposta. A seguir, ligou para o clube que o marido costumava frequentar e obteve a informação de que ninguém o vira lá nesse dia. À meia-noite, achava-se alarmada e, transcorrida mais uma hora, o pânico dominava-a por completo. Não sabia o que

devia fazer. Subsistia a possibilidade de ele se ver obrigado a acompanhar um cliente algures. Se telefonasse à Polícia e George aparecesse, faria uma figura ridícula.

No entanto, às duas horas da madrugada, não conseguiu conter-se mais e resolveu preveni-la. Não havia um destacamento da Polícia na ilha, pelo que a unidade mais próxima se situava no condado Waldo. — Departamento do xerife do condado Waldo — anunciou uma voz sonolenta. — Sargento Lambert.

— Fala Alexandra Mellis, de Cedar Hill. — Em que lhe posso ser útil, Mrs. Mellis? — a sonolência extinguiu-se com prontidão. — Para ser franca, não sei. Meu marido devia encontrar-se comigo aqui, ao princípio da noite, e ainda não apareceu. — Hum... — o som podia interpretar-se de várias maneiras. O sargento conhecia pelos menos três razões justificativas da ausência do lar de um marido às duas horas da madrugada: louras, morenas e ruivas. — Talvez fosse retido por algum assunto relacionado com o trabalho — aventurou, com o maior tato possível.

— Quando isso acontece, costuma telefonar. — Sabe como essas coisas são, Mrs. Mellis. Às vezes torna-se impossível interromper uma reunião para utilizar o telefone. Estou certo de que não tarda a ligar para aí.

Agora, Alexandra sentia mesmo que fazia figura ridícula.

Evidentemente que a Polícia não lhe podia valer. Recordava-se de ler algures que uma pessoa devia ter desaparecido mais de vinte e quatro horas para que as autoridades pudessem iniciar pesquisas. E, de resto, George não se podia considerar desaparecido. Estava simplesmente atrasado.

— Deve ter razão — acabou por admitir. — Desculpe incômodo. — Não tem importância, Mrs. Mellis. Aposto que chega aí no primeiro ferryboat da manhã, às sete.

Todavia, ele não apareceu no ferryboat das sete nem no seguinte, pelo que Alexandra voltou a ligar para a residencial de Manhattan.

Entretanto, começava a invadi-la uma sensação de catástrofe. O marido sofrera um acidente, encontrava-se num hospital, enfermo ou morto. Se não tivesse havido aquela confusão com Eva... Existia a esperança de ele ter chegado a Cedar Hill à hora combinada e, não a vendo, voltado a sair. Contudo, ficavam vários pormenores por explicar. Se tal acontecesse, deixaria um bilhete. Também podia ter surpreendido ladrões e sido atacado ou raptado. Alexandra tornou a percorrer a casa, em busca de um indício, ainda que insignificante. Em seguida, dirigiu-se ao molhe, onde viu o Corsair ancorado.

Telefonou de novo à Polícia, e desta vez foi atendida pelo tenente Philip Ingram, que rendera o sargento no turno da manhã. Já se encontrava ao corrente de que George Mellis estivera ausente de casa toda a noite, pois o fato constituíra o tema principal dos comentários na esquadra, todos eles jocosos. — Não há mesmo o mínimo sinal dele, Mrs. Mellis? — perguntou para o bocal. — Está bem. Eu próprio irei aí.

Sabia que se limitaria a perder tempo, pois o marido decerto passara a noite entre os lençóis de alguma loura capitosa, mas “quando os Blackwell chamam, toda a gente acode imediatamente”. O tenente Ingram escutou atentamente as palavras de Alexandra, revistou a casa e o molhe e chegou à conclusão de que ela tinha um problema entre as mãos. George Mellis devia reunir-se à esposa em Dark Harbor, ao fim da tarde anterior, e não comparecera. Conquanto o problema não fosse seu. Ingram admitiu para consigo que não perderia nada em se mostrar solícito para com um membro da família Blackwell. Assim, telefonou ao aeroporto da ilha e ao terminal do ferrvboat em Lincolnville, após o que se achou em condições de afirmar à inquieta esposa que o marido não utilizara qualquer daqueles meios de transporte nas últimas vinte e quatro horas. “E que diabo significa isto? Que razão o levaria a desaparecer da circulação?” Na sua opinião, homem algum em plena posse das faculdades mentais abandonaria voluntariamente a companhia de uma mulher como Alexandra.

— Investigaremos nos hospitais e ne... — interrompeu-se antes de completar a palavra ominosa. — E outros locais.

— Obrigada, tenente — articulou ela, desenvolvendo esforços desesperados para não se abandonar ao pânico. — Não necessito dizer que aprecio devidamente o interesse que manifesta.

— É o meu dever — declarou Ingram, com simplicidade. Quando regressou à esquadra, começou a ligar para os hospitais e necrotérios, mas só obteve respostas negativas. Não havia qualquer caso de acidente em que George Mellis figurasse. A diligência imediata do tenente consistiu em telefonar a um amigo que exercia as funções de repórter no Maine Courier, após o que emitiu um boletim de pessoa desaparecida

destinado a todos os postos habituais. Naquela tarde, os jornais mencionavam o assunto na primeira página: MARIDO DE HERDEIRA BLACKWELL DESAPARECE Peter Templeton inteirou-se do caso por intermédio do detetive Nick Pappas: — Lembra-se de me pedir informações acerca de George Mellis?

— Perfeitamente.

— Eclipsou-se.

— O quê?

— Desapareceu.

— Levou alguma coisa? Dinheiro, roupa, passaporte?

— Não. Segundo o relatório que recebi de Maine, dissipou-se na atmosfera. Na qualidade de seu psiquiatra, pensei que talvez fizesse uma ideia de como ele conseguiu executar o truque.

— Confesso que não — declarou Templeton, com sinceridade. — Se lhe ocorrer alguma coisa, apite, pois palpita-me que isto vai fazer correr muita tinta.

— Sem dúvida.

Meia hora depois, Alexandra telefonava a Templeton, que detetou imediatamente a inflexão de pânico na voz. — George desapareceu!

Ninguém sabe o que lhe pode ter acontecido e lembrei-me de que talvez deixasse transparecer alguma coisa, nas vossas sessões. — Lamento, Mrs. Mellis, mas não o fez — ele deplorava não dispor de qualquer informação para a tranquilizar. — Se me ocorrer algum elemento útil, telefono-lhe.

Para onde devo ligar? — Estou a falar de Dark Harbor, mas regresso a Nova Iorque à tarde. Encontrar-me-á em casa de minha avó. Ela não podia encarar a hipótese de se achar só e falara com Kate diversas vezes durante a manhã. — Estou certa de que não há motivo para alarme — afirmara a avó. — Provavelmente, teve de se ausentar em serviço e esqueceu-se de te prevenir.

No entanto, nenhuma das duas mulheres acreditava nesta possibilidade. Eva assistiu à reportagem sobre o desaparecimento de George Mellis na televisão, com fotografias do exterior de Cedar Hill e Alexandra e o marido após a cerimônia nupcial. Havia igualmente uma dele, de olhar arregalado, expressão que lhe recordou a de surpresa que exibira segundos antes de morrer.

Entretanto, o comentador informava: — Não há indícios de violência, nem surgiram pedidos de resgate. As autoridades admitem a possibilidade de George Mellis ter sido vítima de um acidente e sofrer de amnésia.

Eva esboçou um sorriso de satisfação. Nunca encontrariam o corpo, porque a corrente o arrastara para o largo. Pobre George... Seguira o seu plano com perfeição, mas ela alterara-o. Partira de avião para Maine, onde alugara uma lancha motorizada em Philbrook Cove, que seria reclamada por um “amigo”. Depois, alugara outra numa doca próxima e utilizara-a para alcançar Dark Harbor, onde esperara pelo cúmplice. Tomara a precaução de limpar a coberta antes de ancorar o iate na doca. Em seguida, rebocara a lancha dele até ao molhe, devolvera a sua a quem lha alugara e tomara o avião de regresso a Nova Iorque, a fim de aguardar em casa o telefonema que Alexandra não deixaria de efetuar.

Fora um crime perfeito, que a Polícia consideraria um desaparecimento misterioso.

Por último, desligou o televisor e foi-se vestir. Não queria chegar atrasada ao encontro com Rory McKenna.

Às seis horas da manhã seguinte, os tripulantes de um barco de pesca encontraram o corpo de George Mellis entre as pedras, na baía Penebscot. No noticiário imediato, afirmaram que se tratava de morte acidental por afogamento, mas, à medida que iam surgindo mais informações, o teor das versões começou a modificar-se. Finalmente, surgiu um comunicado oficial, segundo o qual aquilo que ao princípio fora encarado como mordeduras de tubarões constituíam ferimentos provocados por um instrumento cortante. As notícias da tarde já não deixavam margem para dúvidas:

SUSPEITA-SE DE HOMICÍDIO NA MORTE DE GEORGE MELLIS. MILIONÁRIO ASSASSINADO.

O tenente Ingram estudou a tabela das marés e das correntes da véspera e, no final, reclinou-se na cadeira, o rosto alterado por uma expressão de perplexidade. O corpo de George Mellis teria sido arrastado para o largo, se não ficasse preso nas pedras. O que o intrigava era o fato de tudo indicar que provinha de

Dark Harbor, local onde aparentemente não estivera. O detetive Nick Pappas seguiu de avião para Maine, com o intuito de trocar impressões com o tenente Ingram. — Penso que o meu departamento lhes pode ser útil — afirmou, depois de se saudarem.

— Disponho de algumas informações interessantes acerca de George Mellis. Eu sei que o caso se desenrolou fora da nossa área de jurisdição, mas se vocês solicitassem a nossa cooperação, não hesitaríamos em a dar.

Nos vinte anos de serviço de Ingram na Polícia do condado de Waldo, o único momento de excitação que conhecera fora no dia em que um turista embriagado alvejara a tiro a cabeça de um veado, exposta na parede de uma loja de curiosidades. Ora, o assassínio de George Mellis figurava na primeira página de toda a Imprensa, e ele pressentia uma oportunidade de ganhar notoriedade. Com um pouco de sorte, talvez até o transferissem para o departamento de detetives de Nova Iorque. Por conseguinte, murmurou: — Bem, não sei...

Como se lhe lesse o pensamento, Nick Pappas esclareceu: — Não pretendemos cobrir-nos de glória com isto. Vai haver forte pressão para deslindar o mistério, e se vocês o conseguissem rapidamente, facilitavam-nos a vida. Eu podia começar, fornecendo os antecedentes da vítima.

Por fim, o tenente Ingram decidiu que não tinha nada a perder.

— De acordo. Ouçamo-los.

Alexandra encontrava-se deitada, sob o efeito de sedativos. O seu espírito recusava-se obstinadamente a aceitar o fato de que o marido fora assassinado. Ninguém dispunha do mínimo motivo para o matar.

A Polícia falava de ferimentos provocados por uma faca, mas equivocava-se, sem dúvida. Só podia ter sido um acidente. “Ninguém lhe desejava a morte... Ninguém lhe desejava a morte...” A droga que o dr. Harley lhe administrara acabou por fazer efeito, e ela adormeceu.

Eva ficou abismada, quando se inteirou de que o corpo de Mellis fora encontrado. “Mas talvez sirva para reforçar as suspeitas. Ela estava lá, na ilha.”

Kate achava-se sentada a seu lado, no sofá da sala, acabrunhada pelos acontecimentos das últimas horas — Que motivo levaria alguém a assassinar George? — murmurou.

— Não sei, avó — articulou Eva. — Sinto o coração despedaçar-se, ao pensar no desgosto de Alex. O tenente Ingram interrogava o empregado do terminal do ferryboat Lincoln ville-Islesboro.

— Tem a certeza absoluta de que nenhum dos Mellis utilizou oferry, sexta-feira à tarde? — Não o fizeram no meu turno e perguntei ao colega da manhã, que afirmou a mesma coisa. Só podiam vir de avião.

— E quanto a estranhos? — Sabe perfeitamente que isso não acontece, nesta altura do ano. Aparecem alguns turistas no Verão, mas em Novembro nunca. A seguir, Ingram avistou-se com o responsável do aeroporto de Islesboro, que declarou: — Posso assegurar-lhe que George Mellis não passou por aqui, nessa tarde. Se se dirigiu à ilha, recorreu aoferry.

— Lew diz que não. — A nado é que não o fez!

— E quanto a Mrs. Mellis? — Essa, sim. Aterrou no seu Beechcraft por volta das dez da noite. Meu filho, Charley, conduziu-a a Cedar Hill.

— Qual era o seu estado de espírito?

— É curioso que me faça essa pergunta. Parecia nervosa como uma colegial a caminho da sua primeira entrevista romântica. Toda a gente reparou. Costuma mostrar-se calma e dirigir uma palavra atenciosa a quem encontra, mas dessa vez estava com uma pressa medonha. — Só mais uma coisa. Apareceu algum estranho nessa tarde ou noite?

— Não. Apenas as pessoas habituais.

Uma hora mais tarde, o tenente conversava com Nick Pappas pelo telefone. — O que obtive até agora só serve para aumentar a confusão.

Mrs. Mellis chegou ao aeroporto de Islesboro no seu avião particular, sexta-feira à noite, por volta das dez horas, mas o marido não a acompanhava, nem apareceu noutro aparelho ou noferry. Na realidade, não existe elemento algum comprovativo de que pôs os pés na ilha em toda a noite.

— Excepto a corrente.

— Exato. — Quem o matou deve tê-lo lançado à água de uma embarcação, convencido de que a corrente

o arrastaria para o largo.

Examinou o Corsair?

— De ponta a ponta. Não apresenta o mínimo sinal de violência ou manchas de sangue.

— Gostava de mandar aí um perito. Importa-se?

— Não, desde que você não se esqueça do nosso acordo.

— Tenho boa memória. Até amanhã.

Nick Pappas e uma equipa de técnicos apresentaram-se na manhã seguinte e o tenente Ingram acompanhou-os à doca onde o Corsair se encontrava ancorado.

Duas horas mais tarde, o chefe da equipa anunciava: — Parece que acertamos na mouche. Há algumas manchas de sangue na parte inferior da amurada da popa.

Naquela tarde, o laboratório da Polícia confirmava que as manchas condiziam com o tipo de sangue de George Mellis.

O departamento policial das "meias de seda" de Manhattan desenvolvia azáfama invulgar. Uma série de rusgas a locais suspeitos tivera como resultado a superlotação das celas, repletas de prostitutas, bêbados e tarados sexuais. O ruído e o odor pungente atingiram os ouvidos e as narinas de Peter Templeton, quando entrou para falar com o tenente-detetive Pappas.

— Olá, Peter. Agradeço a prontidão com que compareceu. Pelo telefone, Pappas dissera: "— Oculta-me elementos importantes, amigo. Apareça no meu gabinete antes das seis, ou mando buscá-lo pela Brigada de Choque." Quando a porta se fechou atrás dele, o psiquiatra inquiriu: — De que se trata? — Nada mais, nada menos do que de alguém particularmente inteligente. Sabe o que temos nas mãos? Um homem morto que desapareceu de uma ilha onde não pôs os pés.

— Não faz sentido.

— A quem o diz! O empregado do ferryboat e o tipo que explora o aeroporto juram que não viram George Mellis na noite em que desapareceu. A única outra via de acesso a Dark Harbor é por barco.

Interrogámos todas as pessoas que alugam embarcações na área, e nada.

— Talvez ele não estivesse em Dark Harbor, nessa noite. — Os técnicos do laboratório afirmam o contrário. Encontraram indícios de que foi lá, onde vestiu a roupa com que o encontraram morto.

— Mataram-no na casa? — Não, no iate. Depois, lançaram o corpo pela borda fora. O assassino supôs que a corrente o arrastaria para o largo.

Agora, é a minha vez de fazer perguntas. Mellis era seu paciente.

Portanto, deve ter-lhe falado na mulher.

— Que tem ela a ver com o assunto? — Tem tudo. É a minha suspeita principal.

— Endoideceu! Porque pensa que Alexandra Mellis assassinou o marido?

— Encontrava-se lá e dispunha de um motivo. Chegou à ilha já de noite, com a desculpa incrível de que perdeu tempo no aeroporto errado à espera da irmã.

— Que diz a irmã? — Que havia de dizer? São gêmeas! Sabemos que George Mellis esteve na casa, naquela noite, mas a esposa jura que não o viu. É uma casa enorme, sem dúvida, porém, não a esse ponto.

Depois, ela dispensou o pessoal, e quando perguntei porquê, alegou que a ideia foi do marido, impossibilitado de o confirmar ou negar.

— Referiu-se a um motivo — lembrou Templeton, após um momento de silêncio. — Foi você que me colocou no bom caminho. Mrs. Mellis estava casada com um psicopata que obtinha excitação sexual através de maus tratos infligidos aos prostitutos de ambos os sexos.

Provavelmente, esbofeteava-a com regularidade e ela acabou por querer pôr termo ao tormento. Propôs o divórcio, ele recusou, o que não admira, dada a situação financeira da família Blackwell, e o homicídio apresentou-se como única alternativa.

— Que pretende de mim? — Informação. Sei que almoçou com ela, há dez dias — Pappas premiu a tecla de um gravador em cima da secretária. — Quero que isto fique registrado, para efeitos legais. Como se comportou? Parecia tensa, irritada, histérica? — Nunca vi uma mulher mais descontraída e feliz com o casamento.

— Não tente ludibriar-me — advertiu, desligando o aparelho com um movimento brusco. — Procurei o

doutor John Harley, esta manhã.

Confessou que prestava assistência a Alexandra Mellis para evitar que se suicidasse! Harley ficara profundamente preocupado com a visita do tenente Pappas, que entrara diretamente no assunto: — Mrs. Mellis consultou-o profissionalmente, nos últimos tempos?

— Não posso discutir os meus pacientes — foi a resposta peremptória.

— Compreendo. São amigos de longa data e pretende guardar segredo.

Muito bem — Pappas levantou-se e encolheu os ombros. — investigo um homicídio. Por conseguinte, voltarei dentro de uma hora, munido de uma ordem judicial para examinar o seu ficheiro. Quando descobrir o que procuro, divulgá-lo-ei aos jornais.

Harley conservou-se silencioso por uns segundos e exalou um suspiro de resignação.

— Sente-se. De fato, Alexandra Mellis tem enfrentado problemas emocionais, ultimamente. — De que gênero?

— Uma forte depressão nervosa. Fala mesmo em pôr termo à vida. — Mencionou a possibilidade de se servir de uma faca?

— Não. Parece que sonhava com o afogamento. Prescrevi-lhe Wellbutrin e, mais tarde, por não produzir efeito, optei pela Nimifensina. Não sei se o resultado foi mais animador.

— Que mais? — inquiriu Pappas, enquanto os elementos formavam um panorama coerente no seu espírito.

— Revelei-lhe tudo o que sabia.

No entanto, havia mais, e John Harley sentia a consciência atormentá-lo.

Abstivera-se de mencionar o ataque brutal de George Mellis a Eva Blackwell. Em parte, porque reconhecia que devia ter informado as autoridades quando ocorrera, mas animava-o sobretudo o desejo de proteger a família Blackwell. Embora não pudesse determinar se existia alguma relação entre a agressão a Eva e a morte dele, o instinto segredava-lhe que convinha não ventilar o assunto. Na realidade, achava-se disposto a fazer tudo ao seu alcance para poupar a Kate Blackwell situações desnecessariamente penosas.

Cinco minutos depois de Harley tomar esta decisão, a recepcionista informou.— O doutor Keith Webster deseja falar-lhe. Está na linha dois.

Dir-se-ia que a consciência pretendia submetê-lo a mais uma prova.

— Gostava de passar por aí esta tarde, John — declarou Webster. — Pode ser? — Sem dúvida. A que horas? — Às cinco, por exemplo.

— Muito bem.

Tudo indicava que o caso não tombava no esquecimento com facilidade. . . Às 17.00 horas, a recepcionista introduziu o cirurgião no gabinete de Harley, que perguntou: — Toma alguma coisa?

— Não, obrigado. Desculpe incomodá-lo, mas gostava de desfazer uma dúvida. — Não tem importância. Do que se trata? — Da... — Webster hesitou e aclarou a Voz. — Do espancamento de Eva Blackwell por George Mellis. — Continue.

— Sabia que ela esteve às portas da morte? — Sem dúvida.

— A Polícia não foi informada, como sabemos. No entanto, agora, em face do que sucedeu, pergunto a mim mesmo se não conviria fazê-lo.

— Acho que deve proceder como melhor lhe parecer, Keith.

— Por outro lado, custa-me praticar um ato que possa afetar Eva Blackwell. Uma moça muito especial, diga-se de passagem.

— Decerto — assentiu Harley, observando o interlocutor com curiosidade. — O pior é que, se me calo e a Polícia descobre tudo mais tarde, fico em maus lençóis.

“Ficamos!” refletiu. De súbito, afigura-se-lhe vislumbrar uma saída possível e disse com desprendimento: — Parece-me pouco provável que isso venha a acontecer. Ela nunca falaria nisso e, de resto, você restituiu-lhe o aspecto primitivo. Se não fosse aquela pequena cicatriz, ninguém suspeitaria de que esteve desfigurada.

— Qual cicatriz? — perguntou o cirurgião, enrugando a fronte.

— A da fronte. Segundo a própria Eva me revelou, você tenciona suprimi-la dentro de um ou dois meses.

— Não me recordo... Quando a viu pela última vez?

— Procurou-me há uns dez dias, para trocarmos impressões sobre um problema da irmã. Por acaso, a cicatriz foi o único indício que me permitiu verificar que era ela e não Alexandra. São gêmeas idênticas, como sabe.

— Sim — Webster inclinou a cabeça com lentidão. Lembro-me de ver fotografias da irmã nos jornais. Têm uma semelhança surpreendente. E diz que só soube de quem se tratava em virtude da cicatriz resultante da operação? — Exato.

— Pensando bem, talvez não convenha ir à Polícia imediatamente.

Quero ponderar o assunto mais uns tempos.

— Aqui para nós, acho que tomou a decisão mais sensata. São ambas mulheres encantadoras e os jornais insinuam que as autoridades julgam Alexandra autora da morte do marido. Quanto a mim, é impossível. Conheço-as desde a infância...

Todavia, o dr. Webster deixara de prestar atenção às palavras de Harley, imerso em profundas reflexões.

O cirurgião abandonou o consultório do colega, entregue a meditações cada vez mais preocupantes. Tinha a certeza absoluta de que não deixara o mínimo vestígio de cicatriz naquele rosto admirável. Não obstante, John Harley afirmava tê-la visto. A situação afigurava-se-lhe confusa e incompreensível. Após longa meditação, julgou vislumbrar a verdade e decidiu: “Se tenho razão, a minha vida vai sofrer uma transformação radical.” Na manhã seguinte, voltou a telefonar a Harley. — Desculpe tornar a incomodá-lo, John, mas gostava que me esclarecesse um ponto. Disse que Eva Blackwell o procurou para trocarem impressões acerca de Alexandra?

— Sim. — Alexandra esteve aí, depois disso?

— No dia seguinte. Porquê?

— Mera curiosidade. Pode revelar-me o motivo da visita de Eva?

— A irmã atravessava um período de grande depressão e ela queria saber se lhe podia valer. Eva fora espancada e quase morta pelo marido de Alexandra. Agora, ele aparecera assassinado e esta figura como principal suspeita. Keith Webster nunca duvidara de que não era um homem brilhante. No liceu, tivera de se esforçar até à exaustão para obter nota suficiente para transitar de ano. Por outro lado, podia considerar-se uma nulidade no campo dos desportos, pois possuía um físico pouco apropriado para o efeito. Portanto, foi com surpresa geral dos colegas e amigos que conseguiu ‘ingressar na Faculdade de Medicina. Uma vez tornado médico, prosseguiu os estudos e acabou por se converter num dos melhores cirurgiões plásticos do mundo.

Dir-se-ia possuir um talento especial para modelar os tecidos humanos, como o escultor trabalha com o barro. Todavia, mau grado a fama que conquistou, jamais conseguiu superar o trauma da mocidade.

No íntimo, continuava sendo o adolescente que aborrecia toda a gente e as raparigas desfrutavam. Quando finalmente marcou o número de Eva, Webster tinha as mãos alagadas em transpiração. Ela atendeu ao primeiro toque e proferiu: — Rory?

— Não. É Keith Webster.

— Ah, olá.

— Como tem passado? — perguntou, apercebendo-se da mudança na voz dela. — Bem, obrigada.

— Precisava falar-lhe.

— Não recebo ninguém. Se lê os jornais, sabe que meu cunhado foi assassinado.

Estou de luto.

— É precisamente acerca disso que lhe queria falar — ele limpou uma das mãos às calças e utilizou-a para pegar no telefone, a fim de proceder a idêntica operação com a outra. — Sou possuidor de determinada informação do seu interesse.

— De que se trata?

— Prefiro não ventilar o assunto pelo telefone. — Está bem. Quando quer passar por cá?

— Imediatamente, se não vê inconveniente. Quando o cirurgião se apresentou no apartamento de Eva, esta acolheu-o com a advertência: —

Disponho de pouco tempo. Que pretende dizer-me, afinal?

— Isto.

Webster abriu um sobrescrito que extraiu da algibeira e mostrou a fotografia que continha, com uma expressão de desafio.

— Sou eu — admitiu ela, intrigada. — E depois?

— Foi tirada logo a seguir à operação. Ou, melhor, após a retirada das ligaduras.

— Não duvido, mas continuo sem compreender. — Nota alguma cicatriz na fronte? A metamorfose operada no seu semblante não passou despercebida ao cirurgião, que esboçou um modesto sorriso de triunfo.

— Sente-se, Keith.

Ele instalou-se diante de Eva, na extremidade do sofá, olhando-a como que fascinado. Vira muitas mulheres bonitas ao longo da sua carreira, mas aquela atraía-o de uma maneira diferente. — Sou toda ouvidos.

Webster começou pelo princípio. Referiu a sua visita ao dr. Harley e a cicatriz misteriosa, ao mesmo tempo que lhe observava os olhos, os quais se mantinham, todavia, inexpressivos. No final da descrição, Eva declarou: — Não sei o que tem em mente, mas garanto-lhe que se limita a perder tempo. No que diz respeito à cicatriz, quis pregar uma pequena partida a minha irmã. E agora, se acabou de desfiar o rosário, não o retenho mais.

— Lamento tê-la incomodado — não obstante, ele permaneceu sentado. — Simplesmente, pensei que conviria falar consigo antes de me dirigir à Polícia.

— À Polícia? — ecoou ela, agora visivelmente interessada. — Para quê?

— Sou obrigado a comunicar o ataque de que foi vítima por parte de George Mellis.

Há, depois, o pormenor da cicatriz. Não o entendo, mas estou certo de que você explicará tudo de forma satisfatória para as autoridades.

Eva experimentou a primeira sensação de medo. O imbecil e insignificante indivíduo sentado na sua frente não fazia a mínima ideia do que acontecera, mas achava-se na posse de material suficiente para obrigar a Polícia a formular-lhe perguntas embaraçosas.

George Mellis visitava-a com frequência, circunstância sem dúvida observada pela vizinhança. Por outro lado, ela mentira acerca da ida a Washington, na noite da morte de Mellis, e não dispunha de um álibi sólido porque nunca supusera que o viria a necessitar.

Se a Polícia se inteirasse de que o cunhado a espancara quase até à morte, deparar-se-lhe-ia um excelente móbil para o crime. A partir daí, toda a maquinação se revelaria gradualmente. Portanto, impunha-se que garantisse o silêncio daquele homem. — Que pretende? Dinheiro?

— Não! — replicou ele, indignado.

— Então?

— Gosto muito de si — articulou, corando e fixando o olhar na carpeta. — Desgostava-me profundamente que lhe sucedesse algum dissabor. — Não se preocupe com isso — Eva conseguiu esboçar um sorriso. — Creia que nada disso tem a mínima relação com a morte de George Mellis — pegou-lhe na mão e acrescentou a meia voz: — Ficava-lhe imensamente grata se esquecesse o que acaba de mencionar. De acordo?

— Bem queria, mas o médico legista promove um inquérito preliminar, no sábado.

Na minha qualidade de cirurgião, tenho de depor e revelar tudo o que sei.

— Não é obrigado a isso! — exclamou ela, alarmada. — Que remédio... O juramento profissional impõe-mo. Há apenas uma coisa que me impediria de o fazer... — O quê? A voz de Webster denunciava a máxima brandura quando anunciou: — Homem algum pode ser forçado a depor contra a esposa!

O casamento realizou-se dois dias antes do inquérito do médico legista, numa cerimônia discreta presidida por um magistrado no seu gabinete. A ideia de se unir pelo matrimónio a um homem como Keith Webster fazia com que Eva sentisse arrepios de repulsa, mas reconhecia que não lhe restava qualquer alternativa. “O idiota pensa que vamos estar casados durante muito tempo.” Assim que o inquérito fosse concluído, obteria a anulação, e não teria de o suportar mais.

O tenente-detetive Nick Pappas achava-se a contas com um problema.

Estava convencido de que conhecia a identidade de quem matara George Mellis, mas não o podia provar. Deparava-se-lhe uma conspiração de silêncio em torno da família Blackwell que não podia desmantelar. Discutiu o assunto com o seu superior, capitão Harold Cohn, um polícia, que iniciara a carreira como simples guarda das ruas, o qual o escutou em silêncio e, no final, declarou: — É tudo fumo, Nick. Não possui um fragmento de prova, No tribunal, rir-se-iam de nós!

— Talvez, mas tenho razão — Pappas imergiu em reflexões por um momento. — Importa-se que converse com Kate Blackwell?

— Com a breca! Para quê? — Chame-lhe uma diligência motivada pelo desespero. Como chefe suprema da família, pode dispor de elementos que lhe pareçam destituídos de importância. — Terá de usar muita cautela.

— Não se preocupe com isso.

— E trate-a com amabilidade. Lembre-se de que tem uma idade avançada. — É precisamente com isso que conto.

A entrevista realizou-se naquela tarde, no gabinete de Kate. Nick Pappas calculou que há muito ultrapassara os oitenta anos, embora mantivesse um porte aprumado e quase não deixasse transparecer a amargura que a situação decerto lhe provocava. — A minha secretária informou-me de que deseja falar-me de um assunto de certa urgência, tenente. — Exatamente, Mrs. Blackwell. Realiza-se amanhã o inquérito relativo à morte de George Mellis e tenho motivos para supor que sua neta está envolvida no assunto.

— Não acredito — ela assumiu uma atitude repentinamente rígida.

— Agradecia que ponderasse o meu ponto de vista. Toda a investigação policial principia com a questão do móbil. George Mellis era um caçador de fortunas — Pappas notou a reação provocada por estas palavras, mas prosseguiu: — Casou com a sua neta e viu-se de repente habilitado a desfrutar de recursos materiais avultados. Quanto a mim, excedeu-se nos maus tratos a Alexandra, que resolveu propor o divórcio. Ora, ele recusou e a única solução consistiu em matá-lo. — Fez uma pausa, mas Kate permaneceu silenciosa, conquanto empalidecesse um pouco.

— Comecei a procurar elementos confirmativos da minha teoria.

Sabíamos que George Mellis esteve em Cedar Hill antes de desaparecer. Existem apenas duas vias de acesso a Dark Harbor: avião ou ferryboat. Segundo as diligências efetuadas no local, ele não os utilizou. Não acredito em milagres, pelo que pus de parte a possibilidade de cobrir a distância a pé, na água. A única hipótese que restava era que recorreu a uma embarcação a partir de algures ao longo da costa.

Nessa conformidade, pus-me a explorar os locais de aluguer e fui bem sucedido em Gilkey Harbor. Às quatro da tarde do dia da morte de George Mellis, uma mulher alugou uma lancha motorizada, com a indicação de que um amigo a iria buscar. Pagou em dinheiro, mas teve de assinar o talão de aluguer. O nome de Solange Dunas reveste-se de algum significado para si, Mrs. Blackwell?

— Sem dúvida. Era o da perceptora das minhas netas. Regressou a França, há vários anos.

Pappas inclinou a cabeça, com uma expressão de satisfação no rosto. —

Um pouco mais longe, na costa, a mesma mulher alugou uma segunda lancha, que restituiu três horas depois, tornando a dar o nome de Solange Dunas. Mostrei em ambos os lugares uma fotografia de Alexandra e declararam-se convencidos de que correspondia à cliente em causa. Subsistia, no entanto, uma leve dúvida, em virtude de ela ser morena. — Nesse caso, porque pensa?...

— Usou peruca. — Não acredito que Alexandra assassinasse o marido.

— Nem eu, Mrs. Blackwell. Foi a irmã, Eva. Alexandra não tinha possibilidade de praticar o crime. Investiguei-Lhe os movimentos nesse dia e verifiquei que passou a manhã e o princípio da tarde em Nova Iorque consigo, após o que voou diretamente para a ilha. Não podia ter alugado as duas lanchas — Pappas inclinou-se para a frente. — Fiquei, portanto, com alguém parecido com Alexandra que deu o nome de Solange Dunas. Só podia ser Eva. Em face disso, comecei a procurar um motivo. Quando mostrei a fotografia de George Mellis aos inquilinos do prédio em que ela vive, apurei que a visitava com regularidade. Como se isto não bastasse, o porteiro revelou-me que, numa dessas visitas, a espancou quase até à morte. Sabia, Mrs. Blackwell?

— Não — a voz de Kate convertera-se quase num murmúrio.

— Sim, foi Mellis que proporcionou o motivo a Eva: vingança. Atraiu-o às proximidades de Dark Harbor e matou-o. O álibi invocado por ela consiste em que se encontrava nesse dia em Washington. Deu uma nota de cem dólares ao motorista do táxi que a transportou ao aeroporto, para que se lembrasse dela, e armou espalhafato por ter perdido o avião com destino a Washington. Penso que usou uma peruca preta e seguiu num avião comercial para Maine, onde alugou as lanchas. Matou Mellis, lançou o corpo à água, ancorou o iate e rebocou a segunda lancha até ao cais de aluguer, àquela hora encerrado.

— Todos os elementos de que dispõe são aquilo a que chamam provas acessórias, salvo erro.

— Exato — Pappas achava-se preparado para a ofensiva final. — Necessito de provas concretas para o inquérito do médico legistra.

Conhece a sua neta melhor do que ninguém no mundo, Mrs. Blackwell. Tem de me revelar tudo o que puder que lhe pareça útil.

Kate conservou-se calada por um longo momento, como se ponderasse a situação. Por fim, articulou pausadamente: — Creio que lhe posso fornecer informações para esse inquérito.

O coração do tenente principiou a palpitar com maior intensidade.

Aventurara-se perigosamente, mas merecera a pena. A velhota escutara a voz da razão.

— Sim, Mrs. Blackwell? — murmurou, contendo a respiração inconscientemente.

— No dia em que George Mellis foi assassinado, eu e minha neta Eva encontrávamo-nos em Washington, juntas.

Observando a expressão de assombro do interlocutor, Kate refletiu: “Julgavas que te oferecia uma Blackwell para sacrifício? Querias que a imprensa celebrasse um festim com o meu nome? Não. Ocupar-me-ei de Eva à minha maneira!” O veredito pronunciado pelo júri do inquérito consistiu em morte provocada por agressor ou agressores desconhecidos.

Ante a surpresa e satisfação de Alexandra, Peter Templeton encontrava-se presente no tribunal em que se realizou a sessão do inquérito. — Vim apenas para fornecer apoio moral — explicou-lhe.

Durante o intervalo, levou-a a um pequeno restaurante sobranceiro à baía, em Licolnville, e sugeriu: — Quando tudo isto terminar, fazia-lhe bem efetuar uma viagem, ausentar-se por uma temporada. — Sim, Eva pediu-me que a acompanhasse — os olhos dela marejaram-se de lágrimas: — Ainda me custa a crer que George tenha morrido... — É a maneira que a Natureza emprega para atenuar o choque, até que a dor seja suportável.

— Não faz sentido, um homem como ele. Conheceu-o razoavelmente nas sessões que tiveram. Não acha que era uma pessoa admirável?

— Sim — concedeu Templeton, em tom pausado. — Admirável.

— Quero a anulação do casamento — anunciou Eva.

— Por quê? — inquiriu Keith Webster, pestanejando de admiração.

— Deixa-te de histórias. Julgavas mesmo que ia ficar casada contigo?

— Claro. És minha mulher.

— Que procuras? O dinheiro dos Blackwell?

— Não preciso dele, querida. Ganho muito mais do que o suficiente para o nosso sustento. Posso proporcionar-te tudo o que quiseres.

— Já te disse que a única coisa que quero de ti é a anulação!

— Lamento, mas não ta posso conceder.

— Nesse caso, peço o divórcio.

— Não me parece aconselhável. No fundo, nada mudou. Como a Polícia não descobriu o assassino do teu cunhado, as investigações continuam abertas. Se nos divorciássemos, via-me obrigado... — o cirurgião interrompeu-se e ergueu as mãos num gesto de impotência.

— Falas como se eu o tivesse assassinado.

— Foi o que aconteceu.

— Como diabo sabes tu isso? — perguntou ela, com uma expressão de desdém.

— Era a única razão que te obrigaria a casar comigo.

— Bastardo! — olhou-o com animosidade. — Como é possível que me faças isto?

— É muito simples. Amo-te.
— E eu odeio-te. Ouviste bem? Desprezo-te!
— Amo-te tanto — limitou-se ele a articular, com uma expressão pesarosa.

A viagem na companhia de Alexandra fora cancelada, pois Eva explicara à irmã que visitaria as Caraíbas, na sua lua-de-mel, na realidade uma ideia de Keith Webster.

Agora, declarou com firmeza: — Já não vou. A simples hipótese de uma lua-de~mel contigo revolta-me.

— Se não formos, as pessoas estranham — observou ele, no habitual tom tímido. — E não convém nada que comecem a fazer perguntas embaraçosas" não achas? Alexandra passou a almoçar com Peter Templeton uma vez por semana. Ao princípio, fazia-o porque desejava trocar impressões acerca do marido e não havia outra pessoa que o tivesse conhecido em condições de a elucidar de pormenores que lhe eram menos familiares. No entanto, transcorridos alguns meses, admitiu para consigo que apreciava profundamente a companhia do psiquiatra. Com efeito, ele irradiava um ar de segurança que lhe incutia confiança. Mostrava-se sensível às facetas do seu temperamento e invulgarmente inteligente para a distrair nos momentos mais delicados.

— Quando era interno, atendi a primeira chamada do exterior nos píncaros do Inverno — explicou, um dia. — A paciente era uma mulher idosa e frágil, atacada de tosse persistente. Antes de lhe aplicar o estetoscópio, decidi aquecê-lo um pouco, para evitar o contato desagradável do metal frio com o peito. Assim, coloquei-o em cima do calorífero, enquanto lhe examinava a garganta e os olhos. A seguir, peguei no estetoscópio e pousei-lho no peito. Ele deu um salto da cama como se a casa estivesse a arder e quisesse alcançar a saída. A tosse desapareceu, mas foram necessárias duas semanas para que a queimadura soasse.

Alexandra soltou uma gargalhada divertida. Era a primeira vez que o fazia desde longa data.

A lua-de-mel de Eva resultou muito mais satisfatória do que previra.

Em virtude da sua pele, sensível aos raios solares, Keith Webster evitava expor-se, pelo que ela passava o dia inteiro na praia, sem a sua companhia. No entanto, nunca se achava só por muito tempo.

Rodeavam-na jovens de todos os tipos, como uma mesa de banquete repleta de iguarias variadas, e Eva podia saborear um repasto substancial todos os dias. Aliás, a ideia de o marido a assediar com objetivos sexuais repugnava-a de tal modo que necessitava daquelas escapadas para manter o equilíbrio mental.

"Os anos começam a exercer o seu peso", reconhecia Kate Blackwell.

Eram muitos, todos excitantes e ricos de episódios espetaculares. A Kruger-Brent, Ltd. Necessitava de uma mão poderosa ao leme.

Alguém com sangue dos Blackwell. "Não há ninguém para manter o facho aceso depois de mim. Tanto trabalho e sacrifícios pela companhia e, no fundo, para quê? Para que estranhos colham os frutos um dia. Raios para tudo isto! Não posso permitir que tal aconteça!"

Uma semana após o regresso da lua-de-mel, Webster anunciou em tom de desculpa: — Vou retomar o trabalho, querida. Tenho numerosas operações atrasadas. Achas que passarás bem o dia sem mim?

— Farei o possível... — redarguiu Eva, secamente.

Ele saía de casa todas as manhãs muito antes de ela acordar, mas deixava tudo preparado para o seu pequeno-almoço. Por outro lado, abriu uma conta bancária em nome da esposa e mantinha-a abastecida com regularidade, o que permitia que Eva gastasse dinheiro sem restrições. Desde que a visse satisfeita, Webster considerava-se feliz.

Eva aproveitava a oportunidade para comprar artigos dispendiosos para Rory, com o qual passava quase todas as tardes. Apetecia-lhe permanecer a seu lado o dia inteiro, mas tinha de pensar no marido.

Assim, regressava a casa por volta das oito da tarde e já o encontrava na cozinha a contas com o jantar, sem que jamais lhe perguntasse donde vinha.

Durante o ano seguinte, Alexandra e Peter Templeton continuaram a encontrar-se com frequência crescente. Ele acompanhava-a, quando visitava o pai na clínica, e o fato contribuía para que ela sentisse a mágoa menos intensa. Uma noite em que a foi buscar, Templeton verificou que Kate o esperava, e viu-se imediatamente confrontado com uma atitude perscrutadora.

— Com que então é médico, hem? Enterrei uma dúzia deles e ainda ando por cá. Percebe alguma coisa de negócios?

— Pouco, Mrs. Blackwell.

— Pertence a alguma corporação?

— Não.

— Raios! — fungou num gesto de desdém. — Não sabe nada. Precisa de um perito que o ensine a lidar com os impostos. Marcar-lhe-ei uma entrevista com o meu e...

— Agradeço-lhe, Mrs. Blackwell, mas sinto-me bem assim.

— Meu marido também era casmurro — Kate voltou-se para Alexandra, que acabava de surgir. — Convida-o para jantar. Tenho de o trabalhar melhor, para que se convença.

Quando saíram, Templeton murmurou: — Tua avó detesta-me!

— Pelo contrário, gosta de ti — afirmou Alexandra, rindo. — Havias de ouvir como fala às pessoas que lhe desagradam.

— Nem me atrevo a pensar como reagiria se lhe dissesse que tenciono casar contigo! Olhou-o em silêncio com uma expressão radiosa por um momento e replicou: — Ficávamos ambas encantadas. Kate assistira ao desenrolar do romance de Alexandra e Peter Templeton com particular interesse.

Simpatizava com o jovem psiquiatra e acabou por decidir que seria um marido excelente para a neta. Todavia, no fundo, ela era uma calculista e agora, sentada diante de ambos junto da lareira, declarou: — Devo confessar que fiquei totalmente surpreendida. Na verdade, sempre esperei que Alexandra casasse com um empresário capaz de assumir o comando da Kruger-Brent.

— Não se trata de uma proposta de negócios, Mrs. Blackwell.

Alexandra e eu queremos casar.

— Por outro lado — prosseguiu Kate, como se não tivesse sido interrompida —, é um psiquiatra, pelo que conhece o modo como a mente e as emoções das pessoas funcionam. Talvez dê um bom negociante. Gostava que se envolvesse na companhia. Podia... — Não — atalhou ele, com firmeza. — Sou médico. Os negócios não me interessam.

— Não se trata de um negócio qualquer, como se lhe propusesse o trespasse de uma mercearia. Você vai entrar para a família e eu preciso de alguém que dirija...

— Lamento — o seu tom era terminante. — Não quero ter nada de comum com a Kruger-Brent. Deverá procurar outra pessoa para isso. — E tu, que tens a dizer? — Kate virou-se para a neta, com uma expressão de curiosidade. — Concordo com tudo o que Peter decidir.

— O mundo está cheio de ingratos! No entanto, é possível que ainda venham a mudar de opinião. Pensam ter filhos? — Isso é uma questão privada — esclareceu Templeton, rindo. — Palpita-me que gosta de manipular as pessoas e as situações, Mrs. Blackwell, mas nós pretendemos viver as nossas vidas sem interferências, e os nossos filhos, se os houver, viverão a deles. — Nem me passou pela cabeça que fosse de outro modo — afirmou Kate, esboçando um sorriso angelical. —

Sempre impus a mim própria a regra de não interferir nas vidas dos outros.

Dois meses depois, Alexandra e Templeton regressavam da lua-de-mel. Ela encontrava-se grávida e, quando se inteirou, Kate refletiu: “Ótimo. Há-de ser um rapaz!” Eva, deitada na cama, contemplava Rory, que acabava de sair da casa de banho, desnudo. Tinha um corpo admirável. Ela nunca se cansava do seu contato.

Suspeitava de que não era a única a experimentar prazer sexual com ele, mas abstinha-se de o interrogar a esse respeito, com receio de que ele se afastasse. Rory acercou-se da cama, debruçou-se e fez deslizar o dedo em torno dos seus olhos, ao mesmo tempo que observava: — Estão a aparecer-te algumas rugas, mas ficam-te muito bem.

Cada uma destas palavras constituiu uma punhalada, uma lembrança da diferença de idades entre ambos.

Eram quase nove horas quando Eva entrou em casa e descobriu que Webster assava carne no forno.

— Olá, querida — saudou-a, ao mesmo tempo que lhe depositava um beijo na face. — Preparei um pitéu especial. Adivinha o que... — Quero que me removas estas rugas, Keith.

— Quais rugas? — inquiriu, pestanejando.

— Estas — volveu ela, indicando a área em redor dos olhos.
— Mas são provocadas pelo riso, querida. Adoro-as.
— E eu detesto-as! — bradou.
— Podes crer que não... — Livra-me delas! Não é esse o teu modo de vida?
— Sim, mas... — Webster emitiu um suspiro de resignação. — Está bem.
— Quando?
— Dentro de umas seis semanas. De momento tenho...
— Não sou um dos teus malfadados pacientes. Como tua mulher, devo ter primazia. Amanhã mesmo!
— A clínica não abre aos sábados. — Manda-a abrir!
— Acompanha-me à sala.

Fê-la sentar diante de uma luz intensa e examinou-lhe o rosto minuciosamente. De um momento para o outro, transformara-se miraculosamente do marido tímido e subserviente num cirurgião brilhante. Talvez considerasse a operação desnecessária, mas Eva tinha uma opinião diferente. Parecia-lhe vital, pois não suportava a ideia de poder perder Rory. — Não vejo problema algum — declarou finalmente Webster. — Tratamos disso amanhã.

— Costumo ter uma enfermeira a auxiliar-me — explicou no dia seguinte, quando se dirigiam para a clínica —, mas numa intervenção tão simples não vejo necessidade.

— Já agora, dá também um toque aqui — recomendou Eva, pousando os dedos numa pequena adiposidade no pescoço.

— Sem dúvida, querida. Vou anestesiar-te, para que não sintas o mínimo desconforto.

Uma vez na sala de operações, ela viu-o encher uma seringa hipodérmica e dar-lhe uma injeção com uma suavidade que quase não lhe permitiu sentir a picada. De qualquer modo, não se importaria que se registrasse dor, pois sujeitava-se àquilo por Rory. Antes de adormecer, evocou o seu corpo escultural e viril, sempre disposto a satisfazer-lhe o apetite. Quando acordou, encontrava-se deitada num quarto particular da clínica, com o marido sentado à cabeceira da cama.

— Como correu? — perguntou em voz débil.
— O melhor possível — foi a resposta, acompanhada de um sorriso.

Eva inclinou a cabeça com satisfação e voltou a adormecer. Webster continuava presente, quando tornou a despertar, transcorridas algumas horas.

— Vamos manter as ligaduras por uns dias. Continuarás internada, para receberes assistência mais cuidada.

— Pois sim. Examinava-a diariamente e exibia invariavelmente uma expressão de agrado devida ao que se lhe deparava.

— Perfeito.
— Quando posso espreitar?
— Lá para sexta-feira, quando tiver sarado por completo.

Ela pediu à enfermeira que instalasse uma extensão telefónica junto da cama, e a primeira chamada que efetuou foi para Rory.

— Onde diabo estás? — inquiriu ele. — Tenho uma fome danada.

— Também eu, mas este congresso de cirurgiões na Florida só termina na sexta-feira. Espero regressar no princípio da próxima semana. Tens saudades minhas?

— Não são coisas que se perguntem... A seguir, Eva telefonou a Alexandra e escutou enfastiada as considerações desta acerca da gravidez. No entanto, afirmou com simulado entusiasmo: — Estou ansiosa por esse momento. Sempre desejei ser tia.

Entretanto, raramente via a avó, pois estabelecera-se entre ambas uma frieza que Eva não entendia. “Há-de passar-Lhe...” acabava sempre por pensar. Kate nunca perguntava por Keith, e Eva não a censurava por isso, pois tratava-se de um insignificante. Talvez um dia conversasse com Rory para se livrarem dele. Afigurava-se-lhe incrível trair o marido quase diariamente sem que denunciasse] a mínima suspeita. Por sorte, ele possuía talento para alguma! Coisa de que ela podia beneficiar.

Na sexta-feira, Eva acordou cedo e aguardou com impaciência a visita habitual de Webster.

— É quase meio-dia — queixou-se, quando finalmente o viu surgir. — Onde diabo estiveste metido?

— Desculpa, querida, mas passei toda a manhã na sala de operações e...

— Estou-me nas tintas para isso. Tira-me as ligaduras de uma vez. Já tenho saudades de me ver ao espelho.

— Muito bem. Sentou-se na cama e conservou-se imóvel, enquanto o marido a libertava das ligaduras, após o que a contemplou com satisfação.

— Perfeito, não haja dúvida. — Vai buscar um espelho.

Ele apressou-se a comprazê-la, com um sorriso de orgulho. Eva ergueu-o à altura do rosto e observou a imagem com ansiedade.

No instante imediato, soltava um grito de horror.

EPÍLOGO

Kate

1982

36

Kate tinha a impressão de que a roda do tempo começava a mover-se mais rapidamente, acelerando a sucessão dos dias, das semanas, dos meses e dos anos, até que se mesclavam numa confusão obscura.

Tinha já oitenta e tal anos.

Oitenta e quantos? Por vezes, esquecia-se da idade exata. Não se importava de envelhecer, mas custava-lhe encarar a perspectiva de vir a apresentar um aspecto desmazelado, pelo que consagrava particular atenção a esse pormenor. Assim, quando consultava o espelho, via uma figura de mulher irrepreensível, aprumada, altiva e indomável.

Continuava a comparecer no escritório todos os dias, mas tratava-se de um gesto simbólico, uma artimanha para afugentar a morte. Embora estivesse presente em todas as reuniões da administração, o que se passava nelas não se lhe afigurava tão claro como dantes. As pessoas que a rodeavam pareciam exprimir-se demasiado depressa. O que, porém, mais a preocupava era o fato de a mente lhe pregar partidas, de vez em quando. O passado e o presente confudiam-se constantemente.

O seu mundo contraía-se, tornando-se cada vez mais pequeno.

Se existia um salva-vidas a que se agarrava, uma força motriz que a mantinha viva, era a convicção irresistível de que alguém da família teria, um dia, de assumir o comando da Kruger-Brent. Kate não estava disposta a permitir que estranhos se apoderassem daquilo que Jamie McGregor, Margaret, ela própria e David haviam construído com tanto esforço ao longo dos anos. Eva, na qual chegara a depositar todas as esperanças, convertera-se numa assassina. E num ser grotesco. Não necessitara de a castigar. Aquilo que o marido lhe fizera constituía uma punição suficiente.

No dia em que vira o seu novo e definitivo rosto no espelho, Eva tentara pôr termo à vida. Tragara todo o conteúdo de um frasco de barbitúricos, mas o marido procedera a uma imediata lavagem ao estômago e levara-a para casa, onde a mantinha sob vigilância permanente. Quando tinha de trabalhar no hospital ou na clínica, era substituído por enfermeiras, dia e noite.

— Deixa-me morrer — suplicava ela. — Não quero continuar a viver assim.

— Agora, pertences-me completamente — replicava ele. — Amar-te-ei sempre.

A imagem do seu semblante atual achava-se gravada indelevelmente no espírito de Eva, que conseguiu convencer Webster a dispensar as enfermeiras, pois não queria que a olhassem com repulsa mal dissimulada. Alexandra procurava-a com insistência, mas ela negava-se a recebê-la. Por outro lado, todos os gêneros encomendados eram deixados do lado de fora da porta, para que ninguém lhe visse o rosto. A única pessoa que desfrutava desse discutível privilégio era o marido, no fundo o único ente que lhe restava. Constituía o seu elo solitário com o mundo, e apavorava-a a possibilidade de a abandonar, ficando só com a sua insuportável fealdade.

Ele levantava-se todas as manhãs às cinco, a fim de seguir para o hospital ou para a clínica, e Eva antecipava-se sempre, para lhe preparar o pequeno-almoço.

À noite, ocupava-se igualmente do jantar e, se o marido se atrasava, ficava apreensiva. “Talvez encontrasse outra mulher. E se nunca mais aparecesse?” Quando ouvia a chave na fechadura, precipitava-se para a porta e lançava-lhe os braços ao pescoço. Nas ocasiões em que faziam amor, afigurava-se-lhe que era alvo de uma bondade maravilhosa.

Uma vez, perguntou timidamente: — Não achas que já me castigaste o suficiente, querido? Por que não me restituis o rosto ao aspecto primitivo?

Ele olhou-a por um momento e declarou com orgulho: — Não é possível.

À medida que o tempo passava, Webster tornava-se mais exigente, mais peremptório, até que Eva acabou por se converter completamente em sua escrava, empenhada em lhe satisfazer o mínimo capricho. A fealdade unia-a ao marido, mais fortemente que correntes de ferro.

Alexandra e Templeton tinham um filho, Robert, que fazia Kate pensar em Tony na infância. O bisneto contava já oito anos e mostrava-se particularmente precoce. “Muito precoce, mesmo”, envaidecia-se ela. “Um garoto realmente notável!”

Todos os membros da família receberam os convites no mesmo dia.

MRS. KATE BLACKWELL SOLICITA A HONRA DA SUA PRESENÇA PARA CELEBRAR O NONAGÉSIMO ANIVERSÁRIO EM CEDAR HILL, DARK

HARBOR, MAINE, A 24 DE SETEMBRO DE 1982.

ÀS OITO DA NOITE.

TRAJE DE RIGOR.

Quando leu o seu, Webster voltou-se para Eva e decidiu: — Não podemos faltar.

— Como queres que apareça com?...

— Não podemos faltar — reiterou com firmeza.

Tony Blackwell encontrava-se no jardim da clínica diante do cavalete, quando uma enfermeira se aproximou.

— Uma carta para si.

Tony abriu o sobrescrito e desenhou-se-lhe um sorriso nos lábios. — Ótimo — murmurou. — Sempre gostei de festas de anos.

Peter Templeton fixava o olhar no convite, com uma expressão de admiração. — Custa a crer que a velhota faça noventa anos. É uma mulher realmente extraordinária.

— Sem dúvida — e Alexandra acrescentou pensativamente: — Sabes uma coisa, querido? Robert também recebeu um convite, dirigido a ele.

37

Os convidados há muito que se haviam retirado no ferryboat ou no avião, e a família estava reunida na biblioteca de Cedar Hill. Kate contemplava os parentes um a um, e identificava-os com clareza surpreendente. Tony, o vegetal sorridente e vagamente cordial que tentara matá-la, o filho que se apresentara tão pleno de promessas e esperanças. Eva, a assassina, que podia ter possuído o mundo, se não albergasse a semente do mal nas entranhas. Era irónico que o seu terrível castigo partisse das mãos de um indivíduo aparentemente insignificante e dócil.

Havia, depois, Alexandra, bonita, afetuosa e gentil, a maior decepção de todas, que colocara a felicidade pessoal acima dos interesses da Kruger-Brent. Não manifestara a mínima preocupação pela companhia e escolhera um marido que se negava a enveredar pelos negócios. Na realidade, um par de traidores. Seria possível que todas as provações do passado redundassem em pura perda? “Não permitirei que tudo termine assim. Alguma coisa se aproveita dos esforços e sacrifícios.

Construí uma dinastia orgulhosa. Há um hospital na Cidade do Cabo com o meu nome. Fundei escolas e bibliotecas e auxiliei o povo de Banda”.

Começava a doer-lhe a cabeça. A sala enchia-se lenta e gradualmente de fantasmas. Jamie McGregor, Margaret — bela como sempre — e Banda sorriam-lhe.

E o querido e maravilhoso David apertava-a nos braços.

Kate sacudiu a cabeça para desanuviar o espírito. Ainda não se achava preparada para se lhes reunir.

“Em breve”, admitia. “Dentro de pouco tempo...”

Havia mais um membro da família na sala, e ela voltou-se para o neto. — Vem cá, meu filho.

Robert aproximou-se e pegou-lhe na mão. — Foi uma festa de anos de arromba, bisavó.

— Obrigada, Robert. Alegra-me que te agradasse. Como vais na escola?

— Obtenho as melhores classificações, como recomendaste. Estou no primeiro lugar do quadro de honra.

Kate virou-se para Templeton. — Devem mandá-lo para o Colégio Wharton, quando tiver idade suficiente. É o melhor...

— Nunca desiste, hem? — atalhou o psiquiatra, rindo. — Ele fará exatamente o que preferir. Revela inclinação extraordinária para a música e quer tornar-se intérprete de peças clássicas. Escolherá a sua própria vida.

— Assim é que deve ser — redarguiu ela, imperturbável. — Uma velha como eu não tem o direito de interferir. Se quer tornar-se músico, façam-lhe a vontade — concentrou-se de novo no garoto, os olhos dominados por um clarão de afeto. — Embora não possa prometer nada, tentarei ajudar-te. Conheço uma pessoa amiga íntima de Zubin Mehta...

